Jeffrey Konvitz

A SENTINELA

Um romance cheio de "suspense" e terror, que prende o leitor da primeira à última página

Jeffrey Konvitz

A SENTINELA

JEFFREY KONVITZ

A SENTINELA

Tradução de:
LUZIA MACHADO DA COSTA

RECORD

DISTRIBUIDORA RECORD
RIO DE JANEIRO – SÃO PAULO

Título original norte-americano:

THE SENTINEL

Copyright © 1974 by Jeffrey Konvitz
Desenho de capa copyright © 1974 by Wendell Minor
Fotografia do autor por Peggy Fowler

Todos os direitos reservados em todo o mundo pelo autor

Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Av. Erasmo Braga, 255 — 8.° andar — Rio de Janeiro, RJ
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

Prólogo

Em cima da secretária de roseira silvestre havia uma pasta simples de cartolina parda, em cujo canto superior direito aparecia, impresso em letras grandes, o nome ALLISON PARKER. Duas mãos bem tratadas seguravam uma folha de papel com o resumo detalhado da vida de Allison Parker. As mãos abriram a pasta e nela inseriram o papel.

Outra pasta, com a indicação THERESE, foi colocada sobre a Parker. Uma das mãos apagou a luz da secretária.

Jeffrey Konvitz

A SENTINELA

1

O táxi abria caminho pela Primeira Avenida, passando pela Organização das Nações Unidas e a ponte da Rua 59.

Ela encostava a cabeça à vidraça; seu espírito divagava. Teria tudo aquilo realmente acontecido? Ou acordaria ela com o despertador, apertaria os olhos diante dos raios de luz refletidos nas vidraças cobertas de neblina e fumaça, e compreenderia enxugando o suor da testa e jogando longe as cobertas, que os últimos quatro meses tinham sido um pesadelo incrível? Que o hospital, o enterro, a agonia e desespero (enquanto esperava e por fim ansiava pela morte do pai) — tudo aquilo — tudo quanto experimentara e vira logo se dissiparia como uma visão, à maneira do que acontecera quando ela saíra de casa, sete anos antes, para sempre, supunha. Riu baixinho, para si. Não, tudo aquilo acontecera de fato, por difícil que fosse de acreditar. Fechou os olhos, pensando na cidade de Nova York. Nada má, depois que a gente se habituava. Fora feliz ali. Na verdade, voltar a Indiana era a última coisa em que pensaria, naquele mês de julho, quando saiu do chuveiro correndo e, ofegante, pegou o fone para ouvir a voz tensa da mãe implorando: "Ele está morrendo. Venha para casa!" Poderia ter-se negado? Talvez. Tudo lhe dizia que não voltasse. Mas, se houvesse deixado a mãe sozinha, nunca mais conseguiria viver em paz. Era obrigada a voltar, fossem quais fossem as coisas a que tivesse de renunciar. Até a Michael. E, embora houvesse podido passar horas revivendo os acontecimentos subseqüentes, teria sido uma perda de tempo. Sobrevivera — física e mentalmente — e as recordações que a atormentavam não alterariam este fato. Estava acabado.

O táxi entrou na Rua 71 e parou defronte de um moderno prédio de apartamentos.

A porta abriu-se e o porteiro estendeu a mão para dentro do táxi.

— Miss Parker! — disse alegremente.

— Olá, George — disse Allison, sorrindo. Era bonita. Alta e angulosa. Com uma pele sedosa e longos cabelos castanhos, que lhe chegavam ao meio das costas. Parecia ter menos de 26 anos, o rosto realçado por um nariz delicadamente esculpido e dois enormes olhos azuis.

— Faz muito tempo — disse George.

— É — disse ela, cordialmente. George era sempre entusiasticamente atencioso e agradável. Allison gostava dele.

— Quase quatro meses — acrescentou.

Saltou do táxi e foi andando sob o toldo verde que se estendia da porta ao meio-fio. Olhou o relógio: era tarde. Voltou-se para o porteiro.

— Como tem passado você? — perguntou.

— Bem — respondeu ele, dirigindo-se para a mala do táxi.

— E sua família?

— Bem, muito bem. — Começou a pegar a bagagem. — Perguntei várias vezes a Mr. Farmer pela senhorita.

Ela avançou de costas para a divisão de vidro.

— Espero que ele tenha falado bem de mim.

— O melhor possível. — George sorriu, e seus músculos possantes começaram a retesar-se com o esforço de carregar a pesada bagagem.

Dar-lhe-ia uma boa gorjeta — ao menos para mostrar a amizade. E agradeceria a Michael a especial mostra de afeto e discrição.

— Mr. Farmer está em casa? — perguntou. Claro que estaria em casa. Esperando por ela.

— Não, foi para fora ontem.

— Foi? — Não tinha dito nada a respeito, pelo telefone.

— Deixou um bilhete para a senhorita. E deu ordem de deixá-la usar o apartamento dele.

Entraram no edifício. O porteiro largou as malas, voltou ao táxi para apanhar as duas últimas maletas, colocou-as junto das outras, virou-se e desapareceu num cubículo junto da porta. Reapareceu alguns momentos depois com um envelope na mão.

— O Sr. Farmer recomendou-me que lhe entregasse isso pessoalmente. — Fez uma mesura, obviamente satisfeito com o seu consciencioso cumprimento da ordem recebida.

A moça sorriu, agradecendo, e segurou o envelope. Abriu-o depressa, tirou o bilhete e leu:

Allison:

Desculpe não estar aqui na volta. Tive de partir sexta à noite para Albany. Negócios. Volto terça. Até lá. Michael. P.S. — Telefono domingo à noite.

Allison dobrou o papel e meteu-o na bolsa.

Era bem coisa de Michael, desaparecer quando ela precisava tanto dele. E deixar um bilhete que mais parecia um telegrama. Curto. Direto. E sem emoções. Um perfeito espelho da personalidade; mas ela também não podia esperar transformá-lo numa coisa que não era; e nem queria, de fato. Se pensasse bem, teria de confessar que justamente aquela maneira brusca e prática é que ela achava tão atraente — e o desafio de, às vezes, persuadi-lo a se desarmar e trair algumas das emoções que mantinha tão cuidadosamente ocultas sob seu exterior impassível.

Pensou um pouco e depois virou-se para George.

— Pode ajudar-me com a bagagem?

— Claro, senhorita — respondeu o porteiro; e pegou as malas debaixo de ambos os braços, feito que ela sempre considerara impossível, e dobrou o corredor em direção aos elevadores. — O Sr. Farmer me disse que a senhorita deixou o seu apartamento.

— É. Eu ia para casa passar uns tempos. Foi melhor deixá-lo.

Parou e depois acrescentou:

— Amanhã cedo vou começar a procura de outro. De preferência num prédio menor. Mudança de ritmo.

Apertou o botão do elevador, olhou para cima e viu a luz começar a descer do número sete.

— O tempo tem estado feio — disse George. — Muita chuva, e mais frio do que o Pólo Norte.

— É, eu sei.

— Teve sorte em estar fora.

— Imagino que sim — respondeu, só para concordar com ele, pois provavelmente tinha sido mais frio e chuvoso em casa.

O elevador chegou: a porta abriu-se. Ela entrou; George entrou atrás. A porta fechou-se, o elevador subiu e abriu as portas suavemente no décimo andar. Eles saltaram, viraram à direita e o porteiro abriu o apartamento 10-E.

Ela acendeu a luz.

— Pode deixar tudo aí no chão. O resto eu faço.

George colocou a bagagem aos pés dela e aceitou a nota de cinco dólares que lhe era oferecida.

— Obrigado. Se precisar de alguma coisa, é só ligar para baixo.

Ele saiu: ela fechou a porta. Respirando fundo. Cansada. Fora um longo dia comprido, com as despedidas, o vôo para o Aeroporto Internacional Kennedy e a entrada desanimadora em Manhattan. A moça apoiou-se na valise maior e contemplou o apartamento. Sala bem em frente. Saleta de jantar à direita. Mobiliado à moda de rapaz solteiro simpaticamente desarrumado. Ainda não se tinha desfeito do sofá desbotado, nem do tapete, nem do quadro ridículo de Napoleão Bonaparte. Teria de falar-lhe a respeito.

Tirou o casaco e os sapatos, levou a bagagem para a saleta de jantar e pendurou as roupas uma por uma nos armários embutidos que havia. Ficou satisfeita ao ver que as roupas deixadas ali vários meses antes continuavam arrumadas, dobradas em seu lugar, e aparentemente não tinham sido mexidas nem expostas a nada que pudesse ter estragado os tecidos. Virou-se, pegou duas das valises e levou-as pelo saguão, adiante da cozinha, para o quarto de dormir, onde as colocou no tapete preto e felpudo ao lado da mesinha de cabeceira. Acendeu a lâmpada da mesinha e puxou a colcha de pele branca da cama, deixando-a cair no chão onde ficou amontoada.

A cama parecia vazia sem ele. Mas tinha de ser. O bilhete dizia que só voltaria na terça-feira.

Despiu-se, lavou-se e depois meteu-se debaixo das cobertas, piscando diante das luzes que entravam pela janela. Afastou Michael de seus pensamentos, apagou a lâmpada de cabeceira e agarrou o crucifixo pendurado em seu pescoço. Apertou a cruz delicadamente de encontro aos lábios, recordando.

A volta à velha casa durante o enterro... Recusara-se a acompanhá-lo ao cemitério. Sentia-se muito mal. A indisposição começara no hospital, mais ou menos uma hora antes da morte do pai. Uma dor de cabeça implacável que passava ao martelar da enxaqueca; a tontura desorientava. Sentiram falta dela no

cemitério. Já tinham sentido mais cedo, quando se recusou a ir à igreja. Mas não tinha importância. Todos compreendiam. A história da família era pública e notória; a razão da sua ausência, óbvia. Precisava do descanso. E da oportunidade de recuperar o crucifixo. A casa estaria vazia. Ela podia invadir o passado descansada, satisfazendo aquele curioso impulso de redenção que a atormentava desde a volta, esperando a morte do pai para se realizar.

Antes de abrir a porta da frente, ficara de pé na varanda, calada e quieta. Depois entrara no vestíbulo, subira a escada e percorrera um corredor fracamente iluminado, que terminava numa sólida parede cinzenta. À direita havia só uma porta. Fora o quarto de dormir dos pais. Durante sete anos ficara intocado e trancado.

Enfiara na fechadura uma chave enferrujada, virara a maçaneta de cristal e empurrara a porta de mansinho. As dobradiças estavam estragadas; o rangido vibrou pelos corredores. Apavorada, entrou e olhou em volta.

O quarto era mobiliado com simplicidade. Uma velha cama de madeira ocupava o centro. Na parede, em cima, estava pendurado um crucifixo. Do lado esquerdo do quarto havia uma cômoda antiga. À direita, os armários. Uma camada de poeira atapetava o quarto; teias de aranha cobriam os móveis.

Tropeçou, tonta com a recordação de vozes mortas, lembrando-se de quando fugira por aqueles corredores.

A confusão.

A polícia.

— Allison, conte-nos o que aconteceu.

A mãe chorando.

— O que aconteceu? — perguntava a mãe, repetindo tantas vezes as palavras que elas se tinham tornado tolas.

— Não sei.

— Conte-me.

Lágrimas.

— Por favor, conte-me.

Aí a verdade.

Os médicos.

— Por que você jogou fora a cruz, Allison?

— Porque sim.

— Por quê?

— Estava suja. Tudo estava sujo.

— Isso não é verdade, Allison.

Silêncio.

— Você sabe que isso não é verdade. Vamos falar de novo. Vamos falar sobre tudo de novo.

— Não.

— Sim.

— Não posso. Quero morrer.

Ouviu grito quando a lâmina lhe entrou nos pulsos. E aí, nada. Olhara em volta. O quarto estava quieto, as vozes tinham sumido, o passado, tentando ressurgir, novamente morto.

Aproximou-se da penteadeira. O tampo estava coberto de fotografias em porta-retratos. Ela pegou várias, olhando-as rapidamente e recolocando-as nos lugares. Procurou no resto da mesa, levantando uma caixinha, atrás do retrato de Bugle, seu cão Terra Nova preto, que morrera vários anos antes. Destapou-a. Dentro, num algodão, estava um crucifixo do tamanho de um dólar de prata. Tremendo, retirou-o com cuidado. Podia fazer tanto tempo assim desde que o tivera na mão pela última vez? Parecia o mesmo. A figura de Cristo continuava intacta; a corrente continuava inteira. Um pouco mais sem lustre, talvez, mas isso seria de esperar, depois de sete anos.

Olhando em volta do quarto vazio, colocou a corrente no pescoço, começou a prender o fecho e parou.

Papai está morto, disse consigo, zangada.

Fechou a corrente e olhou-se no espelho. O crucifixo estava certinho, confortável.

E continuava, talvez mais ainda, agora que ela se sentia segura, dentro do quarto de dormir de Michael.

Virou-se de lado, enterrando o rosto nos travesseiros macios e convidativos. O impulso de redenção continuava forte, incitando um retorno, parte consciente, parte subliminal. O estigma mais terrível fora removido pela morte. Os outros permaneciam. Enfrentá-los? Os desmentidos? A realidade da qual ela fugira? As tentativas de autodestruição? A morte de Karen, mulher de Michael, com todos os seus horrores inomináveis? Reconciliar o passado com o futuro? Sim. Aconteceria. Lentamente. Era inevitável. Quer ela soubesse, quer não. Por escolha ou por impulso. Agora no silêncio do quarto de dormir, ou breve, quando quer que fosse, onde quer que fosse.

Adormeceu, a mão acariciando a figura de Cristo.

2

O anúncio estava no lado direito, embaixo, numa página marcado "Oportunidades de Sótãos e Depósitos". Dizia:

> Belo apartamento em prédio antigo, parcialmente renovado, andar inteiro. Alto do West Side, três peças e meia, mobiliado. Ligar Agência Aluguéis YU 6-1452. Perguntar a Miss Logan, pelo apartamento 3-A.

Estava no lugar errado. Devia figurar na seção de "Apartamentos Residenciais". Se estivesse, poderia não ter perdido o dia inteiro correndo de prédio em prédio, de agente em agente. Mas, ao tirar uma moeda do bolso, forçou-se a não ser otimista demais. O apartamento talvez já estivesse alugado. Ou talvez não servisse, como a maioria dos marcados com indicações favoráveis.

O dia começara mal; dormira demais. No entanto, não tinha dormido muito. Acordou duas vezes durante a noite, uma para ir ao banheiro, a outra para arranjar alguma coisa que lhe amortecesse a pressão nas têmporas. A tensão que provocara as terríveis enxaquecas e tonturas estava começando a passar, mas provavelmente sentiria um certo incômodo ainda por algum tempo. Estranhamente, a aspirina pouco adiantou. A dor de cabeça continuou durante o sono, tornou-se mais intensa de manhã e começou a se dissipar depois que ela saiu do apartamento. Ao meio-dia tinha desaparecido e era apenas uma recordação, quando Allison encontrou uma cabina telefônica numa farmácia do centro, ligou para o número marcado e, depois de falar com Miss Logan, caminhou à Rua 77 e localizou o prédio pardo em mau estado, no qual se achava o escritório da agente de locações.

Abriu a porta da frente, consultou a lista — Miss Logan era a única inquilina — e subiu uma escada torta até ao segundo andar. Espiou pela porta. Uma mulher estava sentada a uma secretária, examinando uns documentos.

– Miss Logan? — perguntou Allison.

— Miss Parker — disse a mulher, numa voz de contralto. Estava bem vestida, mas anos fora de moda. Matronal e solteirona. Com uma pose severa, penteado antiquado e feições calmas e reservadas. — Queira sentar-se — sugeriu. Inclinou-se, tirou uns papéis de uma cadeira próxima e colocou-os sobre a mesa já sobrecarregada.

— Obrigada — respondeu Allison, entrando na sala e sentando-se.

Miss Logan examinou rapidamente as pilhas que tinha em frente.

— Já ia saindo, quando a senhorita ligou. Não gosto de ficar até muito tarde aos domingos, de modo que estava arrumando a papelada. Estou certa de que não se importa.

— Claro que não. Espero não ter...

— Não, não é incômodo algum.

— Não obstante, agradeço ter-me esperado. O apartamento parece perfeito. Eu não queria esperar até amanhã e talvez perdê-lo.

— Sim, sei — observou a agente.

— A senhora não parecia segura, no telefone. Está livre, não está?

— Creio que sim — disse ela, inclinando-se sobre a secretária e fechando a veneziana na única janela livre.

— Crê? — perguntou Allison.

A agente estalou os lábios.

— O proprietário disse que ia parar de publicar o anúncio. Não gostou dos outros candidatos. Nós lhe garantimos que encontraríamos uma pessoa aceitável, mas ele estava desiludido e resolveu deixar o apartamento vago.

— Sem dúvida, tornou a mudar de idéia — disse Allison.

— Posso ver o anúncio? — pediu Miss Logan.

Allison estendeu o papel e apontou para a parte de baixo da página.

A agente leu o texto e bateu a cabeça.

— Então posso ver o apartamento?

A agente olhou fixamente para Allison.

— Bom, não vejo por que não. — Parou, e depois acrescentou: — O prédio fica na Rua 89, Oeste. É velho mas ainda está em bom estado. — Voltou-se para a secretária, remexeu nas pilhas de papéis, tirou um documento e sorriu com ar triunfal. — O nosso formulário. Informações padronizadas para nós sobre a senhorita, e agradeço a sua boa vontade. Também há um documento que estabelece a nossa comissão, e que tem

de assinar. — Entregou o papel a Allison com a sobrancelha ligeiramente erguida. — Obrigada — disse ela, antecipadamente. — Assim que terminar, tomaremos um táxi.

Allison tirou um lápis da bolsa e concentrou-se nos formulários.

Miss Logan terminou de arrumar a secretária. A sala ficou em silêncio por vários minutos, e aí ela girou a cadeira, recostou-se e declarou:

— A senhorita é do Meio-Oeste.

— Sou — respondeu Allison, erguendo a cabeça.

— Percebi pela voz.

— Eu não sabia que o sotaque era tão acentuado.

— Não é, mas existe, para quem sabe reconhecer. Eu sou de Peoria, Illinois, mas perdi a entonação. Já estou aqui há 15 anos.

Allison sorriu e continuou a escrever.

— Acabou de chegar a Nova York?

— Não.

— Era o que eu pensava. — Miss Logan esticava o pescoço, curiosa, para ver as respostas no formulário. — Vai morar sozinha? — perguntou.

— Vou — respondeu Allison, aborrecida com as interrupções constantes. — Com uma visita ocasional.

— Eu moro sozinha.

Allison levantou os olhos.

— Que bom — comentou.

— Prefiro assim. Tenho mais liberdade. Posso fazer o que quero, na hora em que quero. E a solidão é boa, depois de lidar com gente seis dias por semana, dez horas por dia.

Allison concordou indiferente, completou o questionário e passou os olhos pela indicação sobre as comissões.

— Onde assino? — perguntou.

Miss Logan debruçou-se e apontou. Allison rabiscou a assinatura e devolveu os formulários. A mulher os examinou depressa.

— Modelo — disse ela. — Uma profissão muito interessante. Todo o *glamour* e emoção. Vinte e seis anos. Solteira. Não tem parentes na cidade, mas dá boas referências. — Ela sorriu, tranqüilizando a outra. — Parece ótimo. Estou certa de que o senhorio vai aprovar. — Ela olhou para o relógio. — Vamos indo?

Allison levantou-se e acompanhou a agente enquanto esta se dirigia para a porta e apanhava um casaco de *tweed* deselegante, pendurado a um prego enferrujado da parede.

— Tem certeza de que a escada é segura? — indagou Allison, meio brincando.

— Completamente — respondeu a agente. Vestiu o casaco. — É só um pouco aflitiva. Para tornar a vida interessante. — Fez um gesto para Allison sair, arrumou a tranca e bateu a porta. — Há cinco anos que estou neste prédio, e embora pareça estar caindo aos pedaços, é bem sólido. — O patamar rangeu sob os pés quando ela agarrou o corrimão. — Já pensei em renovar uma parte do segundo andar e até a escada, mas, isso não seria razoável, financeiramente. Imagino que sairei daqui, mais cedo ou mais tarde, mas, sabe, quando a gente se acostuma com uma coisa, não gosta de mudar. O escritório é como um segundo lar.

— Compreendo — respondeu Allison. — Eu também sou um pouco assim.

— As pessoas do Meio-Oeste são mesmo. Têm um sentimento de casa mais desenvolvido do que os nova-iorquinos. Raramente vejo um nova-iorquino que tenha sentimento por qualquer coisa que não seja sexo e dinheiro.

— Acho que isso também tem seu interesse — observou Allison.

— Cada qual tem o seu gosto — disse Miss Logan enigmaticamente, abrindo a porta da frente.

Saíram para a rua, banhada por um sol pintado em fragmento ao atravessar as árvores nuas; chamaram um táxi.

Era uma casa de pedra parda, comum em Nova York. Cinco andares. Extremamente velha. Atraentemente estragada.

Allison pagou o motorista; saltaram do táxi.

— Um dos mais bonitos quarteirões arborizados de Nova York — declarou a agente, começando a sua conversa de vendedora.

Allison girou nos calcanhares e olhou para cima e para baixo pela rua estreita, ladeada de casas iguais.

— E é cômoda — acrescentou Miss Logan. — Há um metrô na Rua 96 e Central Park Oeste. Outro na Broadway. Muitos ônibus e os táxis são fáceis. E, claro, há o parque.

Elas começaram a subir a escada para a porta de entrada.

— Na outra esquina há um supermercado. Aqui perto também há uma lavanderia e uma loja de ferragens.

Allison digeriu essa aula de geografia, enquanto Miss Logan sorria satisfeita, pois a expressão de contentamento de Allison incrementara a perspectiva de êxito no negócio.

— Nós nos tornamos escravos das comodidades — disse Allison.

— Nova York faz isso.

— Infelizmente.

— Vamos? — perguntou a agente de aluguéis, abrindo a pesada porta da frente e entrando no saguão retangular.

Allison acompanhou-a, admirando os painéis de madeira manchada que cobriam completamente as paredes. Olhou para sua imagem num espelho, e depois encostou-se numa armação de bicicletas no meio do saguão.

— Pode-se guardar uma bicicleta aqui — disse Miss Logan, de pé na base da escada de madeira — embora o porão seja provavelmente mais cômodo.

Allison assentiu com a cabeça, pensativa. Os olhos corriam de um lado para outro. Sentia uma ligação com a personalidade do prédio.

Começaram a subir a escada, a agente na frente. No meio da subida Allison parou, agarrou o corrimão e sacudiu-o com firmeza. Era sólido. Tranqüilizada, continuou até ao primeiro patamar, 42 degraus.

O segundo andar era forrado como o primeiro, com tiras compridas de pinho gasto e manchado. Na junção do patamar com o vestíbulo do segundo andar, havia, porém um trecho da parede completamente restaurado. Começava a mais ou menos 1,20 m do chão e ia até ao teto, com a largura aproximada de 2,40 m, indo da parede do poço da escada até à porta do apartamento B, que ficava em cima do patamar no início do *hall*. Allison examinou atentamente o pinho bonito e novo, tocou-o e pensou em uma pérola dentro de uma ostra, um acréscimo isolado a um ambiente que no resto era homogêneo. Deu de ombros e afastou-se.

A iluminação era muito fraca; o ar, espesso, quase pastoso, dificultando ainda mais a visão. Mas Allison continuou a acompanhar Miss Logan, confiando mais no seguro avanço da agente e nos seus sentidos não-visuais do que nos próprios olhos. Seguiram pelo vestíbulo passando pelo apartamento A e subiram o segundo lance da escada, ao terceiro patamar, em tudo tão assustador e escuro quanto o segundo. As luzezinhas de parede amarelas, uma em cada extremidade do *hall*, davam a única iluminação. Miss Logan puxou uma corrente de chaves do bolso e introduziu uma na porta marcada 3-A.

O apartamento, conforme anunciado, estendia-se pelo andar inteiro. A sala, logo depois da entrada, era grande, retangular e de modo geral bem conservada. Mobília interessante, estilo

vitoriano, velha. Uma arca de antiguidades, desde o menor cinzeiro até os dois grandes relógios encostados à parede, em cada lado do consolo da lareira. Allison gostou especialmente do sofá que dava o tom geral, no meio da sala entre dois lampiões e em frente de uma estante baixa de livros. Do outro lado do sofá havia uma lareira com beiradas de mármore. Estava limpa: era evidente que há bastante tempo não era usada. Espalhadas pela sala, cadeirinhas delicadas, de costas arqueadas e tecidos raros, feitos a mão. Allison observou a posição das cadeiras e pensou consigo mesma que a colocada defronte da janela do meio era par da que se achava junto da parede lateral. Talvez pudesse comprar uma mesinha para colocar entre as duas, dando assim uma personalidade distinta a esse canto da sala. A idéia lhe agradou; sorriu sozinha ao passar por cima do tapete persa, olhando para as paredes com papéis bonitos e os espelhos trabalhados a mão.

Miss Logan a acompanhava, tagarelando.

— Esses móveis antigos condizem perfeitamente, estou certa de que concorda.

Concordava. Mas não deu resposta alguma. Em vez disto, continuava seu passeio pela sala. Atenção aos detalhes. Muitos objetos.

— Imagino que tudo isso venha com o apartamento?

— Creio que sim — disse a agente — mas posso verificar antes de qualquer de nós tomar uma decisão final.

— Eu agradeceria isso — disse Allison, abrindo as cortinas da janela, deixando entrar a luz suave da tarde. Olhando para fora da janela, ela acenou com a cabeça, numa aprovação circunspecta, fechou as cortinas e virou-se para a impaciente agente de locação, perguntando-lhe se podia ver o quarto de dormir.

— Naturalmente — respondeu Miss Logan.

Conduziu Allison por um corredor de uns quatro metros de comprimento, dividido por duas portas — uma que dava para a pequena cozinha, e outra para o banheiro. Allison espiou — eram padrão, nem mais nem menos — escutou os comentários tolos de Miss Logan sobre a utilidade e trabalho de cada um dos itens, inclusive a privada, e depois continuou pelo corredor e entrou no quarto. Sentou-se na cama de colunas e olhou em volta do quarto para os móveis antigos. As paredes polidas. Os metais folheados a ouro. O teto. Era entalhado a mão.

— Quem pôs o teto? — perguntou, olhando para cima.

— Um inquilino anterior.

O teto era certamente um achado inesperado, num apartamento de aluguel. Não era o tipo de acréscimo que a pessoa incluísse sem um interesse pelo prédio, ou um contrato longo.

— Conhecia as pessoas? — perguntou Allison, curiosa.

— Não — respondeu a agente.

Allison deu de ombros. Bateu na colcha; nuvenzinhas de pó esvoaçaram, dançando à luz cinzenta, instalando-se no escuro. Allison levantou-se e voltou pelo corredor; Miss Logan acompanhou-a nervosamente.

— Quero o apartamento — declarou Allison, quando chegaram ao ambiente mais claro da sala. Os relógios de parede bateram a hora, e depois recomeçaram o seu tique-taque agitado. Quase respirando. Ela virou-se. — É exatamente o que preciso. Exatamente.

— Eu tinha certeza de que gostaria.

— Quanto disse que era o aluguel?

— Eu não disse — disse a agente. A modulação de sua voz aumentou de intensidade; parecia ansiosa demais. — O aluguel é de 450 dólares por mês. É razoável.

— Interessante — comentou Allison, depois de uma longa pausa. — Mas acho que temos padrões diferentes do que seja razoável.

Miss Logan sorriu.

— O apartamento é grande e é mobiliado.

— E fica nos oitenta e tantos, oeste — disse Allison. — Não é um dos bairros mais promissores da cidade.

— Eu não diria isso — desafiou a agente, sentando-se no sofá e inclinando-se para a frente.

— Eu diria. Quatrocentos e cinqüenta está fora de cogitações. Se não puder fazer uma redução de pelo menos cem dólares, mais vale agradecermos mutuamente as nossas companhias e tratar da vida.

Miss Logan mordeu o lábio.

— Quer o apartamento? — perguntou ela, por perguntar.

Allison acenou com a cabeça.

— Francamente, 375 por mês não é excessivo, em Nova York.

— A senhora disse 450.

Miss Logan franziu a testa.

— Foi? Descuido meu. Faço isso o tempo todo.

— Com certeza — disse Allison, com um sorriso divertido. Abriu a carteira e pegou o talão de cheques. — Tem uma caneta que me empreste? — perguntou.

Miss Logan puxou uma esferográfica cara do bolso do casaco e deu-a a Allison.

— Um depósito de 50 dólares está ótimo.

Allison escreveu a importância e entregou-lhe o cheque.

— Fez uma escolha excelente — declarou a agente.

— Estou certa de que sim — disse Allison acompanhando Miss Logan pela porta e começando a descer para o saguão, que elas alcançaram depressa e deixaram imediatamente, saindo do prédio velho para a luz fraca do crepúsculo.

Miss Logan encostou-se no reforço da parede.

— Vou providenciar para melhorar a iluminação dos *halls*. Não gostaria nada que a senhorita caísse e quebrasse alguma coisa, e estou certa de que o senhorio há de se interessar muito por isso.

— Obrigada.

— Quanto ao senhorio, lembre-se de que tenho de levar a sua pretensão a ele, e ele tem de aceitá-la. Por enquanto ainda não aprovou ninguém, mas quem sabe ele parou de ser tão exigente. O apartamento vazio não adianta nada a ninguém.

— Espero que possa me dar uma resposta rápida. Gostaria de me instalar assim que for possível.

— Compreendo. Eu lhe direi alguma coisa até amanhã de noite.

As duas mulheres se apertaram as mãos e desceram para a rua.

— Quer condução até o East Side? — perguntou Miss Logan.

— Não, obrigada — respondeu Allison. — Vou andar um pouco pela vizinhança, antes de voltar.

Miss Logan sorriu e começou a andar para a esquina.

Allison recuou e olhou para o prédio.

— Miss Logan — chamou, momentos depois.

A agente virou-se.

— Sim?

Allison continuou a olhar para a última carreira de janelas.

— Se não me engano — começou Allison — alguém está me olhando pelas cortinas de uma das janelas do quinto andar.

— Estou certa de que já olharam para você antes. — A agente riu-se.

— Sim — disse Allison — mas...

— É o Padre Halliran — interrompeu Miss Logan. — Matthew Halliran. No 5-A. É um padre. Mora aqui há anos. Ao que eu saiba, nunca sai do quarto — é meio senil

e cego. Mas é inofensivo. Geralmente fica sentado junto à janela.

— Parece sinistro — disse Allison, meio divertida com a imagem que visualizava desse personagem mal visível.

— Eu lhe falo amanhã. — Miss Logan cumprimentou-a e dirigiu-se apressada para a esquina.

Allison ficou olhando até a agente desaparecer. Depois tornou a levantar a cabeça. Talvez conseguisse ver mais o padre. Não, o ângulo era muito agudo, as cortinas muito grossas, a luz muito fraca. Ela atravessou a rua para ver se via melhor. Isso não adiantou nada. A pouca luz que havia fazia um reflexo opaco no vidro, obscurecendo a imagem e tornando impossível reconhecer qualquer coisa.

Ficou um momento esperando algum movimento. Não houve nenhum. Chamou um táxi, satisfeita por ter tido um dia proveitoso.

3

A luz, no máximo, era sofrível; entrava pelo vidro discretamente, como um ladrão.

Allison olhou para a janela.

— Que acha? — perguntou, e bebericou o seu café solúvel.

O eletricista atravessou o quarto devagar e olhou para fora da janela. Não havia vista alguma; a parede dos fundos do prédio defronte ficava a mais ou menos uns dois metros de distância. E os telhados salientes de ambos os prédios criavam um poço inacessível, tendo em cima uma abertura estreita, em que a luz do dia só podia entrar obliquamente.

— Posso pôr mais uma tomada na parede — disse ele, num pesado sotaque alemão. — E vou pôr um fio no teto para uma luz central. Parou, coçou a cabeça meio calva e olhou para as paredes. — Naturalmente, pode ser que já tenha fio. Esse pessoal às vezes tira os lustres mais deixa as ligações Isso ajudaria muito.

— Faça o que puder — disse Allison — mas por favor, tenha cuidado com o trabalho de madeira. — Ela vestiu um

colete de couro por cima da blusa e levou a xícara vazia para a cozinha. — Não estou acostumada a ter tão pouca luz no quarto. Onde eu morava, tinha luz de leste e do oeste. Tinha bastante sol, o tempo todo. Podia até saber a hora olhando para os raios do sol atravessando os desenhos do meu tapete.

Ouviu o homem resmungando no outro quarto.

— Arranje um relógio — disse o homem, sem querer insultá-la. — E Thomas Edison se encarrega da iluminação.

Allison riu baixinho e jogou uma pá de lixo cheia no lixo.

O eletricista passou pela cozinha e foi para a sala; Allison acompanhou-o.

— Vai pôr lâmpadas nos armários?

O homem acenou que sim.

— E tomadas onde a senhora marcou.

— Bom! — Allison vestiu um casaco forrado de pele e pegou a pasta preta. — Feche a porta quando sair. E obrigada.

O homem voltou ao seu trabalho; Allison saiu do apartamento com um sorriso e desceu a escada, já conhecida.

Parou em frente ao apartamento 2-B. Estava ouvindo vozes femininas. Duas mulheres discutindo. Aproximou-se escutando. Estavam brigando por causa de uma sobremesa. Uma queria fazer um bolo de baunilha com chocolate para o jantar, enquanto a outra queria um pão-de-ló simples, alegando que engordava muito menos. Parecia que a primeira pouco ligava para o tamanho de sua cintura; parecia também que ia vencer.

Aquele foi o seu primeiro contato significativo com seus vizinhos. Especialmente, ainda não tinha encontrado ninguém nos vestíbulos, se bem que vários dias antes houvesse ouvido alguém subindo a escada no patamar acima. Mas seu isolamento era mais culpa sua. Levava uma vida reservada, desde que se mudara para o prédio. Bastaria tocar uma das campainhas e anunciar a sua presença. Mas não estava no estado de espírito para isso. Talvez em breve. Ou talvez continuasse a confiar nas circunstâncias.

Saiu do prédio e foi caminhando. Passou pelos prédios vizinhos e pela entrada do Parque na Rua 90, em direção ao centro. Estava frio. Nublado. Um bom dia para andar. E não podia estar mais bem disposta; ia voltar ao trabalho.

A semana toda passara ansiando pelo clique das câmaras, embora tivesse estado muito ocupada para fazer mais do que passar pela agência, anunciar a sua volta, mexer com os agentes e pegar a sua pasta. Isso foi feito na manhã de segunda-feira,

uma hora depois que Miss Logan telefonara para confirmar o apartamento e uma hora antes de empilhar roupas e pertences em dois táxis, para o novo apartamento e iniciar uma semana — era segunda-feira, logo exatamente uma semana — de luta. Contara com a ajuda de Michael, mas ele telefonara no domingo de noite, explicando encabulado que o negócio demoraria mais do que se esperava, talvez mais alguns dias. Depois perguntou por que insistia ela em alugar outro apartamento, quando podia perfeitamente ficar morando com ele. Não estava disposta a rediscutir o tema já trucidado do casamento. Preferiu concordar em falar com ele na quinta-feira — só para descobrir que só estaria de volta na outra quinta-feira — uma semana depois do prometido.

Paradoxalmente, a ausência dele foi útil. Sem a sua presença pôde concentrar-se no apartamento. Não que não estivesse satisfeita com a mobília ou a disposição, mas havia tantas possibilidades para uma decoração criadora, que ela não resistiu à tentação. Sua primeira compra foi um jogo de sala de jantar de carvalho pesado, que pôs em lugar da mesa e cadeira anteriores sem a aprovação de Miss Logan. Depois um quadro, com moldura de madeira entalhada. Estranhamente, gostava muito mais da moldura do que do quadro. Depois que o levou para casa, viu que se parecia muito com o Napoleão Bonaparte de Michael. Imagine. Em pânico, resolveu logo substituir a tela, mas até lá o armário do quarto de dormir era o lugar ideal para os guardados. Depois do quadro, tomou um pouco mais de cuidado. Comprou um relógio para o quarto, vários objetos decorativos para várias mesas e cômodas, duas novas lâmpadas "antigas", um cofre de pirata, que passou o dia todo de sexta-feira retocando e uma batelada de utensílios e bugigangas para a cozinha e banheiro.

Havia outros artigos que desejava, especialmente uma mesinha para a sala, mas resolvera pensar melhor no assunto. Não queria apressar-se e comprar uma coisa errada. Seria a sua aquisição mais importante. Podia esperar até Michael voltar e os pintores terem terminado o banheiro, a cozinha e as portas.

O outro fato notável da semana foi a notícia do trabalho. Ela soubera na sexta-feira. Ia trabalhar com o seu fotógrafo predileto, Jack Tucci. E sua melhor amiga, Jennifer Learson. Tentara falar com Jennifer a semana toda, mas só na quinta-feira lembrou-se de telefonar para a agência e perguntar por ela. Disseram-lhe que Jennifer estava fora, a serviço, e voltaria domingo de noite. Parecia que todos os seus amigos

pessoais tinham fugido de Nova York ao saberem de sua volta. Sem desanimar, telefonou no domingo de noite, encontrou Jennifer em casa, conversou pelo menos por uma hora e combinou almoçar com ela no dia seguinte, antes de ir ao estúdio.

Estava, pois emocionada, e com razão, ao sair do Parque perto do Hotel Plaza, caminhar para a Terceira Avenida e entrar no restaurante quando Jennifer já se sentava à mesa que tinham reservado na sala da frente, junto à porta.

— Allison — gritou Jennifer, sem constrangimento, apagando o cigarro num cinzeiro.

Allison manobrou para passar por toda aquela gente ali, abraçou a amiga e sentou-se.

— Continua fumando demais — ralhou ela, vendo a ponta do cigarro ainda ardendo.

— Demais para a tuberculose — respondeu Jennifer, sorrindo —, mas não o suficiente para o câncer nem o coração. — Riu, recostou-se e perguntou se gostava de estar de volta.

— Excessivamente — disse Allison, tirando o casaco.

Jennifer pegou outro cigarro do maço em cima da mesa.

— Dou-lhe duas semanas para começar a reclamar que está trabalhando demais e ganhando de menos, que os fotógrafos são uns debochados e os diretores das agências uns tapados e que você tem de arranjar alguma coisa mais criadora e estimulante para ocupar o seu tempo. — Riu. — Nunca conheci uma modelo cujo senso de compromisso não se parecesse com o percurso de um balão furado.

— Não duvido que tenha razão — concordou Allison — mas por enquanto, deixe que me divirta com as minhas fantasias.

— Nem ousaria introduzir eu uma nota de realidade. Você tem todo o direito de se iludir enquanto puder. — Jennifer levantou os olhos quando o garçom se debruçou sobre a toalha de xadrez vermelho e branco. — Dois *Bloody Marys* — pediu ela, olhando para Allison, que bateu a cabeça, concordando. — E bastante molho inglês — acrescentou.

Allison pegou a pasta de Jennifer e começou a folheá-la.

— Fotos novas? — perguntou, depois de uma pausa.

— Produto de histerismo fora de temporada.

Allison puxou uma folha de contatos e aproximou-a da luz.

— Você trabalhou duro.

— Meu destino na vida.

— Não sabia? — Allison sorriu. — Todo mundo trabalha duro.

— Todo mundo?
— É.
— Até o Michael?
— É o que me dizem.
— A mim também.
— Quem disse?
— Michael.
Allison sacudiu a cabeça.
— Ele está querendo ser mimado.
— E você o mima?
— Não tenho podido. Estive fora, lembra-se?
— E vai começar agora?
— Depende.
— De?
— Depende, só.
— Ele vai mimar você?
— Não quero.
Jennifer bateu a cabeça.
— Muito romântico — disse ela.
— O quê?
— A separação. Faz o coração enternecer-se.
— O órgão errado.
— O fígado?
Riram.

As bebidas chegaram e ficaram esquecidas por algum tempo, enquanto as duas amigas repetiam grande parte do que tinham conversado ao telefone, na véspera. Depois pediram o almoço, comeram depressa, saíram do restaurante, chamaram um táxi e se dirigiram para o centro. O táxi virou da Lexington Avenue na Sétima Avenida e arrastou-se no meio do tráfego para a Rua 26 Oeste, um quarteirão decrépito de prédios comerciais. Parou na metade do caminho entre a Quinta e Sexta Avenidas. As moças saltaram e entraram num prédio velho. Outra modelo estava de pé diante do elevador. Elas se apresentaram — o nome da modelo era Lois — tomaram o elevador e saíram no sétimo andar, defronte do estúdio de Jack Tucci.

Estavam trabalhando havia várias horas.

— Mais algumas — disse Tucci afinal, num sotaque inglês ligeiramente modificado por uma entonação nova-iorquina.

A máquina fotográfica estalou — um, dois, três.

O fotógrafo mexeu-se, mudou de posição, enxugou o suor do cavanhaque muito bem tratado que lhe abraçava o queixo, e tornou a mudar de posição. Seu corpo esguio movia-se como uma onda que arrebentava. Experiente. Seguro. Egocêntrico.

— Um pouco para a esquerda — ordenou. Fez um gesto para frisar a ordem. — Levantem os queixos — demais — bom!

A câmara reagiu.

— OK — disse ele. — Vamos parar para jantar. Depois fazemos o branco e preto.

Protegendo os olhos contra as luzes quentes, as moças saíram do cenário e passaram com cuidado pelos fios e suportes das luzes indo para a parte de descanso, nos fundos do estúdio.

Jack colocou a câmara num tripé e acompanhou-as.

— Tem um cigarro? — pediu Jennifer.

Jack pegou um maço do bolso da camisa e jogou-o sobre o bar com tampo de fórmica.

Allison sentou-se numa velha poltrona.

— Mais alguém? — perguntou Tucci, oferecendo os cigarros. Não tendo resposta, guardou-os no bolso, deu a volta ao bar, pôs a mão dentro de um armário e tirou uma pilha de fotos. — Diga o que acha destas — pediu, entregando-as a Jennifer antes de desaparecer por uma porta aberta.

Voltou um momento depois, carregando uma bandeja em que havia vários sanduíches, algumas Coca-Colas, e uma garrafa de vinho branco.

— O pão preto é com língua — declarou ele. — O outro é rosbife.

Sorriu e começou a distribuir os sanduíches.

— Allison? — perguntou, depois que as duas outras modelos tinham escolhido.

— Daqui a pouquinho — respondeu ela, submissa, seus braços pendurados frouxos dos braços da poltrona, as pernas estendidas, duras.

— Bem? — insistiu ele, apontando para as fotos.

— Bem boas — disse Jennifer. Ela tirou uns óculos da bolsa — com aros de metal — colocou-os em seu nariz bem feito, segurou as fotos junto da luz e tornou a examiná-las de perto. — Quem é a pequena?

— Você não a conhece.

— É modelo?

— Não. Uma amiga. — Piscou, sugestivamente.

— Admiro a qualidade.

— Natural?

— Muito. Como conseguiu?

— Ah! — exclamou ele, lascivo. — Luz natural e indiscrição. A câmara é notavelmente indiscreta. Com os nus, a textura do modelo é muito importante, mas desde que há o conhecimento da presença da câmara, perde-se a serenidade normal do corpo. Olhem para a cara. Eu nunca teria conseguido a sutileza que existe aí se ela soubesse que a estava fotografando. O narcisismo não seria tão claramente expresso. — Levantou uma das fotos e segurou-a junto da luz. — Notável realismo — declarou ele, num tom de auto-aclamação.

Começou a falar sobre as ramificações visuais.

E aí aconteceu.

Allison continuava sentada em sua poltrona, folheando um número do *Vogue*. Primeiro veio a dor de cabeça. Quase instantaneamente, como se sempre tivesse estado lá, mas fosse contida por uma represa cuja muralha de repente houvesse sido destroçada. Centralizava-se na base do crânio. Sua reação inicial foi de surpresa, depois consternação. Passara a semana toda bem. Na verdade, a última dor de cabeça fora na manhã em que Miss Logan telefonara, com a aprovação. E aquilo não foi propriamente uma dor de cabeça, só uma pressão surda, que ela atribuíra a um resto de tensão. E agora? Não parecia haver uma explicação lógica, a não ser uma reação às longas horas sob as luzes quentes. Mas se fosse apenas uma enxaqueca, pouco se preocuparia. Havia ainda uma sensação opressiva nas costas, que lhe arrepiava a pele, como se lhe houvessem apertado uma pedra de gelo contra o corpo. Sentou-se, nervosa, jogou a revista sobre a cadeira, caminhou até à clarabóia fechada e olhou para os telhados. A vista não era grande coisa. Algumas chaminés. A Lua em quarto minguante. Sacudiu a cabeça num esforço vão para se livrar da dor, e depois voltou-se para o bar e escutou. "Tem certeza de que não poderia conseguir o mesmo efeito como a modelo certa?" — ouviu Lois perguntar. Mas seria "ouvir" a palavra certa? Os sons eram abafados, como se as vibrações estivessem sendo produzidas através de uma esponja sônica.

E aí cessaram de todo.

Ela cambaleou de encontro às vidraças. Estas vibraram ruidosamente; várias racharam.

Os demais viraram-se chocados e atentos.

— Eu... eu... — murmurou Allison, enquanto uma sensação de formigamento corria por dentro de seus braços, em direção aos ombros. Rapidamente sentiu-a espalhar-se por todas as extremidades e depois ceder a uma sensação muito mais

alarmante: uma dormência total. Começou a esfregar freneticamente as mãos.

Jack lançou-se por cima do bar, agarrou-a quando ela já ia caindo e levou-a por cima dos fios para a poltrona. Jennifer apagou o cigarro e aproximou-se.

— Allison! — gritou Jennifer. — O que é que há?

— Não sei! — gaguejou Allison, em tons confusos, aterrorizada.

— Traga um pouco de gelo! — disse Jack.

Lois pegou vários cubos do balde de gelo, embrulhou-os num lenço de seda e entregou-os a ele; Jack comprimiu o gelo contra a testa de Allison, depois de enxugar o suor.

Allison levantou as mãos ao pescoço e esfregou a pele. Seu pulso diminuiu. Olhou em volta da sala e piscou, insegura, enquanto as formas que se haviam decomposto sob o assalto da dor começaram a se tornar coerentes. Inclinou para a frente na poltrona e agarrou os joelhos. Ficou calada vários minutos, sem reagir à insistência de Jack. Depois levantou os olhos, respirou profundamente e recostou-se.

— Passou.

— Passou o quê? — perguntou Jack.

— Não tenho certeza — respondeu ela, com uma expressão que insinuava uma ausência total de consciência. Mas recuperara parte de suas cores e seus olhos estavam mais firmes. — Tive uma enxaqueca — disse ela — e essa sensação, como se o sentido do tato tivesse sumido das mãos e pernas.

Jack olhou-a inquisitivamente.

— Consegue segurar o gelo? — perguntou.

Ela fez que sim e pôs a mão sobre a echarpe.

— Quer deitar-se?

— Não — disse ela, sacudindo a cabeça propositadamente. — Já estou melhor.

— Tem certeza? — perguntou Jennifer, inclinando-se nervosamente sobre o braço da poltrona.

— Tenho — disse Allison. Sentia-se realmente melhor. Quase o inverso de seu estado instantes atrás. Tomou-se de pessimismo, o que era compreensível. Será que a enxaqueca e a dormência podiam ter desaparecido assim tão depressa? Parecia impossível. No entanto, a dor a acometera quase instantaneamente; poderia ter sumido do mesmo jeito. Isto é, suponho que realmente houvera uma dor de cabeça e uma polarizacão de seu sentido do tato. e não uma miragem psicológica provocada pelo calor ou agitação.

— Quero que você fique sentada mais uns minutos — disse Jack.

— Sim, acho que vou ficar — disse Allison.

E ficou, enquanto Jack permaneceu perto dela, indo de vez em quando até à clarabóia quebrada para comentar o calor excessivo no estúdio.

Passados alguns minutos, perguntou a ela como se sentia. "Bem" foi a resposta. Tinha comido? Allison disse que tinha mordiscado um *hamburger* ao almoço. Jack achou que a comida lhe faria bem e levou-a para o bar, onde ela começou a comer um dos sanduíches que tinham sobrado.

Mastigava devagar. Não estava com fome. Estranho! Não comia desde a hora do almoço. E seu apetite parecera perfeitamente normal. Talvez entrando numa gripe. Sempre era possível a gripe aparecer nos momentos mais inoportunos, com os sintomas mais estranhos. Isso podia explicar tudo. Mas ela devia ter recomeçado mais devagar. Um compromisso de uma hora, em vez de uma sessão comprida. E um programa mais dilatado, em vez de compromissos seguidos. Ela tinha um importante anúncio para o dia seguinte, um nacional, que provavelmente levaria alguns dias de trabalho. Depois teria de fazer compras e preparar o jantar para Michael. Ainda havia várias sessões programadas para quarta-feira e um desfile de modas para quinta-feira. Descansar? Ela duvidava de ter muito tempo para isso até o fim-de-semana, se é que não ia ficar doente, e nesse caso tudo teria de ser cancelado.

Jack limpou o celofane e os guardanapos e colocou a bandeja e garrafas vazias debaixo do bar. Deu uns passos em volta e delicadamente pôs as mãos nos ombros dela, fazendo uma massagem nos músculos frágeis mas tensos, com as pontas dos dedos. Ela abaixou a cabeça. Ele passou-lhe a mão pelo pescoço, subindo pelo couro cabeludo, seguindo o nascimento de seus cabelos finos.

— Você é mesmo uma coisa linda, sabe — disse ele, tranqüilizando-a.

Ela sorriu.

— Quero ter certeza de que você está bem antes de recomeçarmos. Se não, esperamos.

Allison girou e beijou-o no rosto.

— Estou ótima — disse.

O fotógrafo puxou-a da poltrona, deu-lhe uma palmada e levou-a para junto de Jennifer e Lois, que estavam de volta ao *set*.

Allison ficou olhando enquanto Lois e Jennifer dobravam a esquina da Quinta Avenida e desapareciam.

Consultou o relógio; era tarde, onze horas. A sessão tinha demorado mais do que esperava. Estava cansada. No entanto, salvo o "desmaio", fora um bom começo. Uma espécie de volta triunfal.

Apanhou a frasqueira, saiu para a rua e olhou para a Sexta Avenida, agora uma mancha de luz à distância. Começou a caminhar devagar, notando muito a escuridão, as sombras e a sujeira. Sentia-se estranhamente inquieta. Esquisito, pois já tinha andado a pé de noite nesse bairro muitas vezes, nos últimos anos. E aprendera a acomodar os receios. Mas naquela noite, por algum motivo inexplicável, sentia-se ameaçada. Talvez houvesse passado muito tempo longe de Nova York.

Na metade do quarteirão, parou. Estava ouvindo passos se aproximando, entre os grotescos prédios. Virando-se depressa, forçou os olhos, mas não havia nada à vista; os passos sumiram. Fechou os dedos, formando punhos. A sensação, de novo. Voltou tão de repente quanto a assaltara no estúdio. Sentiu-a subir pelos braços, depois uma ausência de sensação, como se todas as extremidades nervosas tivessem sido cauterizadas. Procurou nervosamente a origem dos passos, esperando ver Jack aparecer e tranqüilizá-la, como fizera antes. Bruscamente o formigamento surdo desapareceu. Bateu o pé no chão, zangada por deixar que a tensão das últimas semanas lhe fizesse aquilo.

Procurou controlar-se, deu vários passos e tornou a parar. Outra vez ouviu o eco de passos. Atravessou a rua depressa, encolheu-se na sombra de uma fábrica de roupas e olhou para trás. Os passos continuavam, mas agora pareciam diferentes. Não se dirigiam mais para ela; ou se afastavam ou viravam para uma das travessas. Ficou ali paralisada, sentindo que ainda estava em perigo, pedindo a Deus que aquela terrível sensação de formigamento não lhe voltasse aos braços. Correu para a esquina. Correndo, ofegante, chegando debaixo da luz da rua no momento em que um braço se estendeu em volta de seu peito e a puxou para o lado.

— Eh.

Virou o rosto, em pânico; havia um homem atrás dela.

— Devagar, filha; assim você mata alguém — disse o homem, suavemente.

Ela ficou ali tremendo, segura a um braço musculoso que a retinha firmemente. Arquejante, enrolou os dedos nas ondas de cabelos brancos que se espalhavam na pele sardenta do

homem e focalizou o olhar na freirinha minúscula que, junto a ele, segurava o rosário e protegia-se do vento frio da noite.

O padre soltou-a, ergueu as sobrancelhas brancas e grossas, e olhou para ela com simpatia.

— Está melhor? — perguntou a freira.

Allison acenou que sim e virou-se.

— Que aconteceu? — perguntou o padre.

Ela hesitou e, num gesto de compostura reconquistada, procurou ajeitar os cabelos desalinhados. Estava aliviada. Um padre e uma freira, que sorte! Agarrou depressa o crucifixo que trazia, e segurou-o com força.

Olhou a rua. Não havia nada. Tornou a olhar para o padre, encabulada.

— Sinto muito, padre, pensei que havia alguém atrás de mim. Eu estava procurando sair desta rua.

— Deixe ver — disse o padre. Afastou-se e olhou pelas calçadas, que mal podiam ser vistos. Não enxergo nada — disse, sacudindo a cabeça. — Fique com a boa irmã por um instante.

O padre começou a pesquisar os vãos das portas.

— Irmã. Sinto muito.

— Não há por que, minha filha — disse a freira. Suas faces luziam sob o chuveiro de luz das lâmpadas da rua; seus olhos refletiam seu calor e sinceridade. — Se alguma coisa lhe causou medo — continuou ela — não é pecado. Você não devia andar por aqui sozinha a essa hora da noite.

— Mas isso nunca me aconteceu — protestou Allison.

— Uma coisa má só precisa acontecer uma vez. — A freira estendeu a mão e pegou a mão dela. — Acalme-se, minha filha. Ninguém lhe fará mal agora.

Elas ficaram ali juntas debaixo da luz por uns dois ou três minutos.

Ao som de passos, elas se viraram; o padre saiu das sombras.

— Nada — disse ele, limpando pó de suas mãos autoritárias.

— Desculpem — repetiu Allison. — Não sei o que foi que me deu.

— Eu não me preocuparia, minha filha. Está muito escuro, e todos os sons repercutem por menores que sejam. Certamente é compreensível que você se assustasse.

— Para onde você vai? — perguntou a freira. — Se for perto, pode vir conosco.

— Não, obrigada. Tenho de ir para a Rua 89. Vou chamar um táxi, mas gostaria se pudessem esperar comigo até aparecer um. Ainda estou um pouco nervosa.

— Claro — disse o padre. — Vamos ficar na outra esquina.

Atravessaram a rua e esperaram vários minutos até aparecer um táxi.

— Mais uma vez, obrigada — disse Allison, embarcando.

— Não há de que — respondeu o padre. — Não ande em ruas escuras. — Fechou a porta.

Allison virou-se e olhou pelo vidro de trás. Um carro vinha em sua direção, iluminando parcialmente a Rua 26 Oeste. Allison olhou até o táxi dobrar a esquina. Não viu nada e recostou a cabeça no encosto mal estofado.

— Rua 89 e Central Park oeste, por favor.

O carro arrancou rapidamente.

Allison tornou a levantar a cabeça e espiou pelo vidro traseiro sujo. O padre e a freira estavam andando devagar pelo quarteirão. Sorriu, agradecida, mas o sorriso logo se apagou. Estava furiosa consigo mesma. Boba! Covarde! Paranóica! Os epítetos corriam velozes pela cabeça. Nem podia acreditar no que acabava de fazer. Tinha de controlar-se. A estranha sensação táctil. A sensação dos passos. As dores de cabeça. Tudo bobagem.

Não tornaria a acontecer, prometeu a si mesma. E prometeu-se não dizer nada a Michael.

4

— Diabo, como está quente! — exclamou ao sair da cozinha pequenina.

Apressou-se pelo corredor, levando duas tigelas redondas de porcelana. Colocou-as com cuidado na mesa de jantar, soprou os dedos chamuscados, levantou as tampas para ver o estado dos legumes e recuou, para contemplar os frutos do trabalho que tivera. Endireitou os talheres. Pegou dois cálices de vinho e os colocou ao lado de uma garrafa de cristal em forma de lágrima, e de uma garrafa de vinho francês, da melhor safra,

escolhida horas antes segundo as rigorosas recomendações de Michael.

Olhou depressa a hora nos relógios da parede, torceu as mãos, nervosa, voltou depressa para a cozinha e reapareceu com um prato quente, do forno. Colocou-o na estufa portátil de bronze, acendeu o fósforo e recuou para admirar a chama azul viva da lâmpada de álcool. Estava satisfeita. Ainda havia coisas a fazer, mas começava a introduzir ordem no caos das duas horas anteriores.

A campainha da porta tocou. Allison deu um salto e olhou os relógios. Eram nove e meia; Michael estava meia hora adiantado. Como podia ser isto? Nunca chegara adiantado para nada na vida.

— Já vou! — gritou ela.

Correu ao espelho e endireitou a roupa. Não que precisasse de ser endireitada, mas uma mulher surpreendida é uma mulher descuidada, e a primeira coisa que faz, invariavelmente, seja a sensação de desarrumação ilusória ou não, é verificar a roupa e a maquilagem. Sacudiu os cabelos, franzindo um pouco a cara diante de alguns fios soltos. e enfiou o crucifixo para dentro do casaco. A campainha tornou a tocar.

— Já vou, Michael!

Segurou a maçaneta, puxou a corrente de segurança, começou a girar o trinco e parou. Michael não tinha tocado a campainha da porta do prédio. Como teria entrado? Talvez um dos vizinhos estivesse entrando ao mesmo tempo. Com um movimento rápido, abriu a porta.

— Meu nome é Charon. Charles Charon — disse o homenzinho. Lá estava ele, pequena estatura, franzino de corpo e substância, cabeça comprida e feições comicamente deslocadas. cabelos grisalhos já escasseando, enroscados por cima das orelhas, óculos bifocais enormes que assentavam perigosamente sobre seu nariz pontudo e faces encovadas mas coradas, que sugeriam uma origem irlandesa ou então um estado extremo e constante de encabulamento. O resto de seu rosto era um composto de rugas, alturas e fendas, todas devidamente envelhecidas e assimétricas. Mas embora parecesse muito com uma passa de ameixa, seu sorriso pronto era simpático.

— Sou seu vizinho do 5-B — disse ele.

Mr. Charon vestia um velho terno cinza, puído e sem vinco. Faltavam os dois botões de cima do paletó, bem como os das mangas. embora ainda restassem os fios. Na lapela havia uma flor murcha.

— Este é Mortimer — disse ele, indicando o papagaio verde e dourado empoleirado no seu ombro direito.

O pássaro cacarejou uma opinião.

— É, sim — respondeu Charon.

Allison olhou para ele de modo estranho, enquanto o pássaro saltitava no ombro dele.

— Um pássaro muito esperto. Extraordinário. Infelizmente, não fala uma palavra de inglês, de modo que se a senhorita não conhecer a língua da espécie, acho que perderá uma estimulante exibição de erudição.

— Eu... hummm... — gaguejou ela. — Acho que não conheço.

— É pena, minha cara. Com o tempo, eu lhe ensino. É muito fácil. — Parou, olhou para o pássaro e continuou.

— Espero que goste de pássaros.

— Gosto.

— Este veio do Brasil. Já esteve lá?

— Não.

— Ouvi dizer que é um belo país.

— É, eu também — disse ela, mudando de posição, insegura.

Charon estava perfilado quase em posição de sentido. Seu braço esquerdo pendia ao lado, enquanto o direito dobrava-se para a frente, formando um berço onde se achava sentado outro animal, um gato de rua preto e branco, cara de bobo, olhos verdes e límpidos e o pêlo mais desguedelhado e maltratado que ela jamais vira.

Charon levantou o gato.

— E esta é Jezebel. Fala um inglês perfeito — declarou ele, olhando dentro dos olhos da gata. — Diga bom dia para a moça bonita, queridinha! — A gata não disse nada. — Vamos. — Nada. — Bom, ela hoje não está muito falante. Talvez se sinta um pouco indisposta.

Allison não sabia o que fazer. Estava esperando Michael, e em vez dele aparecia um estranho com seu jardim zoológico em miniatura — um gato e um pássaro — seu vizinho de cima.

— Meu nome é Allison — disse ela.

O Sr. Charon deu um largo sorriso e estendeu a mão.

— Prazer em conhecê-la. Sim, senhora. Prazer, prazer. — Ele afagou a gata. — Não temos? Claro que sim, meus anjinhos.

A gata espirrou.

Charon franziu a cara.

— Minha bebezinha está se resfriando? — Ele sentiu o nariz da gata, e depois cada uma das patas; satisfeito, apagou do rosto a expressão de preocupação paterna e tornou a sorrir para Allison.

— Sim, prazer em conhecê-lo, também — disse ela, estendendo a mão para apertar a do homenzinho. E justamente pensava quando começaria a conhecer os vizinhos.

— Ah, sim, claro.

Entrou saltitante no apartamento com os bichos.

— Venham, filhinhos — disse com carinho. Tinha um andar engraçado, à maneira de Carlitos, os pés apontando em direções opostas, pernas duras e esticadas, enquanto o corpo balançava de um lado para outro. Só faltavam o chapéu-coco, o fraque e a bengala.

A gata ia sacolejando alegremente no colo do dono, enquanto este caminhava, a cabeça dela acompanhando os movimentos do corpo dele. Parecia sentir-se cômoda; obviamente, já fora carregada assim muitas vezes.

— Adorável apartamento — disse, percorrendo-o depressa como alguém que procurasse uma pechincha numa liquidação. Em alguns momentos, examinou os móveis da sala.

— Mortimer acha a decoração estimulante — acrescentou, depois de uma breve discussão com o pássaro.

— Obrigada — respondeu Allison.

Charon foi até à lareira, examinou-a rapidamente e depois voltou a atenção para os relógios de parede, que observou com um ar entendido.

— Relógios magníficos — sentenciou, enquanto passara os olhos pelo consolo da lareira; estava coberta por camafeus e ferrotipias. Pegou um deles. — Herbert Hoover — declarou. — Um nobre Presidente.

Ao que ela soubesse, não tinha nem retrato nem camafeu do homem. Curiosa, foi olhar de perto.

— Não parece.

— Claro que parece. Não há dúvida alguma. — E acrescentou, esquecido do fato de ter ela alegado ignorar a presença de Hoover ali: — Admiro o seu patriotismo. Lembro-me muito bem dele. — Estufou o peito, com orgulho. — "Irei à Coréia", declarou. Foi o que o elegeu.

— Isso foi Eisenhower.

— Eisenhower? Foi? — Pensou um pouco. — Acho que foi. Engraçado, pensei que fosse Hoover. O que foi que Hoover disse?

Allison deu de ombros.

— Não pergunte o que o seu país pode fazer por você, pergunte...

— Não.

— Não? — Ele franziu a testa e disse, desafiando-a: — Então quem foi que disse isso?

— Kennedy.

— É mesmo?

— É.

O homenzinho olhou para o papagaio.

— Hoover deve ter dito alguma coisa!

— Claro que disse.

— Que terá dito? — perguntou a si mesmo.

Allison sorriu.

— Dêem-me a liberdade ou dêem-me a morte.

— Foi isso — gritou. — Um grande homem.

Ela sacudiu a cabeça, incrédula.

O curioso visitante repôs o camafeu no lugar, foi até ao centro da sala, escutou algum comentário rápido de Mortimer, encostou-se no sofá e esfregou o queixo.

— Minha cara, seu gosto é admirável. Quero que um dia me ajude a redecorar o meu apartamento.

Ela protestou.

— Obrigada, mas o mérito não é meu. A maior parte das coisas já estavam aqui quando me mudei.

— Deixe disso! A modéstia não é uma virtude quando as nossas habilidades são realmente louváveis. Dito por Aristóteles.

Ela riu-se. Se Aristóteles o dissera, provavelmente estava certo. Mas também, Aristóteles dissera que a Terra é o centro do universo.

Charon continuou a andar pelo apartamento, mostrando uma curiosidade intensa sobre todos os objetos a seu alcance, reexaminando tudo pela segunda vez. De repente parou.

— Ah! — exclamou em tom de quem se recrimina. — Interrompi o seu jantar.

Ela olhou para a mesa elegantemente arrumada.

— Não, ainda não comecei.

— Isso me tranqüiliza! Eu me sentiria tão arrependido se tivesse me intrometido. A ingestão e a digestão devem proceder-se sem a interferência de conversas tolas. Não está de acordo?

— Ah, sim — disse Allison. — Estou esperando um cavalheiro que vem jantar comigo. Chama-se Michael — continuou

ela, procurando um meio de induzir educadamente o vizinho a deixá-la.

— É casada?

— Não.

— Noiva?

Ela sacudiu a cabeça.

— Ah, apenas amigos — concluiu o vizinho. — Mas as amizades muitas vezes amadurecem e trazem a felicidade. — Sorriu e reafirmou: — Positivamente!

A moça franziu o rosto. Há anos que não ouvia tanta baboseira.

Charon continuava a sorrir muito, enquanto dava a volta à mesa. Examinou vários bibelôs com a pose de um especialista em antigüidades. Depois sentou-se à cabeceira da mesa.

— Obrigada por me oferecer — gemeu alto.

— Oferecer? — indagou ela, sem atinar com o que o visitante, queria dizer.

— Ah, sim, sim. Sei quando alguém vai me oferecer uma cadeira. Por experiência; não sou nenhum mocinho, sabe. Por isso, apenas lhe poupei o trabalho, agradecendo de antemão. — Parou, afagou a gata e continuou. — Há três dias que venho pretendendo passar por aqui, mas com uma coisa e outra, a primeira oportunidade que tive foi agora.

— Estou contente que tenha arranjado tempo.

— E eu também — declarou Charon, ajeitando seus bifocais desajustados. — Adoro os vizinhos novos. Também gosto dos velhos. Mas vizinhos novos são tão divertidos. Lembram o meu primeiro apartamento, lá por 1920 e tantos — ou foi o meu segundo, por volta dos anos 30? Bom, seja o que for. Foi há tanto tempo que não me lembro muito bem, mas eu me diverti tanto com os vizinhos novos.

— Posso oferecer-lhe alguma coisa? — perguntou Allison, interrompendo a confusão. — Um pouco de vinho, ou comida?

— Ah, não, já passa muito de minha hora de jantar, e na minha idade devo manter um regime cuidadoso.

— E os bichos?

— Comem comigo — declarou o velho, em tom peremptório.

Allison reprimiu uma risada. Não podia acreditar naquela conversa. Mas o velhinho era divertido e ela sentiu logo um afeto agradável por ele. Sentou-se e afagou o pescoço de Jezebel; a gata ronronou.

Charon sorriu, satisfeito.

— Mortimer gosta que lhe cocem a barriga — declarou.

Allison estendeu a mão e afagou o peito do pássaro.

— Um pássaro hedonista. — Charon riu-se, corando. — Hedonismo e sagacidade. Uma combinação rara em qualquer animal — humano ou não.

— Seria de supor — concluiu Allison.

— Também acho, também acho.

Allison sorriu, confusa.

— Conhece outros vizinhos? — perguntou.

— Claro — respondeu ele. — Conheço todos, gente simpática, com exceção... Fez sinal para Allison inclinar-se e permitir-lhe cochichar no ouvido dela. — Há um padre no meu andar que devia estar num hospício! Doido varrido!

Olhou para o teto, como se estivesse arrependido de ter pronunciado tal insinuação.

— Deus me perdoe, mas é mesmo biruta. Fica sentado no apartamento o dia todo, olhando pela janela.

— A agente falou nele.

— Falou?

Allison confirmou com a cabeça.

— Ele estava nos espiando, quando saímos do prédio.

— Sei. — Charon fez uma pausa. — Mas não se preocupe, ele nunca sai e é muito sossegado. Bem, e de qualquer forma, temos o apartamento 4-A.

— Quem mora lá?

— Ninguém. É esse o problema. Nunca o alugaram. E é muito bom. Todo o resto do pessoal é agradável e eu... Não, espere, eu já ia esquecendo daquelas duas mulheres do segundo andar. Há qualquer coisa de maligno nelas. Merecem uma maldição!

— É um julgamento severo — ponderou Allison.

— Ora, ora...

— Como?

— Ora, ora! Não ligue. Malignos, eu disse.

Allison sentiu-se devidamente punida. Recostou-se na cadeira e ficou esperando a próxima revelação.

— Agora, de que estava eu falando? — perguntou o velho, confuso. — Deixe ver.

— Os vizinhos — lembrou Allison.

— Não, outra coisa. Antes disso. Ah, o casamento. Isso mesmo. Casamento! Nunca o experimentei, pessoalmente. Cá entre nós, eu sempre tive um pouco de medo e desconfiança das mulheres. Sem querer ofendê-la, minha cara.

— Não pensei que quisesse.

— Não, não, claro que não. Deixe ver. Sim, devo confessar que tenho fraquezas terríveis. Quando era pequenino, a minha mãe, coitada, tentou...

A moça lançou um olhar aos relógios, enquanto ele continuava na lenga-lenga de disco quebrado. Já eram dez horas, a hora de Michael chegar. Mas ela sabia que chegaria atrasado, como sempre. Isto a aborreceu. Não poderia ter chegado a tempo, para salvá-la dessa dissertação sobre a vida de Charon?

O velho falava dramaticamente. Cada acontecimento importante de sua vida era anunciado com um suspiro e um estufamento do peito, com o que aspirava uma grande quantidade de ar; continuava assim a falar sem intervalos para respirar. Felizmente, Allison ouvia muito pouco. Pensava em outras coisas e a voz do velho aumentava-lhe o entorpecimento.

Em algum ponto na dissertação, voltou a prestar atenção à torrente de palavras. Tornou a olhar para o velho relógio à direita da lareira. Não podia acreditar que estava ali escutando há 45 minutos. E quase não ouvira nada. Havia alguma coisa sobre o Bronx, algumas parábolas sobre a depressão, um relato das realizações da vida dele e um retrospecto dos vários empregos que tivera através dos anos. Não muito mais. Começou a inquietar-se. E se o velho lhe pedisse algum comentário? Nunca mais poderia encará-lo. E pensou que talvez não fosse tão mau assim.

— De modo que como vê, cara Allison, Jezebel e Mortimer são os meus dois únicos companheiros leais. Claro, a Mrs. Clark, do 4-B, é uma conhecida atenciosa, mas só eles podem realmente simpatizar — ou devo dizer, empatizar. Partilho os meus momentos de maior intimidade com eles, e, como bem pode imaginar, há muitos momentos de intimidade na vida de um velho.

Recostou-se e sorriu. Sua história estava terminada. Olhou o relógio.

— Meus Deus — murmurou — já passa muito da hora de eles irem dormir. Sabe que a falta de sono arrepia o pêlo do gato e encrespa a plumagem do pássaro?

— Vivendo e aprendendo — disse Allison, um tanto sarcasticamente.

— Muito verdadeiro! Muito verdadeiro! Bem, eu só pretendia ficar alguns minutos, mas tagarelei por uma hora. Que egoísmo! De qualquer forma sei que precisa se preparar para o seu amigo, de modo que vou andando. — Tirou a gata da

mesa. — Gostei dessa conversinha. É uma pena Jezebel não estar mais conversadeira. Talvez da próxima vez.

— Sem dúvida — disse ela.

O velho levantou-se e andou para a porta.

— Não precisa me acompanhar. Eu me arranjo bem. Se precisar de alguma coisa, ou alguma ajuda, é só bater à minha porta, a qualquer hora.

— Obrigada pelo oferecimento — disse ela, acompanhando-o.

— Ora essa, não há de quê. Será um prazer.

— Sr. Charon, uma coisa. Poderia usar o seu telefone, numa emergência? A companhia telefônica ainda não instalou o meu.

— Se eu tivesse telefone, seria um prazer, mas não tenho. Para quem eu havia de telefonar?

Allison bateu a cabeça, compreendendo.

Mais uma vez ele estendeu a mão.

— Boa noite, minha cara — disse, e depois preveniu-a: — Coma e beba com moderação.

— Boa noite — respondeu a moça, afetuosamente.

— Ah, já ia esquecendo. — Equilibrou a gata no ar. — Diga boa noite, Jezebel. — A gata ficou calada. — Não sei o que deu nela hoje. Talvez esteja mesmo resfriada. — Sacudiu a cabeça, deu de ombros, saiu e fechou a porta.

Allison ficou sozinha de novo. Trancou a porta e afastou-se, atravessando o tapete e indo até à mesa, onde sentou-se, olhou para as velas, que já tinham descido até um quarto, e chegou à conclusão de que, embora reinasse a mais completa confusão na cabeça de Charon, gostara da visita.

Apanhou um garfo e começou a bater no prato. Lentamente, passou a bater junto com o tique-taque dos relógios. Continuou, enquanto observava a mesa posta diante dela, toda enfeitada. De repente, parou e debruçou-se na mesa. Junto ao saleiro, havia uma pequena foto numa moldura simples, sem enfeites. Levantou-a e aproximou-a dos olhos. Charon olhava para ela, do papel lustroso, branco e preto, sorrindo, vestido num *smoking* antiquado, gravata borboleta preta, um buquê de rosas na mão. A foto era adorável. Allison segurou-a de longe, depois de perto, para ver como aparecia melhor. Estranhamente, não virá quando o velhinho a deixara; nem dissera que ia deixá-la. Talvez fosse um presente para a inauguração da nova residência. Talvez fosse o cartão de visitas. Fosse o que fosse, Allison gostou. Foi até ao consolo e colocou

a fotografia bem no meio. Quando Charon voltasse, veria e ficaria feliz.

De repente, virou-se, rosto fechado. Estava perdendo a paciência. Onde estaria Michael?

5

— A histeria pode deixar a pessoa fisicamente doente — declarou Michael, depois que Allison lhe descreveu a indisposição sentida no enterro.

— Não sou do tipo histérico! — protestou ela.

Michael endireitou as mangas da camisa e balançou as abotoaduras de ouro polido que tinham gravadas as iniciais MSF, Michael Spencer Fermer. Eram especiais. Ouro de 14 quilates. Presente de aniversário, em julho.

— Exteriormente, não — concordou — mas nós sabemos a verdade, não? — Esperou a reação.

Allison recostou-se e fitou a luz vacilante das velas, contra as feições de Michael, marcadas e morenas, olhos vivos, bem castanhos, quase hipnóticos, expressão inteligente, inquisitiva. Parecia aberto, acessível. Ela é que, entre a saída de Charles Charon e a chegada de Michael, decidira tornar-se insensível. Teria ele mudado? Perguntava-se repetidamente. Teria ela mudado? No momento mesmo em que Michael entrava pela porta, as perguntas continuavam a persegui-la. Recebeu-o calada. Era o melhor meio de começar, pensara. E, realmente, refletira, tinha todo o direito de estar aborrecida. Ele estava com hora e meia de atraso, por cima de uma semana e meia de demora. Não merecia uma acolhida amorosa; merecia indiferença. E o que importava se a indiferença também servisse para isolar as suas inseguranças. Mas agora, depois de uma troca de presentes, uma volta pelo apartamento, um jantar agradável, parecia que a sua ansiedade não seria aliviada. Começava a sentir-se razoavelmente confortável e segura.

— Sempre achei que as pressões penetram muito — observou Michael. — A gente começa a rejeitar os estímulos externos e a focalizar a atenção em pequenos incômodos próprios até os exagerar e os transformar em verdadeira doença, ou em

sintomas de perturbações imaginárias. — Pegou um cálice meio cheio de vinho, olhando para a mesa que continha os restos do jantar. — Você poderia ter tido coisa pior do que uma enxaqueca — concluiu.

— Talvez.

— Que disse o médico?

— Nada.

— Você tem passado bem, depois que voltou?

— Tenho — disse ela, sem falar no breve episódio no estúdio de Jack Tucci. Olhou para as janelas e lembrou-se de que a parede ainda estava muito precisada de mais móveis. Amanhã, depois de ter passado a noite com Michael, estaria num estado de espírito extravagante, o certo para a compra certa.

Michael recostou-se e bocejou, inclinando a cabeça como se seu corpo houvesse perdido a força. Passou as mãos pelo rosto.

— Cansado? — perguntou ela.

— Não, mas agradavelmente alto — confessou, acariciando a garrafa de vinho com carinho. — E emocionalmente esgotado.

— Por quê?

— O ambiente, as velas, especialmente, o apartamento. — Viu o sorriso dela com o canto dos olhos. — E você, claro. Não sou invulnerável, você sabe.

— Eu sei — concordou ela, pegando na mão dele. — Planejei assim. É preciso um pouco de esforço extra para degelar você.

— Quanto?

— Muito.

Ele sorriu.

— Você me conhece bem.

— Eu conheço você há muito tempo.

Beijou a mão dela, a pele suave como leite.

— Há tempo demais — disse, por fim.

— Quanto tempo é isso? — perguntou ela.

— O suficiente para você manipular as minhas emoções.

— E sei fazer isso?

— Parece que sim.

Ficaram ali sentados, calados. Os relógios batendo. O tique-taque. O fogo crepitando.

— Estranho — começou Allison. — Desde o momento em que saltei do avião, não suportei pensar em casa. Mas

esta noite, estive revivendo os quatro meses. E não de modo incômodo.

— Isso é compreensível.

— Por quê?

— Como você disse, você se sente bem. E eu sou receptivo.

Ela fechou os olhos.

— Quando li o seu bilhete, fiquei zangada e decepcionada. Tinha construído aquela grande ilusão do encontro. Muito romântico.

— E catártico. Toda a tensão se teria dissipado depressa.

— Sim... mas você não estava.

— Foi pena. Não tinha escolha.

— Negócios?

Ele confirmou com a cabeça, e acrescentou:

— Talvez a separação venha a trazer vantagens. Talvez tenha dado a você tempo de pensar.

— Sobre o quê?

— A sua vida.

Ela não respondeu.

Friamente, Michael continuou:

— O significado da morte do seu pai!

Allison desviou o olhar, gelada.

— Já pensei bastante!

Após uma pausa prolongada, exclamou:

— Acabou!

Levantou os braços acima da cabeça, abriu bem os olhos e sorriu, mostrando uma intensa satisfação consigo mesma.

— Acabou! Tudo!

Michael olhou-a pensativo, imóvel na cadeira. Seu estado de espírito tornou-se mais sombrio. Allison via a mudança na fisionomia dele.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou ela. A resposta visual provocara a pergunta.

Mas ele disse:

— Não.

— Uma coisa que você nunca conseguiu fazer, Michael, foi me mentir. O que é que há?

Ele lançou-lhe um rápido olhar.

— Tudo? — perguntou.

— Não compreendo — retrucou ela.

Ele levantou-se, pegou seu cálice, dirigiu-se inseguro para a lareira e mexeu na lenha ardente com o atiçador. Ficou olhando as brasas reviverem.

— O fogo está bom — disse, depois abaixou-se, pôs mais uma tora no fogo, e ficou agachado vários minutos.

Allison perguntou em que estava pensando.

— Coisas — respondeu Michael —, pessoas e lugares, e a chave para a nossa ressurreição total.

Viu a expressão confusa no rosto da moça. O relógio, atrás, bateu a hora, e o relógio à direita a repetiu, uns seis segundos atrasados.

— O seu pai morreu — disse com voz intensa, quase como se fosse uma declaração reveladora. Parou. — Quero que você responda a uma pergunta.

Voltou para a cadeira, sentou-se e fitou-a atentamente.

— Pode perguntar — disse ela.

Sabia o que viria. Estava surpreendida de não ter ele começado antes. Estivera preparada a noite toda.

— Por que deixou a sua casa?

Allison o encarou, indagadoramente.

— Você sabe o que quero dizer — insistiu Michael.

A moça desviou o olhar.

— Eu queria ser modelo, e Nova York era o melhor lugar.

Brincou nervosamente com os cabelos, empalideceu.

— Já discutimos tudo isso.

Ele inclinou-se.

— Quero saber o verdadeiro motivo. Havia mais alguma coisa. Um motivo por que você *tinha* de sair de casa. Por que durante sete anos nunca visitou sua família? Por que se recusou a deixar-me ir com você em julho? Quer que continue?

— Eu queria ser modelo — repetiu ela, como se hipnotizada.

Ele deu um suspiro, frustrado.

— O seu pai infernizava a sua vida.

— Sim, você sabe disso.

— E você saiu de casa por causa disso.

— Se insiste. Está bem. Isso tornou mais fácil a minha resolução de partir. Já o reconheci antes.

— Há mais do que isso. Uma coisa traumática. E já está na hora de me contar. Amassou o guardanapo e jogou-o dentro da saladeira. — O seu pai já morreu e não há motivo por que não conte.

Parou, esperando uma resposta. A moça permaneceu sentada, rosto de pedra. O rapaz acrescentou:

— Alguma coisa a tornou frígida. Conseguimos vencer isso, fisicamente, mas nunca chegamos à fonte do problema.

Ela mordeu o lábio, com força.

— Pela milésima vez, eu queria ser modelo — respondeu com uma brandura tensa, sem compreender bem por que não lhe contava logo a história verdadeira; mas também depois de mentir por tanto tempo, as mentiras assumiam a posição de verdade. Fez uma careta; pela primeira vez, a incapacidade de revelar-se doía. Devia mais a ele, depois de tudo o que fizera para romper o laço psicológico que sufocava a sua capacidade de desfrutar relações normais com um homem.

— Está bem, se não quer, não quer — disse Michael.

— Não entendo por que insiste você em me apoquentar com essas coisas.

— Entende, sim! Até conseguir contar-me o que aconteceu, vai haver alguma coisa entre nós e você terá em sua mente essa ligeira dúvida sobre se terá vencido o seu passado completamente. Mas até decidir-se, aceitarei a explicação de que queria ser modelo, ficando entendido que não o aceito de verdade.

— Sempre o advogado — disse ela, repetindo o que sabia há muito tempo, que o companheiro raramente conseguia conversar sem litigar.

— É assombroso que um advogado consiga ver uma série de fatos, juntá-los, pôr um pouco de sal e pimenta e deduzir que o ingrediente principal, a chave de tudo aquilo, está faltando.

— Ou que invente algo que não exista.

Pegou um talo de aipo e começou a parti-lo, aborrecida.

— Nunca — respondeu ele, severo, recostando-se na cadeira e batendo os dedos na toalha. — Nada de conjeturas. Simples raciocínio lógico.

— E 90% do tempo, excesso de análise.

— É o que não faço.

Pôs a mão no bolso, tirou um charuto fino, de filtro, levou-o à boca, acendeu-o e inclinou a cadeira para trás. Ficou olhando para ela, a pálpebra direita latejando, efeito da tensão, e disse:

— Não gosto de a ver mentindo a si mesma.

— Michael, eu...

— Sim. Diga.

— Não há nada a dizer — retrucou desafiadora. — Por favor, basta de perguntas. Basta de pressão.

Michael recostou-se e encarou-a de novo, por vários minutos. Então segurou-lhe o braço, suavizando a expressão.

— Esqueça o que eu disse — pediu. Mas o tom continuava acusador.

— Sim, Michael — respondeu, desviando o olhar.

— Estou falando sério — disse ele. Pegou a garrafa de vinho, inclinou-a para ver se ainda havia algum resto, e depois, desapontado, girou e foi à cozinha. Voltou com uma nova garrafa de Bordeaux e um saca-rolhas. — Sabe que horas são? — perguntou, puxando a rolha.

— Não.

Michael serviu o vinho.

— Três horas, segundo o relógio da direita. — Sorriu, desculpando-se. — Aproximadamente duas e cinqüenta e nove e cinqüenta e quatro segundos, de acordo com o da esquerda.

Bebeu um gole e calou-se.

— Não sei por que, mas estou apaixonada por você — sussurrou Allison, levantando-se mecanicamente da cadeira. Caminhou até o amante, passou-lhe os braços em volta do pescoço e sentou-se delicadamente no colo dele. — Maldito!

Os olhos de Michael se dirigiram para o quarto de dormir; ela o fitou, sorrindo de antecipação, levantou-se e andou para a passagem.

Michael pegou o cálice e a garrafa, levantou-se da cadeira e dirigiu-se à lareira para espalhar as toras ardentes de modo a queimarem separadas, e se apagarem depressa.

— Quem é esse? — perguntou, tirando uma moldura do consolo.

— O irmão de Herbert Hoover — informou Allison, rindo.

Olhando bem para a foto, Michael sacudiu a cabeça:

— Não seja ridícula. Este não é irmão de Hoover!

— Isso depende da perspectiva do observador — respondeu ela, continuando a desabotoar a blusa.

— Quem é?

— Charles Charon.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Meu vizinho do andar de cima. Apartamento 5-B. Ele passou por aqui com a gata e o papagaio antes de você chegar.

Michael ficou olhando a foto.

— Vi uma gata no saguão — disse, apoiando-se ao lado da lareira.

Allison olhou, curiosa.

— Preta e branca — continuou Michael. — Vinha subindo a escada.

— É Jezebel. Não sei como Charon a deixa correr pelos corredores sozinha. Parece muito cuidadoso, com a gata e o papagaio.

Michael deu de ombros.

— Gosto muito de Charon — disse Allison, lembrando-se das roupas do velho, seu andar e maneiras.

— Que idade?

— Acho que uns 80, cinco para mais ou para menos.

— Lúcido?

Allison sacudiu a cabeça, com pena.

Michael olhou a foto de lado e de pernas para o ar.

— Parece uma passa.

— Muito engraçado! — ralhou Allison, segurando a foto O vidro refletia a dança das brasas.

— Acho-o gozado.

Colocou o retrato em cima da lareira.

— Ficou aí sentado durante uma hora, contando a história da vida. Nada fazia sentido. Era patético, um velhinho sem ninguém, a não ser a gata e o pássaro e nada para fazer a não ser ficar sentado o dia todo, recordando.

— Está melhor do que muita gente.

— Ah, eu não quereria terminar assim, acordar de manhã sem esperar senão ir para a cama de novo. Ou uma conversa com os meus bichos. — Estendeu a mão por cima do ombro de Michael e puxou um camafeu da prateleira. — Achava que este era Herbert Hoover. E não consegui convencê-lo do contrário.

Passou as mãos por cima do marfim esculpido.

— De certo modo, achei melhor assim.

Michael curvou a mão sob o queixo dela e beijou-a em cima do nariz.

— Por que não conversamos sobre o assunto mais tarde? — sugeriu. E começou a desabotoar a camisa.

Ela sorriu e acompanhou-o ao quarto.

O quarto estava escuro. Michael via muito pouco, de pé diante de si mesmo no espelho de corpo inteiro, defronte da cama. O espelho refletia uma combinação de objetos inanimados e sombras pesadas e escuras, marcadas apenas pelo brilho de uma das luzes de parede e o movimento gracioso do corpo dela. Michael ficou olhando enquanto Allison dobrava a blusa sobre o cabide à direita da cama. O corpo da amante nunca parecera tão sensual e convidativo.

Puxou a camisa dos ombros, juntou as mangas e jogou-a na cadeira. Foi até a janela e segurou o estore.

— Não — disse ela, baixinho. — Não há ninguém para espiar.

Michael olhou para fora, concordou e largou a argolinha de metal.

Ela deitou-se, rolou para cima dos travesseiros e alisou a colcha estendida debaixo.

— Está feliz? — perguntou ele.

— Muito.

Michael acabou de despir-se, tirou as meias e dirigiu-se para a cama. Tomou-a nos braços, puxou-a para perto, delicadamente, beijando-lhe orelhas e comprimindo-se contra os seios da moça. Subitamente parou. Acendeu a lâmpada de cabeceira, estendeu a mão e pegou o crucifixo.

— Que é isto?

— Um crucifixo.

— Claro, mas de onde veio?

Ela parou, para respirar.

— Do quarto de meu pai.

— Eu não sabia que você era católica.

— Não?

Ele sacudiu a cabeça.

— Desde quando?

— Desde sempre. — Fez uma pausa, defendeu os olhos da lâmpada forte, estendeu a mão e apagou-a. — Você não precisa de luz para falar comigo.

— Allison, você nunca...

Ela interrompeu-o.

— Não andei muito metida nisso, nos últimos anos. Na verdade, nada.

— Isso é óbvio.

— Mas em criança, sim.

— Por que parou?

— Michael, vamos deixar este assunto. Não faltará ocasião de discuti-lo.

Ele sacudiu a cabeça, energicamente, e repetiu a pergunta.

— Digamos apenas que comecei a não acreditar — respondeu ela, sabendo que Michael não deixaria passar. Suspirou.

— Teve alguma coisa a ver com a sua partida de casa?

— Não — respondeu com voz suave, mas o aborrecimento era indisfarçável.

— Não lhe fica bem — disse ele, depois de uma pausa.

Ela segurou o crucifixo e apertou-o contra os lábios.

— Acho-o uma beleza.

— É estupendo. O catolicismo é que não lhe fica bem.

— Por que não me deixa ser o juiz do assunto?

— Estou apenas dando uma opinião.

— Porque não pode admitir a existência de nada que lhe seja estranho!

— Você não acredita nisso.

— Você o torna óbvio.

— Sei perfeitamente aceitar qualquer religião. A não ser que a minha memória me falhe, você é atéia confessa.

— As pessoas mudam.

— Parece.

Ela virou-se para o lado.

— Não gosto de ser interrogada desta maneira, numa hora destas. Você está na minha cama, não num tribunal.

— Não a estou interrogando.

— Não fez outra coisa, a noite inteira. Desde o momento em que entrou pela porta.

Ele sentou-se na cama e pôs a cabeça nos joelhos.

— Vamos acabar com isso — disse, zangado. — Não quero discutir sobre uma coisa tão ridícula.

— Foi você quem começou. Eu não disse coisa alguma. Só fiz usar um velho crucifixo que o meu pai me deu. E daí?

Ele assentiu com a cabeça.

— Desculpe. — Estendeu a mão e tornou a pegar a corrente. — Se quiser usá-lo, ótimo. Ou se quiser ir à missa aos domingos, ótimo. Eu apenas sofri uma surpresa.

Surpresa! pensou ela, sabendo que ficara igualmente espantada no dia em que apanhara o crucifixo.

Michael estendeu-lhe os braços.

— Sempre quis amar uma mulher com o velho J.C. dependurado debaixo do meu nariz! — Riu baixinho, procurando desfazer a tensão.

Ela levantou a mão e colocou o dedo indicador contra os lábios do amante.

— Por favor, não fale mais.

Michael sorriu, quando os braços de Allison lentamente se enroscaram em volta de seu pescoço, os corpos se comprimiram fortemente e sentiu a cruz de metal apertada contra o peito.

Muito surpreendida, pensou consigo mesma, e o recebeu.

6

Allison subiu correndo a escada de pedra, carregada de compras feitas no supermercado Columbus, bem no lugar que Miss Logan indicara. Fora um dia cansativo, apesar de ainda ser a primeira parte da tarde, pois fora a Foley Square ver Michael começar uma defesa no Tribunal do Júri, passara duas horas no *Cosmopolitan* para informar pessoalmente a todos os redatores de modas que estava de volta a Nova York e, por fim, tivera de ir ao supermercado — de longe a parte pior do dia, pois detestava fazer compras.

O sol brilhava radiante; inesperadamente surgira um dia quente no meio de um outono singularmente frio. Desde o princípio de outubro que o tempo estava frio e úmido, e aquela estranha lassidão tão característica do inverno envolvera a cidade. Mas naquele dia, não. Sentia-se um tanto otimista. Afinal ainda poderia haver um veranico.

Espiou a caixa do correio e, não encontrando nada, passou pela porta da frente e pisou no tapete macio que amortecia o som de seus sapatos sobre os azulejos frios; começou a subir a escada. Na metade do caminho, parou e sacudiu o corrimão, ritual que não deixava de praticar desde que entrara no prédio pela primeira vez com Miss Logan. O corrimão continuava sólido.

Subiu ao patamar do primeiro andar e foi caminhando pelo *hall.*

A porta do apartamento 2-A estava entreaberta; um raio de luz estendia-se pelo saguão. A moça parou e espiou pela fresta, curiosa. Via muito pouco. Chegou mais perto, comprimiu-se no espaço estreito, empurrou a porta e abriu-a. Via a sala.

Ficou ali imóvel, sem querer entrar sem ser convidada.

— Olá, há alguém em casa?

Esperou uma resposta.

Nada.

O apartamento parecia vazio. Tolice deixar a porta aberta, se estivesse; os moradores podiam voltar e não encontrar nada.

Entrou na sala e olhou a mobília, aparentemente bem conservada e bem usada. O ar parecia muito quieto, a sala aflitivamente tranqüila. Piscou apreensiva, e inclinou a cabeça.

— Olá — repetiu, insegura, apertando mais seus pacotes. — Há alguém aqui?

Mais silêncio.

Lamentou ser honesta. Se fosse cleptomaníaca, podia fugir com peças interessantes, que se adaptariam perfeitamente ao seu apartamento, mais do que àquele ambiente eclético. Só um lampião. Ou as cadeiras de vime. Quem havia de ficar sabendo? Mas também, o fogo ainda não pegara completamente; a lenha estava intata, relativamente nova. Alguém estivera no apartamento, provavelmente saíra por alguns minutos e logo voltaria.

Olhou as pesadas venezianas. Notou logo que eram permanentes e explicavam por que, na sua semana de residência, nunca vira a sala.

— Há alguém em casa? — repetiu, pela última vez, encorajada pelo fogo crepitante da lareira.

Novamente, não teve resposta.

Virou-se para sair.

Em pé, bem atrás dela, estava uma mulher. Teria 1,64 de altura. Sem pintura, mas de feições bem desenhadas, perfeitas, rigorosas.

Allison não pôde deixar de admirá-la.

Outra mulher apareceu no vão da porta. Bem mais alta, feições muito fortes, acentuadas por muita pintura. A pele parecia agarrar-se-lhe aos ossos, como se houvesse feito uma plástica. Mas não podia ser assim tão velha. A primeira idéia de Allison foi que teria uns 35 anos. Talvez 38. Não mais. Assim como a outra parecia suave, esta parecia dura.

Allison ficou intrigada. Como tinham chegado por trás, sem que as percebesse? Estudou-as apreensivamente, as roupas insignificantes, mas aceitáveis, e depois passou aos pés. Ambas estavam de sapatilhas pretas de balé. Allison lançou um olhar aos quadros e cartazes que vira nas paredes — alguns mostrando bailarinas, outros com reproduções de espetáculos do Royal Ballet. E depois olhou de novo para as sapatilhas. Bailarinas? Talvez por isso ela não as ouvira?

Gaguejou encabulada:

— Eu... hum...

— Em que podemos ajudá-la? — disse a mais alta, a voz fria e distante.

Allison remexeu-se, sem jeito.

— Fale — exigiu a mulher, com pouca flexibilidade em seu maxilar, quase como se as palavras tivessem sido pronunciadas por um ventríloquo que estivesse em outra parte da sala.

— Eu estava levando as minhas compras para o meu apartamento — mudei-me há pouco — vi a porta aberta, e pensei em apresentar-me. — Parou, reparou na falta de reação das mulheres e acrescentou:

— Garanto-lhes que não tinha outras intenções.

Mal conseguia articular as palavras.

As duas mulheres, sem a menor simpatia, continuavam a olhar.

— Meu nome é Allison Parker.

A mulher mais alta aproximou-se um passo, encarou-a e esboçou um meio-sorriso.

— Queira desculpar-nos — disse, passando por Allison e entrando na sala.

A mudança foi repentina e surpreendente. Allison ficou olhando os pés nas sapatilhas atravessarem o tapete. Não se ouviu um som. Certamente era, ou tinha sido bailarina.

— Não recebemos muitas visitas. Sou Gerde. O nome é norueguês. — Apontou a outra mulher. — E aquela é Sandra.

Allison fez um gesto na direção de Sandra, que continuava calada e imóvel.

— Queira entrar. Verá que o lugar é confortável. — Gerde tirou sua echarpe vermelha e colocou-a em cima da lareira. — Especialmente a lareira. É quente e repousante. Tome um café conosco. — Virou-se e esperou a resposta.

— Realmente, eu não devia...

— Não, insisto!

Allison franziu a boca, para protestar; estava constrangida. Até mesmo as palavras do convite foram pronunciadas num tom completamente não convidativo. Mas embora quisesse sair dali, não podia. Alguma coisa lhe dizia que travasse relações com aquela gente obviamente difícil, mesmo que fosse só para evitar outro incidente incômodo como aquele.

— A hospitalidade é uma virtude que se tem pouca oportunidade de praticar em Nova York — disse Gerde. — É contra a natureza da cidade. As pessoas são por demais desconfiadas e invejosas. E egocêntricas. — Parou, pegou um cigarro de um pratinho de prata e fez um gesto para Allison.

— Eu não fumo.

Gerde exprimiu admiração com um aceno de cabeça.

— Ponha os embrulhos na mesa e sente-se — disse ela, indo pelo corredor à cozinha. — Comecei a preparar o café ainda há pouco, de modo que deve estar pronto. E estou fervendo água, se preferir chá.

— Café será ótimo — disse Allison, sentando-se diante de Sandra, que se dirigira para o sofá pardo desbotado.

— Já conhece mais alguém no prédio? — ressoou a voz de Gerde.

— Conheci o Sr. Charon, do andar de cima. Passou lá em casa para me cumprimentar, há uns dois dias, com a gata e o pássaro.

— Um homem simpático.

Simpático? pensou ela. Obviamente não tinham ouvido a opinião dele sobre elas.

— Ele falou nas senhoras.

— Espero que ele tenha falado bem.

— Claro — respondeu Allison.

— Não passamos muito tempo com os vizinhos. Falta de hospitalidade em Nova York, como já disse. As pessoas que vivem ao lado poderiam estar morando na Sibéria. E não quero ser isenta; somos igualmente culpadas.

— Não creio que as coisas sejam assim tão más. A visita do Sr. Charon prova que não, aqui mesmo no nosso prédio. — Sorriu. — É uma questão de procurar ativamente a comunicação.

— Que corajosa! — respondeu Gerde, com uma nota de sarcasmo.

Allison franziu a testa e virou-se para Sandra.

— Há muito tempo que moram aqui? — perguntou. Remexeu-se com impaciência, enquanto esperava uma resposta. A outra continuava sentada, imóvel.

— Não se assuste se Sandra não falar — ressoou a voz profunda da cozinha. — Ela nunca fala a não ser comigo — e só quando estamos sozinhas.

Allison ficou intrigada por um instante, depois recostou-se no sofá e resolveu desistir de qualquer tentativa de se comunicar com a muda. Virou-se para ver Gerde aparecer com uma bandeja cheia de coisas.

— Sirva-se — ofereceu Gerde, colocando a bandeja na mesinha de vidro.

— Obrigada.

Gerde tirou o cigarro pendurado da boca e apagou-o num cinzeiro.

— Eu queria lhe perguntar — disse tossindo.

— Sim? — disse Allison.

— Esse crucifixo que está usando. Onde o conseguiu?

Allison olhou para baixo. O raio do negócio estava exposto. Ela preferia que ele ficasse escondido debaixo de suas roupas.

— De minha família — disse ela.

— Onde foi feito?

— Não sei. Foi um presente. — Escondeu-o debaixo do suéter.

— Parece francês.

— Pode ser que seja. Como disse, não sei.

— Sei — disse Gerde brevemente. — Admiro as coisas bonitas, especialmente crucifixos. — Enfiou a mão na blusa e puxou um crucifixo ligeiramente maior do que o de Allison e aparentemente antigo, duma época de maior opulência mais mística. — Adquiri-o na Hungria. Foi feito no século XI, por monges eslavos.

Allison debruçou-se.

— Deve valer uma fortuna.

— Talvez, mas mais do que monetariamente, como pode imaginar. É religiosa?

Após uma pausa, Allison respondeu:

— Não.

— Nós somos, de modo que achamos difícil reduzir o significado de um Cristo a dólares e centavos.

Sandra concordou com um aceno de cabeça, devagar.

— Desculpe — disse Allison.

— Não há de quê. O sentimento religioso hoje em dia em Nova York é como a hospitalidade e a palavra "vizinho". Ambos praticamente extintos. — Olhou bem para Allison. A cruz balançava no pescoço.

— Posso tomar um café? — perguntou Allison, lambendo os lábios, nervosa.

— Claro. É para isso que o café está aí.

Allison debruçou-se, escolheu uma xícara, serviu o café, pôs uma colher de creme e três torrões de açúcar. Embora concentrasse a atenção na xícara e no bule, continuava de olho nas duas mulheres.

— Estamos morando aqui há vários anos — disse Gerde, respondendo a uma pergunta anterior de Allison. — Três. talvez já quatro.

— Oue bom — comentou Allison.

— É que bom — repetiu Gerde, devagar.

— Onde moravam antes?

— Na Europa. Em Paris, durante nove anos fantásticos, e antes, em Oslo, onde nasci.

— Também gosto de Paris — interpôs Allison.

— Gosta? É surpreendente. A maioria dos americanos não gostam. Acham a cidade linda e a comida excelente, mas não gostam dos franceses.

Fez uma pausa, passando a língua nos lábios.

— E vice-versa. Sabe que os franceses não morrem de amores pelos americanos. Depois que De Gaulle atiçou o nacionalismo francês, o antagonismo subjacente para com os Estados Unidos apareceu. Vi isso acontecer quando estava lá — concluiu ela, obviamente orgulhando-se de ter sido testemunha da história.

Inclinou-se e serviu-se de uma xícara de café sem açúcar nem creme.

— Mas por outro lado, imagino por que a senhorita deveria gostar de Paris. É uma moça bonita e os franceses são galanteadores. — Tomou um gole de café e sorriu. — O café está bom — declarou.

— Conheceu Sandra lá? — perguntou Allison.

— Não, ela é americana. Nunca foi à Europa. — Gerde olhou para a amiga, que concordou acenando ligeiramente com a cabeça. — Conheci-a em Nova York pouco depois de chegar. Tinha vivido uns tempos com um homem que a maltratou muito. — Gerde afagou maternalmente o joelho de Sandra. — Convenci-a a livrar-se dele. Mudou-se para cá e desde então tomo conta dela. — Gerde e Sandra trocaram sorrisos furtivos, mal abrindo os lábios.

Allison tomou o café, enquanto as observava, atentamente, tentando compreender o significado perturbador das palavras da mulher e aquela interdependência aparentemente anormal.

— Os homens são sádicos — disse Gerde com ardor.

Allison engoliu em seco e retrucou:

— Acho que é generalizar muito. Na maioria, os homens que conheço são delicados e bondosos.

Os olhos de Gerde se apertaram.

— Sei — disse ela, um sorriso nebuloso atravessando-lhe os lábios. — O senhor que saiu daqui ontem de manhã, de casaco esporte pardo, é seu namorado?

Allison desviou o olhar.

— É? — repetiu Gerde.

— É.

Gerde bebericou o café devagar, olhos fixos em Allison; depois largou a xícara e descansou as mãos no colo.

— Parece um amante adequado.

— Não creio que seja de sua conta — declarou Allison.

Gerde abaixou os olhos, num gesto fingido de penitência.

— Por favor, desculpe, novamente. Sou muito franca, mas também esqueço a etiqueta habitual. Olhou para Sandra e sorriu, numa careta estranha. — Sabe, Sandra e eu somos muito francas uma com a outra e isso se tornou um costume profundamente arraigado.

— Eu... humm... compreendo.

Sem encontrar palavras, Allison procurou mudar de assunto.

— Gosto da sua maneira de mobiliar o apartamento. Também prefiro combinar vários estilos.

— Gratas pela aprovação — disse Gerde no momento em que o telefone tocava no quarto.

Gerde desculpou-se depressa, levantou-se e foi atender. Allison ficou olhando enquanto ela atravessava a sala quase de um salto e voltou-se constrangida para Sandra.

No momento fugidio em que desviara o olhar, uma mudança se processara na expressão de Sandra. Tornou-se descontraída, músculos relaxados, lábios semi-abertos e o rosto vazio agora sugeria vida.

Allison examinou o rosto e o corpo de Sandra, e empalideceu. Estava com a mão dentro da calça, fazendo-se uma massagem num movimento circular, suave. As pernas enrijeceram quando a euforia se espalhou por seu corpo. Esfregava cada vez mais forte, totalmente esquecida da presença de Allison, totalmente absorta no êxtase sexual. Allison ficou olhando, ao mesmo tempo revoltada e fascinada. A respiração da moça tornou-se mais profunda; os lábios começaram a tremer violentamente. Suspirou fundo, ao alcançar o orgasmo.

A seguir tirou a mão de dentro da calça, aspirou o ar e tomou a pose anterior, como se o que Allison acabava de ver não houvesse acontecido. Estava mais uma vez fria, distante, imóvel.

Allison sentiu-se enojada. Levantou-se para sair depressa do apartamento. Mas alguma coisa a mantinha presa ao chão, como a força contrária de gravidades opostas.

Gerde voltou para a sala e sentou-se no sofá ao lado de Sandra.

— Temos muito orgulho de nosso apartamento — disse a Allison, que continuava de pé, hipnotizada. Gerde tinha uma

capacidade assombrosa de pegar conversas e perguntas inacabadas depois de uma interrupção e continuar, como se o fio não se houvesse rompido. — Levamos muito tempo para mobiliá-lo direito. Não poupamos despesas.

— É a melhor maneira. — Allison sentou-se no sofá, a curiosidade vencendo o desejo de fugir.

— Sabe? — continuou Gerde — Encontramos muitas dessas peças nos lugares mais estranhos. Se a pessoa estiver atenta, pode encontrar verdadeiros tesouros.

Allison e Gerde tomavam seu café, enquanto Sandra ia bebericando devagar uma xícara de chá fumegante. Seus esforços eram uma acomodação. Seu interesse pelo chá era diminuto. A conversa, pouca como era, morreu. As três ficaram apenas olhando-se mutuamente.

Devagar, Sandra aproximou-se de Gerde e deslizou a mão pondo-a na mão da companheira. Allison agitou nervosa a sua xícara, derramando parte do café no pires. Novamente o silêncio. Viu o movimento sensual da mão de Sandra dentro da de Gerde, os dedos se entrelaçando e as palmas se apertando. Todo o corpo de Sandra experimentou outro relaxamento eufórico, o olhar distante desapareceu, a expressão vazia avivou-se. Gerde permaneceu impassível. Sandra alcançou outro orgasmo.

— Você... você trabalha em quê? — Allison agarrou-se a qualquer coisa.

— Em nada — respondeu Gerde, com rispidez.

— Tem de fazer alguma coisa para ganhar dinheiro.

Gerde sacudiu a cabeça, olhou para a mão entrelaçada à sua, tornou a fixar Allison e apertou a mão, fazendo Sandra vibrar de emoção.

Allison, agora visivelmente perturbada, ainda tentou evitar o confronto evidente.

— Então deve se cacetear muito. O que fazem, para se ocupar? — perguntou ela.

— Nós nos agradamos.

Allison ficou olhando, boquiaberta.

— Agradamos! Acariciamos! — Gerde era muito franca, muito ríspida e muito melindrada. — Somos lésbicas! Claro que você sabe o que é isso. Ou não sabe?

Gerde inclinou-se e tocou no seio de Sandra e o corpo desta reagiu com arrancos convulsos.

Allison levantou-se de um salto.

— Acho melhor ir andando — disse precipitadamente. — Tenho de guardar as compras todas e depois tenho um compromisso.

— Acho falta de educação, comer e fugir — objetou Gerde.

— Antes de tudo, não comi, bebi — vociferou Allison, corando. — E que audácia, dizer que não tenho educação! Depois dessa demonstração doentia! Masturbação e lesbianismo. Bem na minha frente! Nunca vi nada igual.

Gerde apertou os olhos como uma gata ameaçada. Devagar, pôs-se de pé.

— Sua cadelinha!

Allison correu para pegar seus embrulhos; o maior deles caiu. Abaixou-se para pegá-lo e viu que o pé de Gerde o prendia ao chão. Agarrou a perna de Gerde e tentou afastá-la. Mas a perna não se mexeu. Allison puxou o saco, desequilibrando a mulher e fazendo-a cair no tapete. Gerde levantou-se a custo e agarrou os cabelos de Allison; esta deixou cair os embrulhos e agarrou o pulso de Gerde, enfiando-lhe as unhas. Gerde fez uma careta de dor e afrouxou a mão.

Allison correu para a porta, abriu-a de repente e tropeçou para o *hall*. Quando Gerde a seguiu, Allison encostou-se ao corrimão e virou-se para se defender.

De repente Gerde parou, seus olhos voltando-se para a escada do terceiro andar. Allison virou a cabeça naquela direção. Charles Charon estava no pé da escada, afagando Jezebel. Mortimer saltitava de um ombro para o outro, cacarejando freneticamente. O sorriso agradável desaparecera. Seu rosto enrugado estava impassível, os olhos velhos estranhamente dilatados.

Gerde estremeceu. Depressa, sem olhar para Allison, voltou para dentro do apartamento e fechou a porta.

Allison cambaleou, exausta, sua respiração quase convulsa.

— Eu lhe avisei! Avisei, sim. De hoje em diante, você devia fugir delas. Elas são perversas. — O homenzinho saiu da escada e pegou a mão de Allison com delicadeza. — Vamos, vou acompanhá-la até ao seu apartamento.

Allison acompanhou Charon na subida da escada. Ele não disse nada, nem ela. Os pensamentos corriam-lhe pela cabeça. Sobre Gerde. Sobre Charon. Por que a mulher tinha parado como parara ao ver o velho? Evidentemente tinha medo dele. Por quê? Não sabia. Nem perguntou.

— Sugiro que você tome umas aspirinas e vá dormir — aconselhou Charon, vendo Allison procurar a chave com mão trêmula. — O sono seria bem terapêutico. Ora essa, que inci-

dente horrível. Espero que tenha aprendido a lição. De hoje em diante, escute o que Charon diz.

Allison acenou com a cabeça, enquanto enfiava a chave na fechadura.

— Obrigada. Nem sei o que...

— Não há de quê. Vá dormir um pouco.

A moça beijou o velho no rosto e fechou a porta.

7

— Estamos prontos para começar — disse a coordenadora de modas, magra como um palito, segurando a tabuleta. — Alguma dúvida sobre a ordem de aparecimento? — Cutucou nervosamente a peruca, com uma esferográfica barata, enquanto esperava a resposta. — Então espero que tudo funcione com precisão.

Allison arrumou a roupa e tomou um gole rápido da xícara de café que colocara momentos antes diante do espelho. Estava pronta.

— Vicki, faz favor? Allison, por favor.

Allison estava espantada de ter chegado ali na hora. Não queria fazer aquilo; há dois anos não desfilava ao vivo. Mas prometera e era para caridade.

Dormira muito pouco, na véspera. Gerde e Sandra se encarregaram disso. Ficou deitada horas, com medo de fechar os olhos. Com medo de sonhar. Temia os pesadelos, desde menina. Não havia nada que temesse mais. E tinha a sensação de que... Bom, não tinha certeza, mas sentia o mesmo tipo de tonteira que sentira tantas vezes, em criança, a tonteira que invariavelmente precedia uma noite de terror.

Tentou tudo para dormir. Primeiro tomou chá, depois leite quente. Tomou um banho quente. Não havia nada que a fizesse relaxar-se. Tentou ler, mas estava tão nervosa que não conseguia nem segurar o livro direito; deixou-o cair ao chão. Teriam as duas mulheres embaixo ouvido o barulho?

E que estariam fazendo? Estariam juntas na cama, fazendo amor? Encolheu-se, levantou-se da cama para pegar o livro e colocou-o na mesinha de cabeceira. Abaixou-se, de mãos estendidas. Com a cabeça girando, ajoelhou-se e enterrou o rosto nas cobertas. Se ao menos a tonteira passasse. Estava tão cansada! Só queria dormir, como tantas vezes quisera em criança, quando se ajoelhara na mesma posição, a cabeça girando, os nervos em frangalhos. Levantou ligeiramente a cabeça e juntou as mãos. A posição era estranha; há anos não se ajoelhava assim.

— Anjo de Deus — rezou ela. — Meu querido Anjo da Guarda, a quem o amor de Deus me entrega aqui, fique sempre ao meu lado.

Parou de repente. Aquilo era ridículo. Tinha 26 anos. Há sete não ia à igreja. E de que podia adiantar aquela oraçãozinha tola?

— Para iluminar, guardar e guiar. Amém — concluiu. E adormeceu.

O despertador tocara às dez horas. Cinco horas e meia de sono. A cabeça doía, pálpebras pesadas, rosto sem cor. Mas não sonhara. Sorriu, ao passar a escova verde nos dentes reluzentes. Nada de espectros. Nem de monstros. Nem de horrores. Por pior que tivesse sido a noite anterior, o fato de não ter sonhado fez com que logo desaparecesse do espírito.

Saiu do apartamento às onze e quinze, com tempo apenas suficiente para chamar um táxi, correr ao centro e encontrar-se com Michael para um almoço mais cedo. Desceu correndo a escada do terceiro andar, a pasta numa das mãos, frasqueira no outra, e parou embaixo. O apartamento 2-A estava a três metros de distância, porta fechada: caminhou devagar, medindo o comprimento de cada passo, pisando, com cuidado para não fazer barulho, olho na porta. Seria assim, cada vez que tivesse de passar? Talvez, mas estava preocupada principalmente com aquela vez — a manhã seguinte.

Tendo atravessado os três metros sem um rangido sequer, parou, escutando. Não ouviu nada; sentiu-se aliviada. Uma gotinha de transpiração deslizou pela face. Enxugou-a, foi até ao topo do patamar, começou a descer a escada, experimentou o corrimão e parou de repente ao ouvir um farfalhar embaixo.

A porta do porão abriu-se e deu saída a Charles Charon, sem gata nem papagaio, segurando uma caixa grande, sem jeito, entre as duas mãos e o queixo.

Allison desceu a escada, ao encontro dele.

— Bom dia! — exclamou o velho. — Linda manhã.

— Como vai?

— Bem, e a senhorita? Já esqueceu o incidente de ontem?

— Sim — respondeu Allison, após uma breve hesitação.

— Bom, assim seja. — Começou a subir a escada. — Está friozinho lá fora. Acho que apanhei um resfriado. Não tire o casaco.

— Não tirarei.

O velho agitou-se.

— Não posso conversar agora. Estou muito ocupado.

— Fazendo faxina?

— Não. Depois eu conto.

Allison continuou para o saguão enquanto o velho subia depressa.

— Mr. Charon?

Ele parou e girou.

— Sim?

— Queria perguntar-lhe uma coisa.

— Depressa. Depressa.

A moça mordeu o lábio.

— Por que aquela mulher tem tanto medo do senhor?

O sorriso desapareceu; o olho brilhou.

— Perversas, já disse.

— Isso não responde à minha pergunta — disse Allison, severa.

— Perversas.

— Mas...

Ele largou a caixa no chão, ergueu o braço e fechou a mão. O rosto tornou-se vermelho.

— Já lhes mostrei isto — disse, sacudindo o punho como um martelo — e tornarei a fazê-lo se elas apoquentarem os meus amigos.

Allison olhou para ele de modo estranho.

— Sei...

— Não se aproxime dessas mulheres. — O sorriso voltou-lhe ao rosto. Abaixou-se e pegou a caixa. — Tenho de ir andando. Depois lhe falo.

E foi subindo a escada.

Minutos depois, Allison saiu do prédio, chamou um táxi e encontrou-se com Michael — na hora.

— Parece conhecido, uma machona e sua amante — disse Michael, com a boca cheia de sorvete. — Quando você entra no covil do leão e brinca com os filhotes, prepare-se para ser mordida.

— É uma analogia boba.

— Por quê?

— Não brinquei com filhote nenhum.

— Está bem, mas você sabe o que quero dizer. Sabe como uma machona fica furiosa quando provocada.

— Sei.

— Basta não se meter com elas nem com aquele apartamento, e não deve haver problema.

— Não são só elas que me preocupam. Foi o que aconteceu no vestíbulo. Era preciso você ter estado lá para ver a reação de Gerde ao ver o velhinho. Nunca vi ninguém com tanto medo. E não posso imaginar por quê.

— Você disse que o velho lhe contou que elas eram perversas. Talvez já tenham tido alguma briga.

— Talvez.

— É lógico.

— Sim, mas...

— Mas?

Ela pensou um instante.

— Eu o encontrei no vestíbulo, hoje de manhã. Ele me disse que já lhes deu isto. — Sacudiu o punho, para ilustrar.

— Aí está. Ele deu uma surra nelas. E se foi isso, não admira que a mulher estivesse apavorada.

— Não sei. Há mais alguma coisa.

— Allison!

— O quê?

— Só Allison — disse Michael focalizando severamente nela os olhos.

— OK, prometo. Não vou pensar mais nisso. Você provavelmente tem razão.

— E não seria a primeira vez — riu-se o rapaz.

Ela olhou o relógio.

— Acho melhor ir andando.

— Que horas são?

— Meio-dia e quarenta e cinco.

— Também tenho de ir. Tenho de terminar um parecer. Chamou o garçom.

— Quer que eu vá ajudar, mais tarde?

— Não.

— E o julgamento?

— Adiado para amanhã.

— Você vai vencer.

Michael sorriu.

— Por que não vai andando? Eu espero para pagar a nota.

— OK. — Inclinou-se por cima da mesa e beijou-o com muita suavidade na testa. — Meu amor — disse baixinho.

Michael acenou carinhosamente com a cabeça. Allison segurou a pasta e a frasqueira, e levantou-se.

— Chamou a companhia telefônica para mim?

— Esqueci.

— Michael, por favor. Preciso de um telefone naquele apartamento.

— Está bem. Ligo hoje à tarde. — Parou e pensou um pouco. — Mas só se você prometer esquecer o que se passou ontem e deixar aquelas duas mulheres em paz.

— Prometo. — Atirou-lhe um beijo e saiu rápida do restaurante.

Meia hora depois, atravessou a cortina e fechou os olhos para evitar o clarão ofuscante dos holofotes. Ouviu alguns cochichos e a voz alta do locutor. Abriu as pálpebras e olhou de esguelha. Passaram-se cinco ou seis segundos de brancura, enquanto seus olhos se adaptavam. Moveu-se lentamente pelo palco, e desapareceu atrás da cortina. Correu ao vestiário, arrancou as roupas, meteu-se noutras e voltou a tempo da segunda entrada.

— Allison novamente, desta vez com um longo de camurça — ciciou o locutor.

A modelo caminhou para a passarela e girou. Uma dor aguda atravessou-lhe a cabeça. Ela tropeçou ligeiramente, mas conservou o equilíbrio e continuou a caminhar diante da assistência. Estava tonta outra vez. Talvez fosse uma recaída da noite anterior. Ou talvez falta de sono.

Mas rapidamente a falta de sensação estendeu-se pelos braços e pernas. E um novo terror: a perda da vista e da audição.

Ficou ali no meio do palco, sem conseguir mover-se. Os rostos na platéia misturaram-se, a vista escureceu. Esticou os braços, para uma sala escura e comprida. Caminhou. Mais depressa. Mais depressa. Ouviu um murmúrio, algo de ininteligível. Escutou. A imagem e os sons sumiram e ela caiu no chão, diante de uma platéia horrorizada.

8

— As pílulas brancas são para me relaxar — disse Allison. Segurou o fone contra o ombro, fechou a porta de dobrar e esperou a reação de Michael. Maldita companhia telefônica, pensou ela, zangada. Se tivessem instalado seu telefone, conforme o prometido, ela não teria sido obrigada a procurar pelas ruas durante quase uma meia hora para encontrar um telefone público que funcionasse. O da esquina da 89 estava enguiçado, pois alguém tinha quebrado o mecanismo ao tentar soltar o depósito de moedas. O mais próximo que funcionava ficava seis quadras adiante, na Avenida Columbus. Como seria de esperar, também aquele fora desmantelado, a caixa atravessada de riscos e arranhões profundos, a saída de devolução das moedas entupida de papéis de bala. Mas, felizmente, sobrevivera.

— As outras são só comprimidos para dormir — respondeu Allison à pergunta seguinte de Michael.

Passara as últimas seis horas no St. Vincent's Hospital, para onde a tinham levado, depois do colapso. Sofrera uma série de exames, basicamente neurológicos e vasculares. Além de uma pressão arterial ligeiramente elevada, os resultados tinham sido negativos. Tivera alta, recebera medicamentos e fora aconselhada a consultar um neurologista, se houvesse repetição do incidente. Em vez de ir para o apartamento, localizou a cabina telefônica, contou a Michael o que acontecera e agora estava mexendo na porta, procurando fechá-la contra o ar frio.

— Estou bem. Não precisa vir. — Escutou atentamente e acrescentou: — O episódio de ontem não ajudou em nada!

Não ajudara, mesmo. Obviamente, Gerde e Sandra haviam contribuído para as tensões que causaram o colapso. O incidente não a mantivera de pé a maior parte da noite? Bastava isto. Tornou a escutar, enquanto tentava reconstituir as impressões que tivera no momento antes do colapso. A tonteira e o escuro. A sala comprida que se estendia para a eternidade. Os barulhos. Não fazia sentido.

— Eu lhe falo, se não me sentir bem — concluiu Allison. Desligou o telefone e saiu para a rua escura, virando para o centro e caminhando pelas filas de casas de renda média, que haviam brotado como cogumelos nos últimos anos, fertilizadas pelos subsídios federais.

Contava alternadamente filas de janelas iluminadas e placas de concreto que lhe deslizavam sob os pés, até dobrar de Columbus para a Rua 89 e caminhar para a escuridão.

Havia uma nota presa à sua porta. Era uma conta. Sua televisão chegara.

Entrou contente no apartamento.

Lá estava, um aparelho de 24 polegadas, a cores, num móvel bonito, colocada no espaço que marcara na parede.

Atirou o casaco no sofá, foi à cozinha e abriu a torneira. Colocou dois frasquinhos na pia, um com uma tampa branca, outro com tampa azul. O branco tinha marcado "Tranqüilizante" e continha instruções detalhadas. O outro tinha marcado "Comprimidos para Dormir". Leu a bula do tranqüilizante com cuidado, pegou duas pílulas ovais, colocou-as na língua e encheu a boca de água. Nunca tivera jeito com pílulas. Não sem dificuldade, desceram pela garganta.

Deixou os frasquinhos no balcão de fórmica e voltou para a sala.

Ajoelhou-se, ligou o aparelho e ajustou a cor. Depois, com os olhos presos à tela, desabotoou a blusa de mangas compridas e trocou-a por uma camiseta branca que estava no sofá. Examinou-se ao espelho, aprovou a troca, viu que os seus seios pareciam extremamente cheios sob a blusa justa e sorriu ao ver a imagem refletida no vidro da TV.

Sentou-se no sofá para assistir. Parecia uma boa maneira de passar o tempo. Pelo menos, sabia que o final seria feliz. E não fora um dia muito feliz.

Pôs os pés no banquinho; estava exausta. Passou a língua pelos lábios. Começava a sentir o efeito das pílulas. As imagens na tela se confundiram; seus movimentos pareciam mais lentos.

Ouviu a campainha da porta. Levantou-se de um salto. Sabia que não era Michael; ele ia trabalhar até tarde. E não era ninguém de fora. Se fosse, teria tocado para poder entrar. Charon? As duas lésbicas? Os outros vizinhos?

— Quem é? — perguntou aproximando-se da porta. Não houve resposta. Mordeu as unhas, nervosa. — Quem está aí?

— repetiu. Silêncio. Ela começou a andar de um lado para outro, o tique-taque dos grandes relógios de parede marcando passo com ela, sua sombra imitando o seu andar.

— Sou eu — disse a voz aguda.

— Mr. Charon?

— Sim, claro.

Respirou aliviada. Abriu a porta, tendo o cuidado de conservar a corrente de segurança. Espiou pela abertura e viu um homenzinho vestido num *smoking* preto amassado. Era Charon. Jezebel e Mortimer, marcadamente ausentes.

— Vamos, vamos, abra a corrente para eu entrar.

Ela desprendeu a corrente: Charon entrou.

— Por que está tão nervosa? — perguntou.

— Não estou nervosa.

— Está, sim — ralhou o velho.

— Bem, a experiência de ontem...

— Ah, aquilo — interrompeu ele. — Esqueça o que aconteceu.

Ela sorriu.

— O senhor está com uma roupa linda, Mr. Charon.

— É, sim. — Arrumou a gravata borboleta antiquada e frouxa no pescoço; passou a mão pela frente do paletó, alisando as rugas.

— Recebeu a minha flor? Eu mesmo a cultivei, na minha jardineira.

— É linda.

O velhinho pegou-lhe a mão.

— Tenho agora uma surpresa para você.

— Uma surpresa? — disse ela, preocupada. Já tivera muitas surpresas. recentemente.

— Sim, uma surpresa ótima. Venha comigo ao meu apartamento.

Allison apertou delicadamente a mão do solícito vizinho.

— Não, obrigada.

— Ora, Allison — disse Charon, severo.

Allison interrompeu-o.

— Tive um dia muito fatigante e não estou me sentindo muito bem. Acabei de tomar dois tranqüilizantes e estou mesmo esgotada. Talvez outra vez.

— Eu insisto — exigiu ele. — A minha surpresa a fará sentir-se mil vezes melhor. E significa muito para mim!

— Mas...

Charon levantou a mão. Era inútil. O homenzinho não pretendia sair dali sem ela. Não havia nada que pudesse fazer

senão concordar. E talvez que a surpresa a fizesse sentir-se melhor.

— OK, mas só por alguns instantes.

Ele sorriu, satisfeito com a vitória. Puxou a mão direita de detrás das costas e exibiu uma grande cartola de aba amassada, que colocou com delicadeza na cabeça, levemente inclinada para um lado. Allison olhou a roupa de Charon.

— Não se importe com a minha roupa — disse ele. — Venha como está. Está linda, simplesmente esplêndida.

A moça tornou a sorrir.

— Queria agradecer-lhe o retrato.

— O retrato? Ah, sim, o retrato. Meu presente de inauguração. Mas foi um bocado de presunção de minha parte supor que você gostaria de ter uma foto de mim todo enfeitado.

— Em absoluto. É adorável. Eu a coloquei em cima da lareira. Ao lado de Herbert Hoover.

— Allison, você é muito atenciosa. Faz bem ao coração de um velho ser tratado assim. — Fixou o olhar na foto. — Acho que esse é o meu melhor lado, você não concorda?

Ela fez que sim.

— Bem, bem — disse, recolhendo o sorriso no rosto enrugado. — Vamos indo. Minha surpresa está esperando.

Allison tirou a chave do prego, fechou a porta e subiu a escada. O homenzinho vinha alegre, vários passos atrás dela, cantarolando uma canção indefinida. Chegaram ao quinto andar e pararam diante da porta dele. No chão havia um capacho com a palavra "Bem-vindo". Em cima da porta havia uma guirlanda de Natal.

— Allison! — exclamou o velhinho, agitado —, quero que feche os olhos e prometa não espiar até eu dizer que pode!

— Prometo — concordou ela, contra a vontade.

— Fique bem aí — disse Charon, abrindo a porta. Segurou o braço de Allison e puxou-a pela porta. — Agora! — gritou.

Ela abriu os olhos.

A sala de Charon estava decorada para uma comemoração. Havia serpentinas penduradas do teto; bolas de gás flutuavam junto das paredes.

A sala era do mesmo tamanho da dela, só que invertida, pois o apartamento dela era A e o dele B. Não havia quarto de dormir, apenas uma alcova. Móveis surrados. Ao longo da parede junto da entrada havia estantes, parcialmente cheias de livros, mas na maior parte cobertas de plantinhas, que for-

mavam apenas uma parte da coleção de Charon. O apartamento, tirando-se os móveis, parecia um jardim botânico. Em cada canto e de ambos os lados da *kitchenette* havia palmeiras anãs, que iam do soalho ao teto, espalhando seus ramos e folhas pelas paredes. Vários arbustos misturavam-se às cadeiras e mesas; por quase toda parte vasos e caixas continham plantas coloridas. E erguida acima de todas as outras, numa plataforma de mármore perto da janela, destacava-se a samambaia especial de Charon, que já fora premiada. Fora apanhada numa encosta de montanha, nos altos Andes do Peru Central e cultivada em Nova York nas circunstâncias mais adversas, mas continuava viçosa graças aos cuidados que recebia. Embaixo, uma placa gravada contava a história e definia as características principais de preciosa Filicale. Outro aviso dizia: "Não Tocar".

— Surpresa! — gritou Charon, lançando uma serpentina ao ar.

Todos se viraram para olhar a recém-chegada.

Uma toalha branca cobria a mesa grande no meio da sala. Chapéus de festa, matracas, apitos e cornetas espalhavam-se entre os pratos; e garrafas de vinho, água gasosa e uma grande tigela cheia de batatas fritas. No centro, erguia-se um grande bolo de aniversário, preto e branco, com sete velas, que tinha em cima tufos de açúcar fofos. em forma de cone. Jezebel, enfeitada com um chapéu de festa e um lenço de seda vermelho, achava-se sentada numa cadeira alta, à cabeceira, olhando para os convidados: três senhoras idosas, uma moça mais jovem, de seus 30 anos, e um rapaz de seus 35 ou 40 anos.

— É aniversário de Jezebel, de modo que tive a idéia de comemorar.

Charon conduziu Allison à mesa, atravessando a floresta.

— Aqui está o seu chapéu, dois apitos, umas serpentinas e a sua cadeira.

— Obrigada — disse ela, sorrindo. Certamente não esperava aquilo. Uma festa de aniversário para uma gata! Talvez Charon tivesse razão, e sua surpresa realmente a fizesse sentir-se melhor.

— Mortimer — chamou Charon.

O papagaio cacarejou do alto de um ramo de samambaia.

— Venha com o papai.

O papagaio bateu as asas, voou do arbusto e pousou no ombro do dono da casa.

— Cumprimente Allison.

Mortimer ajeitou as penas da asa direita e cacarejou para Allison com uma pose de cabeça digna de um anfitrião.

— Olá, Mortimer — respondeu ela, sem jeito.

— Bem — disse Charon, orgulhoso. — Há muito tempo que venho planejando essa festinha. — Peguei Jezebel completamente desprevenida, enquanto ela estava remexendo o lixo. Mas eu não a consideraria um sucesso sem você.

— É muito amável de sua parte, Mr. Charon — disse Allison, agradecida.

Jezebel ronronou.

— Ela também diz olá, mas por algum motivo, está com pouca vontade de falar inglês. Acho que está resfriada mesmo. Espero que você compreenda.

— Claro.

— Quero apresentá-la a meus outros convidados. — Pôs a mão no ombro da recém-chegada. — Todo mundo, esta é Allison Parker, que acaba de alugar o apartamento 3-A.

Allison olhou pela mesa.

— Esta é Mrs. Clark do 4-B — continuou Charon, indicando uma mulher de seus 70 anos, corcunda, grisalha, enrugada e séria.

Allison olhou bem para ela: não via pintura alguma.

— Prazer em conhecê-la — disse a velha.

Charon continuava:

— Miss Emma Klotkin e sua irmã gêmea Lillian. Moram no apartamento 2-B.

— Prazer — cumprimentou Allison. Apertou a mão de Emma Klotkin e notou o tamanho dela, o busto que se perdera no acúmulo geral de gordura e os olhinhos que espiavam de dentro de suas faces estufadas.

— O prazer é meu — riu-se Emma.

Lillian é a "irmãzinha" dela. É pequena comparada com Emma. Emma devia ter seus 1,72 m; e Lillian 1,57 m. Emma pesava 160 quilos; Lillian, 95 kg.

Allison não pôde deixar de sorrir ao cumprimentar a "pequenina" Lillian.

— Prazer em vê-la — guinchou Lillian. — Charles me falou a seu respeito. — Estranhamente, o pesado sotaque novaiorquino de Lillian não aparecia na voz da irmã. Talvez tivessem sido educadas separadas. Ou talvez Emma tivesse tomado aulas de dicção.

— Malcolm Stinnet — disse o homem no fim da mesa. — Primo das Klotkin. Esta é minha mulher, Rebecca.

Allison fez um cumprimento de cabeça. Um casal estranho. Mutt e Jeff, só que a mais alta era Rebecca, uns sete centímetros pelo menos. Malcolm vestia uma elegante *smoking* preto, gravata borboleta muito larga, paralela ao grande bigode castanho que se enroscava nos cantos da boca à moda de Zapata. Havia algo muito britânico nele. Poder-se-ia imaginá-lo na direção de um Rolls-Royce, boné de chofer na cabeça, olhos fixos na estrada, sempre atento à sua posição e destino.

— Há quanto tempo está aqui no prédio? — perguntou Rebecca.

— Há pouco mais de uma semana — informou Allison, vendo Rebecca sorrir. A mulher tinha dentes horríveis, descorados e mal colocados, e no entanto tinha alguma coisa extremamente atraente e feminina. — Em que apartamento moram?

— Não moramos aqui — respondeu Malcolm. — Moramos no East Side, em Murray Hill. Rebecca gosta mais de lá. É mais limpo e mais seguro.

— Aqui parece bem seguro.

— Aqui, sim — interrompeu Rebecca —, mas não na direção da Broadway, especialmente de noite. De qualquer forma, visitamos as nossas primas com tanta freqüência, que até parece que moramos no prédio.

Allison sorriu.

— Murray Hill é um bom lugar. Morei lá quando vim para Nova York.

— Onde?

— Na Lexington, entre as ruas 37 a 38. O edifício grande.

— Não fica muito longe de nós — disse Rebecca, animadamente. Lillian girou uma matraca. A gata tossiu. O papagaio cacarejou.

Allison pôs o chapéu de festa azul e dourado na cabeça. A tira de elástico mal lhe alcançava o queixo. Devia fazer 15 anos desde a última vez que usara uma dessas coisas. Talvez mais. Olhou para o espelho de corpo inteiro pendurado na parede. Estava ridícula, mas não mais do que aquela coleção sentada em volta da mesa.

Apanhou uma língua de sogra e levou-a à boca. Reparou que todos a olhavam. Retribuiu os olhares, insegura, e soprou, fazendo a língua estender-se com um zumbido forte.

Todos bateram palmas e deram vivas.

— Um pouco de música para animar a festa — disse Charon. Foi até à vitrola, que datava de 1920, e pôs um disco no prato. Deu corda energicamente e o mecanismo velho e

enferrujado começou a girar devagar, aumentando de velocidade até alcançar a necessária. Charon ergueu o braço de metal antigo, soprou a agulha gasta e colocou-a no disco. O alto-falante crepitava com a estática.

— A polca! — exclamou Charon, a voz cadenciada. — Eu costumava dançar a polca no Fosland Casino no Bronx, todas as sextas-feiras, durante dez anos.

— Eu me lembro — gritou Emma, por cima da música. — Lillian e eu também íamos lá. Mas deve ter sido anos depois.

— Traz recordações — acrescentou Lillian, pulando na cadeira, ao ritmo da música. — Todo mundo se amontoava no lugar. Lembram-se. As pequenas sentavam de um lado, os marmanjos do outro.

— E aí começava a música, qualquer das três orquestras — ajuntou Charon.

— Isso! As pequenas assaltavam os marmanjos e os puxavam para a pista. Aquelas orquestras de polca eram formidáveis. Tenho saudades delas.

— Bons tempos — disse Charon, melancólico, como se a recordação de sua juventude lhe fosse penosa. — Uma pena não podermos revivê-los.

Allison olhou para o velho com simpatia, estava comovida.

— Parece que eram bons tempos, concordou.

Charon sorriu e voltou para a mesa. Jezebel levantou a cabeça com movimentos curtos e bruscos, como se também estivesse batendo o compasso com a música. Charon sentou-se ao lado, encheu os pulmões de ar e cantou a primeira nota duma série de tentativas desafinadas. Enterrou o queixo no pescoço e agitou os braços diante de si, como um barítono de ópera. Um sorriso de orelha a orelha registrou sua satisfação com o próprio desempenho.

— Vamos cantar, todo mundo — convidou Charon, entre acordes.

Emma aderiu seu corpo maciço produzindo notas fortes e cheias. Também desafinava, mas Charon era pior. Juntas, porém, as dissonâncias contrastantes produziam uma estranha combinação de sons, nem melodiosa, nem harmoniosa, e no entanto interessante, como um concerto de Stravinsky.

O primo Malcolm bateu com a faca na borda de seu cálice e começou a dançar na cadeira enquanto a mulher, Rebecca, girava em círculos concêntricos atrás do marido, procurando, sozinha, reproduzir o efeito de dúzias de bávaros em festa.

— Que polca é essa? — perguntou Malcolm.

— O "Barril de Chope" — respondeu Charon.

O entusiasmo era contagioso. Quando Charon se levantou e fez sinal, Allison segurou-lhe as mãos estendidas e se pôs a girar. Deram voltas e mais voltas, a moça receando que o velho se esforçasse demais. Mas este, era um surpreendente dançarino e parecia incansável.

Por fim Allison afastou-se, para tomar fôlego. Olhando em volta, viu a Mrs. Clark perto da entrada da cozinha, desinteressada e extremamente caceteada. Tinha a pele macilenta, as pálpebras caídas, a boca torta e os olhos fuzilavam.

Observava a cena com uma intensidade perturbadora de atenção. Havia na mulher algo de conhecido. Allison já a vira ou conhecera antes. Mas não conseguia lembrar-se. Criatura estranha, pensou, e virou-se para outro lado.

O disco acabou e todos bateram palmas. Charon ergueu o braço da vitrola e tirou o disco velho e empenado do prato. Colocou-o do lado e pegou uma pilha de possíveis escolhas. Percorreu rapidamente a pilha e pôs os discos que queria na mesinha ao lado da vitrola, os rejeitados, de novo na estante.

— Eu gostaria muito de ouvir um tango — proclamou Emma.

— Tango! — gritou Charon. — Perfeito! A dança dos *caballeros*. Lembro-me de Valentino dançando em *Sangue e Areia*. Colocou outro disco no prato, tornou a colocar o braço e deu corda. A vitrola tossiu, arranhou e vibrou; o prato começou a girar e novamente a sala encheu-se de música. Charon sentou-se ao lado da gata, olhou por cima do ombro e fez sinal para Mrs. Clark sentar-se. A mulher hesitou, foi até à mesa, olhou para ele e sentou-se.

— Quer um pouco de champanha? — perguntou Charon. Tirou a garrafa aberta de Piper Heidsieck do balde de gelo. Todos aceitaram entusiasticamente. Charon inclinou-se e encheu a taça de Allison, levantou-se e deu volta à mesa, como um experiente *sommelier*.

— Proponho um brinde — disse Malcolm, levantando-se da cadeira, a taça bem alta acima da cabeça. — A Jezebel, que tenha nove vidas proveitosas.

— A Jezebel — responderam todos, erguendo as taças ao mesmo tempo. A gata ronronou, como se estivesse entendendo que o brinde era para ela.

— Emma, não acha que foi simpático de Allison comparecer ao aniversário de Jezebel? — Indagou Lillian, depois de

bebericar o seu champanha. A irmã concordou com a cabeça — Allison, você precisa vir ao nosso apartamento, muito breve. Eu gostaria muito que você provasse os meus biscoitinhos. Emma e eu somos especialistas em biscoitos, como provavelmente você pode ver, só de olhar para nós. — Emma riu-se gostosamente.

— Eu gostaria muito — disse Allison, lembrando-se da discussão sobre os bolos. — Adoro biscoitos feitos em casa; a minha mãe sempre os fazia para mim.

— Bom, está resolvido. Você vai lá amanhã.

Charon levantou-se, virou o disco e tornou a sentar-se ao acompanhamento de um tango diferente. Virou-se para Allison e levou a taça à boca.

— Está gostando de minha festinha? — perguntou.

— Estou! — Deu uma olhada a Mrs. Clark, sentada, o rosto franzido.

— E não se sente melhor?

— Oh, sim! Muito.

— Confie em Charon!

Allison sorriu, inclinou-se e beijou Charon no rosto.

O velho pulou em pé.

— Está na hora do bolo.

— Ótimo — gritou Malcolm, da ponta da mesa, os olhos devorando vorazmente o bolo de três camadas.

Charon tirou rapidamente o disco da vitrola e depositou ao lado.

— Parabéns para você — gritou ele, voltando à mesa e beijando Jezebel em cima da cabeça. Puxou o bolo para perto de si, pegou a faca apropriada e cortou fundo.

— É o primeiro bolo de aniversário preto e branco que já vi na vida! — disse Allison, sorrindo.

Mrs. Clark bateu com o prato na mesa.

Allison virou-se.

A conversa da mesa parou de repente.

A mulher abriu a boca devagar, levantou a cabeça e olhou diretamente para Allison.

— Gata branca e preta — bolo branco e preto — disse, com animosidade dirigida para a moça.

Que era aquilo? Allison deu de ombros. Criatura estranha. De onde a conhecia?

Mais tarde, estava deitada no seu quarto escuro, meio adormecida. Durante duas horas se virara e torcera na cama, sem conseguir descansar, nem relaxar-se. Tomara um pouco de champanha demais e comera bolo demais. Sua cabeça girava e seu estômago estava dolorido. E quando afinal adormeceu, teve pesadelos. Charon! Emma! Lillian! Malcolm! Rebecca! Todos dançando, cantando "Parabéns para Você" para a gata. Que barulho terrível!

Sonhou com Mrs. Clark. Rolou na cama e começou a suar, lembrando-se da ansiedade que sentira junto da mulher. Certamente ia procurar evitá-la, como evitaria as duas lésbicas. No entanto, não conseguia mantê-las longe de seu subconsciente. Via Gerde nua, de seios cheios, suplicante, deitada em sua cama. E imaginava Sandra deslizando com uma graça de bailarina pelo seu quarto escuro para junto da cama, e, de mãos estendidas, acariciando a pele macia da amante.

A tensão continuou a aumentar. Ela se contorcia, a pele úmida de transpiração. A festa. Mrs. Clark. As lésbicas. As visões começaram a se fundir, a revolver uma em volta da outra, acompanhadas por pancadas contínuas e o som de metal tinindo.

Sentou-se na cama, acordada, assustada. Sentiu a pele contrair-se em seu corpo: a camisola estava ensopada.

As imagens tinham desaparecido. Mas os ruídos permaneciam. Ela escutou com cuidado, acendeu a luzinha da cabeceira e olhou para o teto. As pancadas? Passos! Tinha certeza. Vinham de um apartamento supostamente vazio, e que estava vazio havia anos. Ela estremeceu e olhou para o despertador. Eram quatro e quinze da madrugada.

Alguém estava num lugar em que não devia haver ninguém, andando de um lado para outro, metodicamente, como um soldado em guarda.

Os passos pararam, mas o som de metal batendo continuou.

Vestiu o robe, correu para a sala e para a porta. Verificou-a: estava trancada.

Ficou ali ofegante, apavorada. Os passos, o barulho, havia alguma coisa errada.

Deu as costas para a porta. Estava exausta. Fechou os olhos, de boca cerrada e braços caídos. Exausta, escorregou pela porta e caiu ao chão inconsciente, a mão apertando o crucifixo.

9

— Há alguma coisa esquisita acontecendo naquela casa.

Allison virou-se para Michael e esperou uma resposta. Atrás deles um grande macaco pendia de uma barra na sua jaula, os braços e pernas estendidos, imóvel, como se estivesse ouvindo a conversa. De instante a instante mexia com os maxilares pesados e grunhia a sua desaprovação.

Michael afastou-se dela, parou defronte da outra jaula e inclinou-se sobre o corrimão para olhar melhor para o tigre de Bengala que andava por trás das grades pesadas. Seu exame foi intenso, o seu interesse mínimo; ele virou-se e encostou-se no corrimão, com seu terno de corte francês.

— Concordo que Charon é um tanto bizarro e que aqueles outros moradores também são estranhos, mas e daí? Isso é Nova York, e os birutas não são uma espécie em perigo de extinção.

— Está sendo espirituoso?

— Não.

— Está, e não me agrada.

— E pode esperar que eu leve isso a sério? Veja o que é que temos pela frente. Um velho maluco mais para lá que para cá uma gata vira-latas e um papagaio cacarejador.

— Periquito!

— Periquito. Não é muito sinistro. Acho que é engraçado.

— Ah! Ah! — disse ela, com amargura.

— E depois, Mrs. Clark, corcunda, enrijecendo com anos de solidão e de dor. Não sorri. Não fala muito. Grosseira. Que desejava você? — Esperou uma resposta e como não veio nenhuma acrescentou: — Ela parece ter-se saído bem. Se você ou eu houvéssemos nascido corcundas, teríamos nos metido numa caixa e trancado a tampa. As duas gordas? A única coisa assustadora nelas é a idéia de caírem em cima de você. E vamos ver o... como se chama?...

— Malcolm.

— É, Malcolm e a mulher. Que dupla! Completamente inofensivos. Então, veja o que temos: um grupo de nulidades

azedando na velhice. Acho que você está exagerando, com os seus amigos geriátricos. E daí, que sejam excêntricos?

— É mais do que isso, Michael. As peças não se encaixam direito. — Olhou para o caminho de tijolos, viu que o local parecia mais deserto do que de costume, e disse: — É como se alguém houvesse misturado três quebra-cabeças diferentes e depois tentasse encaixar as peças num quadro grande — por exemplo, o medo que a machona demonstrou ao ver Charon.

— Já temos a explicação provável para isso.

— Ou o barulho de passos no andar de cima, ontem.

— Ratos.

— Eram humanos.

— Como é que você sabe?

— Eu sei! — reafirmou, a voz severa.

— OK, então esteve alguém no apartamento ontem.

— Mas devia estar vazio.

— Alguém entrou por engano.

— Às quatro e quinze da madrugada? Michael, vamos ser razoáveis. Ninguém entra por acaso num apartamento errado a essa hora da noite e se entrar, certamente não vai para o quarto de dormir e fica andando de um lado para outro por uma hora.

Michael mordeu o lábio inferior, virou-se para as jaulas e atirou várias pipocas para os chimpanzés.

— Não estou me preocupando com bichos-papões nem passos fantasmas. — Olhou bem para as jaulas esperando que sua voz captasse a atenção dela. — O que me preocupa, sim, é o seu desmaio. E o modo como você está tecendo fantasias das tolices de uns velhos tolos e uma dupla de pervertidas. O modo como você está começando a ceder sob a pressão. Concordo, os últimos meses foram difíceis, mas ainda assim, Allison, você não é mais criança. Isso me preocupa.

— Desmaiei porque...

— Por quê?

Ela parou.

— Não sei — murmurou.

— Cansaço.

— Estou me sentindo bem.

— Tensão nervosa. Falta de sono. Uma porção de outras coisas. Mas sobretudo uma imaginação demasiado ativa.

Allison apertou os lábios; sentia-se aborrecida com as conclusões simplistas de Michael. Ela sabia que havia algo de

esquisito naquela casa. Dissesse ele o que dissesse, não poderia convencê-la do contrário.

— Está bem, Michael, não vou mais discutir. Parece que não consigo mais chegar até você.

— É aí que você se engana. Mas não estou escutando o que você pensa que estou.

— O que, então?

Michael puxou-a para longe do recinto dos animais e em direção ao lago que ocupava o centro do Jardim Zoológico de Central Park. Foram até às grades e ficaram olhando as focas, calados.

Ele passou a mão pelos cabelos dela.

— Quero que você vá fazer um exame físico completo.

— Os médicos me examinaram no hospital.

— Eram internos. Quero que você consulte um ou dois especialistas, médicos que só a deixem partir quando descobrirem o que é que há ou então quando virem que não há nada, positivamente. E se você tiver de ir para fora por algum tempo, ótimo. Você precisa de um descanso. Devia ter deixado passar um pouco de tempo, antes de recomeçar a trabalhar.

Ela deu de ombros.

— Talvez você deva até consultar um psiquiatra.

Allison olhou-o zangada.

— Você é um idiota! — exclamou, afastando-se.

Michael encostou-se ao corrimão de metal frio e ficou olhando enquanto a moça subia as escadas para a saída do Jardim Zoológico. Bateu, deprimido, as mãos geladas, prendeu a respiração por alguns segundos e depois expeliu o ar; um jato de vapor estendia-se por certa distância. Estava frio. Muito frio. E nublado. Havia poucas manchas azuis no céu, que aos poucos ia-se tornando mais cinza. O inverno não andava longe. Em breve o zoológico estaria vazio, as árvores inteiramente despidas e o solo coberto de neve.

Michael olhou em volta, calculou que já dava tempo de se ter ela acalmado, e lentamente caminhou na mesma direção. Encontrou-a sentada debaixo de uma velha árvore, as costas apoiadas no tronco, pés estendidos na grama. Contava cuidadosamente os pedaços de uma folha, enquanto os arrancava. O último caiu ao chão e a moça ficou com a haste verde na mão. Fechou um dos olhos e segurou a haste diante do outro. Depois tornou a pôr a mão no colo.

De pé junto dela, olhando-a de cima, Michael viu que os dedos de Allison tremiam. A última vez em que a vira assim tão tensa e perturbada, além do período logo antes de sua volta para casa em julho, fora na semana anterior à tentativa de suicídio, durante a investigação do caso "Karen Farmer", há dois anos e meio. Estaria agora num estado semelhante? Teria voltado aos barbitúricos? Não seria de surpreender. A morte do pai poderia tê-la abalado, seriamente. Michael compreendia que talvez se visse obrigado a enfrentar as conseqüências.

Allison levantou os olhos quando Michael se ajoelhou, mas evitando-lhe o olhar.

— Permite que a acompanhe?

Allison sacudiu negativamente a cabeça.

— Que está fazendo?

Allison levantou a haste; Michael segurou-a, fê-la girar entre o polegar e o indicador e devolveu-a.

— Ela me ama, não me ama — disse, e perguntou: — Qual foi o resultado?

— Não sei.

— Não contou?

— Não estava brincando disso.

— Sei.

Allison dobrou as pernas e pôs o queixo nos joelhos.

— Estava despindo a beleza para ver como seria por baixo.

— E descobriu? — perguntou ele, sentando-se.

— Ainda não.

Michael assentiu com a cabeça, passou os dedos pela terra e disse:

— Não havia motivo para deixar-me só!

— Se você acha.

— Eu apenas sugeri uma ajuda, se você achar que precisa. Não houve outra intenção.

— Se você diz.

Ele baixou os olhos.

— Lembro-me da última vez que uma mulher fugiu de mim. Quando primeiro a encontrei. Não queria conversa. Mas persegui-a como um louco. E valeu a pena.

— Muito romântico, Michael — disse Allison friamente.

Michael baixou a cabeça.

— Alcancei-a e tudo deu certo.

— Tudo?

— Sim, tudo. E agora tornei a alcançá-la.
— De modo que tudo vai dar certo de novo?
— Vai, se você fizer o que lhe digo.
— E se não? — Ele não reagiu — Vou acabar como Karen?

Michael deu-lhe um tapa na cara. A cabeça da amante foi lançada para trás; uma mancha vermelha apareceu-lhe no rosto. Sufocando um grito de dor, Allison esfregou a parte machucada com a mão.

Nunca batera nela. Se houvesse pensado um segundo ter-se-ia contido. Mas o nome de Karen o atingira como uma punhalada.

Olhou a palma aberta da mão. Olhou para Allison.

— Desculpe. — Quis pegar-lhe a mão, ela afastou-se. — Você tem que acreditar em mim. Não sei o que me aconteceu. Não compreendo. Por que Karen? Por que, agora?
— Ora...
— Por que ressuscitar uma coisa que devia ficar enterrada?
— Devia? — A voz era submissa; a boca mal se movia.

Michael inclinou-se e pôs as mãos nos ombros dela.

— Perdoe-me.
— Já ouvi a mesma coisa, outras vezes.
— Que quer dizer?
— Nada.
— Besteira! Você disse isso porque queria dizer.
— De vez em quando você me lembra uma pessoa.
— Quem?
— Ninguém.
— Vamos parar com charadas.
— Por que o aborrecem? Pensei que você gostasse de charadas.
— Não especialmente.

Allison levantou-se.

— Não quero falar nisso...

Michael lançou-lhe um olhar mais intenso.

— Talvez devêssemos falar da sua frigidez. Ou por que saiu de casa.
— Não.
— Ou do crucifixo?
— Não.
— Ou por que de repente Karen é um assunto tão empolgante?
— Não quero falar de coisa alguma.

— Só quer lançar pecinhas de quebra-cabeças para eu brincar.

— Pense o que quiser.

Ele ficou olhando.

— Está perdoado — disse ela, mecanicamente. Mas a voz era fria e vazia.

— Não quero que você torne a falar em Karen. Não há motivo para nos torturarmos.

Ela jogou fora a haste da folha.

— Podemos voltar ao seu escritório?

Ele concordou.

Era um escritório típico. Fileiras de livros de Direito enchiam as estantes de boa madeira; dois diplomas exibiam-se, pendurados à parede. Havia retratos de um juiz famoso, várias caricaturas de antigos processos judiciais ingleses e uma reprodução da Magna Carta. Uma secretária retangular tomava grande parte do espaço. Duas poltronas, um sofá e uma mesa de madeira entalhada ocupavam o resto. Espelhavam porque eram móveis comprados nas últimas semanas.

Michael recostou-se na cadeira da secretária e acendeu um charuto importado.

— Se isso a faz mais feliz, está bem — declarou. — Ligue para Miss Logan. Não há mal algum.

Allison sentou-se na beira da secretária e pegou um papelzinho da bolsa.

— Isso me fará delirar de felicidade. — Pegou o fone, olhou para o papel e discou.

Michael começou a soprar anéis de fumaça, esquecido da presença dela.

Num instante Allison falava com Miss Logan e, sem especificar por que, perguntou se podiam encontrar-se. Combinaram meio-dia, no café em frente à agência.

— Quer que eu vá? — perguntou Michael.

— Não.

— Quer que eu torne a me desculpar?

— Não.

Contornou a secretária e beijou-o na testa. Havia pouco mais do que adeus no beijo. O incidente do parque continuava fresco na memória, a marca vermelha ainda visível na face esquerda.

— Michael.

— Sim — disse ele, esperançoso.

— Mais tarde eu lhe falo.

Desapontado, ele disse:

— Estarei aqui.

Ela virou-se e saiu depressa. Ele ficou ali soprando anéis de fumaça, pensando. Devia levantar-se e ir atrás dela? Não tinha certeza. Resolveu não ir. Em vez disso, estendeu a mão e pegou o livro de telefones. Abriu-o, virou algumas páginas, encontrou um número e anotou-o. Olhou-o mais um instante, pegou o telefone e discou.

— Brenner — disse, depois de uma pausa. — Sou eu. Tenho uma coisa para você.

10

Era meio-dia; o restaurante estava cheio.

Allison passou pelo balcão, viu Miss Logan a um canto e aproximou-se da mesa.

— Espero que não seja incômodo — disse, desculpando-se. Tirou o casaco e pendurou-o no cabide do tabique.

— Em absoluto — respondeu a agente, mexendo no penteado antiquado.

— Receava incomodá-la.

— Não. Não podíamos encontrar-nos no escritório porque o meu sócio tem clientes hoje. E sabe como a sala é pequena.

Allison sentou-se.

— Aqui está, ótimo. Diante de Allison havia uma xícara de café.

— Tomei a liberdade — disse Miss Logan. — Espero que não esteja frio.

Allison pegou a xícara e bebeu devagar.

— Não. Está bom. Café quente é bom, num dia como este.

— É, está ficando frio. Mas também, tivemos um dia quente, há uns dois dias.

— A gente nunca pode prever como o tempo vai mudar — nem quando.

Miss Logan concordou.

Allison tomava o café; Miss Logan pigarreou.

— Como tem passado, Miss Parker?

— Bem, e a senhora?

— Muito bem. Alugando apartamentos às dúzias.

— É consolador que haja quem ganhe bem a vida.

— Por quê? Está em dificuldades na sua carreira?

— Não propriamente. Não tenho dormido muito, ultimamente, e não me tenho sentido assim muito bem. Isto se reflete no meu trabalho.

— Que pena. Espero que não seja nada de grave. — Miss Logan parecia sinceramente preocupada.

— Espero que não — respondeu Allison.

Miss Logan não entendeu a sugestão. Tomou mais um gole de chá. Era tomadora de chá. Allison vira isso imediatamente. Há pessoas que têm cara de café e outras que têm cara de chá e a preferência de Miss Logan era óbvia.

— Bom, então — começou Miss Logan —, qual será o problema? Espero que não haja nada com o seu apartamento.

— Não.

— Os operários estiveram lá?

— Estiveram, e fizeram um bom serviço.

— E os pintores?

— Eles também trabalharam bem.

— Gosta da cor que sugeri?

— Sim, mas... — Allison parou, olhou para Miss Logan e tomou mais um gole de café.

— Sim?

— Tudo está... humm, perfeito. — Tentou tomar coragem. Conte! Não havia motivo para não contar. Criticar os vizinhos não é crime. E nunca se furtara a dizer o que pensava.

— Vamos, Miss Parker, é óbvio que alguma coisa a está aborrecendo.

Allison respirou fundo.

— Para ser franca, Miss Logan, há uma coisa, sim. Não é o apartamento, mas os fatos dos últimos dias no prédio.

— Como o quê?

— Bem... — recomeçou a gaguejar.

— Expliquei-lhe o caso do velho padre.

— Não, não é ele. Não o vi nem ouvi, de todo. São os outros inquilinos.

Miss Logan olhou para Allison, sem entender.

— Os outros inquilinos? Quais, em especial?

— O Sr. Charon, no 5-B. Aquelas duas jovens lésbicas no apartamento embaixo do meu. A mais alta — sabe, Gerde — assaltou-me. E aquela estranha Sra. Clark no apartamento... não me lembro qual. Aquelas imensas irmãs Klotkin são boazinhas, mas, há de convir, um pouco estranhas. E ontem à noite ouvi passos andando de um lado para outro naquele apartamento que se supõe estar vazio, por cima do meu. E depois, metais batendo. Ora, isso está ficando meio enervante. E para ser franca, tenho medo das duas pervertidas no apartamento A. Cada vez que passo pela porta delas, fico toda arrepiada.

Recostou-se, esperando uma reação. Miss Logan limitou-se a olhá-la.

— Compreendo — disse a agente por fim. E de repente levantou-se, pegou o casaco do cabide e começou a vesti-lo.

— Aonde vai? — perguntou Allison, intrigada.

— Eu disse que não era incômodo, mas agora tornou-se incômodo. E sou uma mulher muito ocupada.

— Não compreendo.

— Não?

— Eu realmente gostaria que a senhora se explicasse.

— Minha cara Miss Parker, além do velho padre, e agora a senhorita, há três anos que ninguém mora naquele prédio!

Allison empalideceu. Olhou para a agente de locação, os lábios trêmulos. Certamente, Miss Logan estava brincando! Tinha estado com aquela gente. Tinha falado com eles. Tocara neles. E agora virem lhe dizer que nenhum deles existia! Era impossível!

— Que história é essa de ninguém morar lá?

— Exatamente o que eu disse!

— Mas eu vi...

Miss Logan interrompeu.

— Se viu algum inquilino, sugiro que consulte um psiquiatra.

— Mas eu os vi, conversei com eles. — A voz de Allison quase não se ouvia.

Miss Logan encarou-a.

— Há três anos o proprietário resolveu não alugar mais os apartamentos — por que motivo, ignoro. O velho padre era o único que morava lá na ocasião, e morava lá havia vários anos. E é assim que tem sido. Nada de aluguéis, nem inquilinos. A nossa agência tem praticamente tomado conta do prédio.

— Por que não me contou isso antes?

— A senhorita não perguntou.

Allison pegou a xícara. Ela tremia violentamente em sua mão, e o café derramou-se quase todo na mesa. Por fim tomou uns goles, lentamente, como se estivesse tentando encontrar no fluido algum ingrediente oculto que lhe ajudasse a compreender o que acabavam de lhe contar.

Largou a xícara e olhou para Miss Logan.

— Estou-lhe dizendo — disse ela, com rispidez — que há gente morando naquele prédio!

Miss Logan continuou a abotoar o mantô.

Allison deu um salto e agarrou o braço dela.

— Por favor, não vá embora — implorou ela. — Por favor.

Miss Logan afastou-se.

— Não gosto que me falem nesse tom de voz.

— Desculpe.

Allison estava resolvida a manter ali a agente, pelo menos até conseguir descobrir mais alguma coisa, qualquer coisa que pudesse explicar a experiência dos últimos dias. — Como pode ver, sinto-me perturbada.

— Compreendo, mas não desabafe em mim as suas frustrações.

Allison olhou para Miss Logan com olhos súplices. A agente parou, examinou a expressão triste de Allison e tornou a sentar-se.

— Acredite, ninguém mora naqueles outros apartamentos — disse.

— Quando foi a última vez em que esteve num deles? — perguntou Allison.

— Há mais ou menos um mês atrás.

— Tem certeza?

— Claro que tenho.

— Outra pessoa verificou os apartamentos, nesse ínterim?

— Não que eu saiba.

— Talvez essa gente tenha chegado depois disso. Talvez sejam intrusos. Se ninguém verificou, certamente é possível.

Miss Logan sacudiu a cabeça.

— Impossível. Se estivéssemos falando de uma pessoa, talvez. Mas cinco ou seis em apartamentos diferentes! Não, posso assegurar-lhe que não tem sentido.

— Então como explicar o que eu vi?

Miss Logan deu de ombros.

— Podia deixar-me entrar naqueles apartamentos? — perguntou Allison.

— Pode ser providenciado.

— Agora?

— Receio que eu...

Allison interrompeu.

— Tenho de entrar nesses apartamentos.

— Mas...

— Por favor! Agora!

Miss Logan contemplou-a um instante.

— Sim, se isso a convencer de que ninguém mora lá.

As duas mulheres detiveram-se uma diante da outra, em pé.

— Eu gostaria que aceitasse a minha palavra...

— Não posso — disse Allison. — Se aceitasse estaria rejeitando os meus próprios sentidos.

Apanhou a conta, guardou-a no casaco e foi até ao caixa. Pagou-a e acompanhou Miss Logan até à porta.

11

A nota foi colocada debaixo de uma luz e examinada.

Era encabeçada "ALLISON PARKER". O endereço da casa velha estava escrito no canto direito superior. Descrevia os acontecimentos dos últimos dias na casa velha e recapitulava certos outros incidentes ocorridos nos dois últimos anos. Dava uma longa lista de instruções que deviam ser escrupulosamente seguidas e terminava com a concisa ordem de destruir.

Depois de ter Brenner acabado de ler a nota várias vezes, jogou-a na secretária, ao lado de uma placa dourada com o nome "William Brenner, Investigador Particular". Apanhou um envelope marcado "Entregue em Mãos", rasgou-o ao meio e atirou-o na cesta de papéis.

Apagou a luz.

Allison sentava-se quieta no fundo dum táxi que cruzava a transversal da Rua 86 pelo Central Park. A cabeça inclinada, o rosto encostava-se parcialmente à vidraça, e os olhos, evitando

com cuidado qualquer contato com a agente de locação impassível a seu lado, examinavam o topo do muro cinzento, à margem do caminho, por trás do qual as árvores intermitentemente cobriam as silhuetas dos arranha-céus.

Desde o momento em que Miss Logan negara a existência dos outros inquilinos, Allison caíra num estado de torpor. Repetia-se que a agente estava enganada; havia pessoas que moravam lá. Ela as vira. Não estava louca. A mulher é que estava errada.

— Iluminar, guardar, dirigir, orientar — disse Allison num murmúrio audível.

— Como? — Perguntou a agente.

Allison não respondeu.

— Disse alguma coisa, Miss Parker?

— Eu? — Perguntou Allison, virando a cabeça. — Não — Voltou-se de novo para a janela e apertou o nariz contra a vidraça.

Miss Logan resmungou e tornou a olhar para a frente, vendo a saída do parque, que se aproximava rapidamente.

O táxi saiu do parque, passou pelas ruas intermediárias, dobrou na Rua 89 e parou defronte da velha casa.

Allison continuava a olhar pela janela.

— Miss Parker, chegamos — declarou Miss Logan.

Allison sorriu, obediente, mas não se mexeu.

Miss Logan inclinou-se para ela, torceu o trinco e abriu a porta do táxi.

— Não posso estar perdendo tempo! — disse ela, indignada.

Sem responder, Allison saltou.

Miss Logan pagou o táxi e foi para junto dela, ao pé da escada de pedra.

— Vamos?

Allison continuava a olhar para cima. Depois estendeu o braço e apontou para o quinto andar.

A cortina na janela do meio estava aberta; no vão estava um homem.

Infelizmente, a luz exterior e as sombras tornavam difícil definir qualquer feição. A imagem parecia um negativo de fotografia, discernível, mas não específico. O vulto parecia estar sentado. Allison tinha certeza disso: se estivesse de pé, seria possível ver mais de sua pessoa. Os braços dele estavam cruzados abaixo da cintura, com as mãos provavelmente dobradas. Talvez estivesse segurando alguma coisa. Era impossível dizer.

Mas lá estava ele. Mais claro do que nunca. O velho padre cego.

— O velho — disse Miss Logan, com naturalidade.

— É a primeira vez que o vejo tão claramente, desde o dia em que vim ver o apartamento.

— E não será a última. Posso garantir que ele existe.

Allison fez uma carranca para a agente de aluguel.

— E os outros também — disse, enquanto subiam a escada.

Miss Logan tocou no braço de Allison para chamar-lhe a atenção. Apontou as caixas de correio cobertas de ferrugem; ficavam embutidas na parede logo dentro do vestíbulo.

— Eu sei — disse Allison irritada. — Mas também não há nenhuma etiqueta na do padre.

Miss Logan deu de ombros e abriu a porta da frente.

Seguiram pelo *hall* fracamente iluminado e subiram a escada até ao primeiro patamar. Como sempre, Allison verificou o corrimão, e depois parou defronte do apartamento 2-A. Encostou o ouvido à porta e escutou.

— Este pertence às lésbicas — disse.

Miss Logan estalou a língua contra o céu da boca, produzindo um ruído que exprimia as suas dúvidas. Tirou a chave mestra de sua bolsa, abriu a porta e mandou que Allison entrasse no apartamento.

— É minha convidada — disse, segura de saber o que encontrariam.

Allison passou pela porta e entrou na sala.

O lugar estava imundo, o soalho coberto por uma grossa camada de pó. Também a mobília. Mas a mobília era conhecida; era incrivelmente semelhante à que tinha em seu apartamento. Na verdade, descontando-se o efeito do pó, via que a mobília era idêntica, desde o menor bibelô aos dois grandes relógios de parede que ladeavam a lareira. Ela cheirou o ar pesado e foi até ao sofá, deixando um rastro marcado na poeira cinza-escura. Bateu no tecido, levantando nuvens de poeira.

— A mobília é exatamente igual à minha — disse mordendo o lábio.

— Sim. O velho proprietário, a pessoa que mobiliou o prédio. mobiliou, todos os apartamentos A iguais e todos os B iguais. Não direi que aprove isso, mas creio que economizou dinheiro.

— Havia uma mobília diferente aqui, antes.

— Ora, Miss Parker, não pode esperar que eu acredite nisso. Esses móveis não são tocados há anos!

Allison sorriu amarelo, foi até ao consolo da lareira e passou a mão por cima. Estava coberto de poeira. Ela limpou a palma no casaco, virou-se e começou a examinar a mobília e os armários, procurando alguma coisa que pudesse explicar o que acontecera ali. Mas não havia nada. Então por quê? Talvez ela tivesse estado em outro apartamento. Pensou um pouco nisso, e depois sacudiu a cabeça. Não, ela estivera naquela sala.

Foi à cozinha e ao quarto de dormir. A mesma coisa. Poeira. Mobília igual à sua. O cheiro abafado do mofo.

Voltou à sala. Miss Logan estava de pé junto à porta, com uma expressão satisfeita.

— Encontrou alguém?

— Não — disse Allison, quieta. Dirigiu-se a uma cadeira, sentou-se e esfregou os olhos. O ar cáustico os feria. — Abra o 4-A para mim — pediu, e levantou-se.

Miss Logan concordou e, depois de ver Allison passar pela porta, fechou-a.

O apartamento 4-A não apresentava nenhuma surpresa. A mobília era igual, a poeira igualmente evidente e o ar igualmente abafado. Allison examinou depressa a sala e depois o quarto, com cuidado. Não havia sinal de vida. Certamente, se alguém tivesse estado naquele quarto na véspera, haveria algum indício. Mas não havia.

Sentia-se perturbada e frustrada ao acompanhar Miss Logan ao apartamento de Charon, no quinto andar. A não ser uma cadeira, no meio da sala, e uma série de estantes de livros numa parede, não havia outros móveis.

— Não tinha dito que os apartamentos B eram todos mobiliados igualmente? — indagou Allison.

— Disse. A mobília foi retirada daqui há coisa de um ano. A maior parte estava caindo de podre.

Allison agarrou a cadeira solitária e tirou as teias de aranha.

— Recordação de dias melhores? — Examinou-a com cuidado, procurando lembrar-se se era uma das cadeiras que estavam em volta da mesa de aniversário. Não tinha certeza.

Sentou-se e pigarreou.

— Parabéns para você. Parabéns para você. Parabéns, cara Jezebel. Parabéns para você. — Escutou o eco da canção reverberando pelo apartamento.

— Onde está o bolo? — perguntou Miss Logan.

— É o que eu queria saber.

— Bom, se o encontrarmos, eu gostaria de comer a primeira fatia.

Allison aborreceu-se.

— Sabe o que mais me agrada na sua pessoa?

— O quê?

— O encanto de seu cinismo.

— Não há de esperar que eu aceite a idéia de uma porção de gente andando há pouco por estes apartamentos.

— Não, claro que não — reconheceu Allison. Ela levantou-se e foi até às estantes cheias de teias de aranha, encostadas nas paredes junto da entrada. Estavam cheias de volumes velhos e bolorentos, com as capas se desmanchando e os títulos desbotados. Examinou vários títulos. *II Decamerone*, o *Leviathan*, de Hobbes, *Hipólito*, de Eurípedes, a *Ilíada*, os *Contos de Canterbury*, *Beowulf*, e livros de S. Tomás de Aquino, Bacon, Shakespeare, Milton, Spinoza, Kierkegaard, Dickens e Stendhal. Quem formara a coleção tinha um bom conhecimento da literatura clássica, desde a filosofia moral à metafísica e filosofia política.

— Acredite se quiser — disse Allison — mas eu ontem compareci a uma festa de aniversário de uma gata aqui.

— Muito interessante — replicou Miss Logan.

— A gata, chamada Jezebel, estava aqui, com várias outras pessoas. Charles Charon, Mrs. Clark, as Klotkin, o primo Malcolm e a mulher. E um periquito chamado Mortimer. Dançamos e cantamos até quase a meia-noite. Havia serpentinas e bolas de gás por toda parte. Todos se divertiram. E agora, sumiu tudo — a não ser eu — bem como qualquer indicação ou sugestão de que estivessem aqui, ou sequer existissem...

— Lamento ter perdido a festa — disse Miss Logan.

Allison continuou a examinar os livros.

— Provavelmente pensa que estou ficando louca.

— Eu disse isso?

— Posso assegurar-lhe que não estou.

Estaria a estante ali na véspera? Allison não conseguia lembrar-se. Tirou um livro da prateleira de cima. Era incrivelmente velho. Na verdade, várias páginas já se tinham quase desmanchado.

Era escrito em latim; Allison não conseguiu decifrar o título nem o conteúdo. Folheou-o, curiosa. Quando já ia fechando o livro, notou uma coisa singular. Todas as páginas eram idênticas. Voltou atrás para verificar.

Miss Logan pigarreou. Allison recolocou o livro na prateleira, virou-se e tornou a examinar a sala.

— Tenho de voltar — declarou a agente de locações.

— Sei; desculpe estar demorando tanto — disse Allison. Andou na direção da agente, espanando a poeira que se grudara na sua blusa.

— Mais alguma coisa?

— Sim — disse Allison. — O velho padre.

— É uma perda de tempo.

— O velho padre — repetiu ela.

Miss Logan concordou, relutante. O velho padre era um andar acima. O pior que poderia acontecer seria a perda de mais alguns minutos. Miss Logan virou-se, abriu a porta e fez sinal para Allison sair.

— Sabe o que acho — disse Allison, ao passar por Miss Logan. — Acho que alguém está fazendo um joguinho — ou, diremos, uma brincadeira de mau gosto — e não estou bem certa se a brincadeira não é à minha custa.

Miss Logan não fez comentários. Foi até ao apartamento do velho padre e bateu. Não houve resposta. Novamente. Não houve resposta.

— Provavelmente o velho não ouve — disse Miss Logan.

Allison foi até à porta, bateu várias vezes mais, com mais força. Novamente, nada de resposta.

— Já o viu, ou falou com ele?

— Não.

— Alguém já o viu ou falou com ele?

— Não sei.

— Alguém deve ter falado com ele.

— Talvez, mas não posso saber.

— Ele algum dia já saiu do apartamento?

— Também não posso saber.

— Escute, Miss Logan, se ele não sai nem vê ninguém, como é que vive?

— Não sei. Pergunte a ele.

— É exatamente isso que gostaria de fazer.

Miss Logan virou-se de frente para Allison.

— Só o que me importa é que o aluguel dele é pago pontualmente.

— E tem sido?

— Sim, sem falhar.

— Quem o paga?

— A arquidiocese de Nova York.

Allison parou e depois disse:

— Eu queria entrar nesse apartamento, agora!

— Sinto muito — disse a agente, sacudindo a cabeça.

— Por que não?

— Porque não posso deixar alguém entrar num apartamento ocupado, especialmente quando o morador está em casa. — Sua resposta indicava que nenhum argumento a faria mudar de idéia. — Vamos indo? — acrescentou.

Allison foi à escada devagar.

— Não acha estranho — disse ela, virando-se — que o homem viva em tal isolamento?

— Não — respondeu Miss Logan. — Não tenho critérios estabelecidos sobre o modo de vida de outras pessoas. — Sem emoção, começou a descer a escada, Allison acompanhando-a, relutante.

Pararam defronte do apartamento 3-A.

— Espero que esteja convencida de que ninguém esteve nesses apartamentos. — disse Miss Logan.

— Obrigada por ter-me conduzido — disse Allison, sem dar atenção à pergunta. Ela enfiou a chave na porta de seu apartamento.

— Talvez...

Allison interrompeu.

— Tenho de desculpar-me novamente por ter-lhe causado incômodo.

Miss Logan inclinou a cabeça, friamente, calada.

Allison abriu a porta.

— Queira desculpar-me, mas tenho de dar um telefonema urgente.

— Se tiver outros problemas, ligue para mim.

— Outros problemas? Acho que o que tenho agora é mais do que suficiente!

— Imagino que eu...

— Obrigada — disse Allison. — Eu lhe direi se tornar a ver essas pessoas. — Sorriu, sem convencer, entrou no apartamento e bateu a porta.

Encostou-se na porta. Estava fraca, cansada e assustada. Fechou os olhos e esfregou a testa com a mão. Sua cabeça começara a doer: talvez estivesse começando com outra enxaqueca.

Foi à cozinha e acendeu a luz; apanhou o frasco de tranqüilizante, tirou três pílulas, mais uma do que a dose recomendada tentou engoli-las a seco. As pílulas ficaram presas na garganta. Engasgada, procurou freneticamente forçá-las garganta abaixo. Afinal, abriu a torneira e tomou um grande

gole de água. A pressão na garganta diminuiu e as pílulas desceram.

Foi para a sala, trancou a porta e sentou-se no sofá para pensar. Não conseguiu e começou a chorar.

12

Estava escuro, lá fora. A chuva que começara por volta das sete horas salpicava as paredes de vidro da cabina telefônica, tapando a vista. Tudo estava borrado, as cores indefinidas e apagadas. Sentia-se inquieta, aflita no espaço reduzido e opressivo, o guarda-chuva molhado pingando continuamente no chão e a sensação de sufocamento que experimentara desde o princípio da tarde, quando Miss Logan duvidara da sua sanidade mental.

Graças a Deus, tinham consertado o telefone da esquina. A idéia de andar até à Rua 95 naquela chuva gelada a apavorava.

Segurou o fone no ouvido, discou o número do escritório de Michael e esperou, passando nervosamente a língua pelos lábios rachados. O resto do rosto não se achava em melhores condições, a pele macilenta e os olhos vermelhos de choro e fadiga.

Sentia-se apavorada desde o princípio da tarde, e se a necessidade não a obrigasse a telefonar para Michael, teria ficado trancada no apartamento, fechado as cortinas, ido para a cama e mergulhado na proteção das cobertas. Mas precisara da proteção e conforto da presença do amante. E precisava do seu espírito calmo e lógico.

O telefone tocou no escritório dele. Uma, duas vezes... dez vezes. Não havia ninguém. Ela bateu com o fone, zangada, e apanhou a moeda de volta. Tornou a colocá-la na fenda e discou; o telefone tocou, dessa vez no apartamento dele. Ninguém atendia.

Allison virou-se na cabina apertada, limpou a neblina que embaciava o vidro e olhou a longa rua arborizada, que se estendia diante dela, e a casa velha, agora sinistra, na metade do quarteirão. A Rua 89 Leste parecia mais escura do que

nunca. As sombras, mais compridas. Se houvesse parecido assim ameaçadora no dia em que vira a velha casa pela primeira vez, teria procurado apartamento em outro lugar. No momento, tal como estavam as coisas, desejava ter feito isso.

Saiu da cabina, abriu o guarda-chuva e se pôs a andar pela rua, pisando nas poças cada vez mais fundas. Recordava a resolução que tomara várias noites antes, numa rua igualmente ameaçadora. Ouvia o chapinhar das suas botas na água, misturado ao zumbido distante dos automóveis na avenida que deixara atrás. Deteve-se, fechou os olhos um momento, riu nervosamente e subiu a escada de pedra, levantando os olhos para as janelas do quinto andar. Estas estavam negras e nada convidativas.

Jantou por trás de portas bem trancadas. Para acalmar os nervos, tomou mais um tranqüilizante entre a salada russa e o bife com cogumelos. Abrira uma garrafa de vinho *rosé*. Ainda bebendo o vinho, enquanto os relógios batiam sossegadamente o acompanhamento, atravessou o tapete e foi ajoelhar-se ao lado da vitrola portátil, num dos cantos. Escolheu a abertura de *La Forza del Destino*, de Verdi.

Os alto-falantes crepitaram, quando a agulha encaixou nos sulcos. Deteve-se a acompanhar o giro do disco. Invenção importante, o toca-discos automático. Um grande progresso sobre o gramofone de corda manual. Emprestaria o seu aparelho a Mr. Charon da próxima vez que ele desse uma festa.

Voltou para o sofá, deitou-se e se pôs o ouvir, rejeitando qualquer som que pudesse interferir na música. Aos poucos, os olhos começaram a fechar-se, e dormiu.

Abriu os olhos. Sem erguer a cabeça, olhou para um dos relógios da parede. Os ponteiros estavam um sobre o outro; eram três e um quarto. Ao fundo, o gramofone arranhava, barulhento; o disco não parara sozinho.

Foi cambaleando até o toca-discos, desligou-o, saiu da sala e dirigiu-se para o quarto, meio trôpega. Deixou cair a blusa na porta. A seguir, os *jeans* escuros caíram ao chão. Depositou o anel e o relógio na mesinha de cabeceira. Largou as meias numa cadeira.

Viu-se nua diante da cama, no fim do rastro de roupas. A cama estava convidativa. O corpo deslizou sem esforço entre os lençóis. Em alguns segundos adormeceu de novo.

A chuva continuava a cair pesadamente na rua escurecida. O vento, com velocidade crescente, impelia a torrente de água em diagonal contra a velha casa, batendo nas paredes. As calhas corriam ao nível do chão; a água saltava para os lados, em cascatas, e descia em espiral, desafiando os ventos que a açoitavam.

A rua estava deserta. A noite, negra, as luzes da rua amortecidas pelo lençol de água. Uma torrente, pontilhada de redemoinhos, corria pela sarjeta para os canos de esgoto em cada cruzamento.

Dois pés vinham caminhando e espadanando água por um beco de onde, mesmo do ponto mais recôndito, via-se a escada da casa velha. O vulto permaneceu no escuro, evitando qualquer possibilidade de ser visto. Lentamente, moveu-se pelas sombras, até alcançar a entrada do beco, onde parou e ergueu uma das mãos coberta para se proteger do vento e da chuva. Ficou ali imóvel por algum tempo, espiando, esperando. Não havia luzes em nenhum dos prédios adjacentes. Não havia carros. Nem sons inesperados.

Dois olhos olharam para um lado e outro da rua. Satisfeito, o vulto encolheu os ombros e apressou-se a atravessar a rua inundada, para a saliência protegida debaixo da escada de pedra, onde sacudiu a água dos ombros, antes de se virar para o pesado portão de ferro que guardava a entrada para o porão. Um cadeado enferrujado trancava o portão. O vulto sacudiu a fechadura com a mão enluvada, depois remexeu no bolso grande de sua capa de chuva e tirou uma penca de chaves, forçando a maior delas no buraco da fechadura. Não conseguiu abri-la. Novamente o vulto procurou no bolso e tirou um tubinho; puxou a chave, espremeu um fluido no buraco, tornou a enfiar a chave e tentou de novo. Abriu. O vulto entrou e fechou o portão.

Mais uma vez o sono era aflitivo e incômodo, embora a princípio não com a mesma intensidade da véspera.

Completamente despida, rolava de um lado para outro da cama agarrada nos travesseiros.

As visões da noite anterior tornaram a aparecer — Charon, as lésbicas e os outros presentes à festa. — Sentia-lhes a presença, ouvia-lhes as vozes. A cantoria. "Parabéns, querida Jezebel, parabéns para você."

Os lençóis estavam úmidos de transpiração. O cobertor caíra, empurrado por um pontapé; os travesseiros tinham acompanhado.

Ouviu as pancadas.

A princípio eram apenas audíveis, depois tornaram-se quase ensurdecedoras.

Ainda dormindo, levantou as palmas às orelhas e procurou tapar o barulho. Mas as pancadas aumentavam de intensidade. Cada vez mais alto, depois misturadas com os ruídos estridentes de metal.

Acordou desorientada, apavorada. Acendeu a luz de cabeceira e olhou depressa em volta do quarto. Não havia movimento visível. Seus músculos tensos se relaxaram; a respiração espasmódica melhorou.

— Não — murmurou ela, com a cabeça entre as mãos. — O que foi que eu fiz? Que fiz, para merecer isso? — Enxugou os olhos com as palmas das mãos. — O que foi que eu fiz? — Sua voz morreu num sussurro. Levantou os olhos.

O andar lento, metódico e regular dos dois pés se fez ouvir lá de cima — da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, atravessando o assoalho. Voltou a tapar os ouvidos. Não agüentava mais. Saltou da cama, pegou as roupas, vestiu-se depressa e fechou a cortina da janela dos fundos, para a luz da cabeceira não ser vista de cima.

Avançou, vacilante, pelo corredor até à cozinha, acendeu a luzinha do forno e olhou para o balcão de fórmica. Os restos de seu jantar estavam na beira da pia, a garrafa vazia de vinho *rosé* deitada na tábua de cortar carne e uma folha de papel de alumínio em cima da geladeira. Estendeu o braço, pegou o frasco de tranqüilizantes e tirou a tampa; uma bolinha branca caiu-lhe na mão. Deveria tomá-la? Tinha de acalmar seus nervos! Mais importante, tinha de reunir toda a coragem possível. Os tranqüilizantes não fariam isso. Nem podiam prepará-la para o que haveria pela frente. Estava decidida a descobrir o segredo dos inquilinos que desapareciam, e sabia que quem quer que estivesse no andar de cima provavelmente tinha a chave de todo o quebra-cabeças. Na suave luz amarela que enchia a cozinha, pesava as alternativas. Não havia nenhuma: tinha de subir ao apartamento 4-A e entrar ali. Os tranqüilizantes? Inúteis. Recolocou a tampa e repôs o vidrinho no lugar.

Abriu a gaveta da mesa de fórmica e tirou uma faca de açougueiro; a faca dava-lhe certo conforto e proteção. Não subiria desamparada.

Da despensa tirou uma lanterna elétrica e apertou o botão. A luz vacilou e apagou-se. Sacudiu a lanterna violentamente:

a luz acendia e apagava. Decidida, destorceu o fundo e remexeu as pilhas. Fechou a lanterna e apertou o botão de novo. Funcionou perfeitamente.

Com a luz apagada, foi até à sala, descalça, e percorreu-a com a luz da lanterna. Não havia ninguém ali. Nada fora do normal. Virando-se para o quarto, escutou com cuidado. Os passos continuavam. Respirou fundo, apagou a lanterna, saiu para o vestíbulo e fechou a porta.

O patamar estava escuro; tanto a luz da escada do terceiro andar quanto a do quarto estavam apagadas. Esgueirou-se pela parede até à escada e torceu a lâmpada. Continuou apagada. Sacudiu a lâmpada com violência, depois virou-se e começou a subir. Devagar. Os degraus rangiam horrivelmente. Os sons da tempestade lá fora enchiam o ar.

O suor escorria-lhe pelo corpo; a cabeça doía.

De repente recuou, batendo com a cabeça na parede. Cobriu a boca com as costas da mão, para não gritar. Gemeu, os olhos fechados, horrorizada. Tinha pisado em alguma coisa.

Tremia de maneira violenta e procurava loucamente controlar-se. Acendeu a lanterna e olhou para os degraus a seus pés. Não havia nada ali. Ela fez a luz subir pela escada, cobrindo completamente cada degrau. A luz foi parar na beira do quarto patamar. Em toda a claridade do feixe de luz estava Jezebel, a gata que não existia, o corpo peludo, imóvel; os olhos verdes, fixos. Tinha na boca o periquito, a cabeça estraçalhada e as penas arrancadas; sua forma, antes delicada, era agora uma carniça desmantelada pingando sangue no chão.

Allison tremia incontrolavelmente.

Foi tomada de cólera. Aquela idiota da Miss Logan não acreditara em nada do que ela lhe dissera, mas ali estava a prova incontestável! Jezebel. Violenta e sinistra. Mortimer. Morto.

A gata mostrou os dentes por cima do corpo estraçalhado. Allison firmou o facão e deu um passo à frente. A gata largou o pássaro, arqueou as costas e soltou um chiado. Mais um passo. A gata ergueu as costas mais ainda: Allison deu dois passos rápidos. A gata avançou sua pata, recuou com um chiado ameaçador, pegou o pássaro e correu para dentro do escuro.

Silêncio, outra vez.

Allison apagou a lanterna, respirando profundamente, e continuou a subir a escada até o quarto andar; devagar seguiu pelo corredor até à porta do apartamento 4-A. Encos-

tou-se, imóvel, à moldura da porta, por vários minutos, e depois tentou o trinco, esperando que a porta estivesse fechada. Surpreendentemente, a maçaneta girou e a porta abriu-se. Olhou para trás. Não havia sinal algum de Jezebel; o vestíbulo estava vazio. Allison esgueirou-se pela pequena abertura e entrou na sala. Estudou a escuridão. Estava escuro demais, fora do normal. Quase como se estivesse olhando por um túnel infinito, numa dimensão desconhecida. Ela não conseguia nem ver a lanterna, pronta em sua mão esquerda, nem a faca de aço, apertada na direita. E, se não fossem os seus sentidos, extremamente aguçados, teria duvidado até de sua própria existência.

A sala estava quieta; não havia sons de passos.

Allison acendeu a lanterna e passou o feixe de luz pelas paredes. A mobília estava como a vira de dia, quando Miss Logan lhe mostrara os apartamentos. Cheirou o ar e recuou. O cheiro de mofo estava mais forte do que nunca. Esfregou o nariz para tirar o cheiro e virou-se para os relógios de parede. Os mostradores estavam cheios de pó; os ponteiros parados. Viu a lareira vazia e os armários da sala abertos. A não ser um velho guarda-chuva, também estavam vazios.

Dirigiu-se para o corredor que dava para o quarto. Os passos tornaram a fazer-se ouvir. Allison apagou a lanterna, encostou-se à parede e prendeu a respiração, temendo que o som do seu peito arquejando a denunciasse. A sala parecia comprimi-la, as paredes convergindo e o teto descendo. Em desespero, virou-se. Deixara a porta da frente parcialmente aberta. Todos os músculos pediam que se pusesse a salvo. Mas sabia que não podia. O quarto de dormir estava a apenas seis metros, naquele corredor. E dentro dele, a origem do ruído de passos, a chave de seu pesadelo e, talvez, a solução do mistério dos inquilinos desaparecidos.

Brandindo a faca diante de si, caminhou decidida pelo corredor, o ombro tocando a parede, um passo de cada vez.

Os passos pararam: ouviu-se um rangido.

Atingiu a porta aberta do quarto de dormir a avançou a faca. A princípio, não houve sinal de vida. Esperou, e depois virou-se para a difusa silhueta da cama. Um suave farfalhar se fez ouvir no escuro. Allison apertou o botão da lanterna; não funcionou. Ela sacudiu o cilindro com força: as pilhas chocalharam, mas nada de luz. Houve um movimento; um vulto esgueirou-se pelo escuro e postou-se, de costas para Allison, contra a silhueta da janela dos fundos.

— Olá — disse Allison, a voz sufocada e assustada. Não houve resposta. — Olá — repetiu ela.

O vulto continuava quieto, imóvel.

— Que quer comigo?

Não houve resposta.

A moça dirigiu-se devagar para o vulto, falando com ele numa voz esganiçada. A faca estava toda estendida; ela sacudia a lanterna desesperada. Nunca sentira tanto medo.

Alcançou o vulto e tocou-lhe o ombro, o vulto virou-se, mas no escuro do quarto ela só via o contorno duma cabeça.

— Quem é? — Implorou Allison as lágrimas rolando pelas faces. O vulto continuava calado, imóvel. A moça tornou a sacudir a lanterna. Um raio poderoso de luz cortou a escuridão e brilhou diretamente nos olhos — do seu pai!

Estava lívido; uma máscara de morte cobriu-lhe o rosto, pálpebras e lábios inchados e horrendos, veias azuis emaranhadas na pele encarquilhada, cabelos desgrenhados, pupilas opacas. As cicatrizes de cobalto que desciam pelo lado direito do rosto, pelo pescoço e braço direito, supuravam; um pus incolor espalhava-se pela superfície. E estava nu.

O horrendo grito da filha fraturou a noite.

Recuando trôpega, ela esbarrou numa cadeira, caiu contra a parede, ainda gritando, e depois cambaleou para diante e para trás, sacudindo a lanterna loucamente em arcos cada vez maiores. O feixe de luz caiu esporadicamente sobre o corpo queimado do pai, que se dirigia dolorosamente para ela, a perna direita parcialmente paralisada e arrastando. Ela correu para trás, batendo nos móveis. A luz continuava a iluminar o quarto. Pegou a cama e emoldurou duas mulheres gordas despidas, deitadas numa posição obscena. Depois, o escuro.

Ela correu para a sala, caiu por cima de uma poltrona esparramando-se no chão e soltando a lanterna, que se apagou. Ouviu passos que se aproximavam.

A cadeira lhe caíra em cima; empurrou-a freneticamente. A porta parcialmente aberta bateu. O vulto se tinha postado no único caminho de fuga. Ela gritou histericamente, levantou-se e avançou para a porta. O vulto agarrou-a pelos cabelos com uma das mãos e pela corrente do crucifixo com a outra. Ela brandiu no escuro a faca, que se cravou no peito do inimigo. Um grito lancinante sacudiu o apartamento. Novamente, e outra vez, a faca mergulhou e um fio de sangue escorreu pelo braço de Allison. Mais gritos — um grito de

morte. Um corpo caiu. Ela correu para a porta, abriu-a e saltou para o saguão.

A porta da frente da casa abriu-se violentamente e Allison saiu correndo, gritando, descendo aos trambolhões a escada molhada. Não tinha mais a faca. As luzes se acenderam nos prédios vizinhos, ao som dos gritos; cabeças curiosas surgiram das janelas abertas. Puxando os cabelos molhados, apavorada, e tropeçando pelas poças dágua, caía a cada passo com a força do vento e seu próprio desequilíbrio. Correndo — caindo — conseguiu chegar até à esquina.

No alto da rua o velho padre — acordado, mas ainda imóvel — estava sentado à janela, as mãos dobradas diante de si.

A chuva continuava a cair.

O vento soprava com violência.

A casa continuava escura e em silêncio.

13

— Por aqui, minha senhora.

— Espero que não demore muito.

— Não sei, minha senhora.

— Estou ansiosa por vê-la.

— Isso depende do homem que está lá dentro.

O detetive abriu uma porta de vidro opaco.

— Obrigada — disse Jennifer Learson, entrando na sala.

O detetive olhou para o letreiro na porta. Estava marcado: "Hospital Bellevue — Interrogatório Policial".

— Queira sentar-se no banco — disse, em tom solícito.

A sala era pequena, parcamente mobiliada, paredes desbotadas, restos de pintura pendentes do reboco ou já no chão de cimento cinza. Mobília ordinária, rachada e maltratada: um banco pardo e comprido na parede da direita, uma mesa quadrada comum, sem pintura, à esquerda.

Jennifer sentou-se no banco.

O detetive fechou a porta.

Um homenzinho acachapado, rosto anguloso, sentava-se atrás da mesa: olhos pretos, nariz comprido, com uma saliência, lábios estranhamente finos e sem cor. Na cabeça, havia um chapéu de feltro mole, que combinava perfeitamente com o terno grande demais. A camisa estava coberta de cinzas caídas de um charuto curto, todo mastigado, pendurado à boca e balançando enquanto o dono ruminava.

Sorriu para Jennifer, mostrando uma boca de castor, que, estendendo-se pelo rosto, dava a impressão de que a parte inferior da cabeça era uma imensa ponte dental. Conservou o sorriso, sem dizer nada. A visitante remexeu-se no banco, enervada por aquele ambiente desprotegido e estéril e a natureza penetrante do sorriso ambivalente da fuinhazinha.

— Meu nome é Gatz, detetive Gatz, com Z. A voz grave era irritante ao ouvido. O som vinha do fundo da garganta e devia muito de seu tom à posição recuada do maxilar, que fazia o músculo contrair-se e as cordas vocais se comprimirem.

— Sim, senhor — respondeu a visitante, vendo o sorriso enganador recuar da face do policial.

— Gostaria de conversar com a senhora.

— Sim, senhor — repetiu ela. Seus dedos correram nervosamente pelas pregas da saia azul.

— Seu nome é Learson, Jennifer Learson?

— Sim.

O homenzinho pegou um papel.

— Residência: 311 Rua 51 Leste. Profissão: Modelo.

— Sim.

— Bem.

— Eu queria...

Ele interrompeu.

— Espero que o detetive Richardson a tenha informado — declarou, olhando para o colega alto e impassível, que se achava atrás.

— Vagamente — foi a resposta.

— Sei. Bom, estamos procurando esclarecer um pouco mais o quadro. Conhece Miss Allison Parker, imagino?

— Sim, senhor, mas...

— Quando a viu pela última vez?

— Há uns quatro dias. Escute, estou muito transtornada! Não pode me dizer o que aconteceu?

— Daqui a um minuto. — A voz indicava mais uma ordem do que uma explicação. — Quando falou com ela pela última vez?

— Também há uns quatro dias.
— Sobre o quê?
— Roupas.
— Só?
— Sim, bem, ela falou de uma festa.
— Que festa?
— Uma festa de inauguração do apartamento, que ia dar.
— Quando?
— Ela não disse. Só disse que ia dar uma festa e me pediu sugestões sobre quem devia convidar.
— E a senhora as deu?
— Dei.
— Poderia fazer-me uma lista dos nomes que mencionou?
A manequim concordou:
— Eram todos amigos dela.
— Bem. E sobre o que mais conversaram?
— Só roupas e a festa.
— E ela não disse nada de especial?
— Não.
— Nada de estranho nem perturbador?
— Não.
— Tem certeza?
— Tenho.
Ele pegou outro papel, levantou-se e leu:
— Ela está naquele prédio da Rua 89 há uma semana.
— Quase duas — corrigiu Jennifer.
Gatz fez uma anotação no papel.
— Já viu o apartamento? Já esteve no prédio?
— Não.
— Alguém que conhece esteve lá?
— O namorado dela.
O policial sorriu.
— Sei — disse ele, um tom de expectativa especial na voz.
A porta tornou a abrir-se: Michael entrou na sala. Cumprimentou Jennifer e, sem notar a presença do detetive Gatz, foi sentar-se no banco.
Ao ver Gatz, levantou-se de um salto, o rosto vermelho.
Gatz continuou sentado, sorrindo friamente, o pé direito batendo devagar no chão de cimento.
— Sente-se! — mandou, os olhos revelando um ódio condizente com a expressão virulenta de Michael. — Sente-se!
— O que...
— Sente-se, já disse — mandou o detetive, colericamente. Michael sentou-se de má vontade.

— Que está fazendo aqui? — perguntou Michael, afinal.

— É meu trabalho, não?

— Existem outros detetives na cidade!

— Exato. Mas este caso me interessa. Sabe, eu estava na Sede da Divisão quando foi recebido o chamado. Parecia um caso comum de assassinato biruta. Eu já ia designar um dos detetives de terceira classe. Há alguma coisa nos loucos que não me interessa. Gosto de crimes que sejam resultado de espíritos malignos. Mas isso é sabido. Portanto, como ia dizendo, já ia dando o fora quando ouvi o nome da dona e do cara cujo cartão de visitas estava no bolso dela. Então, claro, voei do meu gabinete para segurar o caso, pois sabia que se você estava metido, devia ser um negócio sujo.

— Que aconteceu com Allison? — perguntou Michael, ignorando o insulto.

Gatz fez uma careta.

— Como se chamava a sua mulher — a pobre garota — Karen? — Michael agarrou a parte de baixo do banco. Era o que podia fazer para não saltar sobre Gatz e arremessá-lo contra a parede.

Gatz riu. Gostava de ver Michael torturar-se.

— Que aconteceu com Allison? — repetiu Michael, dentes cerrados.

— Allison Parker? — escarneceu Gatz.

Percebendo o objetivo do detetive, Michael soltou o banco, relaxou os músculos tensos do rosto e sentou-se calmamente.

— Sim, senhor, Allison Parker.

Terminara a brincadeira. Gatz recostou-se na cadeira, concatenando os pensamentos. "O caso Karen Farmer". Passara seis meses sondando e cavando, até que seus superiores o obrigaram a arquivar o caso. Foi transferido para outra divisão, rebaixado de posto. Nunca se esqueceria disso — nem do fato de ter certeza de estar com a razão e todos os outros errados. E bem ali em sua frente estava Michael Farmer, mas, por mais que quisesse, não podia revolver o passado. Pelo menos não agora. No momento, estava com o "caso Allison Parker", e primeiro tinha de desvendá-lo. Depois, se a sorte ainda o ajudasse, descobriria a verdade sobre a morte da mulher de Michael Farmer.

— Não tenho uma idéia muito clara do que terá acontecido. Tanto quanto saiba, ninguém é ainda suspeito de nada. Nisto está incluída a sua pessoa Farmer. Como já disse, o homem é inocente até ser provado culpado.

— Descobriu isso tudo sozinho?

— Não comece, meu amigo — avisou Gatz, levantando-se. A cadeira de xerife balançou atrás dele, rangendo. O detetive Richardson abaixou-se e fez parar o assento. Gatz lançou um olhar de aprovação ao assistente e começou a andar pela sala.

— Parece que ontem à noite houve um incidente um tanto estranho. Uma tal de Allison Parker foi encontrada vagando pelas ruas, histérica, e gritando que tinha acabado de apunhalar o pai.

Michael aspirou o ar, angustiado. Imobilizou-se onde estava sentado, tal como Jennifer, e depois disse de repente:

— Impossível! O pai dela morreu de câncer há várias semanas!

Gatz franziu a cara. Debruçou-se e puxou uma tabuleta da mesa. Ao mesmo tempo pegou um óculos de aros de tartaruga e, colocando-os precariamente sobre a saliência do nariz, examinou suas notas com interesse crescente.

— Tem certeza?

— Absoluta! Pode ligar para a mãe dela se... Não, acho melhor não — corrigiu-se. — Não creio que a mãe esteja em condições de tratar do assunto. Ligue para as autoridades policiais da cidade dela.

Gatz pegou uma caneta barata do bolso da camisa, manchado de tinta escura. Sacudiu a caneta violentamente para forçar a tinta a descer para a pena. Riscou cuidadosamente o nome e endereço do pai de Allison e escreveu a palavra "falecido". Devolveu o papel emendado à mesa, tornou a sentar-se e fitou Michael.

— Vamos rever alguns fatos. Suas relações com Miss Parker são?...

— De amigo.

Gatz rangeu os dentes, indicando o seu desprazer.

— Namorado — corrigiu Michael.

Gatz sorriu indelicadamente e voltou, satisfeito, os olhos para Jennifer.

— E a senhorita é amiga dela? — perguntou.

— O senhor já sabe disso.

— E os dois se conhecem. — Era uma declaração, mais do que uma pergunta. Notara o mudo cumprimento trocado quando Michael entrara na sala. Com um aceno de cabeça, Gatz levantou-se e recomeçou a andar. O charuto continuava dependurado da boca e estava agora um pouco mais curto; ele mordera uma parte da ponta mastigada.

Parou e encostou-se à parede, por baixo das janelas de grades. Olhou para os dois cativos com desconfiança.

— Encontramos sangue nas roupas dela, mas era dela mesma, de um corte no braço. Tipo AB, Rh negativo. Também demos uma busca no apartamento do prédio, onde ela disse ter matado o velho e não encontramos sangue algum, nem cadáver.

— Qual o apartamento? — perguntou Michael.

— O 4-A. Já esteve lá?

— Não.

Michael olhou para o chão. Apartamento 4-A. Aquele do qual Allison se queixara. Correu-lhe um arrepio pela espinha.

— Não apenas isso; não encontramos prova alguma de luta.

— No apartamento?

— Em todo o edifício.

— Falaram com o velho padre?

— O velho é mudo, cego e inútil.

— E Charon? E os outros inquilinos?

— Quem?

— Os outros inquilinos no prédio! Charles Charon, a Mrs. Clark, duas irmãs gordas — esqueço o nome delas — e alguns outros.

— Estou-lhe avisando, Farmer. Nada de brincadeiras.

— Espere um instante, seu moço. Estou tentando saber o que aconteceu com a minha pequena e não creio que seja pedir demais supor que a polícia — especialmente um detetive tão diligente como o senhor — tenha falado com os outros vizinhos, que poderiam ter visto ou ouvido alguma coisa de importante.

Gatz escolheu a barriga e fez o charuto pular, zangado.

Michael olhou para o detetive, intrigado.

— Percorri todos os apartamentos daquele prédio, nestas últimas seis horas — disse Gatz — e não há indício algum de que alguém tenha morado em qualquer deles, há anos, a não ser Miss Parker e o padre!

— O quê?! — exclamou Michael, que recebia a segunda grande surpresa. — Impossível! Allison já os conhece a todos. Conversou com eles. Passou algum tempo com eles em seus apartamentos.

— O senhor também os encontrou? — perguntou o detetive, sem se impressionar.

— Não.

— Mais alguém que conheça?

— Não!

— Interessante.

Gatz deu uma reviravolta, tirou o charuto da boca e cuspiu um pedaço de fumo no cinzeiro. Jennifer encolheu-se. Michael fitava as costas do detetive, esperando o seu próximo pronunciamento. Gatz ficou ali relativamente quieto, pensando, e depois virou-se para o detetive calado que estava pacientemente à sua direita.

— Diga a Rizzo para investigar Charles Charon e essa Mrs. Clark. Olhou para Michael, pedindo ajuda.

— As irmãs Klotkin e duas lésbicas; esqueço os nomes.

O assistente hesitou.

— Ninguém podia estar morando naqueles lugares.

— Eu sei, mas vamos verificar essa gente, de qualquer maneira. Podem não morar lá, porém, por algum motivo, rondar o prédio.

Richardson inclinou a cabeça.

— Como é mesmo o nome do proprietário? — perguntou Gatz.

— Caruso. David Caruso — respondeu Richardson.

— Mande o Rizzo ver o que sabe sobre esse pessoal.

— Está bem — disse Richardson, ao sair, deixando os três sozinhos.

Gatz endireitou o chapéu e recomeçou a andar pela peça.

— Quando posso ver Allison? — perguntou Michael.

— As enfermeiras nos dirão. Até lá, vamos continuar com a nossa conversa, como nos velhos tempos.

Michael conteve-se.

— Disse que não há prova de que tenha ocorrido alguma coisa lá, certo?

— Disse? — Gatz sorriu sadicamente e virou-se para Jennifer. — Há quanto tempo disse que conhece Miss Parker?

— Há dois anos.

— Já a viu assim histérica alguma vez?

— Não. Allison é uma pessoa muito racional e controlada.

— É? — perguntou Gatz, com um ar de dúvida que indicava estar certo do contrário.

— Ultimamente tem estado sob uma grande tensão — disse Michael.

— Que espécie de tensão?

— O pai. A doença arrastou-se por quase quatro meses. Desde que morreu, ela tem estado tensa e inquieta. Tem comido e dormido mal. Teve uns pesadelos. E depois, desmaiou num desfile de modas há dois dias.

— Sei. Isso poderia explicar. Um pesadelo. Alucinação. Seja o que for. — Houve uma longa pausa. — Mas por outro lado, poderia não explicar.

— Podia tentar encontrar um cadáver.

— E se houver — e creio que há — nós o encontraremos. E quando encontrar, terei cuidado de que seja posto nas costas de alguém. E não vou perder a parada pela segunda vez.

Michael continuava impassível.

— Onde estava das três às cinco da madrugada?

— Em casa. — Ficou rubro de raiva.

— Não estou tão certo assim — disse Gatz, vingativamente.

Michael explodiu.

— Espere aí! O seu tom não me agrada!

— Espere *você!* Uma mulher é internada aqui, dizendo que assassinou o pai com um facão. Os fatos, eu gosto dos fatos, dizem que isso é impossível. Mas talvez ela tenha morto alguém que achasse ser seu pai. Isso parece um pouco mais provável. Ou talvez tenha um parafuso solto e o lugar dela seja num hospício. Mas alguma coisa me diz que o queijo da ratoeira está cheirando e pode pegar um ratão maior. Não faria algumas destas perguntas, se fosse eu? Especialmente se as pessoas já houvessem estado envolvidas numa suspeita de homicídio? E especialmente se o rato fosse o famoso Michael Farmer.

Michael ficou sentado, em silêncio. Gatz tinha razão, pelo menos quanto à investigação. Qualquer tira faria o mesmo. Mas Michael sabia o que estava na cabeça do detetive. Por mais justo e honesto que Gatz quisesse parecer, por mais imparcial, Michael sabia.

— Assim que puder, vou conseguir informações de Miss Parker, para isto começar a fazer sentido.

Gatz mastigou outro pedaço de fumo do charuto mutilado; estava satisfeito. Até encontrar um corpo e até a mulher do quarto 211 estar suficientemente lúcida para ter sentido, havia pouca coisa a fazer. Mas também era possível que não houvesse cadáver, nem prova de crime. Então Farmer lhe escaparia outra vez das mãos. E ele perderia a oportunidade de arranjar alguma coisa contra o advogado, depois do seu primeiro fracasso. Não, não podia ser. Por mais sem sentido que esse incidente pudesse parecer, certamente fazia mais sentido do que supor que um homem pudesse estar envolvido em dois casos de suspeita de homicídio sem ter nada para esconder. Os anos de experiência de Gatz lhe diziam

isso. Assim como a dor aguda e latejante em suas entranhas. Não, Farmer assassinara a mulher e agora estava armando outra. Dessa vez ele ia ser esperto — por necessidade. Iria devagar e sempre; e quando conseguisse os fatos de que precisava, saltaria como uma onça. Sorriu.

O telefone da parede tocou. Gatz atendeu.

— É, Gatz. — Ouviu atentamente e desligou.

— Ela está acordada — declarou. Recostou-se e examinou os apontamentos. — Podem ir vê-la agora.

— Ela está bem? — perguntou Jennifer, que presenciara a conversa de Michael com Gatz fascinada.

— Pergunte ao médico — disse Gatz, lacônico e ríspido. — Está no 211. Atravessem o saguão e tomem a primeira entrada à esquerda. Depois que acabarem, continuaremos com a nossa conversinha.

— Mal posso esperar — disse Michael, levantando-se.

— Sinto-me lisonjeado — respondeu Gatz.

Michael virou-se e passou pela porta com Jennifer.

— Que história é esta? — começou a moça, quando partiam pelo saguão.

— Nada.

— Não estou tão certa; ele obviamente tem alguma coisa contra você.

— Estou-lhe dizendo, não é nada. E está muito longe no passado para dar preocupações.

— Quanto tempo?

— Antes de você vir para Nova York.

— Quanto tempo antes?

Eles seguiram vários passos calados.

— Bem antes — disse ele, depois de uma pausa. Começava a irritar-se. Jennifer calou a boca e acompanhou-o quieta até o corredor lateral.

Ao contrário dos vestíbulos principais, este corredor estava quase vazio. Havia uma mesa grande na entrada, à qual uma mulher polícia se achava sentada.

— Que desejam? — perguntou.

— Quarto 211 — disse Michael.

— Nomes?

— Michael Farmer e Jennifer Learson.

A expressão dela permaneceu neutra. Mas disse, apontando:

— Andem até onde está o guarda. É o 211.

Michael agarrou a mão de Jennifer e levou-a pelo corredor. A mulher virou-se, fez um sinal para o guarda senta-

do, que olhou para ela, pedindo instruções. Então levantou-se e abriu a porta.

Uma enfermeira apareceu.

— Como está ela? — perguntou Michael.

— Muito drogada, portanto tonta. A outros respeitos acho que está passando muito bem.

— Já pode voltar para casa?

— Ainda não.

— Não pode ser mais explícita?

— Terá de falar com o médico. Ele lhe poderá dizer mais do que eu. — Fez uma pausa e sorriu, com ar tranqüilizador e acrescentou: — Estou certa de que terá de ficar aqui pelo menos uns dois ou três dias, até passarem os efeitos do choque e do frio. Está com a garganta muito inflamada. Não é uma infecção grave, mas queremos evitar complicações desnecessárias. Estou certa de que compreendem.

— Claro.

— Só podem ficar cinco minutos. O médico quer que ela repouse o máximo possível.

— Obrigado — disse Michael.

— Com licença — desculpou-se a enfermeira, sorrindo. Michael inclinou a cabeça e entrou no quarto; Jennifer acompanhou-o, fechando a porta. Lá dentro, ficaram num silêncio chocado, olhando para a cama do hospital.

Allison estava debaixo de um cobertor, rosto sem cor, lábios inchados, olhos parados, corpo estendido, rígido, imóvel. Parecia mais frágil do que jamais a vira. Quase sem vida.

Aproximaram-se pelos dois lados da cama, Michael pegou o pulso de Allison. Não houve reação.

— Allison — sussurrou.

Os olhos mortos continuavam a fitar o teto. Michael tornou a chamá-la, mais alto, sem resposta.

— Allison, é Michael e Jennifer — disse Jennifer, curvando-se.

Os lábios de Allison se entreabriram. Um bolhazinha de saliva surgiu, ficou no lábio inferior por um instante e depois estourou. O maxilar mexeu-se ligeiramente; estava tentando falar. Os olhos se moveram lentamente para Michael e abriram-se, quando o reconheceram. As pupilas refletiam dor; não contavam nada do que acontecera.

Jennifer chegou mais perto, a boca quase encostando no ouvido de Allison.

— Está me ouvindo e me entendendo? Está?

Allison mexeu a mão. Mais uma vez, tentou abrir os lábios, sem conseguir. Não formou palavras, só uma bolha, que logo estourou quieta, como a anterior.

Michael olhou para Jennifer.

— Não adianta fazer perguntas — disse. — Ela não pode responder.

Jennifer não concordava.

— Allison — chamou. — Quero que você me responda. — Allison passou os olhos de Michael para Jennifer. — Allison, o que aconteceu ontem à noite?

Os olhos da doente arregalaram-se de terror; um gemido profundo saiu-lhe do peito e os lábios sem cor se abriram, inutilmente procurando formar palavras.

Michael tentou imaginar o que acontecera.

A porta abriu-se e o detetive Gatz entrou. Fechou a porta e encostou-se à parede.

Michael recuou, incomodado.

— Um espetáculo triste — comentou o policial. — Pior ainda do que quando tomou todos aqueles comprimidos. — Olhou para Michael com severidade. — Lembra-se? A esposa dedicada "suicidou-se" cortando os pulsos; e logo depois, a amante tentou afogar sua culpa com comprimidos. Negócio sujo.

— Não podemos ficar sozinhos? — perguntou Michael, de cara fechada.

O detetive sacudiu a cabeça.

— De repente, tornei-me curioso. Não levará a mal que eu ouça e talvez ofereça algum conselho médico competente.

— Não há o que ouvir — disse Jennifer, com desprezo. — Ela ainda não pode falar.

Gatz levantou os ombros. Se fosse assim, então era assim. Mas ele ia ficar só para se certificar. Os pacientes naquele estado falavam com mais facilidade com as pessoas conhecidas. Era fato. E não havia nada que ele apreciasse tanto no mundo inteiro quanto os fatos.

— Sabe — disse Gatz —, Miss Parker se parece um pouco com a sua falecida esposa. Sim, realmente me lembra. Felizmente, há uma diferença. Miss Parker não morreu, ao tentar suicidar-se. Nem vai morrer agora. — Olhou para Michael. — Karen Farmer suicidou-se? Alguns disseram que sim. Cartinha bonitinha, despedindo-se de todos. Meio triste. Eu disse que não. Tudo me mostrava que não. Não foi suicídio.

— Acabou? — perguntou Michael, controlando a sua fúria.

— Não gostou da minha história?

— Estou-lhe avisando, senhor detetive. O passado está morto e enterrado, e se você tentar ressuscitá-lo, farei expulsá-lo da polícia.

— Que violência — disse o tira, benevolente. Tirou o charuto da boca, examinou a ponta mastigada e o recolocou no lugar entre os dentes. Já dissera o suficiente; só podia apoquentar Farmer até certo ponto, porque Farmer tinha razão. Podia mexer seus pauzinhos e fazer com que ele levasse um pontapé na bunda. Já o fizera antes. Se fosse farejar de volta no suicídio de Karen Farmer, teria de fazê-lo pela investigação atual. E muito de mansinho.

A porta tornou a abrir-se e a enfermeira entrou.

— Os cinco minutos terminaram e o Dr. Bleifer é rigoroso. Miss Parker precisava do máximo repouso possível.

— Onde posso encontrar o médico?

— Deve estar no hospital dentro de 15 minutos.

— Podemos continuar a nossa conversinha enquanto você espera por ele — disse o detetive.

— É preciso? — perguntou Jennifer, já aborrecida com a insistência de Gatz.

Este sorriu, impassível.

A enfermeira foi até à cama e encostou a mão na cabeça de Allison. Depois tirou-lhe a pressão e tomou-lhe o pulso, enquanto Michael e Gatz se lançavam olhares antagônicos.

— Deixe levá-los à sala de espera — disse a enfermeira. — Quando o doutor chegar, peço-lhe que desça.

A enfermeira levantou o gráfico dos pés da cama e anotou as leituras. Depois de recolocá-lo no lugar, dirigiu-se à porta e fez um gesto para as visitas saírem. Michael e Jennifer saíram primeiro. Gatz parou um momento para olhar para Allison, sacudiu a cabeça e acompanhou a enfermeira, que seguia pelo corredor.

Quando viraram para o *hall* principal, um som saiu pela porta do quarto 211. Quase inaudível, era o som de alguém chorando.

Vinte minutos depois, Michael e Jennifer saíram do elevador principal, com Gatz atrás. Passaram pela recepção e saíram para o saguão externo do hospital.

— Lembrem-se, não saiam da cidade sem me avisar.

Michael nem se deu ao trabalho de virar-se. Deu o braço a Jennifer e saiu.

Gatz foi até à entrada, encostou-se às portas de vidro e ficou olhando enquanto os dois dirigiam-se para a Primeira Avenida e chamavam um táxi. Tirou o charuto da boca, pela milésima vez naquele dia. Examinou o toquinho e a ponta mastigada. Já bastava; trabalhara bem; merecia um novo. Jogou a ponta nos arbustos, perto de um aviso que dizia "Não jogar lixo", enfiou a mão no bolso do paletó e pegou outro, de 15 cm. Tirou cuidadosamente o celofane e, com a precisão de um entalhador de diamantes, examinou o invólucro do charuto, aprovou a forma e apreciou o aroma.

Virou-se e voltou para o hospital.

14

A noite de terror ficou-lhe gravada na memória. Revivia repetidamente, os momentos de tensão na escada, o confronto com o seu "pai" e os golpes de faca que continuamente atravessavam sua carne apodrecida e descorada, com o fio de sangue. Vezes e vezes desafiava a memória, duvidava, renovava as esperanças só para, no fim, reconhecer o que sabia ter acontecido. Nada mais traumático do que encarar uma realidade irreal, forçar-se a pensar o impensável; e, por último, esgotar-se para chegar a uma conclusão totalmente inconclusiva, que só poderia gerar mais terror.

Estava deitada na cama de Michael, coberta até à cintura pela colcha de linho. Na mesa à direita acumulava-se uma quantidade de frascos e potes, com a variedade de remédios que estava tomando. Em volta do pescoço, a corrente do crucifixo, apertado no punho direito. O estéreo tocava baixinho no fundo.

Michael entrou com uma bandeja de cama forçando um sorriso nada convincente. Abriu os pés da bandeja, colocou-a no colo da doente e descobriu uma tigela de caldo de galinha fumegante, duas fatias de pão torrado com manteiga e um bule de chá.

— Onde está Jennifer? — perguntou Allison, pegando uma colher e começando a tomar o caldo.

— No banheiro.

— Praticando atos inomináveis — acrescentou Allison friamente, sem a sugestão de humor que deveria acompanhar semelhante observação.

Michael sentou-se, pegou o controle automático de canais da mesinha de cabeceira e jogou-o nervosamente no ar.

A porta abriu-se e Jennifer entrou.

— Outra vez olá — saudou, atravessando o quarto e sentando-se nos pés da cama. — Acabo de falar com a agência, dizendo que não marcasse nada para você e lhe mandasse seus cheques.

— Obrigada — respondeu Allison. — Naturalmente, você podia ter falado daqui, mas não poderia ter dito o que disse.

— Não entendo.

— Esqueça.

— Todos mandaram lembranças.

Allison mordiscou a torrada.

— Agradeça por mim — murmurou indiferente. A última das suas preocupações era a carreira e todas aquelas pessoas que lhe haviam enchido a vida quase até ao ponto de sufocação; era, pelo menos, o que lhe parecia agora.

Michael e Jennifer trocaram um olhar inquieto. Michael recolocou o controle de canais na mesinha.

Allison continuou a tomar o caldo de galinha.

— Posso beber um pouco dágua? — pediu.

Michael serviu um copo.

— Tome dois desses com a água — disse, tirando dois comprimidos cilíndricos de um dos frascos.

Allison estendeu uma mão trêmula, segurou o copo, soltou o crucifixo e tomou os comprimidos, jogando-os na boca com aversão. Mais pílulas. Parecia-lhe ter tomado todas as pílulas da face da terra, nessa última semana. Mas continuavam a vir. Franziu o rosto quando aquelas duas lhe deslizaram pela garganta.

Tornou a agarrar o crucifixo.

— Acho que você está recuperando um pouco as cores — disse Jennifer.

— Acha?

— Acho.

— Aprecio o sentimento, mas você sabe o que significa a palavra besteira.

Jennifer olhou para Michael.

— Um ou dois dias de descanso e você fica nova em folha.

— Claro. Sem dúvida. — A declaração era tranqüilizadora; o tom e a convicção no fundo não eram.

Michael levantou-se.

— Sente-se aqui.

— Não — disse Jennifer. — Tenho de ir para casa.

Michael encostou-se na cômoda, atento ao silêncio tenso que começava a oprimir o quarto.

— Podíamos todos ir para as montanhas neste fim-de-semana — disse ao cabo de alguns minutos.

— Boa idéia — concordou Allison, friamente.

Michael esfregou o queixo, pensando.

— Bear Mountain. Arranjamos uma cabana para o dia, cozinhamos alguma coisa especial e preparamos uma batelada de grogues de rum. — Sorriu, esperançoso. Allison fitou-o sem expressão.

Jennifer gaguejou:

— Voltarei de manhã. Quer que lhe traga alguma coisa?

— Não.

— Tem certeza?

— Tenho.

Jennifer sorriu, insegura, e virou-se para Michael.

— Onde pôs o meu casaco?

— No armário da entrada.

— E os livros?

— Também.

A amiga tornou a olhar para Allison.

— Descanse um pouco e não continue a amargurar-se. Dará tudo certo.

Allison sorriu, submissa.

— Vou acompanhá-la, Jennifer — ofereceu-se Michael. Acompanhou-a até à sala. Ao chegar ao saguão olhou para a porta do quarto de dormir, que acabara de fechar. Sua expressão tornou-se dura; agarrou Jennifer pelo braço e disse:

— Ela pode ficar totalmente transtornada.

— Tem certeza?

Abriu o armário do *hall*, pegou o casaco e os livros de arte de Jennifer e entregou-os.

— Os médicos aventaram essa possibilidade.

— Está muito agressiva.

— Deprimida exprime melhor. E assustada. A combinação é debilitante.

— Que podemos fazer?

— Não sei.

— Se precisar de mim...

— Sei onde encontrá-la. — Inclinou-se e beijou-a no rosto.

— Obrigado — disse Michael.

Fechou a porta de mansinho e olhou depressa para o quarto de dormir. Tudo quieto; todo o apartamento estava sossegado. Michael pôs a mão no bolso da camisa, nervoso, e tirou um caderninho preto de endereços. Abriu-o, foi furtivamente ao telefone de parede junto da mesa — não tinha extensão no quarto — e discou, em silêncio. Escutou atentamente o telefone distante tocando. Tocou doze vezes. O serviço automático atendeu. Não havia ninguém lá. Ele desligou, aborrecido, e voltou ao quarto.

A bandeja do jantar estava no tapete ao lado da cama. A estereofônica continuava a tocar baixinho; o efeito era calmante e soporífico, exatamente o estado de espírito em que queria deixá-la. Quanto mais quieta ficasse e quanto mais dormisse, melhor.

Levantou a bandeja do tapete e colocou-a na cômoda, logo atrás de si. Sentou-se na poltrona de couro, recostou-se e contemplou-a num esforço compreensivo. O movimento ritmado do peito indicava uma respiração mais regular do que nos últimos três dias.

Allison abriu os olhos.

— Você acha que estou ficando maluca — disse após um silêncio prolongado.

— Não disse tal coisa.

— Não era preciso!

Novo silêncio.

— Às vezes, apesar de toda a sua reserva estudada e neutra, você é muito fácil de entender — disse a doente.

— Sou?

Allison confirmou com a cabeça.

Michael recostou-se melhor na poltrona, esfregando as têmporas, os olhos passeando pelas paredes, de quadro em quadro. Abstratos. Linhas e formas se chocando. Cores. Misturadas.

— Allison — disse, e parou, para pensar no resto de sua declaração.

— Sim — ajudou ela.

— Está bem, concordo; acho que a pressão da morte de seu pai fez com que você entrasse num estado de fantasia.

— Quer dizer que você acha que estou maluca.

— Não quer, não.

— Então o que quer dizer?

Michael gaguejou.

— Quer dizer exatamente o que eu disse.
— Sei. — Não sabia.
— Quer falar a respeito?
— Quero.
— Tem certeza?
— Toda.

Respirando depressa, Michael levantou-se e andou pelo quarto; desligou a vitrola, virou-se e começou:

— Vamos ver o que sabemos daquela noite. Você estava tensa e perturbada, tendo tido outro de seus freqüentes pesadelos. Tinha desmaiado na véspera e acabava de descobrir que não havia ninguém morando no prédio.
— Mas...
— Deixe-me terminar! Você resolveu ser corajosa e subir para verificar quem estava fazendo aquele barulho. Pegou uma faca. Estava apavorada. Depois pisou num gato.
— Jezebel.
— Um gato! Entrou num quarto numa situação que teria assustado mortalmente qualquer pessoa e depois defrontou-se com o seu... — Ele parou e sacudiu a cabeça. Tudo aquilo era ridículo. O pai dela!
— Continue.
— OK. O seu pai estava na cama com duas mulheres, todos despidos — O advogado foi à janela e olhou para os telhados.
— Então?
— Está escurecendo mais cedo.
— Isso acontece, no inverno.

Michael baixou o olhar para os carros que andavam pela rua, as luzes dos freios piscando em espasmos vermelhos. O barulho da rua não subia, salvo alguma buzina ocasional.

Virou-se para Allison.

— Deixe-me fazer-lhe uma pergunta.
— Está bem.
— Por que se tornou frígida?

Allison zangou-se e o desafiou:

— O que é que isso tem a ver com o assunto?

Michael interrompeu.

— Por que saiu de casa?

Allison apertou o crucifixo com mais força.

— Por que viu o seu pai com duas mulheres despidas?

Ela fez uma careta.

— Por que você tentou matar-se depois da morte de Karen?

Fez uma pausa e perguntou:

— Quer que lhe diga?

Allison calou-se.

— Posso dizer, porque sei — disse Michael.

— Eu queria ser modelo.

— E isso a tornou frígida?

— Talvez.

— Vamos acabar com as besteiras. Você está falando é comigo, Allison.

— Eu sei, Michael. Como poderia confundi-lo com outra pessoa?

— Supõe-se que você me ama.

— E amo.

— Então você já devia ter-me contado há muito tempo. Não havia motivo para não contar, já que me contou tudo o mais.

Ela abaixou os olhos.

— Você já tentou esse artifício antes.

— Mas desta vez eu sei.

— Como?

— Isso é comigo. Há meios de descobrir qualquer coisa, se a gente quer muito e está disposto a pagar o preço.

O quarto caiu em silêncio, Michael encostado à janela, Allison apoiada nos travesseiros, braços estendidos na cama.

— O que é que você sabe? — perguntou a moça, conformada com o fato de o namorado saber.

— Tudo — disse ele, suavemente. Abriu a gaveta de cima da cômoda e apanhou um envelope de papel pardo, do qual tirou vários documentos. — Relatórios de psiquiatras e transcrições policiais da época da tentativa de suicídio, depois da morte de Karen. Vários outros papéis. Tudo muito esclarecedor. Mostrou um dos documentos perto da luz. — Este, por exemplo. Apenas a informação que interessa. Relatório do psiquiatra, datado de 12 de março, 1966. Dr. Risenstadt: "Meu pai me deu o crucifixo quando fiz dez anos, no jantar. Era lindo. Eu o pus em mim ali na mesa. Nunca o tirei."

"Outro datado de 9 de abril, 1966: 'Eu sempre pensei que mamãe e papai fossem felizes. Estava enganada. Eles se tornaram muito frios, um com o outro. E as brigas eram incessantes. Ele chegava em casa bêbado e batia nela. Ela dizia que ele tinha outras mulheres. Ele berrava como um louco, chamando-a de católica puritana. Eu descia a escada correndo e ia me esconder numa alcova. Um dia ele me encontrou e me bateu também. Fiquei toda cheia de sangue...

Eu era muito religiosa. Ele não. No entanto, insistia em minha devoção constante para com a igreja. Não fazia muito sentido. Eu me sentia toda confusa.'

"Outro datado de 16 de outubro, 1966: 'Eu o detestava. Ficava apavorada, cada vez que ele se aproximava de mim. Meu próprio pai. Ele matou o meu cachorrinho. Deu-lhe um pontapé na barriga e Buble morreu.'

— Quer que continue? — perguntou.

Ela assentiu com a cabeça, indiferente.

Michael retornou a leitura:

— "Mamãe e eu tínhamos ido passar o fim-de-semana num balneário num lago a uns 50 quilômetros de casa. Íamos dormir e voltar na segunda-feira, mas eu fiquei muito queimada do sol e resolvi voltar um dia antes. Peguei o ônibus de Lake Junction até o correio e fui a pé o resto do caminho, subindo o morro. Eram dez horas da noite. Entrei em casa, subi a escada para o segundo andar, virei para ir para o meu quarto e aí parei. Do quarto de meus pais escutei risos. Não devia haver ninguém em casa. Papai tinha saído da cidade, a negócios. Fui até à porta, parcialmente aberta, abri-a completamente e olhei. Meu pai estava despido na cama, com duas mulheres despidas. Estavam todos bêbados. A maior das mulheres chupava os testículos do papai enquanto a outra acariciava os seios da maior. Vomitei. Meu pai levantou-se da cama, assustado e histérico, e começou a me bater na cabeça. Ergui minhas mãos para me defender, mas ele pôs as mãos em meu pescoço, depois agarrou a corrente do crucifixo, enrolou-a bem apertada no meu pescoço e apertou. Fiquei sufocada. Ele me atirou no chão e puxou a corrente cada vez mais forte, fazendo a minha pele sangrar. Tenho uma cicatriz ali. Dei-lhe um pontapé na virilha. Ele parou. Tentei respirar, mas tornei a vomitar. Olhei para a corrente arrebentada na minha mão, com o crucifixo pendurado numa ponta; olhei para ele: estava ofegante, agarrando-se. Eu estava chorando. Atirei a corrente e acertei no queixo dele. A corrente e a cruz caíram ao chão. Nunca mais os usei. Nunca mais entrei numa igreja. Minha mãe trancou o quarto. Saí de casa. Vim para Nova York."

"Está reconhecendo?"

— Estou. — Fechou os olhos. Afinal — pensou ela, aborrecida por não ter tido a coragem de lhe contar ela mesma — seria uma inibição psicológica muito mais complexa?

Ele pegou outro documento.

— Relatório policial. Também de 1966. Descreve uma tentativa de suicídio, pouco depois do confronto com o seu pai. Tentou cortar os pulsos. Fracassou. Você nunca me falou sobre isto.

— Eu lhe teria contado tudo, com o tempo.

— Mas não antes da morte do seu pai.

— Não.

— Você devia ter-me contado na semana passada. Ele já estava morto.

— Sim, eu sei.

Michael andou até à bandeja, apanhou uma torrada e sentou-se na beira da cama.

— Você tentou matar-se há sete anos por sentimento de culpa, depressão, ódio, solidão. Depois tornou a tentar, quando Karen morreu, por se achar envolvida num adultério.

Allison não respondeu, apenas abaixou a cabeça.

— E os pesadelos? — perguntou Michael.

— Pesadelos?

O advogado pegou outro documento e leu:

— "Eu tinha pesadelos horríveis."

Encarou-a para ver se admitia o fato. A doente tornou a abaixar a cabeça e disse:

— Tinha.

— Admite que tinha pesadelos depois daquela noite?

— Admito.

— Muitas vezes?

— Muitas vezes.

— E poderia tornar a tê-los?

— Talvez.

— E teve um deles na semana passada, numa noite chuvosa.

— Não! Não! Não!

— Você não pode admitir isso como uma possibilidade?

— Não.

— Você não está refletindo direito.

— Não preciso. Eu estava lá. Sei distinguir o sonho da realidade.

— Mas...

— Não!

Ele levantou a mão, defendendo-se.

— Está bem. Deixe-me continuar. Você fugiu dele e ele a apanhou — como há anos atrás — e aí você o esfaqueou e matou com a faca que tinha na mão.

— Certo.

— Não há sangue, nem cadáver, e é difícil esfaquear um homem que está morto e enterrado há três semanas!

— Pode ser difícil, mas eu esfaqueei.

Michael deteve-se, refletiu e respondeu.

— A polícia verificou o apartamento — de fato, todo o prédio — e não encontrou nada que indicasse qualquer luta.

— Gatz verificou o prédio!

— Havia outros policiais também. Gatz não ia inventar tudo isso.

— Não?

— A última coisa que ele faria seria esconder provas de um assassinato ou homicídio estando eu envolvido!

— Ele é imprevisível e capaz de qualquer coisa.

— Só até certo ponto.

Allison tossiu espasmodicamente e cobriu a boca com a mão esquerda, mantendo a direita no crucifixo. É o que a sustentava, dava-lhe, forças.

— Deixe-me fazer-lhe uma pergunta — disse a moça.

— Faça — concordou Michael, em guarda.

— Agora é um assunto oficial que ninguém a não ser eu e o velho padre moramos naquele prédio. Certo?

— Sim.

— Então quem é Charles Charon e de onde ele veio?

— Não sei. Eu não o vi. Ninguém o viu.

— E os outros?

— O mesmo se aplica a eles. Talvez você pense que viu as lésbicas porque as duas mulheres estavam na cama em atividades lésbicas.

— Tolice — disse ela.

— Eu...

— Você viu a gata na escada, como eu a descrevi.

— Eu vi um gato, não necessariamente a gata dele.

— Mas o retrato, Michael! O retrato! Você viu o retrato! Viu Charon na moldurinha dourada.

Michael roeu as unhas e respondeu baixinho.

— É a única coisa que não consigo decifrar.

— A única coisa que leva você a duvidar de sua conclusão de que estou ficando louca?

— Talvez. Mas aquele retrato podia estar no apartamento antes e, sob toda aquela tensão, você sonhou com uma extensão do personagem.

— Veja quem é que está criando suposições vagas e explicando as coincidências. — Allison nunca permitia que o advogado a fizesse capitular por hipóteses. Era um de seus

artifícios prediletos, e que tinham êxito. Especialmente com as pessoas que tivessem um fraco sentido de convicção. Mas mesmo que fosse preciso empregar todas as gramas de sua energia restante, ela havia de confirmar aquilo que sabia ter acontecido. Charon, Clark, as Klotkins e os outros tinham estado lá, ela os vira, e o que ocorrera na noite do homicídio ocorrera com a presença de seu "pai". A idéia a fez tremer e rezar baixinho.

— Creio que não estamos chegando a coisa alguma — disse Michael.

— Poderíamos chegar, se nos aplicássemos a duas perguntas.

— Quais?

— Charon e os outros existem. Onde estão? Tiveram alguma coisa a ver com o que aconteceu naquela noite, e, se não, quem teve?

— Não sei, não sei nada disso. Mas estou preocupado com você. — Inclinou-se e abraçou-a. — Pouco me importa Gatz, Charon, seu pai ou todos os outros. Só você me preocupa, e a sua saúde.

Allison ergueu os braços e os pôs em volta do pescoço de Michael. O crucifixo pousou no ombro dele. Allison contemplou o corpo de Cristo e apertou os olhos.

— Você não vai mais voltar para aquela casa — disse Michael. — Acabou-se.

— Acabou-se mesmo, Michael? — Allison afastou-se e o fitou sem expressão nos olhos.

— Acabou-se.

— Tem certeza?

— Tenho.

Allison riu-se.

— O que é que há? — perguntou Michael.

— Você às vezes é muito ingênuo — disse ela, e tornou a rir.

— Por quê?

— Porque não está acabado.

— Como sabe?

— Eu sei. Coisas assim nunca acabam.

Allison passara a última hora sozinha. Felizmente, Michael voltara ao escritório para completar um trabalho; não agüentaria mais perguntas, sondagens ou racionalizações. No entanto, em vez de se forçar a pensar em outras coisas, ela continuou a explorar a sua vida e os fatos das duas últimas semanas, lendo os relatórios dos psiquiatras e da polícia, re-

capitulando. Começou a formular as suas próprias racionalizações e a construir alguns paralelos aflitivos.

Afinal, já quase exausta, remexeu no arquivo do armário, no saguão e pegou um velho recorte de jornal, levando-o para a secretária da sala.

Ajustou a lâmpada e leu:

MARIDO DA MORTA É O PRINCIPAL SUSPEITO DO ASSASSINATO

O Chefe dos Detetives, Morris Lazerman, revelou hoje que a polícia tem uma outra teoria para o caso Karen Farmer. Antes do novo pronunciamento, supunha-se que a morte da jovem, de 26 anos, fora voluntária. No entanto, segundo o Chefe dos Detetives, Karen Farmer pode não ter atentado contra a própria vida na noite de 22 de março, e deve ter sido vítima de um assassinato premeditado e cuidadosamente executado.

"Embora inicialmente supuséssemos que a morte fosse por suicídio" disse Lazerman, "fatos recentes e provas contraditórias nos obrigaram a modificar a nossa opinião e admitir a possibilidade de que a mulher tenha sido assassinada."

O Detetive-Capitão Thomas Gatz, encarregado direto das investigações, confirmou a declaração de seu superior, mas não quis esclarecer sua afirmação posterior, de que "o marido, advogado Michael Farmer, é um dos principais suspeitos". Curiosamente, Lazerman em sua declaração anterior eliminara a possibilidade de o marido estar envolvido na morte. A investigação subseqüente revelou que o marido da vítima estava envolvido com outra mulher, modelo de modas de nome Allison Parker, e que Miss Parker não parecia ter conhecimento anterior da existência da esposa.

Soube-se depois que, duas semanas antes do suposto suicídio, Mr. Farmer pedira o divórcio à mulher. Relatos posteriores, de amigos comuns do casal, revelaram que Mrs. Farmer rira do pedido do marido, dizendo que nunca lhe daria um divórcio amigável e que ele teria de matá-la para se livrar dela".

Anteriormente, Mr. Farmer apresentara um álibi perfeito, mas obviamente estão começando a surgir algumas falhas, ou é o que pensa a polícia, ou mais precisamente o detetive Gatz. Este foi citado como tendo dito que a amante, Allison Parker, está totalmente isenta de qualquer suspeita no caso. Miss Parker se tem mantido isolada. Mr. Farmer,

que até agora não foi acusado oficialmente de nada, é advogado. Foi um conceituado assistente do Promotor Público de Manhattan durante vários anos, antes de se estabelecer num escritório próprio. Um elemento interessante no caso é o das relações entre o detetive Gatz e Mr. Farmer. Farmer alega existir uma animosidade entre os dois, que data de seus tempos na Promotoria, e que o detetive está empenhado numa "vendetta" contra ele. Por enquanto, nenhuma dessas acusações foi comprovada.

Tanto o Detetive-Chefe Lazerman como o Detetive-Capitão Gatz predisseram que seriam feitas novas declarações a respeito do caso nos próximos dias. Mas a natureza das declarações, neste ponto, parece bastante vaga, diante das posições contraditórias assumidas pelos dois policiais."

Fascinada com o que fora uma recordação morta, Allison leu a reportagem mais uma vez, dobrou-a ao meio e recolocou-a no arquivo.

15

O escritório era pequeno, as janelas com grades. Havia um quadro cheio de circulares e avisos pendurado na parede. A mesa que ficava perto era antiga e gasta: o verniz castanho original estava reduzido a riscos de madeira nua. Além do telefone, pousado perigosamente na beira da mesa, da cadeira velha e quebrada e do cabide logo depois da entrada, pouca coisa era digna de nota na sala.

— O seguinte — ordenou Gatz. Estava sentado atrás da mesa, concentrado numa tela de projeção. O charuto onipresente pendia frouxo de sua boca.

— Seguinte.

Tinha nas mãos um gancho de arame, que fizera de um cabide. Aproximou mais o gancho da ratoeira armada na mesa, depois com um impulso arrancou um pedacinho de queijo da ratoeira sem deixar prender o arame. Puxou

o queijo do gancho e recolocou-o em sua plataforma, rearmando a ratoeira para outra tentativa.

— Volte à foto da sala! — disse.

O homem que estava projetando pôs outro *slide* na tela.

— Não, antes desse. Isso. — Pegou uma série de relatórios e leu-os, calado. — E o antes desse — disse ainda, virando as páginas.

Os *slides* mudaram.

— Acredita que alguém tenha morado nesses aposentos?

O homem da projeção virou-se.

— Não.

— Interessante — murmurou Gatz. — O lugar está todo bagunçado. Estragado. Mas há alguma coisa. — Verificou as notas. — Amplie essa foto.

O homem mudou as lentes, ampliando o tamanho.

A projeção aumentada não revelou nada de novo. Gatz recostou-se, pensando, virando o gancho de arame entre os dedos da mão direita. Depois abriu uma pasta e tirou um relatório policial. Examinou-o rapidamente, já o tendo lido antes em detalhes. Olhou para o homem do projetor, que estava sentado calado, esperando ordens.

— Como se chama? — perguntou.

— Hogan — respondeu o homem.

— Há quanto tempo está na polícia?

— Há um ano.

Gatz examinou-o com cuidado.

— Quando eu entrei, não permitiam usar cabelos compridos nem bigodes.

O homem mexeu nervosamente no bigode bem aparado.

Gatz mordeu o charuto.

— Na semana passada, prenderam uma mulher que dizia ter matado o pai com uma faca. Diz ela que o esfaqueou num quarto no prédio em que morava depois de encontrá-lo na cama com duas mulheres nuas, e de ter ele tentado estrangulá-la. Não há sinais de luta. Nem cadáver. E sabemos que o pai já estava morto havia três semanas no momento do pretenso homicídio. Sabemos também que a mulher tem tendência para o suicídio, já tendo tentado matar-se duas vezes. — Apanhou o relatório da polícia e mostrou-o. — E acabamos de descobrir que há sete anos a mulher encontrou o pai e duas mulheres no quarto dos pais — uma situação quase idêntica — e que ele então tentou estrangulá-la.

O homem do projetor fixou o olhar.

— A questão é saber o que aconteceu na semana passada.

Gatz ergueu as sobrancelhas, esperando uma resposta.

— Talvez tenha sonhado ou sofrido uma alucinação — sugeriu o projecionista.

Gatz inclinou a cabeça, concordando.

— Ou então esfaqueou alguém imaginando que fosse o pai. Uma armadilha, talvez.

— Talvez.

O projecionista esfregou a testa, pensando.

Gatz sorriu.

— Ou então inventou tudo isso por algum motivo desconhecido.

— É...

— Talvez — disse Gatz, solene, sacudindo a cabeça.

A sala ficou em silêncio por vários minutos, enquanto Gatz reexaminava os seus apontamentos e cópias, de vez em quando olhando para a foto ampliada da sala do 4-A, exposta na parede.

— Bolas! — disse afinal, atirando os papéis na mesa. — Basta. Eu o chamarei se precisar.

— Deixo o projetor?

— Deixe.

O homem saiu.

Gatz recostou-se e inclinou a cabeça, pensativo, enquanto reacendia o charuto.

Bateram à porta.

— Quem é? — perguntou friamente.

— Rizzo — respondeu uma voz de barítono.

— Entre.

A porta abriu-se. Entrou um detetive com vários papéis e uma fotografia na mão; soltou a porta e perfilou-se.

— O que é? — perguntou Gatz.

Rizzo adiantou-se, a barriga saliente entre os botões da camisa branca. Entregou os papéis e a foto a Gatz. Depois recuou e passou as mãos nervosamente pelos raros cabelos pretos.

— Absolutamente nada sobre Charon? — perguntou Gatz, depois de olhar os papéis.

— Nada.

Gatz devolveu os papéis a Rizzo, mas guardou o retrato.

— Comparou as fotografias dos criminosos?

— Comparei. Não encontrei nada. Também mandei analisar e testar o papel, na esperança de poder descobrir onde

tinha sido tirada a foto, mas o laboratório não descobriu nada que valesse a pena.

— Merda! E os outros?

— Mesma coisa. Nada. Fez uma pausa e acrescentou: — Mandamos exumar o corpo do pai.

— E?

— Apodrecendo como um verme.

— Interrogou a agente de locação?

— Estamos procurando localizá-la.

— Tentem mais! — Gatz deu de ombros, aborrecido. — Que disse o proprietário?

— Afirma que ninguém, além do velho padre e de Miss Parker, mora lá há três anos. Quanto mais eu penso nisso, mais acho que a pequena é doida varrida. Não há ninguém naquele prédio. E provavelmente também não esfaquearam ninguém, lá.

— Não estou tão certo assim.

— Por que não?

Gatz sacudiu a cabeça e olhou para o companheiro. Pegou o pedaço de queijo da armadilha desarmada, levou-o ao nariz e cheirou.

— Por que não? — repetiu. — Porque há alguma coisa qué cheira. Tudo indica que a pequena não está certa da bola, e isto é que não me agrada. Especialmente porque Farmer está envolvido na coisa. Aqui há mais alguma coisa, provavelmente sepultada bem debaixo dum monte de esterco, mas o meu nariz me diz que está ali e, como já lhe disse mil vezes, o meu nariz nunca se enganou.

— Mas qual foi o crime, mesmo que tenha realmente acontecido o que ela diz?

— Não sei, Rizzo. Mas primeiro vamos brincar de detetive e descobrir os fatos. Depois talvez consigamos aparecer com um crime. Não acha?

Rizzo concordou nervosamente.

— Você é muito impaciente — disse Gatz. — Larga as coisas muito prontamente. É preciso ter paciência.

— Está bem.

— Há dois anos e meio estou esperando uma oportunidade de pegar Farmer. Dois anos e meio. E me corroendo. Isto é paciência. Sem isto, você ficará detetive, terceira classe, para sempre.

Rizzo remexeu-se, digerindo o sermão.

Gatz pegou o retrato de Charon e examinou-o mais de perto.

— Velhote cara de burro, não é?

— É — concordou Rizzo.

— Parece uma passa de ameixa cozida.

Rizzo concordou. Mexeu nos papéis que tinha na mão, tirou outro do bolso e deu-o a Gatz.

— Aqui está a lista de nomes que Jennifer Learson nos deu.

Gatz pegou-a, examinou-a rapidamente e devolveu-a a Rizzo.

— Alguma coisa?

— Não. Nada nos arquivos. Ninguém que tenha motivo para ter alguma coisa contra a pequena ou Farmer.

— Guarde essa lista. Pode ainda ser útil.

— Senhor?

— Sim?

— Talvez devamos chamar Parker e Farmer novamente, para interrogá-los? Talvez que sob pressão consigamos descobrir uma incongruência.

— Não. Seria perder tempo. A não ser que descubramos um cadáver, não temos nada. Quero todo aquele prédio velho verificado novamente, de cima a baixo. E todos os vizinhos dos outros prédios que já foram interrogados, interrogue-os de novo.

— Sim, senhor.

— Quero que você esteja presente com os outros policiais, entendeu?

— Sim, senhor.

— E quero que seja paciente.

— Sim, senhor.

— E me consiga fotos.

Rizzo saiu nervoso pela porta, fechando-a devagar. Gatz deu um grunhido, satisfeito com o efeito de sua autoridade. Pegou o telefone e discou para outro ramal.

— Richardson, traga-me a pasta do "Caso Karen Farmer" e os apontamentos da última sessão com Michael Farmer. Acho que foi há dois dias.

Desligou. Pegou o arame e tornou a pegar o queijo de debaixo da barra da ratoeira.

Levantou o queijo para a luz e pensou no seu problema principal: Sem cadáver, não havia caso.

16

A escada era conhecida. Íngreme e angulosa, empenada e gasta. Mas, por nenhum motivo visível, parecia ainda mais precária do que no dia em que a subira da primeira vez para ir à agência de locação. Sem dúvida a sua própria apreensão tinha muito a ver com isso. Estava tensa, irritável, estranhamente apavorada com a expectativa de um encontro com Miss Logan. Resolvera que já era hora de a agente responder a mais algumas perguntas, e como a mulher se recusara a atender ao telefone do escritório, e como não podia encontrar nenhum telefone de residência em qualquer subúrbio em nome de J. Logan, uma ida ao escritório era a única alternativa prática.

Olhou para cima por vários minutos, passando as mãos sobre a maquilagem pesada que se aplicara para cobrir a palidez; depois subiu a escada e experimentou a porta do escritório. Não estava fechada a chave; entrou. A sala era exatamente a mesma, tal como a visitara; mas sem Miss Logan ou qualquer outra pessoa. O pó na cadeira da mesa indicava que ninguém estivera ali, há vários dias. Estranho. Miss Logan não era do tipo que deixava a porta sem fechar ou o escritório desarrumado. E o que teria acontecido ao famoso sócio, se existia? Allison não tinha mais certeza da existência do sócio, embora a agente se houvesse referido a ele, pois agora tinha sérias dúvidas quanto a outras referências da solteirona. Mas não era apenas a poeira que indicava o abandono do lugar. A data no calendário era de dez dias atrás. Não podia ignorar a coincidência. Há dez dias fizera o seu alegre passeio ao apartamento 4-A no meio da noite.

Remexeu nos papéis da mesa, pois parecia ser o indicado, e não encontrou nada de notável — a não ser um número com o nome "Joan Logan" escrito ao lado. Ela discou os algarismos, mas uma voz atendeu e declarou "Este número não funciona. Favor consultar o catálogo para o número certo." Já o tinha consultado. Desligou batendo o fone e esfregou os olhos, que doíam constantemente; tornou a olhar em volta do escritório e, hesitante, desceu a escada e saiu.

Olhou a rua. A alguns metros havia a entrada de uma loja de flores. Foi até lá e observou a vitrina. Uma velha num vestido de pintas caminhava em volta da mesa; olhou-a e sorriu. Ela entrou.

— Deseja alguma coisa? — perguntou a velha, limpando hastes de flores.

Allison olhou para a vitrina refrigerada nos fundos da loja.

— Gostaria de comprar uma rosa.

— Vermelha?

— Vermelha.

— Tenho umas lindas que acabam de chegar.

Virou-se, abriu o armário e tirou uma tropicana de haste longa.

— Um minuto — pediu a florista.

Allison encostou-se à parede, vendo a mulher pegar uns verdes para juntar à flor.

— A senhora por acaso conhece a agente de locação, sua vizinha? — perguntou Allison, o ar displicente.

A velha levantou os olhos.

— Miss Logan?

Allison fez que sim.

— Não muito bem. Ela vem aqui de vez em quando comprar flores para o escritório. — Apertou os olhos, desconfiada. — Por quê?

— Só estou curiosa. Sou uma das inquilinas dela. Estou tentando encontrá-la, mas parece que está fora.

— Não sei, não, mas pensando bem, há bem uma semana que não a vejo, talvez mais. — Puxou uma folha de papel de embrulho verde e um rolo.

— O sócio dela também não parece estar por aí.

— Sócio? Não sabia que tinha sócio.

Allison ergueu as sobrancelhas.

— Tenho certeza de que ela me falou num sócio.

A mulher deu de ombros.

— Talvez tenha. Mas desde que estou aqui — há dois anos — nunca vi Miss Logan com ninguém.

— Sabe onde ela mora?

A mulher sacudiu a cabeça, enquanto embrulhava a rosa.

— Pronto — disse, mostrando a flor.

— Quanto é?

— Meio dólar.

Allison pôs o dinheiro na mesa e apanhou a rosa. A mulher ofereceu-lhe um cravo. Allison fitou-a.

— Para a sua lapela — disse a florista. — Estou vendo que não esteve passando bem. Isto ajuda.

Allison tocou no rosto e olhou para os dedos. O *rouge* manchava as pontas. Sorriu amarelo, pegou o cravo e virou-se.

— Obrigada. Saiu, lançou um olhar ao prédio da agente e chamou um táxi.

Michael protestou.

— Não há nada de errado na comida. Sentou-se, cruzou as pernas e pôs duas aspirinas na mesa ao lado da garrafa de saquê, onde agora estava a rosa.

O protesto. Já o esperava, de uma forma ou de outra, embora, estranhamente, Michael não houvesse dito nada de negativo desde que se tinham encontrado para um jantar tardio, no saguão do restaurante. Isso não significava que não percebesse o esforço consciente que o advogado fazia para ser positivo e otimista; antes, também esperava isto, embora soubesse que mais cedo ou mais tarde o amante cometeria um deslize e provocaria um confronto. Fora aquele o *modus operandi* desde que ele voltara de Albany — era este o lugar, não? E não tivera nenhum indício de que a tensão entre eles tivesse diminuído. Na verdade, se possível, tinha-se intensificado desde que ela tivera alta do hospital.

— A comida não tinha gosto de nada! — repetiu Allison, mordaz, resolvida a não ser levada a uma posição defensiva. Mantivera-se agressivamente afirmativa a respeito de tudo desde que declarara, ao chegar ao restaurante, que alguma coisa acontecera à agente de locação. E até mesmo o silêncio de Michael, que podia ser considerado um protesto inicial, não modificara a sua atitude.

Sem gosto? Não se surpreendia. Mais um sintoma na lista das perturbações. Catalogou-as rapidamente: dor de cabeça, náusea, tonteiras, perda de equilíbrio, dores nos olhos, visão turva, audição deficiente (queixara-se disto), desmaio. E agora a incapacidade de sentir o gosto. A lista parecia interminável. Michael aceitara a crescente instabilidade mental de Allison. Era de esperar, no quadro de um esgotamento e, de fato, esperara ainda um certo desarranjo físico. O médico e os especialistas também esperavam. Mas quanto ao resto — muito estranho. Não tinham encontrado nada que indicasse alguma disfunção em seu sistema nervoso e tinham feito uma série exaustiva de exames neurológicos. Mas os médicos estavam perplexos, pelo menos até aquela tarde, quando ele passara no consultório do clínico. Diagnóstico: doença psicossomática!

Michael não podia discutir com os médicos; não queria. No entanto...

Allison pegou as aspirinas e engoliu-as com uma coragem nada típica. Engoliu-as sem água. Fez uma careta pelo mau gosto, e olhou-o

— Satisfeito? — perguntou, referindo-se à aspirina.

— Estou — foi a resposta. E estava. Tanto com a aspirina quanto com os resultados esperados do jantar. Sugerira o jantar naquela tarde, quando lhe telefonara para fazer várias perguntas relativas aos interesses financeiros do pai dela. Acabara de receber o testamento e outros documentos administrativos, e como ia tratar do inventário — a não ser que fosse impugnado por uma das partes interessadas — achara que devia fazer algumas perguntas preliminares. No entanto, pensava agora, devia ter esperado. Como seria de imaginar, Allison ficou perturbada só diante da menção dos documentos, e o advogado teve de adiar qualquer pergunta. Mas a principal finalidade do telefonema fora fazê-la sair do apartamento. Jantar e um passeio a pé não lhe podiam fazer mal; podiam até ajudar, raciocinara, certamente tanto quanto os milhares de comprimidos que ela estava tomando, sem qualquer melhoria visível. A saída até poderia aliviar a depressão, que se tornara um problema tão real quanto sua incapacidade física.

Estava atolada em autocomiseração, a um ponto que o irritava. Quando lhe perguntou o que o médico tinha dito de manhã sobre o estado dos olhos, a resposta foi:

— Disse que estavam ressecados. Depois fez uns exames, mas não fez nenhuma insinuação quanto ao meu estado psiquiátrico.

— O que quer dizer com isso? — perguntara.

— É óbvio — respondera. E depois de dizer que ia se preocupar com a saúde mental dela quando estivesse fisicamente melhor, Allison declarara: — Se é que um dia vou melhorar.

— Essa atitude não a ajudará a melhorar.

— Esta atitude me ajudará a aceitar o pior.

Tinha de acabar com aquela depressão dela, especialmente se o diagnóstico "doença psicossomática" estivesse certo, e não tinha motivos para duvidar.

O ambiente descansado de um restaurante era um bom lugar por onde começar.

— É tudo bobagem! — declarou, com o seu jeito afirmativo.

— O quê?

— Os seus estranhos males! A palavra "males" parecia mais adequada do que "doenças", referindo-se a algo misterioso e fugidio.

— São mesmo?

— São!

— Por quê?

— Porque são ilusórias. Você é inteligente demais e consciente demais para estar-se fazendo isso. Está tomando tranqüilizantes e analgésicos fortes, que podem ter uma porção de efeitos secundários, e ainda por cima, está fisicamente fraca, o que só pode piorar qualquer efeito colateral já existente. Você tem tido um pouco de febre e tem uma imaginação fértil e ativa demais. Preciso dizer mais? Parecia lógico e interessante, mas por algum motivo, ele mesmo não acreditava no que dizia.

— Ilusões psicossomáticas não são do meu tipo!

— Allison! — avisou Michael, zangado. — Se você não lutar contra esse colapso, vai continuar a ter dores de cabeça e ficar enjoada e vai acabar num hospício ou morta.

— Amém.

O rapaz estendeu a mão abruptamente e agarrou o punho cerrado da moça.

— Não pode largar esse maldito crucifixo nem cinco minutos? — Puxou; ela não o soltou. — Allison! — disse zangado. Os dedos largaram a cruz; ele a agarrou e escondeu por baixo da blusa dela.

Allison recostou-se, boca fechada, olhos arregalados, rígida. As frustrações de Michael estavam começando a aparecer; estava convencida de que o namorado lutava com uma realidade essencial, por mais lógico que quisesse aparecer. Dez dias se haviam passado desde os acontecimentos na velha casa de pedras pardas, acontecimentos que o advogado não conseguira entender nem explicar, e por mais que tentasse ajudá-la a relaxar os nervos — e obviamente era o que estava tentando — a simples realidade permaneceria irredutível. No entanto, sentia-se mais segura no conhecimento do processo mental do advogado do que nos seus próprios. Continuava inquieta. Mas não conseguia precisar o motivo. Era verdade que o choque tinha muito a ver com aquilo; tinha dificuldade em descontrair-se em qualquer lugar. Mas era mais do que isso. Tinha uma sensação de repulsa. Talvez a presença de Gatz houvesse revivido a recordação do passado e com aquela

recordação a imagem de Karen Farmer. Mas, por outro lado, podia ser que não.

— Vamos dar uma volta — disse Michael rompendo o silêncio. — Vai-lhe fazer bem.

Allison bocejou, esperou calada até ele pagar a conta e o acompanhou.

— A comida estava deliciosa — lembrou-se ela de dizer, como se houvesse esquecido o seu comentário anterior. Michael achou engraçado, mas não riu.

A noite estava límpida e fria, as ruas enxutas. Caminharam até a Broadway com a Rua 51, viraram para o centro e em alguns minutos chegaram a Times Square. Embora a dor de cabeça continuasse, Allison resolveu aceitar a tentativa de distraí-la, e acompanhou Michael por uma série de salões e lojas. Por fim, saíram das galerias e vagaram sem rumo pelas ruas laterais, parando de vez em quando para examinar os cartazes e fotografias nas paredes dos teatros já escuros.

Pouco antes da meia-noite, Michael parou defronte de um museu de cera e falou com o anão que ocupava a cabina da administração.

— Vamos entrar — propôs.

Allison franziu a cara e olhou para outro lado, repugnada.

— Vamos — insistiu Michael.

— Não seja ridículo — disse ela.

— Vai ser divertido.

Ela olhou para o relógio e mostrou-o a ele.

— Já é quase meia-noite. E estou cansada.

Michael olhou para a bilheteria, com uma expressão de quem está pedindo ajuda.

— Meia entrada para a moça — disse o anão, os guizos na ponta de seu gorro tinindo na noite. Levantou-se na cadeira e fez sinal para Allison, com suas mãos curtas.

A moça o fitou. O anão evocava imagens. Imagens desagradáveis, que seria melhor deixar no passado. Ora, ora, imaginava o anão dizendo. A festa de aniversário. Jezebel, Charon. As Klotkin. Os outros. Ele se encaixaria perfeitamente. Allison se perguntou se o mundo estaria evoluindo para uma série de imagens transitórias daquela noite. Será que até a ocorrência mais comum de todo dia se tornara parte de uma extensão da trama engenhosa contra a sua sanidade? Olhou para Michael. Este a fitou com a obstinação irreprimí-

vel de Charles Charon. Seus olhos diziam que não desistiria; entrariam juntos no museu. Ela estremeceu.

— Qual é o problema? — perguntou Michael.

— Tenho de ser óbvia?

Ele sorriu.

— Se quiser.

— Há dez dias, passei por um pesadelo. Não passei bem desde então. Ainda não estou bem agora. Não tenho a menor intenção de piorar, se puder evitá-lo. E a última coisa que posso pensar que ajude o meu estado de espírito é um passeio por uma exposição de depravação.

— Será terapêutico.

Allison encarou-o, zangada.

— Ora, francamente!

— Sim, francamente.

— Michael, você não pode pensar...

Ele interrompeu-a, insistindo com delicadeza.

— Você vai passar o resto da vida fugindo do escuro? Ou viver com medo dos pesadelos por trás de cada parede? — Parou, boca torcida de preocupação. — Não vou permitir que você faça isso. Vou fazer com que o seu espírito volte ao normal. Já lhe disse isso no restaurante, e estou falando sério.

— Está mesmo — berrou o anão.

Ela olhou para Michael e inclinou a cabeça. Este deu o dinheiro ao anão, recebeu duas entradas, segurou o braço da moça e puxou-a pela porta e por uma escada abaixo.

Uma luz vermelha iluminava a entrada do museu. Por baixo, um cartaz indicava a direção de cada mostra. Adiante estava tudo escuro.

Entraram.

O museu era um complexo de corredores, cubículos e voltas, cada qual dedicado a um tema diferente. Salas mal iluminadas; quadros banhados de luz indireta, produziam um efeito surpreendente. Muitas das formas de cera pareciam possuir uma vitalidade próxima à vida.

Estivera naquele museu? Parecia lembrar-se da disposição. Mas devia ter sido há muito tempo. Talvez logo depois de chegar a Nova York. Talvez isto explicasse a sensação de familiaridade, de estar andando num sonho conhecido.

Escutou os passos isolados, que davam, e o silêncio infinito que os cercava. Viu os próprios corpos entrarem e saírem das sombras artificiais, intrusos num mundo de imagens, caminhando devagar.

Em cada cena, Michael parava para dissertar. Continuava calada e sem reagir.

Ouviu-o rir.

Me fiz lembrar o Gatz — observou Michael.

Allison olhou. Um homem branco, deformado, aparecia um pouco acima, com um sorriso insano.

— Que pensamento agradável. Sempre me assombro de ver como você é atual. Se estivéssemos numa padaria, falaria sobre a liberação de Auschwitz.

— Deixe de exercícios cerebrais — disse o advogado, e começou a caminhar pelas outras estátuas da exposição, parando para ler as inscrições. Ao chegarem ao fim do corredor, voltaram para o centro, por outro *hall* pequeno e à seção dedicada aos instrumentos de tortura — Brinquedos agradáveis — comentou Michael, quando começaram lentamente a passar pelas vitrinas.

— É doentio.

— É história.

— Não quero olhar para esses troços.

— Allison.

A moça interrompeu.

— Deixe a semântica e a retórica, Michael. Quero ir embora.

Michael fez um movimento de indiferença e conduziu-a à saída, por uma porta escura e pela galeria principal, depois por outro corredor lateral.

Allison levantou os olhos. A placa dizia: "Famosos Assassinos e Vítimas". Zangada, disse:

— O que é que você quer de mim, Michael? Sangue?

Michael se deteve, em silêncio.

Havia muita coisa que Allison queria dizer, mas era inútil. O melhor que podia fazer, sem entrar noutra discussão, era acompanhá-lo e deixar que fizesse o que queria. Já fora bastante estúpida, deixando-se levar ao museu. Devia ter apanhado um táxi e ido para casa e para a cama. Lá é que devia estar. Não aqui, no escuro.

A coleção era típica: Jack o Estripador, Lizzy Borden, o Estrangulador de Boston e outros assassinos menos importantes.

O advogado caminhava devagar; a namorada o seguia, de cabeça baixa, olhando de relance para os vultos expostos. Sentia-se inquieta naquela escuridão, que lembrava a escada da velha casa de pedras. Esperava a qualquer momento ouvir o grito agudo de Jezebel e sentir o corpo peludo e redondo comprimido debaixo de seu pé. A cada passo olhava com o

rabo do olho, procurando o pai ou Charon ou alguma outra criatura do pesadelo. Apreensão tola? Talvez. Mas ao dobrar um canto, viu um vulto, uma mulher.

Soltou um grito e levantou os olhos para a figura. Sacudiu a cabeça. Outra assassina, e daí? Não era assustadora. Só uma velha com um machado.

— O que é que há? — perguntou Michael agarrando-lhe os ombros.

Allison ficara paralisada, tremendo violentamente e olhando para a imagem. A inscrição dizia:

ANNA CLARK, ASSASSINA CONDENADA, EXECUTADA NA CADEIRA ELÉTRICA EM SING-SING, OSSINING, NOVA YORK, NO DIA 27 DE MARÇO, 1948, POR TER ASSASSINADO COM MACHADO SEU AMANTE E A ESPOSA. SABIDAMENTE SEU AMANTE, STANTON RIDGER, SE RECUSARA FINALMENTE A ABANDONAR A MULHER APÓS DEZ ANOS DE CASADOS. O CRIME FOI O ADEUS DE ANNA CLARK. A POLÍCIA O DESCREVEU COMO O MAIS SANGRENTO E DIABÓLICO NA HISTÓRIA DO ESTADO. O CASAL FOI MORTO NA CAMA DURANTE O ATO SEXUAL.

Mrs. Clark, amiga de Charles Charon, inquilina do prédio, uma pessoa desaparecida alguns dias antes — morta havia 25 anos, assassina!

Allison deu um salto das mãos de Michael e correu para o escuro, novamente sem ter noção de onde estava, lutando para fugir, tropeçando de um lado para outro no corredor, gritando histericamente.

Quando chegou ao saguão principal, Michael a alcançou.

— Allison! — Os olhos da moça estavam revirados. — O que é que há?

Allison engasgou-se e vomitou. Michael ficou sem saber o que fazer, segurando-lhe os ombros. Os lábios se tinham tornado azuis; um suor frio cobria-lhe o rosto. Michael puxou um lenço e começou a limpar o vômito.

— Tire essas mãos de cima de mim!

Michael empalideceu com o cheiro.

— Mas... — gaguejou.

— Vá-se embora! — tornou a moça a gritar, lutando desesperadamente para livrar-se das mãos do companheiro.

Em desespero, Michael deu-lhe um tapa. E depois outro.

Uma portinha abriu-se no escuro e apareceu um homenzinho de macacão, com uma lanterna de pilha. O empregado.

— O que está-se passando aqui? — perguntou. Atravessou o saguão. — Meu Deus, disse ao ver o vômito.

— Nada demais — respondeu Michael. — A minha amiga viu alguma coisa que a perturbou.

— Vamos levá-la para o escritório.

— Não. Já vou ficar bem — disse Allison, e começou a endireitar a roupa.

O empregado gaguejou:

— Tem certeza?

— Sim, já estou bem. Podia me arranjar pano úmido?

O homenzinho voltou nervoso para a porta e desapareceu na salinha. Instantes depois, voltou com um pano molhado.

— Tem certeza de que está bem? Podia vir sentar-se no escritório e eu podia chamar o médico.

Allison firmou-se numa coluna para impedir que as pernas trêmulas cedessem.

— Não vai ser preciso — disse, limpando o rosto com o pano.

Michael estava a certa distância, perplexo, inseguro do que dizer ou fazer.

— Vamos sair daqui — sugeriu, afinal.

Allison concordou e o acompanhou pela escada, saindo do museu e seguindo pelo quarteirão. Antes de chegarem à esquina, Michael segurou-a pelos ombros e a fez virar.

— O que aconteceu lá dentro? — perguntou.

A pergunta ficou sem resposta.

Michael pôs-lhe a mão por baixo do queixo; a moça afastou-se e encostou-se a uma parede de tijolos.

— Allison, você tem de me contar o que aconteceu lá dentro!

Allison o enfrentou furiosa.

— Você sabe perfeitamente... — começou e parou. Não, não era momento para acusações, embora soubesse que Michael compreendia os seus pensamentos. — Foi a estátua de cera da velha — confessou. — Era uma das mulheres na festa de Jezebel. Sabia que já tinha visto "Mrs. Clark".

— Eu devia ter compreendido — disse Michael. — Estamos de volta à casa.

Como poderia ele? Estaria tão enganada? A respeito de tudo? Olhou-o. Agarrou o crucifixo e declarou zangada:

— Que diabo devo fazer? Que quer que eu diga? Que não aconteceu, ou que não vi aquela mulher na casa. Está bem, vou dizer: *Não aconteceu nada e não vi aquela mulher na casa*. Mas estou mentindo. Disse e estou mentindo.

— Aquela mulher foi executada há 25 anos. Você sabe perfeitamente que não estava na casa. Talvez alguém que se parecesse com ela, mas...

— Ela me foi apresentada como Mrs. Anna Clark.

— Podia haver mais de uma.

— Pare! — gritou Allison.

Michael respirou profundamente.

— Michael — disse Allison — quero ficar sozinha.

— Por quê?

— Porque quero. Por favor.

— Eu a levo em casa e saio um pouco.

— Não, quero ficar sozinha agora.

— Allison, não posso deixá-la, depois do que aconteceu.

— Não creio que tenha escolha.

Michael sentia-se perplexo.

— Allison — tentou.

— Não, estou-lhe pedindo outra vez. Quero ficar sozinha. Vá para casa. Vou pegar um táxi e andar por aí. Daqui a uma hora estarei no seu apartamento. Só quero ficar sozinha para pensar.

Michael começou a protestar. Allison foi até ao meio-fio e esperou, sem fazer caso das objeções do companheiro. Chamou um táxi e entrou. Michael começou a segui-la, mas Allison fechou a porta por dentro.

— Que diabo! — praguejou, e saiu andando, enquanto o táxi dobrava a esquina e desaparecia.

17

— Está se sentindo bem? — O motorista virou-se e espiou pela divisão de plástico. — Senhorita?

O táxi entrou no tráfego da Broadway. O motorista voltou sua atenção para a rua.

— Posso levá-la para um hospital? — ofereceu o motorista.

— Basta continuar a dirigir — disse a passageira docilmente.

— O dinheiro é seu — concluiu o motorista. Olhou pelas vidraças. — Já passamos por aqui cinco vezes.

— Continue andando — gritou a passageira, zangada.

— Está bem — disse o motorista. Pôs o pé no freio, olhou para a luz vermelha que brilhava na esquina e voltou os olhos, pelo espelho retrovisor, para a passageira estendida no assento traseiro.

Sacudiu a cabeça e estremeceu. A mulher parecia quase morta, olhos inchados refletindo uma ausência que enchia todo o carro com uma sensação de terror. — Basta dirigir pelo Lado Oeste, entre a Rua 42 e a Rua 100 — dissera ela, e, durante a última hora, era exatamente o que ele vinha fazendo. A pequena estava doente e precisava de um médico. Não havia dúvida alguma. Se morresse de repente naquele assento de trás, não o surpreenderia.

A luz passou a verde; o táxi avançou.

A última hora fora horrível. Tinha ficado imóvel, estendida no assento traseiro, suando em bicas, assustada, e incapaz de olhar pelas vidraças ou de fazer o que fosse, salvo sentir-se asfixiada. Os olhos pareciam estar em brasa; a cabeça martelava. Esfregou o couro cabeludo, ofegante. Que estaria Michael pretendendo fazer? Sabia que a estátua da velha estava lá. Tinha de saber, senão não teria insistido tanto para entrarem no museu. E se soubesse, devia saber o que acontecera com Charon, as lésbicas e os outros. E o que acontecera naquela noite na casa velha. Mas por quê? Quanto mais pensava, mais confusa se sentia, e mais enjoada.

Sentou-se direito e encostou-se à vidraça. As filas de prédios e casas passavam no escuro. O táxi estava andando depressa, depressa demais para permitir que entendesse a vista que passava.

— Pare! — gritou de repente.

— O quê? — perguntou o motorista

— Pare. É aqui que quero descer.

— Aqui?

— Sim, pare o carro.

Os pneus gritaram; o táxi parou.

O motorista olhou em volta da rua e virou-se.

— Este é um mau lugar para saltar, senhorita. Uma zona perigosa, de porto-riquenhos. Não creio...

— Quanto é?

O motorista sacudiu a cabeça e verificou o relógio.

— Dezenove dólares e dez centavos.

Ela pôs a mão no bolso, tirou uma nota de 20 e colocou-a no pratinho saliente.

— Guarde o troco.

Abriu a porta com o pé, saltou para a calçada e olhou para cima, para um prédio de dois andares, velho e decrépito.

O motorista inclinou-se pela porta aberta.

— A senhorita não está mesmo com boa aparência — avisou ele, hesitando. — Por que não volta para o carro e eu a levo a um médico ou um hospital. Está me ouvindo?

Não teve resposta. A paciência acabou, bateu a porta e seguiu pela rua afora.

Allison observou o táxi desaparecer no escuro. Olhou para suas mãos trêmulas, sem sangue. Virou-se para o meio-fio. Um saco de papel pardo voou pelo asfalto, impelido pelo vento do Hudson. Olhou em volta. Um vira-latas remexia numa pilha de latas de lixo; o resto do quarteirão estava vazio e quieto, a maioria dos prédios fechado por tábuas, destinada à demolição, a rua toda esburacada. Havia móveis quebrados pelas calçadas, decorados com escritos em inglês e espanhol.

Allison tossiu e segurou a cabeça, que girava. A rua parecia surgir e desaparecer da realidade. Allison apertou os olhos, tensa, lutando para equilibrar-se. Virou-se para o prédio velho e olhou para a inscrição por cima da porta: IGREJA DA IMACULADA CONCEIÇÃO. Letras grandes, cortadas na pedra e gastas, as incisões, outrora vivas, agora arredondadas e apagadas. Vira o letreiro com o rabo dos olhos, de dentro do táxi, e sentira um sobressalto. Mas agora, ali, diante do prédio, parecia que alguma força inexplicável a impelia a fazer uma coisa que não fazia há tantos anos. Uma compulsão estranha, mas não sem precedentes em sua semelhança com o impulso que a levara ao quarto do pai para recuperar o crucifixo.

Entrar numa igreja! Inesperadamente, a idéia não tinha nada de revoltante. Subiu os degraus rachados e deslocados e entrou no vestíbulo externo da capela. À direita havia uma pia de mármore, com um pouquinho de água benta; por cima, uma imagem da Virgem Maria.

— Ave Maria, cheia de graça — murmurou, olhando para a Mãe de Deus. Palavras estranhas, mas extasiantes. — O Senhor é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres, e bendito é o fruto de vosso ventre, Jesus. — Surpreendeu-se de saber as palavras, há tanto tempo em desuso. — Santa Maria, Mãe

de Deus, rogai por nós, pecadores. Agora e na hora de nossa morte, Amém."

Mergulhou, tremendo, a mão na água benta, fez o sinal da cruz, e saiu pela porta da capela.

Michael percorreu depressa o corredor e localizou o gabinete do secretário de redação.

— Pode me ajudar? — perguntou, fechando a porta de vidro atrás de si.

— Talvez — disse o jornalista, estendendo a mão por cima da mesa amontoada de papéis e ajustando a lâmpada.

Michael sentou-se, satisfeito por descansar os pés. Estava cansado. Tinha estado caminhando pelas ruas durante uma hora, pensando.

— Preciso de uma informação. — Puxou uma nota de dez dólares do bolso e colocou-a na mesa.

O jornalista pôs os óculos e olhou para a nota, com apreço.

— Sobre o quê? — perguntou.

— Um anúncio de apartamento que apareceu em sua seção de domingo, há três semanas. Quero saber quem mandou publicá-lo. Por quanto tempo apareceu. E qualquer informação que tiverem sobre uma J. Logan, agente de locação.

O homem deu um bloco a Michael.

— Vou precisar do endereço.

Michael sorriu, satisfeito com a expectativa de mais informações. Rabiscou o endereço e pôs o bloco de novo na mesa.

O jornalista olhou o papel, levantou os óculos para a testa, pegou o telefone e pediu Imóveis.

A capela estava vazia. Silêncio total, escuridão completa, salvo pela luz produzida por miríades de velinhas acesas nos pequenos altares em ambos os lados da sala.

Allison desceu pela nave, fez uma genuflexão, persignou-se e foi ajoelhar-se num banco. O crucifixo pendurado ao pescoço estava bem seguro na mão. Olhou em volta. E agora? Que devia fazer? E por que estava ali? O lugar era estranho. Um mundo que abandonara. Juntou as mãos e abaixou a cabeça. Será que se lembraria das palavras? "Pai nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome". Era isto. Recitara a prece milhões de vezes, em criança. "Venha a nós o vosso reino. Seja feita a vossa vontade..." O escuro. A dor de

cabeça. A náusea. Mas as palavras eram tão boas. "Assim na terra, como no céu." Com Michael ou sem Michael. Ia rezar. Voltara. Primeiro o quarto. Depois o crucifixo. Agora a reza. "O pão nosso de cada dia nos dai hoje." Levara tanto tempo. "E perdoai-nos as nossas ofensas, assim como perdoamos aos que nos têm ofendido." Era quase como se nada de mau tivesse acontecido. "Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amém." Disse a oração três vezes.

Segurando o crucifixo na mão úmida, pôs-se em pé e saiu do banco. A luz suave dos pavios iluminava a sua presença. Mexeu no bolso e pegou uma moeda. Estava fria; a prata conservava o frio do ar gelado da noite. Depositou o dinheiro na caixa, puxou uma vela do recipiente e, chorando, acendeu-a pelo pai. Mas não conseguiu rezar por ele. Em vez disso, ficou ali imóvel, olhando para as luzes vacilantes.

Um arrepio de frio correu-lhe as costas, como se uma corrente de ar houvesse passado pela igreja. Reparou nas velas. As chamas ardiam retas: o ar estava tranqüilo. Allison sentira, porém, alguma coisa, talvez uma manifestação do medo subconsciente da próxima auto-revelação. Sua pele vibrava à medida que se intensificava a sua percepção do escuro que a envolvia: sentia-o comprimindo-a. Se fosse em qualquer outro lugar que não uma igreja, teria sucumbido ao terror do vazio absoluto. Mas precisamente aquela sensação de isolamento a impeliu para o confessionário.

Mediu os passos com cuidado.

— Olá — disse. — Padre. — A voz reverberou pelas paredes.

— Olá, Padre, Padre.

Mas não houve resposta.

Mais um passo. Ouviu o eco dos seus passos, misturado às vibrações dos chamados.

Mais um passo. Outra vez o frio. Tinha de se confessar.

— Padre. — Nenhuma resposta. — Padre... Padre... Padre...

Ficou calada diante do cubículo. Afastou a cortina e olhou para o interior frio, os painéis de carvalho gastos e o banquinho de veludo. Ajoelhou-se, baixou a cabeça, cruzou as mãos e murmurou com tristeza:

— Abençoe-me, Padre, pois pequei.

— Quando se confessou pela última vez, filha?

Allison soltou uma exclamação.

— Quando se confessou pela última vez? — A voz era profunda e autoritária.

Seu coração batia por causa da intromissão repentina e inesperada. A voz vinha do outro lado da gradezinha, o lado em que devia estar o padre na hora da confissão — ou quando chamado — mas não àquela hora tardia, numa igreja escura, sem sinal de vida em lugar algum.

E ele não respondera aos seus chamados.

Allison entrou em pânico, agarrando a grade e aproximando-se mais.

— Está bem, minha filha?

Ela gaguejou.

— Padre?

— Sim, minha filha — continue.

Ela agarrou a cortina e afastou-a, pronta para saltar do cubículo.

— Padre, é um padre mesmo?

— Claro, minha filha — disse ele, com bondade. — Continue.

— Eu... hummm... como...

— Estou aqui para ouvi-la.

— Mas não respondeu quando chamei!

— Estou aqui para ouvi-la. Não fique assustada.

— Estou, Padre. Muito!

— É por isso que estou aqui — porque você está assustada. Estou aqui para livrá-la do seu terror, ouvindo a sua confissão.

Allison encostou a cabeça na parede por cima da grade. Seria um padre? Podia confiar nele? Era preciso. Tinha de revelar-se, aceitar a penitência e receber a absolvição.

Mas por que não respondera ao chamado?

— Há oito anos não me confesso, Padre! — Parou.

— Sim? — disse o padre.

— Não posso acreditar que faça tanto tempo. — Uma pausa nervosa. — Por que estou aqui?

— Você está aqui para ser ouvida! — respondeu a voz. — Eu estou aqui para ouvir.

Allison deu um gemido e tomou fôlego.

— Cometi os seguintes pecados: há oito anos não entro numa igreja! Rejeitei tudo. Mas acima de tudo, Jesus Cristo. Quero voltar para a igreja e para ele. — Gaguejou, insegura. — Tenho de contar tudo o que guardei dentro de mim há tanto tempo!

Calou-se e chorou.

— Por que abandonou a igreja, minha filha?

— Por quê? — murmurou, como se a pergunta fosse incompreensível. Mais outro silêncio prolongado, depois do qual, lutando com as lágrimas, começou a contar a adolescência, a dedicação a Jesus e as primeiras dúvidas e rejeições. Recapitulou a degeneração do pai. O adultério. A embriaguez. As pancadas. A destruição da família. E contou o que vira naquela noite!

Apoiou a cabeça sobre as mãos e teve um espasmo de tosse.

— Só isso, minha filha?

— Não.

— Conte-me.

— Padre, cometi adultério! Eu não sabia que ele era casado quando o conheci...

— Sim? — ajudou a voz.

— Comecei a desconfiar, mas não queria saber que amava um homem culpado de fazer a outra mulher aquilo que o meu pai fizera a minha mãe. — Engoliu nervosamente a saliva descendo-lhe pela garganta como lava derretida. — A mulher dele suicidou-se!

— Suicidou-se? — perguntou o padre, de repente. — Foi isso o que aconteceu?

— Sim — gaguejou Allison. Por que havia de duvidar de sua confissão? Duvidava de sua palavra? Ou será que sabia algo em contrário? Não! Era impossível. — Depois do suicídio eu soube — Ela tornou a parar e esperou calada.

— Mais alguma coisa, minha filha?

— Mais?

— Sim, minha filha.

— Não.

— Há, sim! Conte-me — sondava como se procurasse algo de específico.

Allison prendeu a respiração.

— Tentei matar-me — declarou agoniada, fazendo as palavras passarem depressa pelos lábios, como se esperasse que não fossem ouvidas. — Duas vezes. Uma vez depois de encontrar meu pai com as duas mulheres na cama, a segunda depois da morte da mulher. Eu me sentia tão culpada, tão perversa.

— Além disso? — insistiu o confessor, a voz mais alta. — Há mais! Conte-me!

Além disso? Não queria saber mais a respeito dos suicídios? Ou será que já sabia de tudo? Impossível!

— Diga-me o que mais! — ordenou ele, severo.

— Estou assustada, com medo e sozinha. Não agüento mais a dor. — Gaguejava. — Alguém está procurando ferir-me.

— Quem está procurando feri-la, minha filha?

— Não tenho certeza, Padre. Mas pode ser a pessoa que eu pensava me amar, Michael. Ela esperou a reação; o padre não disse nada. A penitente continuou. — Conheci essas pessoas na minha casa. Descobri que não existem, e uma noite...

Deteve-se. Não, não podia revelar, embora precisasse de conselhos.

— Que aconteceu naquela noite?

— Fiquei assustada com passos e fugi da casa.

— E?

— Fiquei doente. — A imagem do hospital surgiu momentaneamente e desapareceu. — Hoje Michael levou-me a um museu. Havia uma estátua de uma pessoa que eu tinha encontrado na casa e que tinha morrido — sim, ela tinha morrido. Michael devia saber que a mulher estava lá! Não posso compreender! — Hesitou e passou a língua pelos lábios secos, dizendo: — Depois vim para cá.

— Só isso?

— Só.

— Há mais! — exclamou zangado o confessor — Conte-me!

Allison sentia o bafo da respiração do padre através da grade.

— Que mais aconteceu na noite em que você fugiu da casa velha? Conte-me!

O confessionário sacudia com a força da voz do interrogador.

— Conte-me — repetiu, em voz alta.

— Não — suplicou Allison, o suor escorrendo-lhe do rosto.

— Fale, minha filha. Conte o que precisa!

— Vi meu pai — disse ela aos arrancos.

— Sim — encorajou o padre. — Sim! A voz dele estava quase exultante.

— Eu o esfaqueei! Mas ele já estava morto!

Um silêncio que parecia percorrer as paredes escurecidas como uma aranha se esgueirando. Depois o som de soluços.

Allison enxugou as faces molhadas e encostou a cabeça na tela. Estava exausta, tendo extirpado a imundície e o tormento. Sentia-se como um balão soltando ar. No entanto, ao contrário do balão, não se sentia murchar.

— Só isso, minha filha?

— Só, Padre.

E então nada, durante um espaço de tempo que pareceu uma eternidade.

— Você se sente perdida, minha filha — disse a voz, por fim. — Desde que abandonou a igreja e Jesus Cristo, você tem estado perdida e sem direção. E agora deve voltar, como fez esta noite. O pecado é uma coisa perigosa, minha filha. Gera a culpa e o que ele acarreta. Mas se o pecado não for reconhecido e absolvido e se permitir que a culpa permaneça, gera suspeitas e enganos. Materializam-se ameaças que não existem, a não ser no fundo do espírito. Por isso você conjurou esses horrores. Porque viveu no pecado, continua a viver assim e não se absolveu. Tem de fazer penitência. Quando houver novamente abraçado Jesus Cristo, as suspeitas desaparecerão, os males sumirão e a dor de que você fala não mais a atormentará. Tem de voltar a Jesus Cristo e acreditar Nele. Pois Ele é bom, e rejeitando-O, abraçou o mal. Você deve reaver a sua fé no Santo Pai. Abra-lhe o coração. Rejeite as suspeitas e a ilusão própria. Receba abertamente o amor de seus entes queridos, e não molde esse amor em coisa diferente do que é. Acredite. E viva a sua vida com Cristo. Diz que foi impelida a vir aqui. O Senhor age por caminhos misteriosos, e é difícil compreender. Nós não podemos compreender, e é por isso que devemos ter fé e crer que Deus nos orientará no caminho do bem. Só quando extirpar o pecado, abraçar a Cristo, crer Nele e confiar novamente é que os medos, terrores e dúvidas desaparecerão. Esqueça o passado e creia. E Ele lhe dará a força íntima para lutar contra os males que a rodeiam.

Fez uma pausa e continuou:

— Para iniciá-la em seu caminho, quero que, como penitência, reze um rosário todos os dias e comece a praticar a religião voltando a igreja, comungando e acreditando em Deus. Se em qualquer momento tiver dúvidas ou medos, não hesite em me procurar de novo para orientação. Agora diga o Ato de Contrição e eu a absolverei e perdoarei.

Ela curvou a cabeça e começou a rezar.

O Padre começou a absolvição, as costas de encontro à parede do cubículo. Os cabelos grisalhos e crespos e sobrancelhas compridas e grisalhas se destacavam no escuro. Também

suava. Enxugou a testa com mãos sardentas, cobertas por tufinhos de cabelos brancos.

— Impossível! — exclamou Michael.

O jornalista recostou-se na cadeira, ajeitou os óculos e enxugou a testa.

— Impossível ou não, nenhum anúncio foi encomendado. E não foi feito pagamento algum. Entregou um caderno do jornal a Michael. — E como verá, nenhum anúncio apareceu.

Allison saiu pela porta da frente da velha igreja, olhou para a inscrição sobre a porta, virou-se e foi andando pelo escuro.

Vinte minutos depois, abriu a porta do apartamento de Michael, tirou o casaco, pendurou-o no armário, entrou na sala e olhou friamente para a ampla janela.

Michael estava sentado à secretária, mãos cruzadas, cabeça baixa, rosto fatigado e pálido.

Allison tossiu, pôs a bolsa na mesinha e sentou-se no sofá. Michael continuava mergulhado nos seus pensamentos, a moça o observava discretamente na quietude da sala.

Michael levantou a cabeça e bateu as pálpebras.

— Olá — disse, sem emoção. Parecia quase petrificado, imóvel.

— Sim, olá — respondeu ela.

Michael olhou o relógio.

— Faz duas horas.

— Duas horas?

Michael confirmou, inclinando a cabeça.

— Desculpe.

O rapaz apoiou o queixo nas mãos e disse, tenso:

— Estava preocupado.

— Estou vendo.

— Está?

— Não sou cega, Michael, nem louca.

— Eu nunca disse que fosse.

— É discutível.

Michael afastou o olhar, contemplando a luz da lua que invadia a sala pela janela, e perguntou:

— Como está se sentindo?

— Melhor.

— A dor de cabeça?

— Foi-se.

— E a náusea?

— Também.

— Bom.

Suas vozes se cruzavam sem tom, como se cada um estivesse esperando que o outro se abrisse e se submetesse.

— Você não devia ter fugido assim. No estado em que estava, podia acontecer qualquer coisa.

— Parece ter sido esse o meu destino, seja qual for o meu estado.

— Você não foi racional.

— Consegui voltar, não?

Ele murmurou um difícil "sim".

Allison tirou os sapatos e jogou-os a um canto.

— Posso beber um pouco dágua?

— Não precisa pedir.

Allison levantou-se, foi à cozinha e voltou com um copo na mão.

— Por onde andou?

— Passeando de táxi.

— Durante duas horas?

— Não, entrei numa igreja.

Michael franziu o rosto.

— Por que havia...

— Para rezar. Se houve momento para rezar em minha vida, é este.

— Tem certeza?

— Tenho. Confessei-me e o padre absolveu-me. Minha dor de cabeça e náusea passaram. Primeiro o quarto de meu pai, depois o crucifixo e agora isto. Parece que voltei a mim mesma. Como se durante todos esses anos não fosse eu, mas uma pessoa estranha.

— Tolice.

— Tolice é o que se diz quando não se quer dizer: "Não compreendo".

— Quem se apaixonou por mim? Uma velha beata?

— Talvez.

— Allison! — O tom se tornara ríspido, como se fosse atacá-la mas parou, refletiu e encolheu-se na cadeira. Ficou um momento quieto e depois murmurou: — Você sabe como é importante para mim.

Ela concordou e desviou o olhar.

— Enquanto você andava por aí eu estive pensando.

— E eu também.

— Sobre a velha casa de pedras?

— Não, sobre você.

— Alguma coisa de interessante? — perguntou Michael.

— Sim.

Michael inclinou-se sobre a mesa.

— Eu também tive umas idéias interessantes. Talvez haja mais essência nisso do que me parecia. Talvez não fossem só coisa da sua imaginação.

Allison olhou-o surpreendida de que finalmente admitisse a possibilidade; mas, por outro lado, ainda era suspeito — a imagem de cera da mulher. Ao mesmo tempo ainda ouvia as palavras do padre: Confie, creia, especialmente naqueles que a amam.

— Não sei — disse Michael. — Quanto mais penso no assunto, mais intrigado me sinto. Acho que já é tempo de dar uma olhada atenta àquela casa!

— Agora?

— Não.

— Quando?

— Amanhã. De manhã. Se for preciso, desmonto tudo, peça por peça.

Allison encarou-o.

— Quero ir com você.

— Não.

— Michael.

— Não. É um lugar proibido para você.

— Disse que queria ir — insistiu em tom severo — e você não impedirá que vá.

Michael levantou-se, foi à janela e contemplou as luzes que brilhavam no perfil dos edifícios recortados contra o céu.

— Vou pensar a respeito. Não direi mais nada. Mas se resolver que você não irá comigo, você não vai. E acabou-se.

Andou até junto dela.

— Entendeu?

— Entendi — respondeu a moça levantando-se e entregando-lhe o copo.

Enfrentavam-se a não mais de 15 centímetros entre cara e cara. A expressão de Allison, menos contorcida, permitia a Michael perceber uma ausência de dor. Pela primeira vez em vários dias parecia sentir-se mais ou menos em paz, tanto física como mental. Ainda havia, no entanto, alguma coisa errada nos olhos dela. Michael tocou-lhe uma das pálpebras com a ponta do dedo. Áspera como uma lixa. Sabia disso.

O médico notara o fato, mais cedo, naquele mesmo dia. Estava apenas piorando. Teria de chamar o médico, de manhã.

— Vou sair para buscar o jornal e comer alguma coisa. Quer vir?

— Não. Estou cansada — respondeu Allison num bocejo.

Ia saindo pensativo, mas virou-se.

— Depois que você fugiu, não voltei logo para cá. Interrompeu-se e refletiu mais um instante. Allison levantou os olhos.

— Fui até à redação do *New York Times* e examinei a edição em que você encontrara o anúncio do apartamento. Não havia nenhum anúncio da casa na seção de imóveis, nem em seção alguma. Nada.

Allison fez uma careta.

— Não saiu o anúncio! Mas nós sabemos que você viu alguma coisa. Outra alucinação? Uma coincidência fantástica e descabida? Não sei. Mas vou descobrir.

— Mostrei o anúncio a Miss Logan. Ela o viu!

— Viu? Ou fingiu ver?

— Não sei — disse Allison, pensativa.

— Depois de examinar a casa, vou falar com ela.

— Se conseguir encontrá-la — disse Allison, baixinho.

— Exatamente, se conseguir encontrá-la.

— Miss Logan me disse que foi o proprietário quem pôs o anúncio.

— O nome dele é Caruso. Tem o contrato? O endereço deve estar no contrato.

— Não recebi cópia.

O advogado mordeu os lábios e refletiu brevemente.

— Amanhã vou procurá-lo. Talvez saiba alguma coisa. — Sacudiu a cabeça, num movimento de incredulidade virou-se e saiu do apartamento.

18

O detetive Gatz entrou no carro da polícia e fechou a porta.

— O raio do carro está gelado — queixou-se.

— Já vai esquentar — respondeu Rizzo.

Gatz bateu os braços com as mãos para ativar a circulação.

— Onde é o terreno? — perguntou ele, de queixo duro.

— Perto da Avenida Amsterdam — informou o detetive Richardson, sentado ao lado de Rizzo.

Rizzo ligou o carro e saiu da garagem da delegacia.

Gatz pegou um saco de celofane do bolso da capa de chuva. Colocou-o no colo, abriu-o e pegou um sanduíche de queijo e presunto, cheio de mostarda.

— Alguém quer um pedaço?

Nenhum dos policiais respondeu.

— Não está envenenado.

— Já comemos — confessou Rizzo.

Gatz fez uma careta e recostou-se, mastigando calado. O carro deslizava pelas ruas do alto West Side, passando pelos cortiços e lojinhas que tinham resistido ao assalto dos arranha-céus, supermercados e lojas de cadeias. Calçadas sujas, rebentadas, sufocantes com o cheiro da decadência. Detestava o bairro. Estava ali há um tempo demasiado longo.

— O que é que acha? — perguntou Rizzo.

— Não sei. Vamos esperar até dar uma olhada. Tem uma lista das pessoas desaparecidas?

— Está aqui comigo — disse Richardson, mostrando uma saliência no bolso do paletó.

— Bom. — Gatz virou-se para Rizzo. — Quem está lá agora?

— Jake Burstein.

Gatz sorriu; Burstein era um bom tira.

Rizzo parou o carro atrás de outro carro da polícia, estacionado no meio do quarteirão, defronte de uma *pizzaria*, onde um grupo de espectadores se juntara por trás de um cordão de isolamento. Junto à *pizzaria* havia um pequeno terreno baldio, ladeado por uma casa de cômodos cinzenta do lado oposto e cheio de entulho do prédio que fora demolido há algum tempo.

Saltaram do carro e avançaram por cima dos tijolos e madeiras quebradas.

Nos fundos havia uma área maior, cercada de casas pardacentas envelhecidas e cheia de lixo e coisas de cozinha jogadas fora. À extrema direita havia um monte de carroçarias de automóveis, todos enferrujados. Um holofote, instalado perto, iluminava os carros. Um bando de policiais pesquisava o lixo. Uma turma de garotos vigiados pelos pais sentava-se num banco, por trás da *pizzaria*.

Gatz aproximou-se de um policial à paisana no meio dos escombros.

— Tom — disse o homem alto ao ver Gatz.

— Jake — respondeu Gatz.

— Quer dar uma olhada?

— Quero — disse Gatz.

— Horrível.

— Não é sempre assim?

Gatz acompanhou o policial até aos carros, entrando no raio de luz que brilhava no cromo contorcido. A mala aberta de um dos carros mostrava um braço mutilado. Dentro, um corpo ensopado de sangue.

— Uma triste maneira de morrer — disse Jake, sacudindo a cabeça.

— Não pior do que a maior parte — declarou Gatz desdenhosamente, aproximando-se para ver melhor. — Alguma identificação?

— Até agora nada.

— Nada no corpo? Cartões? Bilhetes?

— Nada — disse Jake. — Mas o pessoal das impressões digitais acabou de tirá-las.

Gatz remexeu na tampa da mala que rangeu ao abrir-se devagar. O detetive abaixou-se e examinou as roupas da vítima. — Capa de chuva e terno cinza todos rasgados, a camisa esporte preta estava incrustada de sangue e também estraçalhada. Gatz puxou uma lanterna elétrica e focalizou-a nos ferimentos: profundos e irregulares, descorados e cobertos de crostas, a maioria no peito e no rosto.

— Quantos ferimentos?

— É difícil dizer.

— Mais ou menos.

— Quinze. Vinte. Não interessa muito.

— Talvez.

Jake encostou-se no pára-lama do carro.

— Está aqui há um certo tempo.

— Quanto?

— Uma semana, pelo menos. Talvez mais. Está bastante decomposto.

Gatz passou o polegar pela testa da vítima, depois esfregou os dedos, examinando-os com a lanterna.

— Algum traço de maquilagem no corpo?

Jake olhou para Gatz, intrigado.

— Maquilagem — repetiu Gatz, irritado. — Quer uma definição?

— Não. Não tinha maquilagem.

Gatz deu de ombros.

— Quem o encontrou?

Jake apontou para o garoto mais alto do banco.

— Estavam brincando de esconder. Ele tentou entrar na mala. Estava trancada. Ele forçou-a e de lá saltou um braço.

— Como abrir uma caixa de surpresa.

— Quase — Jake sorriu. — Há um rastro de sangue que leva à rua. Quer ver?

— Mais tarde.

Afastaram-se quando chegou um fotógrafo da polícia, que começou a bater chapas do cadáver.

Jake olhou para os pesquisadores.

— Uma perda de tempo — observou. — Há tanto lixo no terreno que será impossível saber se o assassino deixou cair alguma coisa.

Gatz olhou em volta.

— Você conseguiu interrogar algum dos donos das lojas?

Jake sacudiu a cabeça.

— Já tinham todos ido embora. Voltaremos de manhã.

Gatz fez um gesto para Rizzo e virou-se para Jake.

— Quando saberemos qual o tipo do sangue?

— Daqui a pouco; já levaram as amostras.

Rizzo aproximou-se; Gatz encarou-o calmamente.

— Junte até de manhã todas as informações que puder sobre este assunto, e ponha na minha mesa.

Rizzo fez que sim e partiu apressado.

Jake mordeu os lábios.

— Não parece roubo nem briga de *gangs*.

— Não — concordou Gatz.

— Talvez morto por um louco.

— É o melhor palpite.

— Algum à solta?

— Oficialmente? — perguntou Gatz. — Não. Extra-oficialmente, a cidade está cheia deles. — Percorreu o lugar com os olhos. — Nenhuma faca?

— Nenhuma.

— E a arma foi positivamente faca?

— Sim. E grande.

— De dois gumes?

— Um.

Gatz virou-se e começou a andar pensativamente pelo terreno. Mais um assassinato. E daí? O departamento de homicídios estava com uma média de cinco por semana. Sentia,

porém, um aperto especial no estômago, dizendo-lhe que havia algo de especial naquele. Abaixou-se e apanhou uma boneca quebrada, que estava perdendo o estofamento. Levantou-a, pôs o material para dentro e sacudiu-a: a cabeça caiu. Tentou recolocá-la, mas não conseguiu. Largou o corpo desmembrado e foi andando por cima das pilhas de latas de cerveja, à procura, em vão, de uma pista. Sem encontrar nada, desembrulhou um charuto novo, meteu-o na boca e olhou para o holofote, apertando os olhos.

Rizzo aproximou-se, com a lista das pessoas desaparecidas na mão.

— Há algumas que correspondem à descrição.

Gatz inclinou a cabeça.

— Verifique-as. Consiga fotos. — Fez uma pausa e continuou: — Mas, por algum motivo, não creio que este tenha sido comunicado. — Levantou-se, foi até ao banco e sentou-se ao lado do garoto alto, que descobrira o corpo. Puxou um retrato de Michael Farmer do bolso.

— Filho, você costuma brincar sempre aqui?

— Costumo — respondeu, tenso o menino. — Pelo menos várias vezes por semana.

— A que horas?

— Às vezes cedo. Às vezes tarde. Hoje à noite, saímos por volta das onze.

— Já viu alguém por aqui? Não os donos das lojas. Nem os garotos. Sabe. Gente?

— Vejo sempre. Trazem lixo.

Gatz mostrou o retrato de Michael Farmer.

— Algum dia viu este homem nas redondezas?

O garoto olhou bem e sacudiu negativamente a cabeça.

— Tem certeza?

— Tenho.

Gatz passou o retrato pelos outros garotos; nenhum tinha visto o homem.

Gatz sorriu e levantou-se.

— Não cheguem perto de carros velhos — aconselhou. — São perigosos. — Afastou-se e foi para junto de Jake e do detetive Rizzo. — Que horas são?

Rizzo olhou para o relógio.

— Duas e quinze.

— Estou com fome. Um queijo com presunto só me satisfaz até certo ponto. — Puxou forte no charuto. — Rizzo, fique aqui com Jake.

Rizzo aceitou a ordem.

— Jake — disse Gatz —, de manhã falaremos.

— Quer dar uma olhada às manchas de sangue? — perguntou Jake.

Gatz concordou e foram até à entrada do beco.

Jake mostrou várias marcações que identificavam vestígios de manchas vermelho-acastanhadas. Iam até ao meio da rua.

— São oito — disse Jake. — Provavelmente todas do nosso amigo da mala. Estamos verificando para nos certificar. — Olhou a trilha de manchas, sacudindo a cabeça. — É difícil acreditar que a vítima ainda estivesse viva, quando foi trazida para cá.

Jake sorriu, ajustando as luvas.

— Você parece que está com alguma idéia.

Gatz retribuiu o sorriso.

— Só uma, e uma idéia maluca. Direi qual é de manhã, se as informações adicionais que conseguirmos a sustentarem.

Gatz virou-se e fez sinal para Richardson. Perto do carro, virou-se para o tira.

— Olhou a cara do morto?

— À distância.

— Estava apavorado, quando morreu. Um camarada grande e forte, mas morreu apavorado.

Richardson levantou os ombros, incapaz de formar uma opinião.

Gatz abriu a porta, e olhou pela última vez para o terreno baldio.

— Não apenas assustado, mas aterrorizado — repetiu.

Entraram no carro e partiram.

Gatz dormiu no escritório e acordou às oito da manhã, doído e com as costas duras. Mas fora melhor do que a alternativa: uma viagem rápida até em casa, um cochilo curto e uma viagem mais rápida ainda de volta ao distrito.

Calçou os sapatos e foi ao vestiário lavar-se e fazer a barba. Cumprida a tarefa, pegou uma xícara de café preto e voltou ao escritório para esperar Rizzo.

Mal acabara de tomar meia xícara quando Rizzo chegou com uma relação dos resultados de laboratório e outros detalhes relativos ao cadáver. Gatz leu-os cuidadosamente, fascinado. Não poderia ter pedido informações mais interessantes; era quase bom demais para ser verdade.

— Você conhece esse camarada? — perguntou.

— Não — respondeu Rizzo, sem entender.

— Pois eu conheço — disse Gatz. — E o assassino não podia ter arranjado uma vítima mais merecedora.

Rizzo recuou.

— Acha que...

Gatz interrompeu.

— Acho? Sei, mas preciso de fatos. Quero tudo o que você descobrir sobre este personagem. E tudo o que fez nos últimos cinco anos. Use informantes se precisar, mas consiga.

— Muito bem — disse Rizzo, e saiu.

Gatz deu um soco na mesa: depois recostou-se e sorriu.

19

— O homem estava assim, em pé, de costas para você?

— Exatamente.

— E aí? — perguntou Michael.

— Aproximei-me dele por trás.

— Onde estavam as mulheres?

— Acho que na cama.

— Acha?

— Eu só as vi quando comecei a tropeçar para sair do quarto.

— Está certo — mostre-me.

Allison estendeu ambas as mãos: uma imitando a presença da faca, a outra a da lanterna. Estudou a posição que tomara, lembrou-se dos movimentos exatos que fizera e propositadamente repetiu os passos que dera.

— Quando o toquei no ombro, tornei a sacudir a lanterna e ela acendeu. O homem virou-se, vi quem era e entrei em pânico. Caí para trás, tentando fugir e fui parar ali no canto.

Michael foi até onde ela tinha caído, entre as teias de aranha e o pó. Passou a mão pelo chão, deixando uma marca de cinco dedos.

— A polícia deixou tantas pegadas que qualquer marca feita naquela noite não poderia ser distinguida — disse Michael. — Olhe, quero que você repita todos os movimentos que fez, deste ponto até sair do apartamento.

— Não estou certa de me lembrar.

— Tente.

Allison concordou, incerta de sua capacidade de recapitular os fatos. Foi até ao canto em que ele estava e sentou-se no chão.

— Acho que estava esparramada, mais ou menos assim, — Estendeu uma das pernas e enfiou a outra por baixo de si. — Quando o vi vindo para mim, forcei-me a levantar-me e girei. A lanterna balançava loucamente e então vi as mulheres na cama, creio. — Caminhou de costas para o saguão. — Quando consegui endireitar-me, corri o mais depressa que pude para o corredor, batendo na parede várias vezes, e não sei como, consegui chegar à sala.

Michael parou no meio do corredor, virou-se, examinou as paredes e o chão e foi ter com ela, na entrada da sala.

— Nada aqui — concluiu. — E então, que aconteceu?

— Eu sabia que estava atrás de mim, porque ouvi os passos. Tropecei e bati naquela poltrona e caí de costas no chão. A cadeira caiu por cima de mim. Ouvi a porta bater — eu a deixara meio aberta — e o vi de pé ali. — Apontou o lugar. — Empurrei a poltrona, levantei-me de um salto e corri para a porta, mas choquei-me com ele no meio do quarto. — Caminhou até ao meio do tapete e parou. — Bem aqui.

Michael foi até o lugar e tomou a posição do "pai".

— Ele agarrou-me pelos cabelos e depois pelo crucifixo, estrangulando-me. Eu não sabia o que se passava, nem o que fazia. Tudo girava. — Interrompeu-se, baixou a cabeça e murmurou, incrédula. — Eu estava lutando para salvar a minha vida.

Michael concordou, mordendo as unhas.

— Comecei a golpeá-lo com a faca. Lembro-me da lâmina subindo e descendo e lembro-me da sensação de que entrava em alguma coisa. E depois, os gritos. Lembro de mim caindo, mas é só. Nada mais. Depois disso, só me lembro do hospital.

Michael ajoelhou-se no ponto de contato e examinou o soalho com a mão.

— Se houvesse aqui o menor sinal de sangue, os técnicos da polícia o teriam encontrado.

— Não podia ter sido lavado?

— Não. As análises químicas provavelmente revelariam até mesmo um resquício.

Levantou-se de um salto, foi até à poltrona e sentou-se. Calculando as dimensões da sala, tentou encontrar uma pista, se houvesse alguma. Depois tornou a levantar-se, foi até ao

corredor do quarto, virou-se e caminhou devagar de lá até à porta do apartamento, contando os passos com cuidado. Voltou à entrada do corredor e fez uma manobra semelhante, e foi dali para a poltrona, onde tornou a sentar-se.

— Há uma coisa que me intriga. Você diz que ele começou a se dirigir para você muito devagar e que tinha dificuldade em andar.

— Sim.

— A perna dele estava parcialmente paralisada?

— Sim.

— Mostre como ele caminhava.

Allison enrijou-se, hesitou, depois deu penosamente três ou quatro passos arrastando atrás a perna direita.

— Muito devagar e sem jeito — explicou.

— Está querendo me dizer que quando caiu na poltrona ele já tinha chegado à sala, atravessando todo o soalho — aproximadamente 20 passos — e fechado a porta?

— Acho que sim.

— Não, não faz sentido. Antes de tudo, por que fechar a porta numa casa deserta? Em segundo lugar não podia ter chegado à porta assim tão depressa, de acordo com o que você me contou. Eu teria dificuldade, e não só eu sou bem ágil, mas não estou morto!

— Muito engraçado, Michael. Hilariante.

— Não estou querendo ser engraçado. Supondo que você realmente tenha matado alguém, acho que a pessoa entrou no apartamento durante a confusão. Mas, lembre-se, eu disse "supondo". Não há corpo nem sangue. E se houvesse alguém no outro quarto, e novamente estou dizendo "se", não era a pessoa que você esfaqueou.

Allison refletiu, depois concordou, aceitando a possibilidade.

— Isso ainda não resolve nada — objetou, sentando-se no sofá empoeirado.

— Se aconteceu assim, talvez.

— Como?

Michael mordeu o lábio e respondeu:

— Ainda não sei.

— Se realmente esfaqueei alguém que tenha entrado, o que aconteceu com o vulto no quarto e com as mulheres?

Michael levantou os ombros, mas a expressão fisionômica indicava que estava cogitando de uma possível resposta à pergunta.

Levantou-se e começou a andar pela sala. Depois foi até a lareira e passou a mão por cima. Havia uma grossa sujeira depositada em camadas regulares e entremeadas de teias de aranha. Michael olhou a palma da mão, soprou a maior parte do pó e terminou o serviço esfregando a mão nas calças.

— Em que está pensando? — perguntou ela.

— Os fatos! Não há cadáver, nem sangue, nem prova de luta, nem prova de gente na sala, nenhum sinal das lésbicas nem de Charon. Mas temos uma hipótese: você pode ter esfaqueado alguém que houvesse chegado à porta. Então, onde está o cadáver? Raciocinando logicamente? Alguém o removeu, limpou o sangue por algum meio meticuloso que eu desconheço e cobriu todas as pegadas com poeira. — Olhou para Allison e sorriu. Ela continuava impassível. — Quem carregou o corpo? As pessoas imaginárias do quarto?

— Eram reais — declarou ela.

— Ou as pessoas reais do quarto?

Allison inclinou-se para a frente, no sofá.

— Se eram reais, para onde foram? — continuou Michael.

Allison levantou-se e olhou-o com uma expressão vazia.

— Vamos ver se conseguimos entrar no apartamento de Charon.

Caminharam até à porta; Michael abriu-a fazendo ranger as dobradiças, com anos de desuso. Subiram a escada para o apartamento 5-B e experimentaram a porta. Estava fechada a chave. Michael tirou uma penca de chaves do bolso, introduziu uma gazua e abriu o ferrolho.

— Opulento — declarou, sem uma nota de humor na voz. Era mais uma declaração de desapontamento do que outra coisa. Deu um pontapé na poeira, andou até ao meio da sala, pegou a única cadeira, sentou-se e olhou em volta. — Eu não diria que esta seja uma biblioteca bem planejada. Muitos livros, uma cadeira.

— A mobília está por aqui, em algum lugar — disse Allison, passando pelo companheiro para olhar pela janela e espiar a cozinha. — Talvez até mesmo as pessoas. A mesa estava lá, a vitrola ali. Plantas por toda parte. A estante de livros... — Apertou os olhos. — A estante estava aqui. — Afinal lembrou-se. — Estava cheia de plantas, mas ficava aqui.

Caminhou até às prateleiras e soprou a poeira da terceira fileira de títulos, a poeira que tornara a instalar-se desde que, com Miss Logan, tinha examinado a sala. Estendeu a mão e pegou um livro de capa azul. *La Chartreuse de Parme*, de

Stendhal. Uma edição muito velha, publicada em 1839, edição original, o livro quase em frangalhos. Allison o pesou delicadamente na mão, depois jogou-o no chão, junto de Michael.

— Divirta-se.

Sem ligar para o estado dos livros, começou a tirá-los da estante, examinando-os rapidamente, e jogando-os no chão. Alguns caíram sozinhos.

— Esse é o melhor. *As Técnicas da Tortura*, por Alard.

Michael estendeu as mãos. Allison atirou-o. Michael o apanhou e folheou.

Allison pegou outro volume, examinou a capa e, segurando bem a encadernação para impedir que caíssem as páginas soltas, abriu-o e virou rapidamente as páginas.

— Você vai gostar deste, pela variedade.

— Deixe ver.

Allison jogou-lhe o livro.

Michael examinou a capa e abriu-o.

— O que quer dizer com variedade? — perguntou.

— Todas as páginas são iguais.

Michael tornou a olhar. O livro parecia perfeitamente normal; normal no sentido de que as páginas eram numeradas consecutivamente e cada uma continha palavras e frases diferentes.

— Então? — perguntou Allison.

Ele olhou para ela, intrigado.

— Não há nada de estranho nesse livro.

Ela estendeu a mão com violência e agarrou-o.

— Que quer dizer?

— O que disse.

Ela tornou a examinar as páginas; continuavam idênticas.

— São todas iguais! — exclamou ela, devolvendo-o.

Michael tornou a olhar, depois fechou a capa e colocou o volume no colo.

— Muito interessante — disse. — Um de nós está vendo uma coisa que não existe, ou então está mentindo.

Allison sentiu o sangue subir-lhe a cabeça. Era bem de Michael confessar o que estava fazendo, e ao mesmo tempo negar. Talvez as suspeitas fossem justificadas. Ainda não se tinha exonerado de toda culpa, embora ela tivesse de admitir que até então fora incriminado talvez apenas pelas circunstâncias.

— Mas isso não é de surpreender — disse Michael com cuidado. Você viu o anúncio do apartamento quando não havia

nada no jornal. Talvez o que você vê aqui seja uma manifestação diferente do mesmo fenômeno.

— Não gosto da palavra "fenômeno" — disse Allison. — Implica um fato natural.

— Chame como quiser. — Tirou uma caneta do bolso da camisa e arrancou a página da frente de um dos livros. Entregou as duas coisas a ela.

— Quero que você escreva exatamente o que está vendo, palavra por palavra.

Allison continuou a olhar, sem expressão, depois foi até à cadeia solitária e sentou-se. Olhou para a primeira página, comparou-a com a seguinte e começou a transcrever cuidadosamente cada letra no papel.

Michael bateu.

Esperou e tornou a bater. Não teve resposta. A porta castanha escura, com a marca 5-A, permaneceu fechada.

— Ainda tenho a sensação de que talvez haja um elo qualquer entre o padre, os nossos amigos que desapareceram e as suas "alucinações". — Tornou a levantar a mão fechada, hesitou e deixou-a cair sem força contra a porta. Allison ouviu a batida, baixou a cabeça e encostou-se ao corrimão, certa de que esse último chamado não seria atendido.

— Talvez saiba que há alguém aqui mas que não pode atender à porta — sugeriu.

— Talvez — disse Michael. — Mas acho que ele simplesmente prefere não ser perturbado. — Tirou a gazua do bolso.

— Michael — cochichou Allison, nervosa, mostrando desaprovação.

— Quieta.

Enfiou a gazua na fechadura e virou-a, mas nada aconteceu. Sacudindo a cabeça, tirou a gazua e guardou-a no bolso.

Desceram devagar a escada, refletindo sobre as velhas paredes forradas de madeira, o corrimão forte da escada gasta e perigosa e os apartamentos vazios e silenciosos em cada andar, que talvez ocultassem uma verdade terrível. Andavam de mãos dadas, os olhos pregados nos degraus e os ouvidos atentos a qualquer som que pudesse indicar uma intromissão no silêncio ensurdecedor em que se moviam.

Allison executou os vários rituais que instituíra nas semanas passadas. Parou defronte da porta do apartamento 4-A, olhou nervosamente, depois correu para a segurança da escada para o terceiro andar. O apartamento 2-A. Hesitou antes de

prosseguir, repelida pelo medo de que as lésbicas pudessem aparecer a qualquer momento. Mas Michael estava lá. Que houvesse ou não estado envolvido nos acontecimentos, nada aconteceria agora. Portanto, a hesitação foi involuntária e continuou a caminhar atrás dele, descendo a escada principal, onde parou, como sempre, e verificou o corrimão, ainda forte, antes de pisar nos ladrilhos do saguão.

Já na rua, Michael puxou um lenço do bolso das calças e assoou o nariz.

— Quero que você volte para o meu apartamento e espere — disse. — Vou mandar traduzir isto. — Mostrou o trecho que ela transcrevera do livro. — Depois vou ver se consigo localizar Miss Logan e o proprietário.

— Não posso ir com você?

Michael sacudiu a cabeça.

— Descanse mais um pouco. Assim que terminar, volto para o apartamento. Não devo levar mais do que uma ou duas horas. — Tocou-lhe suavemente o rosto, num gesto de apoio; Allison não reagiu. — Deixe chamar-lhe um táxi.

Caminharam até o meio-fio, onde esperaram alguns minutos e chamaram o primeiro táxi vazio que apareceu na rua. Michael beijou-a no rosto, ao abrir a porta de trás.

— Rua 71 Leste, 17. — O motorista inclinou a cabeça, o táxi arrancou.

Allison baixou a vidraça de trás e viu Michael sumir na distância. Olhou para as janelas no quinto andar. Sim, havia alguma coisa lá. Uma silhueta. O velho padre. Sentado como estava há... Não sabia há quanto tempo. Padre Matthew Halliran. Devia ter alguma coisa a ver com os acontecimentos da velha casa. Não sabia o quê. Mas alguma coisa. Continuou a olhar pela janela, enquanto o ângulo do sol mudava. Alguma coisa reluziu — um objeto de metal — mas só por um momento. O táxi dobrou a esquina.

20

A viagem à Universidade de Colúmbia, em Morningside, foi direta e curta. Michael pagou ao motorista e passou pelo portão principal. Consultou um papel e virou à esquerda, na direção de um prédio grande que ladeava a Avenida Amsterdam. Entrou e leu as indicações, num quadro envidraçado.

Por cima de uma lista de nomes eminentes, havia o título do departamento: "LITERATURA E LÍNGUAS ESTRANGEIRAS". Michael consultou outra vez o papel e procurou um nome, na lista de professores. "GREGOR RUZINSKY". Um dos últimos nomes. Provavelmente polonês. Professor adjunto.

Subiu a escada, localizou a sala 217, abriu a velha porta de madeira e entrou num pequeno gabinete mal iluminado.

Por trás de uma mesa havia um homem de seus 30 e poucos anos. Intelectual. Incuravelmente desmazelado.

— Entre — disse Ruzinsky, com certo atraso.

— Obrigado — disse Michael, procurando uma cadeira.

— Imagino que seja o cavalheiro que me telefonou há pouco.

— Sou.

— Muito interessante.

— O quê?

— O senhor. Cultivo um passatempo em que me tornei bastante hábil.

— Qual é?

— Conceber uma imagem predeterminada de uma voz desconhecida. O senhor é exatamente como eu imaginava, até as suas roupas. Mas... — Deteve-se.

— Mas?

— Observo uma urgência na sua expressão que não foi transmitida pelo telefone. Muito peculiar.

— Tem certeza de que há uma urgência? — perguntou Michael, fascinado com a intuição do homem.

— Sim — disse Ruzinsky, sério.

— Que mais está vendo?

O homem sorriu.

— Quer tomar um chá? Está quase pronto. — Virou-se na cadeira giratória e estendeu a mão para o bule em cima de um fogareiro portátil.

— Não, obrigado — disse Michael.

— Devia experimentar um pouco. Uma mistura muito rara do sul da China. Gosto e aroma divinos. Tem certeza de que não quer provar?

— Nunca fui muito amante de chá. Mas obrigado.

Ruzinsky fez um gesto para o bule.

— Então, com licença?

— Claro — disse Michael, surpreendido que o homem pedisse licença para tomar chá no seu próprio gabinete. Mas os europeus são muito educados. Pensou no que o homem teria feito se ele se opusesse.

Ruzinsky passou o chá com cuidado no coador.

— É mais difícil do que com um samovar — declarou, levantando a xícara fumegante. — Uma completa delícia. Há alguma coisa neste chá que me relaxa e me permite pensar mais claramente. — Colocou a xícara na mesa, pegou um maço de Pall Mall e ofereceu-o a Michael. — Fuma?

— Não, obrigado. Não fumo.

— Nenhum vício?

— Não é bem isso, digamos apenas que não fumo.

Ruzinsky olhou para o maço, pela metade, e largou-o de lado. Abriu a gaveta da mesa, pegou um cachimbo entalhado a mão, encheu-o e recostou-se na cadeira.

— Então, o que posso fazer pelo senhor? Referiu-se a uma tradução.

— E o senhor disse que poderia fazê-la.

— Disse, supondo que seja o que me disse. Posso ver o material?

Michael levou a mão ao bolso e tirou a transcrição de Allison. Estava amassada; colocou-a na mesa, alisou as rugas com a palma da mão e entregou-a ao curioso professor, que ajustou um pouco a lâmpada e examinou o documento.

— Muito interessante. Uma forma de velho latim bem anterior aos Césares, talvez uns 300 ou 400 anos antes. Só é encontrado em escritos muito antigos e de alta qualidade.

Como teria Allison descoberto semelhante coisa?

— Saberia traduzi-lo?

Ruzinsky sofreu a afronta e respondeu, indignado:

— Claro. É simples, comparado com as outras línguas e idiomas extintos. Na verdade, se o senhor tiver alguns minutos, trabalharei já. Não deve demorar muito.

— Tenho todo o tempo necessário.

Ruzinsky pegou um bloco amarelo da gaveta, apontou o lápis e pôs mãos à obra com entusiasmo. Sua atenção era total; curvava-se sobre a mesa como um monge de vista cansada, os olhos a apenas uns 15 ou 17 centímetros acima do papel e as mãos prontas para agir. Havia em sua maneira uma precisão que garantia a Michael o máximo empenho em fazer a melhor tradução possível. Várias vezes o professor riscou uma palavra ou frase, estudou-a e substituiu-a por outra mais apropriada. A cada momento dizia: "Não, não. Não é isto" e depois, examinando mais, exultava. "Ah, está melhor, muito melhor."

Levou um pouco menos de dez minutos para terminar, e durante este tempo Michael não cessou de se agitar, olhando

para livros de que nunca ouvira falar, e rabiscando num pedacinho de papel que Ruzinsky lhe dera ao pilhá-lo escrevendo na mesa.

— Já está quase acabando? — perguntou Michael, depois de algum tempo.

— Sim, apenas mais uma palavra, acho, bem aqui e... bom! O resto são repetições da primeira parte.

Michael sentou-se para a frente na cadeira, em expectativa. Ruzinsky mostrou-lhe a tradução e leu:

"A ti o teu rumo por Lot foi dado
O encargo e severa vigília para que deste feliz Lugar
Nada de mau se aproxime ou nele entre!"

— Só isto?

— Sim — respondeu o professor.

— Mas a página estava...

Ruzinsky interrompeu.

— A frase é repetida cinco vezes.

— Sei — disse Michael, batendo a cabeça. — "Feliz Lugar" — repetiu pensativo.

Ruzinsky começou a arrumar a mesa.

— Que significa? — perguntou Michael.

— Não sei — disse Ruzinsky, levantando os ombros. Fez uma pausa. — Embora sinta que é conhecido.

— Sei.

— Talvez seja de algum trecho de literatura, ou pelo menos é o que uma vozinha parece segredar-me.

— Que trecho?

— Isso eu não sei. Sou lingüista, não historiador nem especialista em literatura.

— Pergunte à voz.

— Os americanos têm um humor tão picante — respondeu sem se alterar. — De fato, leio muito pouca coisa que não seja escrita em latim, grego, hebraico ou chinês, e esse trecho não é de nada que me seja conhecido.

— Quem pode saber? Alguém no departamento de literatura?

— Talvez, mas tenho certeza de que a maioria já partiu para o fim-de-semana. Deixe ver. — Consultou o catálogo. — Mr. Scheffer ou Mr. Paulson talvez saibam. — Virou-se e pegou o telefone. Discou para um ramal, esperou, tornou a discar, esperou de novo, depois desligou, concluindo que o homem não estava. Tornou a consultar o livrinho para o outro número e tornou a discar. Também não encontrou ninguém.

Michael levantou-se e começou a andar pela sala.

— Onde encontrou esse trecho? — perguntou o professor.

— Onde? Num livro velho.

— Posso vê-lo?

— Não o tenho aqui.

— É pena. Poderia ajudar. Por que não fazemos o seguinte? Deixe a tradução comigo, e na segunda-feira falo com alguém capaz de identificá-la, supondo que seja de alguma obra de literatura registrada. Eu lhe telefono.

Michael concordou; não tinha escolha, ainda que não lhe agradasse a idéia de esperar até segunda-feira pela resposta.

— Não conhece outra pessoa a quem pudéssemos perguntar sobre o trecho? É importante.

O professor sacudiu a cabeça.

— Sinto muito.

Michael pegou a tradução e copiou-a em outro papel. Depois dobrou-a em três, juntou a transcrição original e pôs os dois no bolso.

— Obrigado pela ajuda. O meu número de telefone é este — disse escrevendo-o. — Se conseguir descobrir alguma coisa segunda-feira, por favor, ligue para mim.

Ruzinsky colocou o papel no bolso. Quando Michael virou-se para sair, o professor sorriu e disse:

— Foi um prazer.

Michael saiu para o vestíbulo, e desceu a escada. Os pensamentos pesavam-lhe. Puxou o papel do bolso e estudou-o. Interessante, mas sem sentido. O que o intrigava mais do que o significado era a fonte. Allison! Se tinha de sonhar com alguma coisa, por que este palanfrório. É em latim antigo. Não tinha relação alguma com qualquer coisa que acontecera ou ela lhe dissera. Por outro lado, se lhe retivera a atenção, deveria ter algum significado. Alguma coincidência lhe servira de estímulo.

Tornou a estudar o papel. Quem tinha o encargo? Ela? De vigiar qual lugar feliz? Certamente nenhum lugar em que houvessem estado recentemente. A casa da cidade feliz? Ridículo. E que coisa má? Não sabia a resposta; cada pergunta levava a outro enigma.

Saiu da universidade, foi a uma cabina telefônica, tirou outro papel do bolso e discou o número que estava escrito em tinta vermelha. Esperou, enquanto o telefone tocava várias vezes. Ouviu-se um clique e uma voz gravada disse: "Aqui fala William Brenner. Não estou em casa no momento, mas devo voltar logo. Por favor, deixe o seu..." Michael desligou e ligou para a agência de Miss Logan. Não havia ninguém

lá. Discou "Informações" e pediu o número do telefone e endereço de David Caruso, o proprietário. A telefonista respondeu que ambos não constavam da lista. Recolocou o fone no suporte e encostou-se no vidro, pensando. Queria falar com Miss Logan, mas ela obviamente não estava alcançável. Também queria falar com David Caruso. Mas para isso precisava do endereço do proprietário, o qual, infelizmente, segundo Alllson, não figurava na entrada da casa enfeitiçada. Poderia perguntar à polícia, mas provavelmente não lhe diriam e mesmo que dissessem, fariam outras perguntas. Saiu da cabina, concluindo que teria de localizar o proprietário por meios mais indiretos.

Atravessou a Broadway, entrou na estação da Rua 116 do IRT, pegou o subterrâneo para Foley Square e localizou o Bureau de Licenças, onde examinou a licença e registro de Joan Logan. Tudo parecia estar em ordem; não havia nada que indicasse alguma coisa clandestina, nem havia qualquer indicação de sócio registrado. Passou também pelo Departamento de Impostos, onde pegou o endereço de David Caruso das relações de tributos. Dali foi até ao escritório de Miss Logan. Tendo verificado as observações de Allison, voltou de táxi, através do parque, ao apartamento de David Caruso, onde foi informado pelo porteiro de que o proprietário saíra mais cedo naquele dia, após a partida do detetive Gatz.

A última hora fora agitada. Michael respirou fundo. Tentaria voltar mais tarde para falar com o proprietário. Não parecia provável, mas o homem talvez soubesse e admitisse alguma coisa que não quisesse contar a polícia.

Começou a caminhar pela rua; de repente hesitou. Uma vívida imagem atravessou-lhe o espírito. Sacudiu a cabeça, mas a idéia persistia.

O Padre Matthew Halliran.

21

O táxi acabava de sair do Parque na Rua 72 quando Michael mandou encostar no meio-fio. Deixou-se ficar sentado vários minutos, mergulhado em pensamentos, enquanto o relógio marcava e o motorista se inquietava. Afinal cancelou a

ordem anterior, de ir ao 17 Rua 71 Leste e indicou ao motorista a Rua 50 e Madison.

Enquanto atravessavam o parque, voltou a refletir. Pesquisados os fatos e indícios, colocou-os uns sobre os outros e depois os embaralhou, esperando chegar a uma teoria racional que pudesse acomodar as ocorrências passadas. Não encontrou nada. Mais uma vez perguntou-se por onde começar. Mas só conseguia pensar no padre. Se houvesse no problema algo de sinistro, o padre devia estar envolvido. Como e por que, não conseguia adivinhar. Mas, sim, estava envolvido!

Bateu a porta do carro e levantou o olhar para o prédio velho e imponente que ocupava toda a quadra entre as Ruas 49 e 50. Na entrada, em letras douradas brilhantes, as palavras "ARQUIDIOCESE DE NOVA YORK".

A capela era pequena.

Um padre ajoelhava-se diante do altar, mãos cruzadas e cabeça baixa.

Completa quietude, salvo pelo murmúrio das preces. O padre achava-se totalmente absorto nas suas orações. O ruído da porta dos fundos abrindo e fechando não perturbou a sua concentração.

Michael dirigiu-se ao banco da frente e sentou-se.

O padre murmurou as últimas palavras, persignou-se e levantou-se.

— Monsenhor Franchino? — perguntou Michael.

O Padre confirmou, com um aceno de cabeça.

— Posso ajudá-lo, Mr. Farmer?

— Pode — respondeu Michael, e depois de uma pausa, acrescentou: — Espero não o ter interrompido.

— Não — assegurou-lhe o padre. — Informaram-me da sua chegada.

— O senhor é um homem difícil de encontrar. Devo ter falado com uma dúzia de pessoas, para ser conduzido à sua presença.

— Sou muito ocupado. E muito pessoal. Prefiro prestar os meus serviços a Deus num ambiente de anonimidade. Dirigiu-se ao banco e pôs delicadamente a mão no braço de Michael. — Vamos para o meu escritório? — convidou.

Deixaram a capela, subiram a escada para o primeiro andar e seguiram por um corredor movimentado. A atividade era surpreendente — o que se poderia esperar numa casa de

corretagem ou na sede de uma grande empresa, mais do que nos escritórios da Arquidiocese.

— A Igreja sustenta muitos de seus clérigos que não moram mais em paróquias ou conventos — explicou o monsenhor. — É nossa obrigação sustentar aqueles que deram suas vidas a nosso Salvador, Jesus Cristo.

— Compreendo — disse Michael, maravilhado diante do espetáculo de movimento organizado.

O monsenhor parou diante de uma porta. Abriu-a e perguntou:

— Quem é a pessoa em causa?

— Um padre, Matthew Halliran.

Franchino foi até à sua secretária, virou-se e refletiu. Sua expressão continuava vazia, sugerindo incapacidade de localizar o nome.

— Padre Matthew Halliran?

— Sim, Halliran. H-A-L-L-I-R-A-N.

O monsenhor puxou a cadeira, sentou-se e fez um sinal para a bela cadeira que estava na sua frente.

Michael sentou-se.

O escritório era grande e suntuosamente mobiliado, como condizia com um homem da estatura e posição do monsenhor. Um crucifixo finamente entalhado pendia de um gancho na parede. A um dos lados, o retrato do papa, no outro o do cardeal. Notava-se a semelhança como se por algum grandioso desígnio, Deus houvesse cinzelado as feições de seus discípulos pelo mesmo modelo. Até o rosto do Franchino era um tanto... Michael sacudiu a cabeça. Seu espírito divagava, talvez inspirado pelo ambiente. Devia manter os pensamentos em foco. Examinou o resto da sala. Havia mais duas cadeiras, uma mesa de café, uma série de arquivos e logo à direita da secretária, um armário pesado de chumbo, que parecia bem fechado.

— Halliran? — repetiu o padre. — Não, o nome não me é conhecido.

— O endereço é 68, Rua 89 Oeste, quinto andar.

— Deixe ver os arquivos.

Monsenhor Franchino levantou-se, esticou o seu corpo longo e atlético, e encaminhou-se para os arquivos, dos quais retirou uma caixa marcada "G-J". Voltou à mesa e examinou o conteúdo até localizar a pasta de cartolina parda em questão. Tirou-a.

— Matthew Halliran — disse ele lendo a informação numa folha de dados. — Sim, agora lembro-me do homem. Há

anos não trato de assunto algum relacionado com ele. A maioria das contas não passam por este escritório. São mantidas em dia e sistematizadas de modo que o trabalho possa progredir automaticamente. Mas deixe ver... Matthew Halliran. Mora no n.° 68, Rua 89 Oeste, apartamento 5-A. Ao que me lembre, um senhor bondoso.

— Não sei — disse Michael. — Nunca o vi. Nem a agente de locação, nem o proprietário atual.

— Mr. Farmer, os seus clientes deveriam ter algum contato com os respectivos inquilinos.

— Só se o inquilino estiver disposto. O padre parece preferir uma vista constante da janela.

— Compreendo. — Franchino tornou a olhar para a pasta. — Uma vista da janela seria difícil para o Padre Halliran. Este registro indica que ele é cego.

— Quero dizer, fica sentado à janela o dia todo e a noite toda.

O padre acenou com a cabeça, satisfeito com a retificação. Continuou a examinar a pasta.

— Sem parentes vivos. Foi vigário da Igreja do Anjo Celeste, em Flushing Queens, durante muitos anos; aposentou-se em 1952, depois de ter a congregação sido dissolvida e a igreja demolida. Parece que a decisão de afastar-se resultou de uma paralisia progressiva que pouco a pouco lhe afetou a mobilidade. O padre Halliran, obviamente, levou uma vida muito difícil. É compreensível que se tornasse sedentário.

Franchino pôs a mão na mesa e tirou uma longa folha de computador. Percorreu a lista com cuidado e fez um círculo vermelho em certo ponto.

— Acho que pode ver por esta lista que o seu cliente deve ter-se enganado. Entregou a lista a Michael. — Não há enganos nos pagamentos dos aluguéis.

Michael lançou um olhar à folha.

— Poderia haver engano?

Franchino sacudiu a cabeça.

— Duvido. De fato, estou certo. Como disse, nós aqui somos muito organizados.

— Não sei como o proprietário poderia cometer semelhante erro. Devolveu a lista. — Peço mil desculpas.

Monsenhor Franchino sorriu com uma afabilidade forçada.

— Não, por favor. Os proprietários muitas vezes são displicentes em seus métodos de arquivar. O bom Deus no final endireita as coisas.

— Sem dúvida — concordou Michael. Ser-me-ia possível ver a pasta do padre, por um momento?

Franchino hesitou, depois entregou-lhe a pasta. Michael recostou-se, leu a ficha e depois devolveu-a ao monsenhor.

— Não tem outras informações sobre ele?

— Não, mas mesmo que tivesse, não vejo a importância.

— Apenas curiosidade. Tenho tido uma ligação constante com o proprietário e o prédio, há muitos anos, e ainda não sei nada sobre um de nossos melhores inquilinos.

Michael examinou a sala. Será que haveria alguma informação adicional trancada nos arquivos? Alguma coisa que pudesse desvendar o mistério do Padre Halliran? Mas mesmo que houvesse alguma coisa, Franchino certamente não lhe daria a informação.

— Não, não há nada — concluiu o monsenhor.

Michael levantou-se.

— Providenciarei para que sejam corrigidos os arquivos dos aluguéis — disse desculpando-se.

— Ser-lhe-emos gratos — respondeu Franchino.

— Obrigado — repetiu Michael, constrangido.

— Foi um prazer. Vou acompanhá-lo. — O monselhor deu a volta à mesa e foi até à porta.

— Ah, eu já ia esquecendo — disse Michael. — Será que conhece um cavalheiro de nome Charles Charon?

O padre pensou um pouco.

— Não, devia conhecer?

— Talvez.

— E posso saber quem ele é?

— Um vizinho do Padre Halliran. Mora no mesmo corredor, no apartamento 5-A.

— Como já disse, há anos não tenho qualquer contato com o homem, sem falar nos vizinhos.

— Devia aconselhar o bom padre a entrar em contato com o Sr. Charon, se já não o conhece. Um senhor encantador. Seria ótima companhia.

— Aprecio o seu interesse. Vou anotar a sugestão para o meu pessoal. Bom dia.

Michael hesitou.

— Mais uma coisa, se posso lhe pedir um conselho.

— Sim.

Procurou no bolso.

— É essa inscrição, que mandei traduzir do latim. — Desdobrou o papel. — Pergunto-me se o senhor acaso a conhe-

cerá de algum escrito religioso ou coisa assim. — Estendeu-a ao padre.

Monsenhor Franchino pegou o papel e segurou-o diante da luz.

Empalideceu, os lábios comprimiram-se. Reconhecera o texto! Sem dúvida! Controlou-se rapidamente. Mas *havia* alguma coisa. E talvez a pista estivesse naquela sala.

— Não, não me é familiar.

— Tem certeza?

— Tenho, claro.

— Parece um texto religioso, pela terminologia.

— Sim e não. Provavelmente não é. De qualquer modo, nunca o vi.

— Não importa — disse Michael, saindo. — Obrigado pelo seu trabalho.

O padre fechou a porta e permaneceu no lugar, gelado. Esfregou nervosamente os pequenos tufos de cabelos brancos nas costas das mãos sardentas, e começou a tremer. Persignou-se e recuou.

Sua expressão contraiu-se; era uma expressão de terror.

22

O Padre Franchino e o Padre Halliran focalizavam os pensamentos de Michael. Este percorreu às carreiras o corredor para o seu apartamento e abriu a porta.

— Acabei de... Deteve-se, o ódio refletido nos olhos. — Que está fazendo aqui? — perguntou, a cólera, na voz.

— Lindo apartamento — disse Gatz, em pé, na frente da mesa do advogado. Levantou a caneta de ouro da mesa, segurou-a perto da luz, leu a inscrição e recolocou-a no estojo.

— Isso não responde à minha pergunta.

— Gosto do colorido. Do estilo dos móveis. Acabo de dizer a Miss Parker que, morando em pensão há tantos anos, um tira, como eu, especialmente um tira rebaixado, não ganha muito e não pode se dar a luxos. Entro num lugar como este e não posso deixar de ficar impressionado.

— Que quer?

Gatz palitou os dentes com um palito de plástico.

— Ainda bem que voltou. Estou aqui pacientemente à espera há... — olhou para o relógio — meia hora, por conta da cidade. Não poderia esperar muito mais. Aliás, já ia saindo. Colocou o palito no bolso da camisa.

Allison torceu-se constrangida no sofá.

— Não quero retê-lo — disse Michael. Jogou as chaves da porta na mesa da sala de jantar e foi para a sala de estar.

— Oh, mas sair agora seria falta de educação.

— Por favor. Uma demonstração de boas maneiras seria inesperada. Acompanho-o ao elevador.

— Você é tão delicado que às vezes me assombra! — Gatz virou-se. — Este é o detetive Rizzo. Não creio que se conheçam.

— Felizmente, não! — disse Michael, dardejando um olhar para o impassível detetive.

Rizzo passou um maço de papéis da mão esquerda para a direita e estendeu-o para Gatz.

— Ainda não — disse este.

— Que deseja? — repetiu Michael, impaciente.

— Desejo? Um pouco de amizade e conversa. — Pegou um martelo de juiz e deu uma pancada na mesa. — Boa madeira, observou; deu uns passos, sentou-se na poltrona, levantou as pernas e colocou-as na nogueira envernizada. — Eu e Rizzo estivemos na prisão hoje de manhã, de modo que não pude deixar de pensar no corajoso promotor público que em outros tempos teve tantos amigos lá por trás das grades. Ainda cheira bem mal. Lembra-se daquele fedor? Claro que sim.

Michael interrompeu-o.

— Tire os pés da minha mesa.

Gatz esperou, pegou um charuto, depois tirou os pés.

— Rizzo, eu nunca lhe falei a respeito de Mr. Farmer. Um Promotor famoso, mas não gostava do tratamento que a polícia dava aos animais enjaulados. Na verdade, acho que não gostava nada da polícia. Era durão no tribunal, depois que alguém houvesse feito o trabalho pesado. Exaustivo. E aparentemente honesto, se a gente esquecesse o fato de ele aceitar propinas de certas pessoas desagradáveis em certas fases dos processos. — Gatz sorriu. — Nunca consegui provar que havia propinas. — Virou-se para Michael. — Mas isso foi há muito tempo. Mr. Farmer avançou muito. — Gatz levantou-se, deu a volta à mesa e postou-se no meio da sala. — A cadeira é incômoda. Não leve a mal que fique em pé.

— Não levo a mal que você morra.

— É uma idéia fixa. Morte e mais morte. Nada menos saudável. — Sacudiu o dedo. — Precisa pensar em coisas menos violentas. Assim deixaria de meter-se em complicações.

— Pare com as gracinhas. Diga o que tem a dizer e ponha-se na rua ou então não diga nada e ponha-se já na rua.

Gatz recuou e levantou as mãos, palmas para fora, como se quisesse defender-se de Michael.

— Só quero conversar um pouco, já disse. — Virou-se para Rizzo. — Não é verdade?

— É.

— Então fale — disse Michael.

— Talvez sobre algum tema de interesse atual. Como os novos impostos municipais. Um ordenado não vale mais nada! Ou a greve nos hospitais. Interessa?

— Não.

— Talvez — Gatz bateu no lábio inferior com o dedo — sobre um cadáver encontrado num terreno baldio do alto West Side, ainda que não houvesse sido morto lá. Interessa?

— Não.

— Ora, vamos. Este é um assunto muito interessante. Que há de mais interessante do que um cadáver?

Michael fixou-o com os olhos, em silêncio.

Gatz continuou.

— Um detetive. William Brenner. Mutilado. Dezessete facadas. Completamente morto.

— E daí?

— É o que eu disse — interveio Allison. — Não vejo o que isso tenha a ver conosco.

Gatz sorriu. Foi até ao bar e serviu-se de uísque com pouca soda. Dois cubos de gelo. Levantou o copo e brindou:

— À sua saúde. Tomou o uísque e observou o casal. Riu para si mesmo. Sabia o que Farmer estava pensando. Que audácia desse patife de tira. Ir ao meu bar e servir-se de bebida sem ser convidado. A idéia de um Michael Farmer zangado era agradável. Devia lembrar-se de tornar a encher o copo.

— Parece — disse Gatz — que este Mr. Brenner era especialista em certas atividades estranhas. Contrabando de entorpecentes. Incêndios premeditados. Assassinatos. Vocações singulares, não acha?

Estalou os dedos. Rizzo procurou na pilha de fotos, pegou uma 12 por 24 e entregou-a a Gatz, que a empurrou na cara de Michael.

— Olhe os ferimentos. Faca de um gume. O assassino operava com a mão direita. Olhe a cara da vítima. Não morreu de prazer. Não o conhecia, conhecia?

— Não — disse Michael.

— Claro que não. Que teria um ex-promotor público com um sujeito que a polícia vinha tentando pegar há cinco anos?

— Decepcionante, não? — disse Michael.

— Não há dúvida — Gatz fez uma careta. — Mais cedo ou mais tarde, teria sido apanhado. Pena que alguém o matasse antes. — Virou-se para Allison. — Ouviu falar em Brenner?

— Não.

— Tem certeza?

— Tenho certeza.

Gatz foi até ao sofá e passou-lhe a foto. Ela olhou rapidamente e virou a cara, enojada.

— Rizzo — disse Gatz, devolvendo o retrato —, cuide bem disto.

— Está certo.

Gatz tomou um bom gole de uísque e começou a andar outra vez pela sala.

— Tipo de sangue, AB, Rh negativo. Interessante, não?

— Você errou de profissão. Deveria ser vampiro.

Sem ligar para Michael, Gatz acrescentou:

— E deve ser ainda mais interessante quando forem analisados os outros componentes e comparados ao sangue encontrado em Miss Parker.

— Mal posso esperar — comentou Michael.

Gatz preparou-se para umas poucas conclusões.

— Vejamos alguns fatos. Tirou uma ratoeira do paletó e armou a mola. — Miss Parker tem uma história, que nós todos conhecemos, e a sustenta, certo?

— De acordo — disse Allison.

— Vamos agora misturá-la com o passado de algumas das pessoas envolvidas no caso e acrescentar o principal ingrediente, que estava faltando até agora — um cadáver; que acham que poderíamos obter?

— Nem em mil anos adivinharia.

— Assassinato.

— Tolice.

— Assassinato. Ou coisa parecida.

— Coisa parecida? Parecida com o quê? Avançar um sinal vermelho ou estacionar em zona escolar? — Michael estava lívido.

Gatz olhou para o copo vazio, voltou até ao bar e tornou a enchê-lo, desta vez pondo um pouco mais de uísque, menos soda e uma fatia de limão.

— Aprovo o seu gosto em bebidas — disse, continuando. — Vejamos agora o caso da agente de aluguéis chamada Joan Logan. Bonita, até *sexy*, de uma maneira curiosa, ao que dizem.

— Uma maneira muito curiosa — acentuou Allison.

— Era a agente de aluguéis do prédio de Miss Parker.

— Era? — perguntou Allison.

— Era — confirmou Gatz.

— Diga o que está querendo dizer — exigiu Michael.

Esfregando o queixo, Gatz declarou:

— Parece que Miss Logan desapareceu da face da Terra. Não há registro da sua existência, a não ser o registro da agência e as escrituras de propriedade do prédio em que tinha escritório. Como se vivesse num vácuo e um dia resolvesse desaparecer; ou talvez houvesse sido removida à força.

— Em que dia? — perguntou Allison, sabendo a resposta.

— Ao que sabemos, no mesmo dia em que o nosso amigo Brenner foi ventilado — respondeu Gatz.

Michael sentou-se no sofá ao lado de Allison, pôs o braço em volta do ombro dela e procurou firmar-lhe o corpo trêmulo. A moça olhava diretamente para Gatz, chocada e confusa.

Gatz soltou a mola da ratoeira e guardou-a no bolso. Pegou um fósforo do bar, acendeu-o no calcanhar do sapato e reacendeu o toco do charuto, que há muito se apagara. Puxou forte; nuvens de fumaça acre enroscaram-se no ar.

— Coincidência? — perguntou.

— Coincidência! — respondeu Michael. — Pessoas desaparecem a cada momento. Quanto ao detetive assassinado, pessoas freqüentemente também aparecem nesta cidade, cheias de furos.

— Os fatos dizem que não é coincidência e os fatos nunca erram. São como sóis brilhantes na noite.

— Você me dá náuseas — disse Michael.

— É pena — lamentou Gatz. Sua expressão tornou-se mais dura. — Por que terá Miss Logan desaparecido, e como? Por que os ferimentos do detetive serão tão facilmente explicáveis pela história de Miss Parker e por que um cavalheiro distinto como você parecerá estar envolvido em mais outra morte misteriosa e num aparente desaparecimento?

Michael saltou do sofá.

— A sua referência à nossa amizade é presunçosa e a conversa que tanto queria revelou-se um fracasso total. Se não tem mais nada a dizer, deixe o copo no bar, ponha-se na rua. Não tem prova de nada e não quero tornar a ver sua cara no meu apartamento.

Gatz sorriu. Engoliu a última gota de uísque, deixou o copo, pegou o chapéu da poltrona e foi até junto de Michael. Apontando o dedo para a cara de Michael, disse:

— Tem razão. Ainda não tenho provas. E não tenho certeza de como é que essas peças se encaixam, mas meu nariz me diz que se encaixam, e, como já disse mil vezes, o meu nariz nunca se enganou.

— Enganou-se uma vez.

— Ao que eu saiba, nunca!

— Ponha-se na rua!

Gatz cumprimentou Allison e dirigiu-se a porta. Rizzo acompanhou-o e saíram.

Michael bateu a porta.

— Esse monstro está-me dando nos nervos.

Allison ficou sentada imóvel no sofá. Aquela informação. Joan Logan estava mesmo desaparecida. Por quê? E o detetive? Seria a pessoa que esfaqueara? O homem que Michael disse que chegara à porta? Mas, se fosse, como chegou ao terreno baldio? Transportado pelo "pai" e as duas mulheres nuas? E o que estava fazendo no prédio, àquela hora da noite? As perguntas não levavam a resposta alguma, apenas a mais perguntas.

— Para onde terá ido Miss Logan, e por que não há provas de sua existência? — perguntou mansamente.

— Não sei — respondeu Michael, de mau humor.

Allison estremeceu, não de remorso pela agente, mas pela esmagadora pressão dos fatos.

— E aquele detetive, poderia...

Michael interrompeu.

— Aquele detetive não teve nada com o caso.

Sentou-se e afagou delicadamente os cabelos de Allison.

Allison olhou-o em dúvida, sem saber se estaria envolvido numa trama aterradora para levá-la à loucura ou sinceramente preocupado com o bem-estar dela. Apoiou a cabeça nas mãos.

— Não consegui o material traduzido — disse para distraí-la —, mas segunda-feira terei a resposta. — Sabia que era mentira,

mas continuava na ignorância do significado da inscrição, e por algum motivo irracional, achou melhor ocultar o pouco que averiguara.

Beijou-a na testa.

Allison começou a chorar.

23

Michael olhou nas duas direções — da Rua 50 e da 51 — e verificou que ninguém se aproximava. Circundou o portão de metal castanho e desapareceu pelo lado. Era tarde, quase quatro horas; a Lua estava no quarto crescente, dando uma sombra curta, delgada e quase imperceptível. Michael esgueirou-se ao longo da parede e examinou a primeira fileira de janelas, a uns 60 centímetros do solo. Eram gradeadas, pesadamente chapeadas de aço, presas no cimento.

Parou, olhou por cima do ombro as agulhas da Catedral de S. Patrício, que se erguiam para o céu, formando um proscênio para as estrelas e a Lua, e prosseguiu, dizendo-se que estava fazendo exatamente aquilo pelo que mandara inúmeros malfeitores para a prisão. Imagine se ele, Michael Farmer, fosse apanhado roubando e logo a Arquidiocese de Nova York.

Arrastou-se até à quarta janela, tirou um cinzel do bolso e atacou, sem êxito, as bases protegidas das grades. Estavam muito enterradas; teria de entrar no prédio de outro jeito. Olhou para a segunda fila de janelas, a uns dois metros e meio do chão. A que queria ficava logo acima. Pisou no ressalto mais baixo, estendeu a mão e tocou na borda do parapeito. Passou para o ressalto seguinte e suspendeu-se. A janela agora estava acessível, o parapeito ao nível do queixo. Forçou o cinzel no cimento, empurrou na beira inferior da esquadria e sacudiu com força. O vidro, bem encaixado, estremeceu; a pintura partiu-se como areia seca. Michael empurrou a janela para cima, fazendo-a lentamente mexer-se, até atingir, num escape violento, a metade do caixilho. Michael

encostou-se à parede, guardou o cinzel no bolso e entrou no prédio.

No escuro, fechou a janela e baixou o estore. Esperou que os olhos se adaptassem à treva, tirou uma lanterna do bolso e dirigiu o facho para a parede. Parte do crucifixo encheu o círculo luminoso; destacava-se mais naquela luz isolada do que à tarde, quando a vastidão da sala diminuía o seu imponente efeito. Michael hesitou. A imagem de Cristo era confortadora e majestosa, mas ao mesmo tempo vigiava cada um dos seus atos. Afastou o facho, examinou os retratos do papa e do cardeal, e avançou pé ante pé para arquivos, de onde Monsenhor Franchino havia tirado a pasta sobre o Padre Halliran, naquela tarde.

Estavam abertos. Procurou até encontrar a caixa "G-J"; abriu-a depressa, examinou o conteúdo e tirou a pasta que continha as informações sobre o Padre Halliran. Apoiou-a na gaveta aberta, e tornou a examinar os papéis. Não havia mais nada de interesse; nada fora acrescentado desde a tarde. Recolocou-a no lugar e tirou várias outras, ao acaso, chegando à conclusão de que se houvesse material mais significativo no escritório de Monsenhor Franchino, estaria guardado em lugar mais seguro — talvez no arquivo fechado a chave por trás da mesa. Fechou silenciosamente a gaveta e tornou a atravessar a sala na ponta dos pés. Tirou um pano do bolso, enrolou-o em volta da ponta do cinzel, e introduziu-o debaixo da gaveta fechada. Pegou da mesa um pesado grampeador e bateu no cinzel. Houve um estalo forte no escritório. Michael escutou; o risco do barulho não podia ser evitado. Tornou a bater no cinzel, mas a gaveta não cedia. Seria preciso primeiro arrebentar a fechadura de segredo. Aplicou o cinzel por baixo da maçaneta graduada da fechadura. Bateu no cinzel mais uma vez, depois outra. A maçaneta saltou, o mecanismo quebrou-se e a fechadura de combinação ficou livre. Michael tornou a introduzir o cinzel no espaço aberto, deu mais uma pancada enérgica, e conseguiu abrir a gaveta.

Fez uma busca, com a lanterna, no arquivo. As primeiras pastas estavam marcadas claramente e obviamente não interessavam. Atrás, porém, havia uma com os nomes "WILLIAM O'ROURKE/ MATTHEW HALLIRAN".

Michael puxou-a, sentou-se na cadeira de Franchino e abriu-a na mesa. Estava dividida em duas partes, a primeira relativa a William O'Rourke, a segunda a Halliran. Resolveu ver primeiro o material sobre o Padre Halliran. Era idêntico

ao da outra pasta, com o único acréscimo da fotografia de um velho encarquilhado — evidentemente o padre — grampeada no canto direito superior do envoltório de cartolina parda. Projetou a luz sobre o rosto enrugado e notou as feições cansadas e gastas, cuja característica mais notável estava nos olhos arregalados e vidrados com um brilho estranho que provocou um arrepio em Michael. Olhar de lunático. Mas havia mais alguma coisa que não podia definir. Virou a pasta, escondendo o retrato, deixou-o de lado e tornou a pegar o material escrito. Sim, era o mesmo — a partir de 1952 — e, como a ficha no outro arquivo, não continha informações de períodos anteriores a essa data.

Michael franziu a testa e pegou os papéis relativos a O'Rourke. Começou a ler depressa, depois mais devagar. Encontrou informações surpreendentes. Tratava-se da história da vida de William O'Rourke, professor vindo de Boston, nascido em Brockton, Massachusetts, em 1891. E embora a história não contivesse nada de extraordinário, além de uma extensa referência a uma tentativa de suicídio, a data final, 1952, continha uma indicação assombrosa.

Um documento da polícia, datado de 12 de julho daquele ano, registrava o desaparecimento de um homem chamado William O'Rourke, no dia 9 de julho. Junto havia uma fotografia. Embora jovem, com uma pele boa, olhos bem separados e uma bela cabeleira loura, o homem da fotografia era, sem engano possível, o mesmo que aparecia na do Padre Halliran.

Michael analisou a informação, sem saber ao certo o que significava, nem que importância teria. Virou o papel, colocou-o ao lado e tirou outro da pasta. Era uma escritura que transferia a propriedade da velha casa de pedra a um David Caruso. Evidentemente Franchino o conhecia ou conhecia o caso, e também, evidentemente, sabia que Michael não era advogado do dono do prédio, e toda a entrevista fora uma brincadeira de esconder. Percorreu rapidamente, mais uma vez, a pasta, recolocou a escritura e guardou tudo na gaveta. Pegou as outras pastas e levou-as para a mesa. Com cuidado começou a examinar uma por uma. A primeira indicava na etiqueta "ANDREW CARTER/ DAVID SPINETTI". O conteúdo era semelhante ao da outra. Dava a história do jesuíta Spinetti, a partir de junho de 1921 até 9 de julho de 1952, dia em que fora assumida a identidade do Padre Halliran. Na segunda parte da pasta havia um longo resumo relativo a um homem chamado Andrew Carter. Nascido em 1863, passara a

maior parte da vida como soldado profissional. Tomara parte na Guerra Hispano-Americana, na Primeira Guerra Mundial, como oficial do exército francês, e antes destes dois conflitos como soldado de fortuna, do lado dos turcos, na guerra russo-turca. Ao desaparecer, no dia 25 de dezembro de 1921, deixara o serviço ativo e trabalhava como instrutor, numa academia militar. Havia também no arquivo duas fotografias, uma do Padre Spinetti, outra de Carter, ambos o mesmo homem — e uma descrição detalhada das duas tentativas de suicídio de Carter.

Michael pôs a pasta de lado, ajustou a posição da lanterna e abriu outra da pilha. A etiqueta indicava "MARY THOREN/ MARY ANGELICA". Mais uma vez, mesmo modelo. Uma identidade eclesiástica — uma freira evoluindo de uma leiga. E outra vez, uma tentativa de suicídio.

Tornou a analisar as informações e concluiu que, em certos intervalos, determinados leigos tinham desaparecido, para reaparecer com identidades eclesiásticas completas, e fabricadas. Por quê? E por que eram os arquivos tão secretos?

Folheou a pasta seguinte. Era em francês, língua que não entendia. As seguintes também. Depois, uma série em alemão, depois em francês de novo. A única informação que podia obter eram as datas. Iam até ao ano 731 A.D. pelo menos.

Pegou apressadamente as pastas e guardou-as no arquivo. Fechou a gaveta, pensou na maçaneta que faltava e tornou a abri-la. Era ridículo recolocar as pastas. Franchino havia de ver que alguém arrombara o arquivo. Tornou a tirar as mais recentes e deixou-as ao alcance da mão.

Passeou a luz pela sala, procurando mais alguma coisa de interesse. Não viu nada. Voltou a atenção para mesa e começou a abrir as gavetas. Mais uma vez, nada. Mas a gaveta do meio à direita estava fechada a chave. Tornou a pegar o cinzel e forçou a gaveta. Estava quase vazia. Mas continha uma pasta de cartolina parda semelhante às demais. Segurou-a e arregalou os olhos de terror. A pasta estava rotulada "ALLISON PARKER/ THERESE". Mãos trêmulas, abriu-a. A vida de Allison Parker estava resumida até o dia 19 de dezembro de 1973, incluindo uma narrativa detalhada da tentativa de suicídio, deserção da igreja, todos os fatos referentes à morte de Karen Farmer — todos incrivelmente precisos — e um resumo das atividades dele próprio, Michael, nos últimos três anos. Sob o nome de Therese havia um registro

completo da vida de uma freira, a partir do dia 19 de dezembro de 1973.

A data de hoje era 18 de dezembro. Michael examinou com cuidado ambos os resumos e estudou uma foto de Allison, pregada no papel. Fechou a pasta e colocou-a em cima das outras. A sala de repente se tornara sufocante. O advogado sentou-se na poltrona da mesa, levantou os olhos para o teto e refletiu sobre o que acabava de descobrir — a magnitude, o horror. Mas ainda não conseguia entender o que estava acontecendo. Nem como sabiam de todos aqueles detalhes.

A igreja estava envolvida no caso de Allison, esta no do velho padre e havia algo de diabólico planejado a respeito. Por quê? Não sabia. Onde? Sabia. A velha casa de pedra. Quando? Também sabia. No dia seguinte. Talvez Allison não houvesse imaginado a presença de Charon e dos outros. Talvez fizessem parte do que agora aparecia como uma trama monstruosa. inconcebível. A Igreja Católica! Envolvida numa coisa daquelas! Mesmo sem ser religioso, não podia acreditar naquilo. Levantou os olhos para a cruz e resistiu ao impulso de arrancá-la da parede e espatifá-la.

Baixou a cabeça; o que quer que estivesse para acontecer, tinha de impedir. Tanto em defesa de Allison, quanto, em vista do que lera, na sua própria.

Apagou a lanterna, pegou as fichas, encaminhou-se com cuidado para a janela, e saltou no escuro.

24

O céu estava azul, coisa rara em Nova York. O sol, dirigindo-se para o solstício de inverno, brilhava esplendorosamente. Michael, apressando-se pela rua movimentada, tentava proteger os olhos dos raios ofuscantes que se refletiam dos carros em movimento e do vidro e aço dos arranha-céus. Tremia de frio, no casaco leve. Uma das mãos esfregava continuamente o ombro, para ativar a circulação; a outra segurava a alça de uma pasta.

Caminhou para leste, pela Rua 52, atravessou o pesado trânsito da Terceira Avenida e entrou na área residencial con-

tigua à comercial. Pensamentos em estado caótico, parou do lado de fora de um prédio ajardinado, apertou a mão para verificar se a pasta estava segura a protegida, e abriu a porta coberta por uma fina camada de gelo. A impressão de sua mão ficou marcada por vários segundos, aos poucos turvando-se e desaparecendo, quando a umidade morna, deixada pela palma suada, congelou-se no vidro, e depois se evaporou.

Consultou a lista dos moradores e apertou o botão junto do apartamento 3-R. Depois de tocar pela segunda vez, o alto-falante respondeu.

— Sim? — disse.

— É Michael.

O alto-falante desligou.

Michael segurou a maçaneta; ouviu-se um som de cigarra. A porta abriu-se, o visitante entrou, no saguão à direita, e tomou o elevador cheio de sacos de lixo, reunidos nas rondas do zelador. Fez uma careta — o cheiro era horrível — apertou o botão marcado "3" e, enquanto contava os andares, recapitulou a informação precisa que revelaria e o plano de ação a executar. Precisava de ajuda, mas infelizmente os meios normais lhe estavam fechados. Jennifer teria de servir, e provavelmente seria perfeita. Com a vida de Allison em jogo, podia contar com ela para fazer exatamente o que ele lhe dissesse e ficar calada. Afinal, não era a melhor amiga de Allison?

Michael repetiu tudo, para frisar a gravidade do problema e a certeza absoluta que tinha dos fatos. Por fim, recostou-se e esperou para responder às perguntas, que deviam, segundo esperava, ser poucas e simples.

Enganava-se.

— E a pessoa que ela supõe ter esfaqueado? — Perguntou Jennifer, caminhando para ele, da outra ponta da sala, alegremente decorada. Parou junto de uma estante de livros, apanhou o cigarro que queimava numa prateleira, aspirou nervosamente e continuou a andar, cigarro na mão.

— Não sei — respondeu o advogado sabendo perfeitamente que se tratava de Brenner, cortado em tiras ao entrar no apartamento. — Continuo a pensar que Allison imaginou o assassinato. Não esqueça que ela estava histérica durante toda a cena, desde o momento em que acordou e ouviu os passos.

O raciocínio parecia lógico. Na verdade, Brenner não conseguira cumprir uma missão relativamente simples. Qualquer pessoa podia ter feito a coisa direito, mas Brenner não con-

seguia deixar de se meter em encrencas. Assim, o idiota agora estava morto sem motivo algum e por isso agora estava outra vez com aquele miserável Gatz nas costas. Como se não tivesse bastantes problemas. Mas a culpa era toda sua; nunca devia ter corrido o risco de se utilizar dos serviços de Brenner para coisa alguma.

— Por que não procuramos a polícia? — dizia Jennifer.

— Não — replicou rápido.

— Por que não? Ninguém fez nada de errado. Mesmo que Allison tenha esfaqueado alguém, certamente não houve crime.

Não foi, não, pensou o advogado. Nisto pelo menos estava de acordo. Não passou de um acidente infeliz. Mas não podia procurar a polícia. Estava preocupado com a identidade do detetive morto e a possibilidade de que a polícia estabelecesse alguma ligação entre ele e o corpo. E Deus os livre de descobrir ou saber a polícia o que havia nos arquivos de Franchino.

— Nada de polícia — repetiu.

— Você não faz sentido — disse Jennifer.

— Se a polícia se meter nisto, trataria o assunto como se fosse roubo, e com incompetência. Então nada salvaria Allison. Se não fizermos as coisas a meu modo, estará liquidada. — Fixou em Jennifer um olhar intenso.

— Mas...

— Não!

— Estamos lidando com uma coisa que não entendemos — observou Jennifer.

— Se nós não entendemos, a polícia certamente não entenderá melhor. Não, não vou procurar a polícia, e acabou-se. — Começou a mexer nos papéis na mesa. — Vamos supor, por um momento, que aceitemos tudo como verdade. — Apanhou vários documentos e sacudiu a cabeça. — Pretendem que Allison perca a sua identidade, para aparecer como outra pessoa.

— Irmã Therese?

— Seja o que for.

— Uma freira — continuou Jennifer, pensativamente.

Michael confirmou, refletindo sobre o absurdo da situação agravado pelos documentos, ao menos, no que lhe dizia respeito. Dado, porém, que trabalhava com hipóteses, era forçado a segui-las até às suas conclusões, por ilógicas que fossem.

— E Halliran? — Tornou a perguntar Jennifer.

— A julgar por essas histórias, Halliran também desaparecerá, e Allison, na pessoa da Irmã Therese, tomará o lugar dele.

Jennifer puxou fundo no cigarro.

Michael releu a tradução: "A ti teu rumo por Lot foi dado o encargo e severa vigília de que a esse feliz lugar nada de mau se aproxime ou nele ingresse". Obviamente, é dirigido a Allison. Designa-a como sentinela. O Padre Halliran, se continuarmos com nossas suposições anteriores, também é uma sentinela.

Calaram-se, revendo os papéis do arquivo.

— E o pai e as outras pessoas que Allison viu na tal casa?

— Eu achava que eram ilusões. Fazia sentido. Ela sempre desprezou o pai.

— Sim.

— A cena vista na casa foi a encenação de um fato anterior da vida dela. Podia eu ter chegado a outra conclusão lógica? Que seria? Uma alucinação? Um pesadelo? Nervos? Escolha. Mas já não estou tão certo. E isto se aplica também a Charon e aos demais. Não, creio que estivessem realmente na casa, fornecidos pela Arquidiocese. — Interrompeu-se, bebeu um gole da Coca-Cola que Jennifer lhe servia e continuou. — Poderiam tê-la submetido a uma espécie qualquer de hipnose. Isto explicaria muitas coisas. Como teria visto aquele trecho do livro? Como teria encontrado o anúncio no jornal, quando não havia anúncio algum?

Jennifer tirou a escritura da pilha de papéis e exibiu-a. Michael prosseguiu:

— Fui procurar o proprietário para lhe fazer umas perguntas. Não estava. Falei com a irmã, que não sabia de nada. O Monsenhor Franchino devia saber que eu estava mentindo quando lhe disse que era advogado de Caruso. E a propósito, a inquisição pode estar reunida neste momento mesmo, para resolver o que fará comigo.

— Michael — ponderou Jennifer —, tudo isso está muito bem, mas como é que você os vai impedir?

— Não sei, mas vou impedi-los. Segundo esses registros o que tiver de acontecer acontecerá amanhã. Pretendo montar guarda na casa velha a partir da meia-noite de hoje.

— Mas...

— Raios me partam se permitir que um bando de fanáticos religiosos destrua Allison. — Levantou-se e começou a

andar nervosamente pela sala. — E não nos deixemos impressionar muito com essa macumba. Estamos lidando com personagens muito reais, e não com mágica. A questão é saber o que desejam.

— Acho que devíamos chamar a polícia.

— Não. Pela última vez, não!

— Por favor?

— Não quero ouvir falar nisso. Nada de polícia.

— Por quê? Porque você tem medo? Porque o que descobri do seu passado pode ser verdade?

— Não creio que...

Ela interrompeu.

— O que você fez não tem importância, neste momento. Allison está em apuros; se você realmente se interessa por ela, deve pô-la em primeiro lugar, não importa o que receie que possa aparecer.

— Eu a estou pondo em primeiro lugar.

— Não está, não!

— Não? Acha que estou me envolvendo nisso por prazer?

— Realmente, não sei por que você está envolvido, nem de que maneira. — Fez uma pausa e continuou. — Talvez você tenha inventado todos esses papéis. Talvez tenha realmente levado Allison ao museu intencionalmente, para ver a estátua da mulher. Talvez esteja metido com esses seus padres. Talvez nem exista algum, só a sua trama. E talvez queira estabelecer um álibi, para poder matá-la como matou Karen e pôr a culpa em outros.

Michael agarrou-a pelos cabelos e dobrou-a contra as costas da cadeira. Jennifer libertou-se, sem medo.

— Não torne a falar em Karen — avisou Michael. — De uma vez por todas, Karen matou-se porque eu a deixei.

Jennifer endireitou os cabelos.

— Sabe, Michael, eu sempre soube que por baixo dessa calma de advogado havia uma têmpera vil.

— Continuo a insistir em tratar do caso a meu modo.

— E é esse o seu modo? — Perguntou Jennifer cética.

Michael franziu a testa.

— Vou trazê-la para cá, hoje à noite.

— Por quê?

— Aqui estará segura.

Jennifer pensou um pouco.

— Vou dar um jantar hoje. Lembra-se?

— Pois dê. Allison estará bem, enquanto permanecer ocupada e você ficar de olho nela.

— Isso poderá ser difícil.

— Veja que ela fique aqui! Aconteça o que acontecer, faça com que fique aqui.

— E se não se sentir bem?

— Deixe o número do telefone do médico. Ele atenderá logo.

Jennifer concordou, hesitante; não tinha alternativa.

Michael pôs o braço em torno da moça e disse ao pé do ouvido.

— Não importa o que você pense, eu gosto daquela pequena e ninguém lhe vai fazer mal. Ninguém! — Era uma confissão, um gesto de emoção, nele significativo. — Estou falando sério — insistiu.

Jennifer recuou um passo.

— Suponho que seja verdade — disse ainda desconfiada.

Michael pegou os papéis e guardou-os na pasta.

— Não é melhor deixá-los comigo, hoje? — Perguntou Jennifer.

— Por quê?

— Por via das dúvidas.

— Não, acho melhor ficar com os papéis. Talvez precise deles.

Ele abriu a porta e saiu com a pasta. Teria contado coisas demais? Não estava certo. Nem estava certo de poder confiar nela. Talvez estivesse telefonando para a polícia no mesmo momento. Mas não tinha escolha. Alguém devia ficar com Allison naquela noite, alguém que tivesse algum conhecimento do que poderia acontecer.

Subiu a Lexington a pé, dobrou na Rua 71, parou e ficou na esquina, olhando, à distância, o muro de pedra cinzenta que limitava o Central Park na Quinta Avenida. O longo banco protegido pelo muro achava-se ocupado só por um velho curvado, de cartola, e bengala preta. A rua estava tranqüila.

Michael deu um pontapé nas folhas secas espalhadas pelo solo. Sentia-se nervoso. O papel de herói não condizia com o seu temperamento. Compreendeu a incompatibilidade melhor do que nunca ao dizer consigo mesmo: "Mr. Gatz, desejaria que estivesse morto". Com este pensamento, entrou no prédio.

— Boa noite — disse o porteiro.

— Olá. George — respondeu Michael já atravessando rápido o saguão.

— Mr. Farmer?

— Sim?

— Um senhor subiu ao seu apartamento há um momento.

— Quem?

— Não me lembro do nome.

Michael pensou um pouco e perguntou abruptamente.

— Que aparência tem?

— Baixote, com um charuto amassado na boca.

— Que diabo! Por que o deixou subir?

— Miss Parker permitiu — gaguejou o porteiro.

Michael sacudiu a cabeça e virou-se para o elevador. Mas parou e olhou por cima do ombro.

— O nome é Gatz. Detetive Gatz.

— Sim, senhor.

— Não esqueça. E nunca mais o deixe entrar aqui sem minha ordem.

— Sim, senhor. Compreendo.

Michael correu pela curva do saguão até ao elevador e apertou o botão "Subir". Esperou. As portas do elevador abriram-se e o Detetive Gatz ia saindo. Ao ver Michael, estacou e voltou.

Michael hesitou. O outro elevador chegou; as portas abriram-se. Michael torceu o corpo para entrar, evitando um menino. Gatz saltou do seu elevador e meteu a mão entre as portas que se fechavam. As portas tornaram a abrir-se.

— Salafrário! — exclamou Michael, preparando-se.

— Que grosseiro — replicou Gatz, sorrindo.

Michael encolheu-se e empurrou-se da parede para a porta. Gatz reagiu depressa; bloqueou a saída, meteu a mão no pescoço de Michael e atirou-o de volta.

O elevador sacudiu violentamente, como se os cabos de suspensão fossem partir-se.

O detetive saltou para dentro do carro. As portas se fecharam atrás dele.

— Agora sossegue o rabo.

— Tem uma ordem de prisão?

— Não.

— Então desapareça.

— Não precisamos de uma ordem para conversar.

Michael tentou apertar o botão "abrir", mas Gatz bateu-lhe na mão e prendeu os ombros dele contra o painel.

— Calma, meu amigo — avisou o detetive.

— Acalme-se você, e tire as mãos de cima de mim. — Michael afastou-se. — Que queria com Allison?

— Nada.

— Então o que está fazendo aqui?

— Queria vê-lo.

— Para outra conversinha amigável?

— Como é que adivinhou?

— Não estou interessado.

— Está, sim! — Gatz levantara a voz, com intenção inconfundível. Ele e Michael iam conversar, quer Michael quisesse, quer não.

Michael encarou-o zangado, depois deixou cair os punhos.

— Não posso resistir aos seus encantos — disse por fim.

— Tive um palpite a seu respeito desde que o ouvi falar, — começou Gatz. — E tenho um palpite agora. Poucos fatos, nenhuma prova real. Apenas uma idéia do que pretende e por quê. Mas o meu nariz me disse...

— E ele nunca se enganou. Já ouvi isso mil vezes.

Gatz apontou o indicador para Michael, mantendo-o a centímetros do rosto.

— Estou-lhe avisando.

As portas do elevador abriram-se. Uma mulher de meia-idade, com um cachorrinho branco numa das mãos e um embrulho de presente na outra, entrou.

Gatz ergueu a mão.

— Por favor, use o outro elevador.

— Desculpe — disse a mulher, assustada.

Gatz enfiou a mão no bolso, tirou a carteira e abriu-a defronte dela, mostrando o distintivo de polícia.

— Assunto de polícia. Tome o outro elevador. — Não era um pedido, era uma ordem.

A mulher olhou indignada para o detetivezinho, e virou-se para Michael à espera de uma explicação. Michael afastou o olhar e a mulher recuou. A porta fechou-se.

Gatz sacudiu o charuto e continuou.

— Consegui o testamento de Andrew Parker. Um bocado de dinheiro, e quase tudo ficou para a sua querida filha. Uma importância muito tentadora. Como uma grande fatia de queijo. Pegou a armadilha do bolso e a rolou nos dedos da mão direita. — Ora isso é interessante mas também, uma porção de gente recebe quantias vultosas dos pais.

— E daí?

— E daí? É um fato muito interessante. Talvez o motivo por que você queira livrar-se da pequena ou assustá-la até à morte, ou simplesmente assustá-la.

— É a coisa mais ridícula que já ouvi. Se algum dia tentasse alguma coisa assim, certamente primeiro casaria com ela. Agora, meu amigo, vou saltar desse elevador.

— Não vai, não.

— Vai me obrigar a tornar a mexer os meus pauzinhos.

— Sirva-se.

— Deve ter esquecido que...

— Não — disse Gatz, os olhos brilhando. — Pode estar certo de que não. Mas você vai me escutar e responder a umas perguntas e depois pode chamar quem quiser, até o Presidente dos Estados Unidos, mas depois que eu terminar.

Michael rangeu os dentes, enquanto Gatz continuava.

— Eu não conseguia armar o caso, até receber um telefonema de um informante que usamos. Eu tinha lhe pedido que fizesse umas investigações discretas sobre o passado de Brenner. Ele revolveu a lama e apareceu exatamente com o que queríamos. Mr. Brenner, por volta de fevereiro de 1969, aceitou um contrato para liquidar uma dona. Recebeu uma bolada. Não foi mais ou menos nessa época que Mrs. Farmer suicidou-se?

— Vá para o inferno, seu tira vagabundo. Já devia saber que não pode começar com esse negócio. Ainda vai acabar de volta em Brooklyn, enxotando os vagabundos dos bancos de jardim.

Gatz sorriu, inalterado.

— Parece que o meu homem não conseguiu descobrir quem devia ser liquidado nem quem fez o contrato. Mas eu sei!

— Você não sabe coisa alguma.

Gatz guardou a ratoeira no bolso.

— Ah, sei sim. Meu informante também soube que Brenner há pouco tempo foi contratado pela mesma pessoa do primeiro contrato para fazer mais algum "trabalho de detetive". Perguntei-lhe que tipo e ele disse que não sabia, mas que estava tentando descobrir. Você sabe que sujeitos como Brenner sempre deixam alguma informação sobre o caso em que estão trabalhando, para o caso de haver alguma trapaça. É só que leva tempo para encontrar o camarada certo que saiba das coisas.

— Não estou interessado num curso de criminologia.

— Advogado muito inteligente.

— E não sei do que está falando.

— Acho que me fiz entender.

— Acho que o seu poder dedutivo me deslumbrou de tal modo que não consegui entender as acusações principais.

Gatz quase saltou pelo teto do elevador. Tirou o toco do charuto da boca e atirou-o no canto.

— Vou abrir o jogo. Você mandou matar a sua mulher. Contratou Brenner para matá-la. O que explica aqueles belos álibis que o colocaram em outro lugar. Mas eu percebi o seu planozinho naquela época, e certamente percebo agora, só que com um pouco mais de clareza.

— Não sei de que está falando. Não conheço nenhum Brenner, nem nunca conheci nenhum Brenner.

— Cale-se, ainda não acabei. Você se livrou de sua mulher, não só porque ela não queria lhe dar o divórcio, como ainda porque ameaçou denunciar à polícia, se a largasse, as grandes propinas que você estava recebendo. Descobriu então que o pai de sua amante, Allison Parker, era rico. Descobriu ainda que ele ia deixar para ela quase tudo quanto tinha, porque não suportava a mulher. E os gananciosos nunca mudam. Você imaginou um meio de botar a mão nesse dinheiro. Precisava de alguém em quem pudesse confiar; voltou a Brenner.

— Acabou? — perguntou Michael.

— Ainda não! Brenner apareceu na casa, com a cara do pai morto, e Miss Parker, que, como sabemos, é um caso mental, matou-o a facadas. Não parece ser tão indefesa quanto você pensava. Então quando ela fugiu debaixo da chuva, você apareceu, limpou todo o sangue, escondeu o corpo e apareceu no dia seguinte como o amante dedicado, desejando que a inesperada reviravolta da situação não o destruísse. E provavelmente não o destruiria, a não ser por um detalhe.

— Qual?

— Eu. Você nunca pensou que eu me metesse nisto.

— Você deve estar maluco — disse Michael. — Anda vendo muito televisão.

— Não menospreze. Aprende-se muita coisa na televisão. — Gatz sorriu. Estava certo de ter encurralado Farmer.

— Deixe fazer-lhe uma pergunta, Mr. Gatz — disse Michael. — Sabe perfeitamente que as informações fornecidas pelo seu informante não poderiam ser utilizadas num tribunal, de modo que em resumo, o fato é que não tem prova de coisa

alguma. Só um exagero de teoria repleto de tolices. Uma fantasia sonhada por essa sua vaidade ridícula, que nunca pode admitir a hipótese de estar errado. Estaria louco se fizesse acusações formais, e sabe disso.

— Mas vou encontrar provas aceitáveis e vou enrolá-las em seu pescoço, até o estrangularem. Quero que saiba disto.

— Presumo que tenha terminado — disse Michael.

— Terminei.

Michael inclinou-se para a porta e apertou o botão de "abrir".

— Não trabalhe demais — preveniu.

Gatz saltou do elevador, deixando Michael andando pela cabina que subia, até parar no décimo andar. Chegou ao apartamento, abriu a porta e gritou:

— Já lhe disse para não deixar entrar esse tira! Não ouve nada do que digo?

Allison saltou do sofá, tremendo, e sacudiu a cabeça. Ao ver como estava pálida, Michael baixou a voz. Curioso, nos últimos dias parecia melhor. E agora, uma recaída total?

— Como está se sentindo? — Perguntou, pondo-lhe a mão no ombro. A pergunta era desnecessária; sabia a resposta.

— Péssima. — Todo o corpo confirmava o fato.

— Que é que há?

— Não sei.

— Voltou a dor de cabeça?

— Voltou, e as tonteiras e as náuseas. Sinto que estou perdendo o controle dos meus reflexos. — Sacudiu a cabeça. — Pareço estar perdendo o controle de tudo.

Michael alarmou-se. Já estaria começando?

— Sentia-se assim, de manhã?

— Não.

— Quando começou?

— De tarde. — Hesitou, como se quisesse dizer alguma coisa, não pudesse e estivesse reunindo forças. — Desmaiei enquanto você estava fora.

— O quê?

— Desmaiei — repetiu.

— Quanto tempo esteve desacordada?

— Uma hora.

— Chamou o médico?

— Não.

— Por que não?

— Estava assustada. — Sentou-se no sofá. — Estou assustada demais para fazer qualquer coisa que não seja morrer. — Começou a tremer. — Estranho, mas de morrer não tenho medo.

Michael pôs-lhe o braço em volta, escondendo a cólera.

— Vai dar tudo certo. — Continuou a abraçá-la por vários minutos, depois foi até ao bar, serviu-se de um pouco de uísque e bebeu-o.

Allison implorou-lhe com os olhos compaixão e compreensão.

— Quando estava desacordada, sonhei com um velho sentado a uma janela.

— O Padre Halliran?

Ela fez que sim.

— Não grite comigo! Sei que não quer que eu pense no padre e na casa, mas...

— Não vou gritar com você. Se viu o padre, viu o padre e acabou-se. — Serviu-se de mais uísque. — A sua aparência é que não me agrada. — Aproximou-se outra vez, ajoelhou-se e beijou-a delicadamente na testa. Levantou a mão e tocou-lhe as pálpebras e as faces com os dedos. — Dói? — perguntou.

— Dói.

— E aqui?

— Também.

— Os olhos ainda ardem?

— Ardem.

Tornou a examinar-lhe o rosto. A secura que lhe atacara os olhos, nos últimos dois dias, espalhara-se pelo nariz e a parte superior do rosto, em rugas muito delicadas — quase invisíveis — mas que pareciam expandir-se, corroendo a pele. Era horrível. Sabia que a batalha estava engajada e que tinha de tomar parte nela. Não havia mais ninguém.

Allison estendeu os braços e abraçou-o.

— Você é o meu amor — murmurou dolorosamente.

Deveria dizer-lhe? Não! Melhor que ignorasse enquanto pudesse. Evitaria que os olhasse de perto no espelho.

— Michael, ajude-me!

— Disto pode estar certa. Não permitirei que esta situação se prolongue.

Allison apertou-o mais.

— Vou levá-la ao jantar de Jennifer, você vai ficar e e dormir lá.

— Por quê?

— Porque tenho coisas a fazer.

— O quê?

— Uma investigação.

A moça começou a tremer mais violentamente.

— Michael — perguntou, a voz trêmula —, na casa?

— Não. Tenho de ver umas pessoas. Talvez até volte antes de terminar a festa.

— Michael, minha cabeça está doendo.

— Vou-lhe buscar uma aspirina. Mas quero que você escute e faça o que digo. Sem perguntas.

Allison concordou.

— Vou dar a Jennifer o endereço e número do telefone do Dr. Sternberger, por via das dúvidas. Mas enquanto eu estiver ausente, quero que você procure ver se consegue participar da festa, mantendo a cabeça ocupada e livre de todos os problemas. Prometa que vai tentar. É muito importante!

— Prometo. Mais uma vez era como uma criança indefesa, que dependia dele para ter forças e talvez até para salvar a vida.

— Por que não tenta dormir um pouco? Teremos tempo de nos vestir depois. — Allison levantou-se calada e dirigiu-se, num passo inseguro, para o quarto de dormir.

Michael serviu-se de outra dose de uísque e levou-o aos lábios. Mas apertou o copo, cada vez com mais força, até quebrá-lo na mão. Olhou para o grande caco de vidro enterrado na pele por baixo do polegar. Estava tão indignado que não sentia dor. Puxou a ponta do caco. O sangue escorreu-lhe pela palma. Enrolou o lenço em volta do corte, serviu outra dose de uísque e seguiu Allison para o quarto de dormir.

25

— Olá — disse Michael.

— Estão atrasados.

— A culpa é minha — disse Allison, desanimada. — Levei muito tempo para me vestir.

— Não se preocupe. Ninguém começou a comer, ainda — disse Jennifer.

Michael sorriu um sorriso pálido.

— Vamos entrar. A festa é aqui dentro, não no corredor. — Jennifer fechou a porta. — Deixe pegar os casacos de vocês.

— Está frio lá fora. Pode vir neve. — Michael esperou por Allison. — Deixe-me ajudá-la. — Puxou-lhe o casaco das costas. Estava desajeitada, sem conseguir coordenar os movimentos para tirá-lo sozinha.

Jennifer baixou os olhos. Michael fez uma careta.

— Acha mesmo que vai nevar? — perguntou Jennifer, para dizer alguma coisa.

— Sente-se o cheiro no ar. — Michael olhou pelo vestíbulo para a sala e os convidados. Ao entrarem, o barulho era de ensurdecer. Agora a sala apinhada parecia estranhamente quieta; restava um rumor de vozes e risos, mas forçados.

— Dê cá. Eu os guardo — disse Jennifer. Recolheu capa e sobretudo e pendurou-os no armário do saguão, depois virou-se e fitou-os calada.

— Quer guardar a minha pasta também? — pediu Michael.

— Ah, sim, claro.

Michael entregou-a e Jennifer a colocou na prateleira, hesitou um momento e encarou-os mais uma vez.

O barulho da sala continuava abafado.

Jennifer mexeu-se, nervosa.

— Allison — indagou a amiga, incrédula — sente-se bem? — Esperava Allison fraca e abatida. Mas assim? Vazia! Sem cor! Pior, infinitamente pior do que quando a vira no apartamento de Michael. Nunca!

— Ela está bem — disse Michael. — Um pouco de dor de cabeça e náusea, só isto.

— É — concordou Allison, a voz oca, olhos vagando sem rumo.

— Michael, eu... — murmurou Jennifer, ainda chocada.

— Cale-se! — cochichou ele, rápido. E, erguendo a voz: — A festa parece estar fantástica.

— É — murmurou Allison, insegura.

Michael franziu a testa, tocou no braço dela e conduziu-a do vestíbulo para a sala.

— Venha, vou-lhe arranjar alguma coisa para beber — disse arrastando-a pelo meio do pessoal para o bar. Serviu-lhe um copo de *ginger ale*, pôs um pouco de gelo num copo de uísque para si mesmo, ajudou-a a sentar-se no sofá e deixou-a com um grupo de amigos. Era perigoso, mas tinha de forçá-la a procurar agir com naturalidade. Resmungou zangado

quando viu Jack Tucci atravessar a sala para reunir-se a Allison. Ninguém desejava menos ver perto dela que aquele mocinho bonito intrometido. Mas não havia nada a fazer.

Virou-se, de copo na mão, e foi discretamente para um canto, onde pudesse ficar vigilante e sossegado. Pensou brevemente no que o esperava e sorriu ao ver Jennifer borboleteando pela sala, de um convidado para outro.

Esvaziou o copo, olhou-o com desprazer e voltou ao bar.

— Pode me passar o uísque?

Uma garrafa pela metade foi empurrada na sua direção. Encheu meio copo, pôs água, gelo e recolocou a garrafa na mesa.

— Com licença — disse e andou até a janela, abrindo-a ligeiramente. Voltou a atenção para Allison. Não conseguia ouvir o que estava dizendo, mas via que estava movendo os lábios com dificuldade.

— Posso falar-lhe por um momento? — Perguntou Jack Tucci. Tinha um copo numa das mãos e na outra um cachimbo. O fumo desprendia um aroma de cereja. Mostrava-se muito agitado.

— Como está? — indagou Michael, friamente.

— Bem. — Fez uma pausa e acrescentou. — E você?

— Não poderia estar melhor.

— Diria o mesmo de Allison? — perguntou Jack, secamente,

— Por que não? — replicou Michael, fingindo uma ignorância que não poderia iludir a ninguém.

— Liguei para o seu escritório várias vezes esta semana. Por que não me chamou?

— Não recebi os recados. É verdade — acrescentou quando Jack apertou os olhos. — A minha secretária é muito ineficiente.

— Você está falando comigo, Michael, não com um idiota qualquer. Se está querendo fugir de mim, como realmente está, faça o favor de me dar o crédito de inteligência suficiente para compreender o seu desejo! Assim nenhum de nós precisa falar à toa como maluco. — Segurou o braço de Michael e puxou-o para um canto. — O que é que se passa com Allison?

— Está doente.

— De quê?

— Um distúrbio dos rins.

— Que tipo?

— Jack, se você quiser uma análise clínica detalhada, fale com o médico dela.

— Acabei de falar com ela e ela olhou através de mim, quase como se estivesse em transe. Isso não é conseqüência de distúrbio de rins.

— Que quer que eu diga?

— A verdade. Há alguma coisa errada com ela, mas não é físico. É mental, e eu gostaria de saber, para poder ajudar.

Michael olhou para Tucci, impassível.

— Como já lhe disse, Jack, está doente dos rins.

— Você deve pensar que sou um tolo!

— Se insiste.

Jack agarrou o braço de Michael.

— Eu não...

Michael libertou o braço.

— Vou ser mais franco. O que quer que haja com ela, não é de sua conta. *Capisce?*

— Só da sua?

— Só.

— Por que mandamento divino? O voto conjugal?

— Não! Por posse. E uma resolução firme de quebrar o pescoço de qualquer pessoa que meter o nariz onde não é chamado. Não quero mais discutir com você. Ela está doente. Uma doença dos rins. Só isto. — Afastou-se, furioso com Jack, furioso consigo mesmo por ter perdido a calma. Dirigiu-se devagar para a parede e sentou-se no chão. Observou a pequena multidão presente e tornou a examinar Allison, que continuava a falar mecanicamente. Tentou colocar-se no lugar dela, sentir a agonia, a dor, o medo que estava sofrendo. Ou o efeito cumulativo dos horrores recentes que lhe haviam roubado a naturalidade. Mas não conseguiu.

— Olá — disse Jennifer, sentando-se ao lado dele. — Despreza o nosso mundo?

— Sim — respondeu friamente.

— São onze e vinte.

Ele olhou o relógio e concordou.

— Vou sair daqui a cinco minutos.

— A festa não está má — disse ela, sabendo que nenhum dos dois se preocupava com o assunto.

— Como sempre. Afaste o Jack Tucci dela, depois que eu sair.

— Por quê?

— Palpite instintivo. Ele talvez faça perguntas demais, e ela está tão fora de si que talvez responda.

— OK.

— Há mais alguém que talvez faça perguntas demais?

— Não creio.

— É bom saber!

— De acordo — respondeu a dona da casa, aborrecida.

— Vigie-a com cuidado. E afaste o pessoal dela, ou pelo menos faça com que conversem sobre tolices. Não quero que ninguém lhe fale sobre o seu estado.

— Fico de olho nela. Não se preocupe.

— Tive notícias de Gatz hoje de tarde. — Interrompeu-se. — Se voltar ao meu apartamento e não nos encontrar lá, talvez venha aqui. Não lhe permita chegar a ela, de jeito nenhum. Esconda-a, faça a sair pelos fundos, ou ponha-a debaixo da cama. Mas não o deixe chegar perto dela.

— Não deixarei.

Passou-lhe um pedacinho de papel.

— É o número do telefone do médico. Se passar mal, chame-o. Ele conhece o estado dela e virá.

Jennifer concordou.

Michael pôs-se de pé, endireitou o paletó e atravessou a sala, de cabeça baixa para evitar qualquer conversa que tomasse tempo.

Allison levantou a cabeça de onde estava sentada no sofá. Michael pegou-lhe a mão.

— Com licença — disse puxando-a e levando-a para o outro lado da sala. — Como vai a coisa? — perguntou.

— Bem — respondeu Allison. Os lábios mal se moviam, a voz vinha de longe.

— Não piorou?

— Não.

— Vou sair agora — disse Michael procurando fugir-lhe ao olhar. Os olhos de Allison o perturbavam, feriam-lhe a consciência. — Tratarei de voltar antes do fim da festa. Se não puder, durma aqui. Voltarei assim que puder.

— Aonde vai?

— Ainda não sei ao certo.

— Mas se...

— Chega de perguntas. — Olhou para os convidados. — Jennifer! — chamou.

— Já vai? — disse ela, aproximando-se.

— Vou. Cuide de Allison.

Ao sair, abriu o armário, tirou o sobretudo e jogou-o no braço. Segurou a alça da pasta de couro preto e puxou-a.

— Que tem aí dentro? — perguntou Allison, parecendo notá-la pela primeira vez.

— Nada. Michael virou-se para a porta.

— Michael — disse Jennifer, tenha cuidado.

Allison lançou um rápido olhar à amiga, depois pôs os braços em volta de Michael. Este abraçou-a e acariciou-lhe os cabelos, depois desprendeu-se dela e empurrou-a suavemente para Jennifer.

— Deixe-me ir com você — pediu Allison, humildemente.

Michael não respondeu. Abriu a porta e saiu.

26

Michael soprou as mãos; o vento frio e a temperatura as haviam congelado; estavam alvas. Praguejou, tornou a calçar as luvas, dobrou a esquina para a Rua 89 e desceu-a devagar.

Pouca gente, poucos ruídos. Como se toda a vida houvesse fugido da zona, talvez na expectativa de um acontecimento antinatural.

Dois carros entraram no quarteirão, passaram por ele e sumiram. Michael parou e fixou o olhar. Lá estava no outro lado da rua a velha casa de pedras pardas.

Enquanto passava os olhos, de certa distância, pela entrada da frente e as janelas negras, uma violenta rajada de vento açoitou-lhe as costas. Por algum artifício dos sentidos, o vento ampliava tanto a sua impressão visual do escuro quanto a idéia aterradora de que teria de enfrentar a velha casa sozinho.

Começou a atravessar a rua. No meio parou. O ângulo era perfeito, a luz justo o suficiente. Não tinha visto nada nas janelas do quinto andar, da posição anterior, mas da que ocupava agora, um pouco mais perto via um vulto, indefinido, mas sentado, um vulto que parecia olhar pela janela. Era o padre. O Padre Mathew Halliran. Ou William O'Rourke, ao nascer. Seria realmente cego? Parecia lógico que a cegueira fosse um artifício, destinado a permitir que o velho ficasse ali sentado, olhando, impunemente.

Consciente, de súbito, da sua própria visibilidade, saltou rápido para a calçada. Tirou do bolso uma penca de chaves, subiu com cuidado a escada de pedra e desapareceu no vestíbulo. Ninguém podia vê-lo, mas não estava seguro. Esperava companhia e, a não ser que sobrestimasse os adversários, deveriam esperá-lo.

Descansou a pasta preta no chão, tirou uma lanterna do paletó e verificou o facho de luz. Satisfeito, puxou um revólver e verificou a carga. A arma estava carregada, a trava de segurança solta, pronta para ser usada. Colocou-a no cinto.

Espiou do vestíbulo e, não vendo ninguém, pegou a pasta, enfiou a chave de Allison na porta da frente e abriu-a. Quando a porta se fechou atrás dele, olhou para o teto, onde as lâmpadas isoladas estavam acesas, produzindo um estranho efeito de luar. Acendeu a lanterna e passou a luz pelas paredes. Apagou-a, guardou-a no bolso, segurou o revólver e começou a avançar.

Recuou violentamente e virou a arma. Havia um movimento; mas era dele mesmo. Ao ver a sua imagem num espelho, riu-se em silêncio e atirou as luvas na mesa. Levantou os olhos para o vazio do segundo andar, forçou-se a subir a escada, uma das mãos na arma, a outra no corrimão.

Allison agarrou a cabeça, deu um grito e cambaleou. Jack agarrou-a para impedir que caísse.

— Tragam gelo!

A doente cambaleava de um lado para outro. As cabeças voltaram-se para ela.

— Depressa!

Allison agitou o braço direito e endireitou-se. Com as palmas apertadas na testa, murmurou:

— Vai passar.

A festa parou. Todos estavam imóveis.

Jennifer correu para o lado da amiga.

— Que é? — perguntou, em pânico.

— Estou bem — respondeu Allison, sem convencer.

— Venha sentar-se. — Sem esperar resposta, Jennifer puxou-a para o sofá e forçou-a a sentar-se. Vou buscar gelo.

— Não é preciso. Já vai passar, é só me deixar por alguns minutos.

— Allison.

— Por favor!

Jennifer concordou e levantou-se. Sessenta olhos grudavam-se nas duas amigas, indagadores, preocupados, perplexos.

Michael chegou ao topo da escada e encostou-se à parede. Não havia luz no andar. Michael puxou a lanterna do bolso e acendeu-a. O facho iluminava um saguão vazio. O apartamento 2-B ficava à direita, o 2-A mais longe. Michael estendeu a mão para o 2-B, virou a maçaneta, mas a porta estava fechada a chave. Desapontado, levantou a mão, segurou a pequena lâmpada e girou-a. Estava queimada. Michael sacudiu a cabeça, notando os preparativos que tinham sido feitos. Quem quer que houvesse montado a cena, preparara o ambiente adequado a uma noite de terror. Portas trancadas; luzes apagadas. Dirigiu o facho de luz para as paredes, e viu o novo revestimento de madeira, sobreposto ao velho, coisa que nunca notara antes. Parecia estranho, como se pedisse um exame. Mas isto ficaria para depois. Primeiro, ia dar uma busca em cada um dos apartamentos e revirá-los, na esperança de encontrar um indício, qualquer indício.

Começou pelo apartamento de Allison, 2-A. Quando afinal o deixou, a sala achava-se em pedaços. Rasgara todos os estofamentos, esvaziara os armários e despejara as gavetas, procurando microfones escondidos, alto-falantes ou qualquer outro dispositivo que pudesse ter sido usado para assustá-la. Executara a mesma cirurgia no quarto de dormir, mas como era ali a fonte da maioria dos ruídos, sua operação fora muito mais completa. Onde esconderia eu um microfone? Não encontrara nada, a única recompensa foi uma camada de poeira e reboco que lhe cobria todo o corpo, dando-lhe um aspecto apropriado de fantasma.

De pé no corredor, olhou para o relógio; era meia-noite e quarenta e cinco. Considerou as alternativas. Podia subir ao apartamento do padre ou parar num dos intermediários. A primeira parecia mais indicada, mas talvez não fosse. O velho nunca abrira a porta e não a abriria agora — pelo menos, não para ele. Os dois outros apartamentos de interesse eram o 4-A e 5-B. Primeiro veria o 4-A.

Allison segurou o saco de gelo na cabeça. A maioria dos convidados voltara a comer e beber.

— Está melhor? — perguntou Jennifer.

— Estou, muito melhor — disse Allison, baixinho. Certamente não parecia.

— Fique mais um pouco com o saco de gelo. Daqui a pouco você pode ir deitar-se no quarto e fechar os olhos.

Jack aproximou-se. Ficou um pouco de pé ao lado de Allison, depois sentou-se e pôs-lhe a mão na coxa.

— Não acha melhor chamar o médico? — perguntou, virando-se para Jennifer.

— Eu...

Allison interrompeu, sacudindo a cabeça furiosamente.

— Allison...

— Não, por favor. Nada de médico — disse com esforço. As palavras saíam abafadas, tinha dificuldade de formá-las.

Jack olhou-a constrangido, e Allison tentou sorrir. De repente gritou.

— Minha cabeça! — O grito lancinante atravessou a sala. — Eu... não agüento. Eu... — O saco de gelo caiu, Allison agarrou o couro cabeludo, desesperada, continuando a gritar enquanto Jennifer e Jack tentavam segurar-lhe o corpo. Abria e fechava convulsivamente a boca. Uma espuma apareceu, nos cantos dos lábios. A língua enrolava-se na garganta e a sufocava.

— Abra os dentes e puxe a língua — gritou Jennifer, no meio da confusão.

Jack enfiou a mão na boca de Allison, mas os dentes dela lhe rasgaram os dedos.

— Uma colher, depressa!

— Em cima da mesa.

Dois homens correram para pegar uma colher enquanto Jack prendia os dedos nos dentes inferiores, e os forçava para baixo. Com a outra mão agarrou a língua.

— Aqui! — gritou ele, enfiando a colher na boca e retirando a mão ensangüentada.

De repente o corpo retesou-se, balançou para a frente e Allison caiu de rosto, inconsciente.

O corredor da delegacia estava vazio. De vez em quando o som de uma risada atravessava as portas fechadas.

Gatz e Rizzo saíram de um escritório e andaram pelo saguão, até à extremidade. Gatz abriu uma porta à esquerda, entrou no seu gabinete, foi até à mesa e jogou o chapéu em

cima do mata-borrão. Sentou-se e recostou-se comodamente pondo os calcanhares na mesa. Riscou um fósforo e acendeu o que restava do charuto. Tragou fundo, apreciando o gosto do fumo. Coçou o queixo; desde cedo não fazia a barba — quase 19 horas antes. Ele bocejou e tornou a bocejar.

— Rizzo, vá ao gabinete do McGuis e traga uma xícara de café.

Rizzo saiu logo.

Gatz esfregou os olhos, fechou-os e recostou-se na cadeira.

— Dá licença? — perguntou o detetive Richardson, à porta.

Gatz endireitou-se na cadeira.

— Que é?

Richardson aproximou-se e pôs uma nota datilografada em cima da mesa.

Gatz pigarreou e segurou o papel debaixo da lâmpada. Levantou-se, entusiasmado.

— Onde conseguiu isto?

— Num compartimento escondido de uma das gavetas da mesa de Brenner.

Gatz bateu com o punho na mesa.

— Peguei-o! — exclamou. Virou-se para Richardson e disse: — Obrigado.

O detetive saiu da sala, enquanto Gatz ligava o telefone interno.

— McGuire, Rizzo ainda está aí?

— Está.

— Está me ouvindo, Rizzo?

— Estou.

— Traga-me aqui o Farmer.

— Para interrogar?

— Não. Para ser preso.

Soltou a chave do interfone e novamente reclinou-se na cadeira. Sorriu largamente, mais com ódio do que com qualquer outra coisa. Chegara o momento de investir, direto na jugular.

Pegou o telefone e discou. O telefone na outra ponta tocou várias vezes.

— Inspetor Goicia — pediu e por último disse: — Afinal quebramos a noz. Richardson acaba de trazer uma nota detalhada sobre Allison Parker, estabelecendo a conexão de que precisávamos. Encontrado no escritório de Brenner. Não. Não. Já o mandei, e devemos ter Farmer aqui em menos de meia hora.

Desligou, esticou a mão, pegou a ratoeira, armou-a e tocou levemente com um pedaço de arame na mola. A armadilha fechou-se com um estalo.

— Apanhado como um rato — declarou satisfeito.

O quarto estava cheio de sussurros.

Allison deitada na cama, com um saco de gelo na testa, não melhorava. Parecia quase em coma, gemendo, às vezes agitando-se como possessa.

Jennifer, sentada ao lado, falava baixo no telefone. Jack levantou o saco de gelo, encostou a mão na cabeça de Allison e espremeu o saco.

— Traga mais gelo — pediu a alguém.

Uma jovem abriu caminho entre as demais pessoas e trocou o sacos de gelo. Jennifer recolocou o fone e disse:

— O médico está a caminho. — Tirou um cigarro de um maço amassado e acendeu-o nervosamente — Sugeriu que só ficasse no quarto uma pessoa para vigiá-la. — Receia que muita gente possa perturbá-la mais ainda — Notou a atitude protetora de Jack, levantou-se e abriu os braços, num gesto de quem tocasse um rebanho de ovelha. — Seria grata — insistiu — se todos voltassem para a sala.

Os convidados retiraram-se.

Jennifer fechou a porta.

— Notou a textura da pele nas pálpebras e nas faces? — perguntou, quando Jack levantou os olhos.

— Notei.

— Como uma lixa, ou madeira seca. Como se alguma coisa lhe houvesse sugado toda a vida. Nunca vi coisa igual.

Jack tocou de leve na pele de Allison, sentou-se e desabotoou o colarinho.

— Onde está Michael? — perguntou.

— Não sei.

— Não sabe? — O tom de voz indicava descrença. — É um animal! Doença de rins! Não sei o que tem, mas diabos me carreguem se for coisa de rins. Deviam enfiar-lhe os dentes pela garganta.

— Não é este o momento. Quer vigiá-la enquanto vou lá fora?

— Claro.

Jennifer sorriu, tocou-lhe o braço afetuosamente e saiu do quarto, preocupada com Allison, mas também preocupada com

Michael, que devia estar nos maiores apuros, a julgar pelo estado de Allison.

Precedido pelo facho de luz, avançou pelo corredor, passou pela cozinha e banheiro e entrou na sala. Deixara atrás outro quarto em pandarecos. O quarto de dormir do 4-A. Um elo da cadeia. Levava no cinto, uma chave de fenda e um cinzel apanhados na cozinha de Allison. Ambos tinha sido úteis. Mas os resultados continuavam decepcionantes.

Andou até ao sofá e sentou-se. Estava cansado e frustrado, principalmente frustrado. Puxou a chave de fenda do cinto, enterrou-a no estofo, tirou um chumaço de enchimento e jogou-o no tapete coberto de pó. Sentia um ímpeto incontrolável de destruição, mas dominou-se.

Passou a luz pela sala.

— Que diabo! — resmungou. — Uma podridão. — A mesma sala em que fora cometido o erro, o erro que custara a vida de Brenner. Não havia realmente motivo para tornar a examinar o local. Tinha certeza de que não encontraria nada. Mas, por outro lado, não tinha nada de melhor para fazer por enquanto.

Levantou-se do sofá e começou a desmantelar as gavetas, armários e móveis.

A busca foi infrutífera.

Dirigiu-se ao saguão, consultou o relógio — uma e quarenta e um — e escutou o tique-taque. Estava na casa há quase duas horas. Talvez se houvesse enganado. Talvez nada acontecesse. Teriam desistido? Com receio de que houvesse descoberto demais? Com receio de que contasse com maior ajuda?

Começou a subir a escada para o quinto andar. Na metade do caminho, parou. Devia arrombar a porta do padre e declarar a sua presença, embora o velho não pudesse deixar de saber que estava lá? Tinha poucas opções e poucas idéias. Mas o instinto indicava que adiasse o confronto com Halliran, pelo menos até não ter escolha. Deu, portanto, meia volta e começou a descer a escada.

Ouviu um ruído, o ranger de uma porta.

Sentiu um arrepio de frio e depois uma intensa sensação de medo. Havia alguma coisa malévola atrás dele. Não tinha certeza, mas sentia que tinha de sair dali.

Desceu como um peso que caísse, aumentando de velocidade e impulso a cada passo, atraído pela força da escuridão lá de baixo, repelido pelo desconhecido de cima. Cada sentido em seu corpo se intensificara, o menor ruído no prédio parecia o ganido de uma górgone medonha. Descia e descia, os pés deslizando de um degrau para o outro, uma das mãos segurando a lanterna, a outra o revólver, com o indicador no gatilho. Passou pelo 3-A e pelo 3-B. O pulso acelerava-se e martelava. Perdeu a noção do tempo.

Então parou.

Girou bruscamente e lançou o facho de luz pelo vestíbulo. Nada. Suspirou e regularizou a respiração. Estava assustado, tão apavorado que começou a duvidar de si. Teria inventado uma trama fantástica levado por meras aparências?

Projetou luz sobre o 2-A. Escutou. Nada. E o frio passara. Virou-se e passou a luz pelo corredor, perto da escada e na parede. O facho fixou-se na lâmpada queimada e dançou sobre o novo revestimento. O novo revestimento! Aproximou-se. Sim, parecia estranho e certamente requeria um exame rápido. Olhou-o de perto, tirou o cinzel do bolso e bateu-o contra a madeira.

O som a princípio intrigou-o. Examinou as bordas do painel e bateu com o punho na madeira, para ter uma idéia da espessura. Ouviu um som oco. O revestimento parecia fino e não encostava no material por baixo. Tornou a bater. Não havia engano. Talvez houvesse encontrado a localização dos alto-falantes, ou fosse o que fosse. Não sabia sequer o que estava procurando; só que estava procurando.

Empurrou o cinzel sob a borda lateral do painel, moveu-o como alavanca e começou a arrancar a madeira.

Levantou as tábuas no centro e em dois planos de linhas paralelas. Grandes lascas de madeira pendiam da parede. Contemplou a sua obra à luz da lanterna, que colocara no chão em cima da arma, de modo que o facho de luz dava diretamente no centro do painel. Arrancou freneticamente as tábuas até que, sob uma chuva de poeira e lascas de madeira, todas as ripas caíram, deixando exposto o que havia por baixo.

Jennifer abriu a porta de mansinho e entrou no quarto pé ante pé. Deu um grito.

Jack estava deitado no chão, a cabeça quebrada; um fio de sangue escorria-lhe de cima da orelha direita e descia pelo pescoço, para o chão. A lâmpada da mesa de cabeceira à

direita da cama caíra no tapete, cercada de fragmentos grandes e pequenos — todos cobertos de sangue.

Ninguém na cama; a janela da escada de incêndio aberta.

Quando Jennifer entrou no quarto, os outros convidados amontoaram-se atrás dela.

— Que aconteceu? — perguntou alguém. Ninguém respondeu.

Jennifer ajoelhou-se ao lado do corpo de Jack. A mão mexeu-se; estava vivo — precariamente. Jennifer soluçou dominada pelo horror, um horror cuja causa percebia com uma penetração especial. Vira demais. Ouvira demais. Bastava, pensasse Michael o que pensasse. Chegava de brincar de Sherlock Holmes. Jack estava ali no chão, sangrando e inconsciente. Quem seria o próximo? E para onde teria Allison ido?

Pegou o telefone da mesa de cabeceira e discou uma vez. Esperou, as lágrimas correndo-lhe pelo rosto.

— Telefonista, lique para a polícia. Urgente.

Riu histericamente. Havia algo de perturbador e horrível no som oco, agudo e distante. E quando ressoou pelo prédio aparentemente vazio — desde o quinto, onde o velho padre estava sentado de vigia, até ao primeiro andar, com sua bruma — levava consigo uma mensagem de frustração, depois descrença, depois raiva, uma coisa substituindo a outra até que o eco ribombante recuou para os recessos mais recônditos da casa e dissipou-se em vibrações sem tom.

Michael espanou o pó acumulado de muito tempo que aderia à superfície descoberta e tirou as teias de aranha e emaranhados de insetos. Recuou, levantou a lanterna e dirigiu o facho para as letras gravadas na madeira. Reviu suas reações iniciais. Reavaliou-lhes a adequação. E quando começou a ler a inscrição de novo, rompeu no mesmo riso irreprimível.

Por mim ingressas na cidade da dor.
Por mim ingressas na dor eterna.
Por mim te misturas com a gente perdida.

Justiça movida pelo sublime criador,
O poder divino me fez
A sabedoria suprema e o amor primordial.

Antes de mim todas as coisas criadas eram eternas,
E perdurarei eternamente.
Deixai toda esperança, vós que entrais.

O riso continuou sem diminuir, até esgotar-se todo o ar de seus pulmões. Murmurou consigo mesmo: "Obrigado, Dante." Ergueu a mão e simulou um gesto de quem levanta o chapéu. Soltou outra gargalhada que o abalou todo — um riso convulsivo, que exprimia tanto o humor quanto o absurdo da descoberta. A idéia de que uma velha casa de pedras, na Rua 89 Oeste, em pleno coração da cidade de Nova York, pudesse ser a entrada para o mundo subterrâneo, o portal diante do rio Estige, era ridícula.

Acalmou-se. Embora as palavras parecessem ridículas, faziam parte de algo sinistro e real, algo que ainda não compreendia. E que envolvia Allison. Envolvia a igreja e o desaparecimento forçado de muitas pessoas, através dos anos.

Ajoelhou-se. Subitamente sentiu o sangue fugir-lhe do corpo. Havia alguém atrás dele, respirando-lhe no pescoço. Uma respiração curta e sufocada, como os esforços de um doente nos estágios finais de pneumonia. Estendeu a mão e tateou pelo chão para pegar o revólver sabendo que o vulto estava à espera. Alcançou o canto curto da arma com os dedos e trouxe-o cuidadosamente para a palma da mão, pondo o indicador no gatilho. Suspendeu a respiração e virou-se lanterna apontada para a frente, arma em punho, dedo no gatilho.

Era o Padre Halliran. O rosto parecia-se com o da fotografia do arquivo, rugas profundas rodeando o crânio, face e testa pontilhadas de pústulas azuis e negras. As sobrancelhas tinham desaparecido, bem como a maior parte das pestanas. As veias e artérias que levavam o sangue sob a pele decadente estendiam-se perigosamente junto da superfície — distendidas, inchadas e descoradas devido à avançada decomposição dos tecidos. Por cima dessa visão de horror, um emaranhado de cabelos densos de poeira, como se o velho padre houvesse surgido de uma cova sob dois metros de terra encharcada.

Michael soltou uma exclamação e focalizou a luz nos olhos do padre. Não tinham pupilas, nem íris, perceptíveis. Incrustados em catarata, ambos pareciam cascas de ovo.

O velho vestia um longo roupão preto, que se fechava logo abaixo do pomo-de-Adão, sustentando as camadas de pele seca penduradas ao pescoço; a roupa cobria-lhe todo o corpo

inclusive os pés. As duas mãos secas e compridas, terminadas por unhas como garras, uniam-se à altura do peito, segurando um crucifixo dourado, que refletia a luz dura da lanterna.

Michael afastou os olhos e desviou a luz do metal.

O padre, de pé, dominava Michael, ajoelhado. Os olhos de cada um fixavam-se nos do outro — os de Michael percebendo o desafio, os do padre, cegos. No entanto, o padre continuava a olhar para baixo, como se notasse os movimentos de Michael, como se os pensamentos de Michael lhe fossem claros e o futuro de Michael dependesse do seu poder.

O padre abriu os lábios. Seu frágil diafragma contraiu-se. Soltou o ar lentamente dos pulmões, produzindo um gemido baixo. Parecia incapaz de formar palavras com os músculos amortecidos que lhe sustentavam os maxilares. Lentamente, a cabeça começou a balançar para diante e para trás, num gesto expressivo que implicava ofensa e transmitia piedade e remorso. Com o mais leve movimento de sua cabeça murcha, o padre transmitia muitos pensamentos, e todos produziam a impressão de que o horror ainda não começara e de que, uma vez começado, não poderia ser detido.

O velho tornou a gemer, virou-se e, segurando sua cruz diante de si, voltou para a escada que descera.

Michael recuperou-se do susto. A aparição do padre quase lhe parara o coração. Ainda batia descompassadamente. Mas, sob o pânico, mantinha a mesma resolução que o levara a entrar na casa. Era apenas questão de subordinar as reações primitivas à disciplina regular: aptidão de raciocinar, de aplicar lógica aos fatos, de reagir com decisão calculada e autodomínio invulgar. Mas, no fim, mais por auto-ilusão do que por outra coisa, seguiu o padre. Embora todas as fibras o levassem a duvidar, disse a si mesmo que o velho padre era apenas um homem e que, embora os acontecimentos dos últimos dias lhe sussurrassem que estava desafiando o sobrenatural, a essência mesma do mal, ainda havia uma explicação lógica para tudo. Se conservasse, pois, o domínio de si e enfrentasse a situação, poderia vencer.

Alcançou o Padre Halliran no pé da escada. Agarrou-o pelo braço, pôs-lhe a luz no rosto e tentou forçá-lo a virar-se, sem conseguir. O velho padre, dotado de uma força inesperada, continuou a subir lentamente, um passo de cada vez, a cruz adiante, olhos vidrados fixos na direção do avanço.

— Bom, meu amigo — disse Michael — está na hora de nos dar entrada no seu joguinho.

O velho padre virou a cabeça ligeiramente na direção de Michael, soltou o braço e tornou a voltar-se para a frente desprezando a presença do importuno como se espantasse um inseto. Começou salmodiar suavemente, em latim.

— Quero saber por que tantas coisas estão acontecendo! Quero saber quem está por trás delas. Quero saber qual o objetivo da brincadeira. Que querem? E juro que, se não descobrir, quebro-lhe essa cruz na cabeça. Com Cristo e tudo.

O padre deixou a escada no terceiro andar. Não tomou conhecimento dos gritos, dos braços e mãos que o martelavam nem do rosto raivoso e contorcido que o acompanhava logo atrás do ombro direito.

Michael gritou.

— Fale, seu miserável. Fale senão esmago-lhe o crânio! — Aproximava-se rapidamente de uma fúria incontrolável. — Por que aquela gente armou tantos enigmas? Charon, Mrs. Clark e os outros? Como sabe tanto de Allison? Do pai dela? De mim? Viu os relatórios do psiquiatra?

Tornou a sacudir o padre. O velho parou e virou a cabeça, devagar. Seus olhos brilhavam, mais abertos e penetrantes do que antes. Olhos de louco.

Michael recuou; o brilho o feria.

O padre inclinou a cabeça, como antes, com pena, depois subiu até ao patamar do quarto andar e desapareceu na curva do corrimão. Michael hesitou, mas guiado pela luz da lanterna, na escuridão, investiu pela escada, correu pelo saguão, galgou o último lance e alcançou Halliran no momento em que o padre se encaminhava para o seu apartamento.

— Quer brincar comigo? Deixe-me então supor, por leituras recentes, que este lugar é a entrada do mundo subterrâneo e que você é o demônio a cargo da portaria. Parabéns. Espero que o seu sindicato pague uma boa pensão. Se não, faremos outro negócio. Michael sabia que suas palavras eram ridículas, mas tinha esgotado as coisas inteligentes a dizer. De qualquer modo, era inútil falar.

Halliran continuava o seu cântico.

— Diga alguma coisa, pelo amor de Deus! — gritou Michael, com todas as forças.

Gatz saiu correndo pela porta da delegacia e desceu a escada externa com a mesma velocidade, expressão séria, movimentos seguros. Um policial de uniforme o acompanhava.

O policial abriu a porta de trás do carro e entrou; Gatz sentou-se na frente, ao lado de Rizzo.

— Não tem idéia de onde podem ter ido, sem ser à casa da Learson? — perguntou Gatz.

— Não.

— Mandou verificar a linha?

— Mandei. Fone fora do gancho.

Gatz inclinou a cabeça, intensamente concentrado. O carro gemeu e correu pelo quarteirão.

— Onde fica o apartamento?

— Na Rua 50.

— Vá pelo parque — ordenou Gatz.

— Muito bem — respondeu Rizzo.

— Rizzo — informou Gatz — tenho a sensação de que hoje vai acontecer alguma coisa.

Sem interromper a cantilena, Halliran abriu a porta.

Dirigiu-se para a janela, à qual invariavelmente se sentava, imóvel. Havia no lugar uma antigüíssima poltrona, de madeira. Acompanhando o homem, Michael observou os duros ângulos e a inflexibilidade do assento. Parecia incômoda. Devia ser uma tortura para o velho padre artrítico ficar ali sentado, hora após hora, na mesma posição, em semelhante cadeira. Mas, ao passear o facho de luz, viu que o velho padre não tinha escolha. Não havia outro móvel no apartamento.

No centro da sala, ele virou a lanterna para o quarto de dormir. A porta estava aberta: lá também não havia móveis. Seria possível que todo o mundo do padre, a sua inteira existência, estivesse atada àquela peça de mobília barroca? Que nela se sentasse, nela dormisse e nela comesse? Estremeceu. Não havia sinal algum de comida, nem utensílios de cozinha.

O velho sentou-se, segurando a cruz no colo, e olhou para fora da janela.

— Miserável! — gritou Michael. — Miserável! Vou estraçalhá-lo com as minhas próprias mãos. Vou esganá-lo até conseguir o que quero.

Passou para o outro lado da cadeira e enroscou os dedos frios e sem sangue em volta do pescoço do padre. Começou a apertar. O velho continuava a cantilena num latim ininteligível.

— Miserável! Fale, miserável! — berrava Michael. Halliran continuava a entoar, mas o ritmo se tornara espaçado e su-

focado. Michael comprimia-lhe a traquéia, dificultando a respiração. Mas por mais que apertasse, o padre não se defendia. Apenas segurava a cruz com mãos trêmulas.

A cadeira caiu: Michael e o padre esparramaram-se no chão.

— Eu o mato — exclamou Michael, lutando. — Miserável! Miserável!

Um objeto pesado surgiu do escuro, entrou na luz mortiça que entrava pela janela, e bateu pesadamente no crânio. Mais uma vez, e mais outra! O sangue borrifou o soalho nu. Houve um som de carne arrastada pela madeira. Mais gemidos. Mais sangue. E depois, silêncio.

Allison abriu os olhos.

Sacudiu a cabeça. Estava tonta. Onde tinha estado? Onde estava? E onde quer que fosse, como chegara ali?

O ar continuava frio e seco; o vento continuava a soprar com violência. E ela estava sem capa. Estava gelada.

Ela ergueu os olhos da calçada, olhou em volta. Soltou uma exclamação. Do outro lado da rua estava a casa das assombrações. Escura, sossegada, nada convidativa.

Um pensamento sobrepôs-se aos outros: Michael estava naquela casa, Michael. Desceu do meio-fio e parou, sentindo a fraqueza das pernas e o tremor do corpo, no vento gelado. Os dentes batiam terrivelmente; esfregou as mãos. Depois, tomou forças e atravessou a rua correndo para entrar na casa.

Havia luz em cima; no ar, a mesma densidade brumosa.

Andou até ao espelho, pegou o par de luvas da mesa e examinou o couro de perto. Eram de Michael. Talvez estivesse por ali certamente ao alcance de sua voz. Virou-se e gritou:

— Michael! — O som reverberou em cima e morreu. — Michael, está aqui? — repetiu, numa voz forte e trêmula. Não houve resposta. — Por que veio aqui? — perguntou mais baixo. — Por quê? — e tornou a gritar — Michael!

Mexeu outra vez nas luvas. Teria de subir a escada e examinar no escuro, cada apartamento. Talvez Michael estivesse num dos quartos, e não ouvisse a sua voz através das grossas paredes. Ou talvez simplesmente não pudesse responder, por algum motivo terrível.

— Michael, por favor, responda! — gritou de novo.

Esperou um instante; não teve resposta. Agarrou o corrimão e começou a subir. A bruma amarela dissipou-se en-

quanto subia os velhos degraus de madeira. Parou na metade da escada e sacudiu o corrimão. Continuava sólido. Havia pelo menos uma coisa na casa em que podia confiar. Tornou a sacudir o corrimão e, de degrau em degrau, chegou ao segundo andar.

Virou-se abruptamente no topo da escada, passando sem ver a inscrição quase apagada, e caminhou pelo saguão.

— Michael! — tornou a gritar.

Levantou os olhos para o terceiro andar e suspirou fundo, aliviada ao ver que a luzinha amarela, na parede do patamar, estava acesa iluminando a escada. Continuou devagar, lembrando-se da noite em que pisara na gata.

Chegou ao terceiro andar, foi até ao fim do vestíbulo e estacou. Havia alguma coisa no azulejo: uma mancha grande e redonda, com traços e pingos pelo corredor. Intrigada, ajoelhou-se e tocou na mancha. Era uma substância líquida viscosa e quente. Levantou a mão, cheirou as pontas dos dedos e esfregou-as umas nas outras. Então reconheceu. Era sangue.

Estremeceu e olhou pelo chão as pocinhas e filetes menores, indícios de que um corpo fora arrastado por ali. Olhou para o outro lado. A trilha parecia terminar no meio do vestíbulo como se o corpo houvesse sido levantado e jogado fora da casa. Pôs-se a tremer e gritar.

— Michael, ajude-me, por favor! Por favor, onde estiver. — Caiu de joelhos começou a arrastar-se, exausta, incapaz de ficar de pé, em direção à porta de seu apartamento, único lugar seguro que conhecia em todo o prédio.

Quando ia levantar-se e enfiar a chave na fechadura, a mão tocou em algo frio e duro. Apanhou a pecinha de metal dourado e examinou-a de perto. Era uma abotoadura. Quatorze quilates. Com as iniciais MSF: Michael Spencer Farmer. Coberta de sangue.

Gritou e apertou-a na mão, enquanto a outra procurava a segurança imediata do crucifixo. Freneticamente, enfiou a chave no buraco da fechadura, que parecia dançar, abriu a porta e fugiu do *hall*. Encostou-se à parede, fechou os olhos e arquejou:

— Michael! Não! Esfregou a testa, agarrou os cabelos e e começou a arrancá-los pelas raízes. — Ajude-me! Socorro! — Mas não havia ninguém. Só a escuridão. — Confesso! Pequei, pequei. Mas deixem-me em paz. Quem quer que seja, deixe-me em paz! — A histeria aumentava de violência. Enterrava as unhas na carne e arranhava-se.

De repente virou-se, passou a chave na porta e prendeu a corrente. Tornou a virar-se, contemplou a escuridão do apartamento, atravessou a sala até à velha lâmpada e ligou o interruptor. Nada. Experimentou a luz central, mas também não acendia. Correu para a mesa baixa do lado oposto da sala e apertou o interruptor do abajur. Este acendeu. Estava só.

Voltou trêmula à porta para verificar mais uma vez as fechaduras. Depois foi até à passagem para o quarto e espiou a cozinha e banheiro. Vazios. A luz da cozinha estava queimada; a do banheiro funcionava. Que havia com as luzes? Pensou, enquanto se dirigia com cuidado para o quarto, experimentava a luz central e depois, como também estivesse queimada, acendeu as luzes da parede. O quarto também estava vazio. Mas estaria realmente em segurança? Não havia telefone. Nenhum meio de comunicação. Mais cedo ou mais tarde, teria de sair do apartamento para os corredores da casa. E, fosse qual fosse a hora do dia, nos corredores seria negro como a noite. Que podia fazer? Olhou em volta do quarto e de repente correu para a sala. As janelas da frente! Poderia abri-las e gritar. Não importava que fosse tarde. Alguém a ouviria e traria socorro, chamaria a polícia.

Correu em volta do sofá, passou pelas lâmpadas, os relógios de parede, a lareira e parou diante das cortinas. Afastou-as violentamente e sofreu outra decepção. As janelas tinham desaparecido; restava uma parede sólida.

— Não! — gritou, batendo com os punhos na madeira. Bateu e bateu, machucando as mãos, os olhos secos ardendo. Estremeceu. A janela dos fundos dava para um muro compacto. Ninguém ouviria os gritos. Estava presa numa armadilha.

— Oh, mamãe — choramingou. Precisava da mãe, agora. Mais do que de tudo no mundo. O espírito divagava. Começou a andar de um lado para outro. O cérebro aos poucos acolheu bem a volta da tonteira e náusea, em combinação com a violenta dor de cabeça que começara ao voltar a si na rua. Estava só. Isolada do mundo. Por quem? Com que objetivo? E Michael. Pobre Michael. Apressou o passo. Precisava de alguém para protegê-la. Parou e olhou para a televisão. Sim, podia contar com a TV. Ligou-a. Zunia e estalava. Mudou de canal. Música. O Hino Nacional. Novamente. Nada. Novamente. Afinal! Uma fita de cinema, viva, cheia de movimento e barulho. As miríades de pontos coloridos absorviam-lhe a consciência. Continuava a andar no meio dos móveis, mas agora com os olhos fixos na tela. E assim ficaram até que

pés e corpo não suportaram mais a tensão. Arrancou penosamente a atenção da TV e foi para o quarto. Caiu de joelhos junto à cama e pôs a cabeça entre as mãos trêmulas. Seus dedos tocaram numa pele que em qualquer outra ocasião lhe teria vergastado os sentidos, mas não percebeu nada. "Anjo de Deus, meu querido Anjo da Guarda", rezou, em estado hipnótico. A televisão zunia aos fundos. Continuou a rezar, mas em palavras truncadas abafadas pelas palmas das mãos. Se ao menos pudesse voltar àquela igreja e sentar-se no confessionário. Fora o seu único momento de paz. Ela rolou a testa na cama, deixou-se ficar inerte por alguns instantes, e logo olhou em volta, alucinada. Passos. Outra vez? Para um lado e outro, pesados, exatamente como naquelas outras noites. Percebeu então que não vinham de cima.

A televisão caiu em silêncio. Allison deu um salto. Passos na sala. Depois silêncio. Havia alguém no apartamento. Tapou a boca com as mãos. Como? Revistara o apartamento. Trancara a porta e as janelas agora eram parede. Então lembrou-se do armário da sala, que não verificara. Quem estivesse na sala provavelmente se escondera atrás das roupas, à espera.

Mais dois passos. O som de uma respiração pesada.

Olhou em volta, alucinada, procurando alguma coisa que a protegesse. Em desespero, meteu-se no armário embutido do quarto e fechou a porta. Segurou a maçaneta com a mão direita, e enfiou-se entre as roupas penduradas, músculos petrificados, corpo imóvel.

Passos pesados ressoaram na passagem. Dirigiam-se lenta mas firmemente para ela. A sensação de desamparo enquanto aumentava a magnitude com o ruído cada vez mais próximo e mais alto do caminhar. O armário não oferecia proteção. Quem estivesse no apartamento sabia que estava ali e a encontraria.

Os passos se detiveram na entrada do quarto.

Allison puxou a maçaneta com mais força, como se quisesse soldar a porta para fechar-se permanentemente e isolar o terror do lado de fora. Aspirou o ar. O cheiro penetrante da naftalina queimou-lhe os pulmões e olhos. Segurou o peito com a mão. O coração, já sobrecarregado, batia com irregularidade frenética.

Os passos recomeçaram. Pareciam andar até ao lado oposto do quarto, parar junto à janela por vários segundos e voltar para perto da cômoda.

Puxou a maçaneta com mais força.

Os passos dirigiram-se para a cama.

Allison prendeu a respiração para não ser descoberta. Tirou a mão da maçaneta, enxugou-a e levou-a ao mesmo lugar. A outra mão agarrava o crucifixo. Estava ensopada de suor.

Os passos deram a volta à cama e dirigiram-se para o armário; sentiu o corpo contrair-se. Um líquido quente escorreu-lhe pela perna. Urina. Olhou para a leve claridade que passava por baixo da porta e viu o líquido escorrer pela fresta. Encolheu-se e contraiu os músculos, no empenho de deter o fluxo. Mas era impossível. Apertou as pálpebras, ao pensar na poça que vazava para o quarto, traindo a sua presença.

Os passos passaram pela cômoda e detiveram-se diante da porta. Allison via a sombra de dois pés na luz. Chegara o momento. Outro acesso de terror, náusea e tonteira. A maçaneta começou a girar. Allison recuou.

A porta abriu-se dois centímetros e parou. O intruso, respirou fundo e puxou violentamente a porta. Allison abriu a boca, aterrorizada.

27

— Michael! — exclamou.

— Que está fazendo no armário? — perguntou ele, numa voz perplexa, quando Allison caiu para a frente e pôs-lhe nos ombros os braços inertes.

— Michael, Michael, Michael — gemeu a moça enterrando a cabeça no pescoço do salvador.

— Vai dar tudo certo. Estou aqui.

— Não posso...

— Descanse. Está em completa segurança. — Apertou-a de leve, procurando tranqüilizá-la.

— Vi o sangue, as abotoaduras.

— Vai dar tudo certo — repetiu. — Tudo!

— A dor de cabeça — queixou-se ela, agarrando a testa que latejava. — Estou-me sentindo tão mal.

— Eu sei, e agora sei por que e breve passará o mal-estar e você ficará ótima.

Puxou-a para a cama e sentou-se com ela.

— Acalme-se, ninguém lhe vai fazer mal — disse Michael suavemente, como se nunca houvesse existido perigo algum.

— Michael, por quê?

— Breve, breve.

— Você está aqui.

— Estou e há tanta coisa e explicar.

— Explicar?

— Sim. Nestas últimas horas descobri o segredo deste prédio. E o papel do Padre Halliran. — Allison encolheu-se à menção do padre misterioso. — Acredite, é quase além da compreensão do espírito humano.

A moça olhou-o intrigada.

— Vou-lhe contar tudo, mas quero que você primeiro se recomponha e relaxe os nervos. Ainda está muito abalada.

— Estou bem. E quero saber. Conte!

Michael olhou-a, tentando estimar se estaria preparada para o que tinha a dizer, e depois começou.

— É inacreditável!

— O quê?

— Isto! — enfiou a mão no bolso e tirou o papelzinho que continha a tradução de Rozinsky. — Já viu isto?

Allison segurou o papel e leu a inscrição.

— Não! — declarou com ênfase intencional.

— Viu, mas em latim, no livro. Mandei traduzir o trecho. Mas não estava no livro, embora, por algum motivo, você o tenha percebido por meio do livro.

— Onde estava?

Michael apontou para a cabeça dela.

— A versão latina deste trecho estava impressa no seu espírito de modo que, quando você houvesse sido despojada de todas as suas outras faculdades, só isto restaria. Uma ordem!

— Michael, eu...

— E como o seu espírito e o seu corpo estavam sendo despojados, você se sentia doente, tonta e tinha uma dor de cabeça constante.

— Mas...

— Explicarei tudo. Seja paciente. — Levantou-se da cama, andou até à cômoda e pegou um livro; voltou para o lado dela. — Conhece este livro?

— Vagamente.

Michael pôs o *Paraíso Perdido*, de Milton, no colo e folheou-o. Parou, marcou uma página e mostrou-a.

— Que acha?

Allison estremeceu. Impressa na página estava a inscrição "Parte do Livro IV".

— Michael, isto não faz sentido. Nunca li este livro, nem em inglês nem em latim.

— Ah, faz sim. E muito! — Levantou-se e caminhou para o meio do quarto, livro na mão, como um professor dando aula. — Esta citação é um aviso do Anjo Uriel ao Anjo Gabriel, que fora postado à entrada do Éden para protegê-lo de qualquer incursão do purgatório. Uriel percebera uma forma sinistra voando para o Éden e com este aviso fez com que Gabriel enviasse dois anjos para guardarem a morada de Adão e Eva. Encontraram Satanás ao ouvido de Eva, e expulsaram-no do Éden, mas Satanás astuciosamente voltou como névoa, de noite, e invadiu os limites do Paraíso, metendo-se numa serpente adormecida. Daí a transgressão do homem! Interessante?

— É — disse Allison, espantada com aquela mostra de erudição.

Michael consultou o livro.

— Os Anjos da Guarda de regresso ao Céu — disse, e leu:

"Para o céu, do Paraíso, apressados,
Subiram os Guardas Angélicos, mudos e tristes
Pelo Homem, pois de seu estado por isto sabiam,
Indagando como o Demônio sutil conseguira
Entrar despercebido."

Deus absolveu-os e enviou o seu filho para julgar os transgressores. Mas Satanás mandou o Pecado e a Morte ao Paraíso.

— Michael, isso é ridículo!

— Psiu — advertiu ele, indicador nos lábios. — Ouça.

Allison acenou com a cabeça, fez uma careta de dor e tornou a acenar. Michael sorriu, segurou o livro diante dos olhos, foi à janela dos fundos e continuou.

— Satanás voltou-se para suas legiões e contou-lhes a conquista, falou-lhes no novo mundo e pediu-lhes que o seguissem mais uma vez ao novo reino. Mas Deus, ouvindo as infâmias,

transformou-os em criaturas vis, lançou-os uns contra os outros, com silvos terríveis, e sentenciou-os a se humilharem anualmente para mortificar-lhes o orgulho e alegria que ostentavam pela sedução do homem.

Fechou o livro e colocou-o na cômoda.

— Estou-me sentindo tão mal. Quero ir embora daqui, por favor.

— Ainda não acabei.

— Mais tarde.

— Não, agora!

— Mas Michael, esse palanfrório.

Michael olhou-a zangado.

— Não é palanfrório. Estou tentando explicar-lhe o que aconteceu aqui e quem você é!

Allison o encarou inquisitivamente.

— Quem sou eu?

— A Sentinela, foi a resposta. — Sucessora do Padre Halliran, Sentinela antes de você e sucessor de uma longa linha de guardiões que remonta ao Anjo Gabriel.

— O quê?

— Não me ouviu?

— Não — disse ela, sacudindo a cabeça. — Não ouvi.

— Quando a humanidade foi expulsa do Éden e lançada ao mundo, Satanás jurou que voltaria com as suas legiões. Assim, Deus teve de manter os guardiões em volta do novo mundo. Mas preferiu não empregar anjos na tarefa, pois não tinham culpa do malogro. A perversão do Éden fora causada pela transgressão do homem, de modo que o homem foi encarregado de guardar o mundo — assim como Gabriel, no começo —, o Padre Halliran e agora você. As Sentinelas são escolhidas pelas faltas cometidas — tentativas de suicídio — e escolhidos não só para guardar o Reino do Senhor, mas também para a sua própria preservação, como penitência pelos pecados cometidos contra si mesmos. Salvam-se assim da danação.

— Isso é ridículo!

— Será?

Riu-se agoniada.

— Se Deus escolhesse um guardião, certamente não me escolheria. Logo eu! — tornou a rir. — Depois de tudo quanto fiz, e fui...

Michael sorriu amargamente.

— Os caminhos do Senhor são misteriosos.

Allison ouvira a frase, e bem recentemente, na igreja.

— Você sabe como encontrou esta casa?

— O anúncio no jornal que você não conseguiu encontrar.

— Você foi atraída. Nunca houve anúncio no jornal. Foi impresso no seu espírito, como o trecho do livro. Você foi literalmente mandada vir aqui e esperar o momento em que o Padre Halliran lhe passasse o crucifixo e você assumisse o lugar dele para vigiar. Toda a sua existência foi orquestrada e a sua segurança assegurada por um padre vigilante. O sócio de Miss Logan. Um Monsenhor Franchino. Ele removeu o corpo, depois que você matou o detetive a facadas. O detetive que contratei para investigar o prédio e confirmar ou negar o que você me contou. Franchino deu ordens a Miss Logan, também agente da Igreja. Também a fez desaparecer, quando as coisas se complicaram.

— Michael...

— Esta casa é a ponte sobre o caos. É a conexão entre os Portais do Inferno e os limites da terra. É o lugar em que a Sentinela, o anjo de Deus na terra, está incumbida de ficar sentada, vigiando as legiões do inferno. — A voz de Michael subira a um tom de revelação. — É aí que você deve sentar-se quando se completar a transferência — hoje à noite — se não for impedida. Se não for, você será despojada de suas faculdades restantes, sofrerá uma deterioração física destinada a esconder a sua identidade, e confinada à cadeira para vigiar e esperar.

— Que quer dizer, impedidas?

— Impedida. Estão tentando destruí-la, forçando-a a renunciar a si mesma. A sacrificar a sua própria vida. O pecado final. É uma coisa difícil. É por isso que a corrente nunca foi rompida. Mrs. Clark, as lésbicas, os outros que você viu — o seu pai — todos soldados das legiões. Já tentaram uma vez — na noite em que você encontrou o seu pai — e tentarão de novo hoje. Se conseguirem, soltarão as suas hostes sobre a terra.

— Pare! Pare! Que quer fazer de mim? Quer que enlouqueça?

Michael correu para o lado dela, sentou-se e abraçou-a.

— Acalme-se. Estou aqui e já disse que vai dar tudo certo. Eu os impedirei, mas você tem de acreditar que o que lhe estou contando é verdade.

— Michael... eu... — gaguejou, pondo as mãos na cabeça. — Como posso acreditar nisso?

— É verdade, por isto deve acreditar! Agora venha comigo. Quero mostrar-lhe uma coisa.

Allison pôs as mãos na cama para erguer-se e parou, encarando Michael com ar estranho. Levou a mão aos lábios, pensou um momento e perguntou:

— Por que não respondeu quando chamei?

— Não ouvi.

— Gritei alto.

— As portas dos apartamentos são grossas.

— Sim, mas não quando eu estava na sala.

— Como? — indagou Michael, sem entender.

— Quando você estava dentro do armário da sala, tinha de me ouvir.

— Não — respondeu, com expressão inocente.

— Tinha — gritou Allison.

Michael franziu a testa.

— Eu não estava no armário.

Allison aspirou o ar, arquejante.

— A porta estava trancada. Como entrou? E como sabe de tudo isso?

Ele respirou fundo e abriu a boca para responder. Mas Allison deu um grito. Na escuridão da entrada do quarto estava a gata — Jezebel — olhos arregalados, lombo em arco.

— A gata! — ganiu, encolhendo-se contra a cabeceira da cama, tão longe quanto possível do animal.

A gata emitiu um chiado e começou a avançar passo a passo.

— Mate-a! — exclamou Allison.

— Não, vamos ver o que quer — objetou Michael.

— Mate-a!

Como no rastro da presa, a gata esgueirou-se pela borda da cama, chiou e saltou em cima da cama.

Allison encolheu-se mais à cabeceira, gelada de medo. Michael pegou-lhe a mão para tranqüilizá-la.

— Mate-a!

A gata esgueirou-se devagar pela cama até bem defronte de Michael e Allison, arqueada para saltar e atacar. Emitiu um silvo maligno contra Allison e saltou — para o colo de Michael. Enroscou-se nos braços dele e virou-se mais uma vez contra a moça.

Ela estremeceu e olhou-o desconfiada.

— Michael... eu não... — começou Allison revoltada como o acréscimo de horror.

— Não compreende? — perguntou Michael calmamente, afagando o bicho.

— Não! — Allison saltou da cama e começou a andar para a janela. — Não compreendo... mas você é perverso.

— Sou bom. Pôs-se a rir como uma intensidade que aumentava de instante a instante. Ria cada vez mais alto e aos poucos uma sugestão do sobrenatural insinuou-se no espírito de Allison, encolhendo-lhe a pele. Era horrível.

Michael gritou:

— *Fui morto pelo Padre Franchino quando tentava estrangular o Padre Halliran, e fui condenado ao inferno eterno pelos meus pecados! Por ter preparado o assassinato de Karen por Brenner.* Continuou a rir, agitando o corpo. — *Faço parte da legião!*

Diante dos olhos de Allison a alma de Michael, que acariciava a gata, tomou uma posição de tormento eterno. O corpo possuía pouca substância, somente uma cor macilenta e uma pele que poderia ser soprada pelo vento. E o riso; o som da voz parecia emanar de algum lugar distante, um lugar de maldade e ódio. Não, ele era mau. Ela era boa!

Fugiu do quarto pelo corredor, para a porta. Enquanto lutava com as fechaduras e escutava os passos que a perseguiam devagar, dava-se como perdida. Ele vence, ela é destruída. Ela vence, também é destruída, condenada a sentar para sempre em penitência. Mas quando a fechadura cedeu e atacou a corrente, sabia que se tivesse de perder, preferia perder para Deus, ficar sentada e vigiar e ser a Sua Sentinela, e assim salvar-se da danação.

Abriu a porta, desceu a escada correndo para o segundo andar, hesitou um momento defronte do apartamento 2-A, continuou até ao fim do corredor, parou de costas para a inscrição ainda ignorada e espiou para o saguão do primeiro andar. Vacilou, agarrou o corrimão para se firmar, ouviu o som de passos atrás — Michael — e precipitou-se pela escada, tropeçando, caindo, esquecendo-se de verificar o corrimão. Passou correndo pelo espelho e parou de chofre.

— Seja bem-vinda — disse Charles Charon, benignamente. Achava-se de pé, em frente da porta, vestido como da primeira vez em que o vira. — Não tenha medo — disse ele. — Estava à sua espera. Gostaria tanto que me ajudasse a arrumar o meu apartamento. Tem tanto jeito para isso. E é tão boazinha. Adoro tê-la perto.

A moça começou a recuar.

— Jezebel ficou tão contente com a sua presença na festa de aniversário, apesar de não ter tido tempo de comprar-lhe um presente. No ano que vem, aviso com mais antecedência. Positivamente!

— Não! — gritou Allison.

— Ora, ora, não faça tanto barulho; dói nos ouvidos. Por que uma menina tão delicada há de fazer tanto barulho! — Charon começou a se encaminhar para ela.

Allison estremeceu ao ver-se no espelho. Que lhe acontecera? Parecia uma velha, cem vezes pior do que quando entrara na casa. Gritou e começou a rasgar o rosto com as unhas.

Charon aproximava-se lentamente, em passos firmes.

— Sim — repetiu. — Bem-vinda seja. De repente, mudou a expressão do rosto. Os olhos tornaram-se duros e frios, a boca comprimiu-se em fúria, o corpo retesou-se, ergueu as mãos como um profeta conclamando o seu povo e proferiu um trovão de súplicas. O prédio estremeceu nas suas fundações. — Eu vos convoco e declaro agora de volta! — rugiu como um possesso. — Com um êxito além da expectativa, para conduzir-vos, triunfantes, fora deste poço infernal. Abominável, maldito, a casa do pesar, e Masmorra do nosso Tirano!

A vista de Allison turvou-se, quando sentiu os ribombos no ar e ouviu o clamor crescer.

— Possuís, agora, como Senhores, uma espaçosa Planura, pouco inferior ao nosso céu nativo, graças à minha aventura d'fícil, com grande perigo vencedora.

Allison continuava a recuar, enquanto Charon se aproximava devagar, agitando os braços.

— Muito custaria contar o que fiz, o que com dor sofri viajando pelo irreal, em profundezas vastas e ilimitadas de confusão horrenda, sobre as quais agora um caminho se abre para apressar a vossa gloriosa marcha.

Para escapar ao envolvimento, Allison subia a escada. Um caminho estava aberto atrás dela, de modo que a sua retirada seria desimpedida. Recuava, sem pensar na sua escravização.

— O que resta senão subir e ingressar na plena felicidade!

Charon perfilava-se, as mãos erguidas.

Allison sentia o tremor sob os pés. Virou-se. O poço da escada e os corredores estavam apinhados de formas sem cor, imóveis.

Ia desintegrar-se. Cada parte de seu corpo ardia em agonia, como se o fogo já a houvesse atingido. Não sabia para onde ir. Para trás? Para dentro daquelas hostes! Ou para a

frente? Andou para trás, involuntariamente. Para trás! Pelo corredor do segundo andar, subindo a escada para o terceiro andar. Completamente cercada. Via o sangue de Michael. E lá estavam as lésbicas, Sandra e Gerde, olhando-a, trocando carícias, os corpos nus. Malcolm e a mulher. Não havia para onde ir. Atrás, Charon subia a escada.

Olhou em volta, lançou-se pela porta do apartamento 3-B e gritou. No chão estava o corpo de Michael, ensopado de sangue, lábios roxos.

Correu para a parede e virou-se. Mrs. Clark vinha do quarto, seguida pelas irmãs Klotkin, ainda enormes, mas agora horrendas e repugnantes. Depois, o detetive Brenner. Todos pararam a vários metros e ficaram imóveis — esperando.

— Deixem-me sozinha — gritou Allison. — Deixem-me morrer em paz!

Tornou a gritar. De pé, imóvel do outro lado do quarto, estava o pai. Allison pôs-se a chorar. O pai não se moveu. Esperou.

A porta abriu-se e Michael entrou. Deteve-se um momento e encaminhou-se para o seu corpo mortal, à espera de Charon. que vinha vários passos atrás. O velho entrou — com Mortimer saltitando-lhe no ombro — caminhou até ao centro da sala e ergueu as mãos; os urros dos seus filhos subiam num crescendo incrível, de rachar a cabeça. No meio do alarido, Jezebel entrou e correu para junto do dono, hostilizando Allison.

Charon baixou os braços e o alarido cessou instantaneamente.

— Você é a escolhida do Senhor Deus, o Tirano e nosso inimigo — disse a Allison. — É você quem deve guardar e proteger a entrada da terra. É você que deve receber o cetro do Senhor, da Sentinela atual e tomar-lhe o lugar. É você a escolhida, que deve ser destruída para permitir-nos o êxito. Chegou a hora da decisão e da ação. — Virou-se para seu exército. — O trabalho será feito, ela se juntará a nós e então entraremos em plena felicidade para nos unir ao Pecado e à Morte! — Virou-se para Allison e estendeu-lhe um cetro. — Você se condenará pelas suas próprias mãos — pois é preciso!

Tornou a erguer os braços e o alarido recomeçou. Vozes cantavam, armaduras retiniam, o eco mesmo do inferno encheu a sala, os corredores e o prédio. E ela começou a de-

sabar no chão — tremendo, sangrando pela boca, vomitando, perdendo o controle, desejando a morte.

A porta do apartamento 5-A foi aberta energicamente por Monsenhor Franchino. O Padre Halliran estava ao lado. Mantinha a cruz na frente, com uma das mãos. A outra apertava-lhe o seu peito dolorido. Adiantou-se arquejando para encontrar Allison e transferir-lhe o crucifixo, de modo a impedir que a cadeia se rompesse, abrindo o caminho à iniqüidade.

Os exércitos da noite rebelaram-se, batendo suas lanças e armaduras. Lançaram-se contra a cruz mas caíram diante da força superior. Milhares desafiaram e se atiraram contra o velho padre. Mas ele prosseguia, no meio do clamor. Para diante, sempre. Em busca do seu sucessor. O escolhido de Deus. A Sentinela!

28

— Todos para trás! — o policial virou-se. — Ponha o outro ali.

Olhos espiavam no escuro.

— Quero todo mundo atrás do isolamento ou na calçada.

Saltos de couro e borracha arranhavam o asfalto, uma tosse de tuberculoso rompeu o ar frígido.

— Você também.

— Imprensa.

— Qual?

— *Daily News.*

— Identidade?

— Aqui. — O homem procurou no sobretudo e apresentou um cartão.

O policial examinou a identificação.

— Pode vir.

— Obrigado — disse o repórter, passando entre os dois cordões de isolamento que barravam a rua e dirigindo-se para o centro da atividade, a uns 30 metros mais longe.

O guarda inspecionou com o olhar a multidão que se amontoava por trás do isolamento da polícia. Escutou as vozes carregadas, cuspiu no chão e olhou para os holofotes fixos na fachada do prédio.

A polícia chegara uns 40 minutos antes. Dois carros. O primeiro com o Detetive Gatz, Rizzo e mais dois. O segundo com outros policiais, um médico e Jennifer Learson. Gatz, Rizzo e três outros tinham entrado logo no prédio, deixando a moça do lado de fora, junto com os restantes. Ficaram lá dentro, sem dar notícias, durante dez minutos, até que um dos policiais fardados e o Detetive Rizzo saíram, falaram com seus companheiros e fizeram um chamado pelo rádio. Dentro de minutos, dezenas de carros policiais surgiram no local. Foram levados holofotes e instalados cordões de isolamento para conter a multidão que se formava.

Não havia notícia alguma sobre o que acontecera lá dentro. A não ser os dois que tinham feito o chamado, nenhum dos que tinham entrado no prédio reaparecera. A tensão era extrema. E começara a nevar.

A porta da frente abriu-se devagar e Gatz saiu, com Rizzo ao lado. Ao pé da escada externa de pedras os jornalistas esperavam. Gatz parou no vestíbulo, olhou para eles e virou-se para Rizzo.

— Chame o laboratório e peça para mandarem alguém aqui. — Rizzo correu pelo meio dos repórteres, para os carros da polícia. Gatz dirigiu-se aos jornalistas: — Por enquanto ainda não temos declarações. Foi um homicídio. Mais não posso dizer. Assim que o Inspetor Garcia der ordem, nós os chamaremos e relataremos todo o incidente. Agora eu agradeceria se todos se afastassem. Vai haver muito trânsito entrando e saindo daqui.

— Quem morreu?

— Mais tarde, já disse. Agora vamos. — Fez sinal para Richardson, que estava atrás dos repórteres. — Ponha um isolamento ali, com os repórteres por trás. — Virou-se para o outro guarda. — Que horas são?

— Três e quarenta e cinco.

Gatz estendeu a mão para fora do vestíbulo e recolheu vários flocos de neve. Eram grandes e pronunciavam uma forte nevada.

— É uma noite fria — disse um polícia.

— É, mais do que você pensa.

— Por quê?

— Por quê? — Sorriu — Levaria muito tempo para explicar. — Deu uns passos fora da casa, sentiu a neve bater-lhe no rosto e virou-se para o guarda. — Fique na porta. Não deixe ninguém entrar a não ser o pessoal de sempre.

— Está bem.

Desceu a escada rapidamente, olhou a rua apinhada e dirigiu-se a um carro-patrulha vazio. Encostou-se no pára-lama da frente, endireitou o cachecol e olhou para o prédio, de cima a baixo.

— Vão mandar um perito em sangue e a turma das impressões digitais — informou Rizzo, aproximando-se do superior.

— Bom.

Rizzo desdobrou um pedaço de papel e entregou-o a Gatz.

— Esta é a mulher que chamou a polícia.

— Qual o prédio?

— Aquele — informou o detetive, apontando para o apartamento amarelo do outro lado da rua.

— Onde está agora?

— Na delegacia. Não a interrogarão até à sua chegada.

— Você falou com ela?

— Não.

— Quem falou?

— Jake.

— E?

— Foi a Parker. A descrição confere. A mulher diz que estava olhando pela janela — não conseguia dormir — e viu a moça entrar.

— Para onde acha que foi? — perguntou Rizzo.

— Não sei, mas havemos de encontrá-la. A Learson sabe?

— Acabei de contar-lhe.

— Ficou abalada?

— Ficou. O médico teve de dar-lhe um sedativo.

Gatz cuspiu na fina camada de neve que se acumulara no cimento frio e fixou o olhar na entrada da casa.

— Você já teve uma verdadeira decepção, das de estourar?

— Já.

Gatz tornou a olhar para Rizzo e apertou os punhos.

— Por que pergunta?

— Porque eu não queria ser o único.

— Não compreendo.

— Acho que eu estava errado, Rizzo. Bem errado. Depois de ter tido tanta certeza!

— Não pode ter certeza.

— Não posso, não. Mas a sensação instintiva. — Estava sombrio e pensativo, o que não era característico. Os acontecimentos da noite e sua significação aparente haviam destruído inúmeras horas de esforço e análise.

Jake Burstein aproximou-se.

— O médico examinou o velho padre — disse — Parece ser colapso cardíaco.

— E as marcas no pescoço?

— Foram feitas por mãos e unhas.

— Estrangulamento?

— Talvez. Mas não o matou.

— O médico tem certeza?

— Não. Terá de esperar a autópsia. Mas está certo de que foi um colapso cardíaco.

— Alguma coisa em Farmer, além dos ferimentos?

— Não.

Gatz sacudiu a cabeça.

— Mostrei a pasta preta à moça — disse Jake.

— Ela a reconheceu?

— Sim, mas queria saber onde estavam os papéis.

— Que papéis?

— Não sei. Parecia desesperada. mas quando perguntei só quis dizer que Farmer tinha uns papéis na pasta.

— Não encontraram papéis?

Jake sacudiu a cabeça.

— Mande revistar o prédio todo, à procura dos papéis. Vou ter de falar com ela.

Jake já se afastava, mas voltou a Gatz.

— Tom, anime-se!

— Rizzo! — chamou Gatz de repente.

— Sim?

— Tire uma ordem de prisão para Allison Parker.

— Acusação?

— Tentativa de assassinato do fotógrafo. Suspeita de assassinato de Michael Farmer. Suspeita de cumplicidade no assassinato de Karen Farmer.

— Muito bem — disse Rizzo. Fitou Gatz por um momento, virou-se e partiu.

Gatz tornou a encostar-se no carro de polícia e esfregou as mãos enluvadas. Estava acabado. Deus, como estava cansado. Pensou em Allison Parker, a moça que absolvera de toda cumplicidade no "suicídio" de Karen Farmer. Ter-se-ia enganado tanto? Estaria envolvida e teria destruído os cúmplices para

encobrir o passado? Bateu os punhos contra a porta do carro, cheirou o ar frio da noite e dirigiu a sua atenção para a fachada da casa.

A porta abriu-se. Um policial fardado saiu, mantendo-a aberta. Não houve movimento algum por vários segundos, depois apareceu um vulto de branco, seguido de uma maca e diversos auxiliares. A maca, levando um corpo coberto, foi transportada até à ambulância que a esperava. O veículo partiu, passou pelos cordões de isolamento e desapareceu na noite.

Gatz jogou o charuto na neve.

A porta da frente tornou a abrir-se e outro grupo de branco saiu, com outra maca e outro corpo coberto. O lençol mostrava manchas vermelhas.

Gatz saiu à procura da moça para interrogá-la sobre o conteúdo da pasta.

Gatz terminara de esmiuçar as provas acumuladas nos quatro dias passados desde o assassinato, a maior parte das quais consistia em declarações de Jennifer Learson. Ainda que pouca coisa fizesse sentido, decidira finalmente visitar a Arquidiocese.

O cardeal fitou-o.

— Com todo respeito pelas autoridades e a investigação a seu cargo — começou S.E. — não posso senão dizer que o que o senhor acaba de me contar é uma impossibilidade. Fica além do reino da razão, embora as forças de Deus e de Satanás se defrontem continuamente.

Gatz concordou com respeito.

— Resta pouco mais a dizer — continuou o prelado — a não ser assegurar-lhe que a verdade está em outra parte.

Gatz levantou-se.

— Naturalmente não duvido de Vossa Eminência, mas gostaria de fazer mais uma pergunta.

O cardeal assentiu.

— O padre envolvido era um Monsenhor Franchino. Procurei localizá-lo nesta Arquidiocese, mas não consegui.

O cardeal levantou-se e sorriu suavemente.

— Compreende-se facilmente. Não há ninguém com esse nome sob a minha autoridade. — Virou-se para um assessor, que concordou, e voltou-se de novo para Gatz. — Nem nunca houve.

— Compreendo — disse Gatz, levantando-se. Ele corou, um tanto constrangido. — Obrigado pelo tempo que tomei — acrescentou polidamente ao sair.

Momentos depois, entrou num carro-patrulha ao lado de Rizzo e partiu para o seu último compromisso do dia, com David Caruso.

Caruso recebeu-os à porta, na sua cadeira de rodas. Trocou algumas amabilidades com Gatz e repetiu que já contara tudo e que não podia imaginar mais nenhuma informação suplementar.

— Só algumas perguntas — insistiu Gatz.

Caruso indicou uma cadeira.

— Alguma notícia de Miss Logan?

Caruso sacudiu a cabeça.

— Conseguiu o endereço da residência dela?

— Já lhe disse, nunca o tive.

Gatz olhou para Rizzo.

— Ouviu falar num padre chamado Monsenhor Franchino?

Caruso refletiu brevemente, depois disse:

— Não.

— Teve algum contato com a Arquidiocese a propósito do Padre Halliran?

— O senhor já me perguntou isso cinco vezes.

— Diga outra vez.

— Não. O antigo proprietário fez o negócio com a igreja. Eu apenas comprei o prédio. Miss Logan não tinha contato com ninguém que eu conheça. Apenas recebíamos os cheques do aluguel assinados pelo Sr. Lefler, o contador.

Gatz sacudiu a cabeça, depois agradeceu a Mr. Caruso por lhe ter tomado o tempo e abusado da sua paciência.

— Vamos — disse a Rizzo, e depois de saírem do apartamento, acrescentou: — Arquive a declaração de Jennifer Learson.

Por trás da porta, David Caruso postou-se à janela. Ficou olhando enquanto Gatz e Rizzo entravam no carro e iam embora. Aí ele sacudiu a cabeça e calmamente esfregou os tufinhos de cabelos brancos nas costas da mão sardenta, convencido de que a corrente aberta fora permanentemente fechada e a verdade sepultada.

Desceu a veneziana, saiu da cadeira de rodas e afastou-se da janela.

Epílogo

O número 5 acendeu no mostrador.

— A música é ligada aos elevadores. Infelizmente, o sistema está enguiçado, no momento, mas deve estar funcionando dentro de uns dois ou três dias.

O homem sorriu para o casalzinho. Recém-casados, saídos há pouco da universidade. Inquilinos ideais.

— Acabam de chegar a Nova York?

— Sim. Minha companhia me transferiu para cá, de Chicago.

— Qual companhia?

— United Airlines.

— É piloto?

— Não. Trabalho no departamento de publicidade e promoções.

O homem sorriu. Boa companhia. Boa situação. Gostou deles.

— Para quando o pequenino?

— Ainda falta muito. Cinco meses. — A moça passou a mão na barriga crescida e sorriu.

O número 20 acendeu no mostrador. O elevador parou e a porta abriu-se. O agente endireitou o terno castanho barato e convidou o casal a sair.

As paredes eram ricamente empapeladas, o soalho coberto por um grosso tapete vermelho.

— Há 15 apartamentos em cada andar — informou o agente. A boca do incinerador fica junto dos elevadores. Tirou uma chave do bolso. — Aqui está, apartamento 20-L. Introduziu a chave e abriu a porta pintada de cinza.

Entraram num pequeno vestíbulo, viraram à direita e chegaram a uma vasta sala. Não havia móveis, mas todo o apar-

tamento fora pintado recentemente. A sala tinha forma de L, com recanto de jantar, que dava para a cozinha.

— É uma sala muito grande.

— Quase grande demais — observou a moça. Caminhou até a janela e voltou. — Talvez os nossos móveis não bastem para enchê-la.

— Compraremos mais, se for preciso — respondeu o marido. Voltou-se para o agente. — O que mais interessa é que haja armários suficientes e lugar para nós e o bebê.

— Razoável. Olhe aqui. — O agente abriu um armário de parede no vestíbulo. — É de entrar. Acendeu a luz interna. — Há lugar para muita coisa. Podem guardar aqui o carrinho do bebê.

A moça concordou, com a cabeça, e entrou na cozinha equipada com os utensílios mais modernos, inclusive máquina de lavar louça e triturador de lixo. O agente e o marido acompanharam-na.

— Pagamos gás e eletricidade?

— Não. Só eletricidade. Observe a máquina de lavar.

Ela concordou e foi até à geladeira. Abriu-a, espiou para dentro e fechou a porta.

— Ótimo, bastante lugar. Posso ver o quarto de dormir?

— Claro. Por aqui.

O agente conduziu-os por uma pequena passagem.

— Gosto muito — disse a moça. — Desejava uma das velhas casas, pardas de pedra, mas acho que isto será melhor para nós. Mais segura e prática.

— Não há dúvida. Muito mais segura. Embora eu tenha de concordar que algumas das velhas casas de pedra são muito simpáticas. Antes havia algumas esplêndidas neste quarteirão. Foram demolidas há uns cinco anos, quando este prédio foi construído. Estou certo de que dentro de alguns anos não haverá mais casas de pedra parda, salvo as de gente rica que as conserva como residências na cidade.

— Se resolvermos tomar o apartamento, quando podemos mudar-nos? — perguntou o marido.

— Amanhã, se quiserem.

Virou-se para a mulher.

— Que lhe parece?

— Acho que devemos tomá-lo.

— Bem. Vamos descer e preencher os formulários. O pedido tem de ser aprovado pela administração do edifício, mas estou certo de que não haverá problema. Vou providenciar para que tudo seja feito, hoje mesmo.

Na porta do elevador, o agente apertou o botão e os três ficaram à espera.

— Este edifício parece muito sossegado — disse a moça.

— É, sim. Fazemos questão. Se tolerássemos barulho, ninguém poderia viver em paz. Este andar é especialmente sossegado.

— Por quê?

— Sorte.

O elevador chegou. A moça entrou primeiro, depois o marido.

— E os vizinhos? — perguntou ela.

O agente pensou um pouco.

— Vizinhos? Sim, deixe ver. Há um Mr. Jenkins no apartamento M. Um homem simpático. Toca violino na Orquestra Sinfônica de Nova York.

— Ele se exercita no apartamento?

— Não, não ouvirão nada. — O elevador começou a descer.

— E o apartamento K? Está vazio?

— Não.

E, após uma curta reflexão, o agente informou.

— Imagino que deva dizer-lhes, já que vão morar aí. A mulher que mora no 20-K é uma reclusa. É freira e ouvi dizer que é cega. Pode ser vista sentada à janela, se olharmos atentamente, de fora. Mora aqui desde que se construiu o prédio. Mas não dá trabalho algum. Nunca faz barulho e nunca sai do apartamento.

— Um tanto sinistro — comentou a moça.

O marido sorriu.

— Há de fazer bem às nossas almas morar junto de uma freira. — Todos riram.

Já à tardinha o casal saiu do prédio, depois de preencher os formulários. Marido e mulher atravessaram a rua e foram andando por Central Park West para pegar o ônibus.

A moça parou.

— Olhe — disse ela, apontando com o dedo.

O marido virou-se, acompanhou a direção do dedo olhou para o último andar do edifício ultramoderno.

— Olha o quê?

— A janela. A segunda do canto. Não está vendo?

O marido olhou atentamente.

— Sim, acho que vejo.

— A freira cega?

— Não posso ter certeza. Mas, segundo o agente, deve ser.

— Que acha?

O homem olhou a mulher nos olhos e sorriu.

— Teremos alguma coisa para contar. Beijou-a no rosto e os dois foram andando pelo quarteirão, contentes com sua nova casa.

O apartamento estava escuro. Não havia mobília alguma, a não ser uma cadeira de madeira de espaldar alto, junto à janela fechada, diante da qual pendia um cortinado semitransparente. No assento havia uma forma — humana — envelhecida e irreconhecível. Horríveis cataratas brancas cobriam os olhos inchados. A pele era enrugada e rachada como barro seco, os lábios finos e azulados, os cabelos, nas sobrancelhas e na cabeça, sem vida, fibrosos e quebradiços.

Respiração lenta. Nenhum movimento a não ser o ligeiro arfar do peito.

No colo, as mãos estavam dobradas, quietas e sem vida; seguravam um crucifixo dourado.

Composto e impresso nos Estab. Gráficos Borsoi S.A. Indústria e Comércio, na Rua Francisco Manuel, 55 — ZC-15, Benfica, Estado do Rio de Janeiro, RJ

A SENTINELA

JEFFREY KONVITZ

O livro começa com referência a uma pasta na qual estava inscrito o nome de Allison Parker e à qual é acrescentada uma folha de papel com um minucioso resumo da vida da pessoa. Então, outra pasta com o nome de "Therese" foi colocada sobre a de Allison...

Que queriam dizer esses arquivos? Seriam prontuários de um agente da lei sobre a vida e os atos de pessoas culpadas? Seriam as fichas de um detetive particular ou as recordações metodicamente guardadas e documentadas de um criminoso ou de um caçador de sensações voluptuosas?

De qualquer maneira, ali estava registrada a vida de Allison Parker, com todas as suas angústias, esperanças e satisfações. O livro de Jeffrey Konvitz revela a intimidade dessa vida e os pormenores da aflita procura por uma certeza esquiva, por um sentimento de segurança que se dissipava aos ventos que sopravam pelas ruas de Nova York...

Na verdade, neste livro forte e atual está registrada mais que a história de uma vida incerta; uma exposição dos nossos tempos conturbados que enredam uma pessoa numa trama emaranhada de circunstâncias e exigências, que lhe sufocam os anseios individuais e lhe barram inexoravelmente o acesso às fontes do próprio eu...

Mas a todas as peregrinações, a todas as lutas, a todas as procuras, estava presente a imagem de um crucifixo. Em vigilância, em proteção, em advertência?

Haverá sempre um Outro presente a todas as circunstâncias, a todas as peripécias, a todos os tropeços de nossa vida?